

JÚLIO VERNE

A ILHA MISTERIOSA

2ª EDIÇÃO
TRADUÇÃO ELISABETE GONÇALVES FERNANDES



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

PRIMEIRA PARTE

— Estamos subindo?

— Ao contrário! Parece que estamos descendo!

— Pior do que isso, sr. Cyrus. Estamos caindo.

— Meu Deus! Jogue fora o lastro!

— Já vai o último saco.

— E o balão voltou a subir?

— Não.

— Estou ouvindo o barulho das ondas.

— O mar está debaixo da nossa barquinha.

— E não deve estar a mais de cento e cinquenta metros!

Nesse momento, uma voz possante ordenou:

— Joguem fora tudo o que pesa!... Tudo! E confiemos em Deus!

Foram essas as palavras que ecoaram nos ares, sobre o imenso deserto de água que se chama Pacífico, por volta das quatro horas da tarde do dia 23 de março de 1865.

Ninguém, sem dúvida, se esqueceu da terrível lufada de vento nordeste que se desencadeou no meio do equinócio daquele ano e durante o qual o barômetro caiu a 710 milímetros. Foi um furacão que, sem trégua, durou de 18 a 26 de março. Seus estragos foram sentidos na América, Europa e Ásia, num raio de milhares de quilômetros. Cidades e florestas arrasadas, margens de rios devastadas por montanhas de água que se precipitavam como se fossem ondas do mar, centenas de navios jogados à costa, territórios inteiros destruídos por trombas que arrasavam tudo, milhares de pessoas esmagadas na terra ou engolidas pelo mar — tais foram as consequências que o

monstruoso furacão deixou atrás de si.

Justamente quando tantas catástrofes aconteciam na terra e no mar, drama não menos surpreendente desenrolava-se nos ares agitados. Um balão, levado como bola na crista de uma tromba e preso no movimento giratório da coluna de ar, percorria o espaço com velocidade de 166 quilômetros por hora, rodando ao redor de si mesmo. No apêndice inferior do balão, uma pequena barquinha com cinco passageiros oscilava.

De onde viria esse aeróstato, verdadeiro brinquedo no meio da terrível tempestade? De onde partira? Naturalmente não começara sua viagem durante o furacão. Ora, este começara há cinco dias e seus primeiros sinais se manifestaram no dia 18. Logo, tudo levava a crer que o balão viesse de muito longe, pois não devia ter percorrido menos de 3.600 quilômetros em 24 horas. Em todo caso, os passageiros não tinham meio algum de estimar o caminho percorrido desde a partida, pois lhes faltava qualquer ponto de referência. E, talvez, nem houvessem percebido a violência da tempestade. Nenhum raio de luz, nenhum ruído de terra habitada, nenhum barulho do oceano chegava até eles, naquela imensidão escura, tão alto estavam. Só a rápida descida lhes fizera compreender o perigo que corriam acima das águas.

Entretanto, o balão, aliviado dos objetos pesados, tais como munições, armas, provisões, subira de novo para as camadas superiores da atmosfera, a uma altura de mil e quatrocentos metros. Os passageiros, depois de terem percebido que estavam sobre o mar, não hesitaram em jogar fora até mesmo os objetos mais úteis, a fim de preservar o gás, alma da embarcação.

A noite se passou entre inquietações que teriam sido mortais para pessoas menos fortes. Depois, surgiu o dia e com ele o furacão mostrou certa tendência para melhorar. A partir desse dia, 24 de março, começou a abrandar. Com a aurora, as nuvens subiram para as alturas e dentro de poucas horas a tromba foi-se desvanecendo até sumir. O vento de furacão passou a uma brisa fresca, quer dizer, a rapidez da translação das camadas atmosféricas diminuiu cinquenta por cento. Por volta das onze horas, a atmosfera apresentava-se com aquela limpidez úmida que se vê e se sente depois da passagem dos grandes meteoros. O furacão não parecia ter ido para oeste. Parecia ter morrido por si mesmo. Talvez tivesse se transformado em eletricidade.

Mas naquele momento o balão abaixava-se lentamente. Parecia que se esvaziava pouco a pouco e que a parte de cima se alongava e se distendia, passando da forma esférica para a ovoide. Por volta do meio-dia, o aeróstato

planava a seiscentos metros acima do mar. Graças à sua capacidade, de cerca de 1.700 metros cúbicos, conseguira manter-se no ar tanto tempo.

Nessa ocasião, os passageiros jogaram fora da barquinha os últimos objetos que pesavam, os poucos víveres que tinham conservado e até mesmo os menores objetos que traziam nos bolsos. Era evidente que os tripulantes não conseguiam mais manter o balão nas zonas elevadas, pois faltava gás. Estavam perdidos!

Com efeito, nenhum continente, nenhuma ilha estendia-se debaixo deles. Não se via no espaço nenhum ponto de aterrissagem, nenhuma superfície sólida sobre a qual pudessem jogar a âncora. Tudo era a imensidão do mar, cujas ondas se chocavam ainda com extrema violência! E não havia limites visíveis para esse oceano, mesmo para eles, que o enxergavam do alto. A planície líquida, batida sem pena, açoitada pelo furacão, parecia uma cavalcada de ondas desencadeadas. Nenhuma terra ou navio à vista! Era preciso, a todo custo, evitar que o aeróstato descesse e viesse afundar-se nas ondas revoltas. Mas, apesar dos esforços dos passageiros, o balão cada vez se abaixava mais, ao mesmo tempo que se deslocava com rapidez incrível na direção do vento, quer dizer, do nordeste para sudoeste.

Situação terrível a desses infortunados! Já não eram senhores do aeróstato. Suas tentativas não tinham êxito. O invólucro do balão murchava pouco a pouco. O gás escapava sem que se pudesse evitar. A descida aumentava sensivelmente e à uma hora da tarde a barquinha não estava a mais de duzentos metros do oceano.

Com efeito, era impossível impedir a saída do gás, que escapava por um rasgão. Aliviando a barquinha de vários objetos, os passageiros tinham prolongado durante algumas horas a sua permanência no ar. Mas a inevitável catástrofe fora apenas retardada e, se alguma terra não aparecesse antes do anoitecer, os passageiros, a barquinha e o balão desapareceriam definitivamente no mar.

A única manobra que não se fizera até então foi feita nesse momento. Os passageiros eram homens enérgicos, que sabiam enfrentar a morte de frente. Não se ouviu um único murmúrio escapar de seus lábios. Estavam decididos a lutar até o último segundo, a fazer tudo para adiar a queda. A barquinha era uma espécie de cesta de vime, imprópria para flutuar, e se caíssem não haveria nenhuma possibilidade de mantê-la na superfície das águas.

Às duas da tarde, o aeróstato estava apenas a 120 metros das ondas. Nesse momento, uma voz máscula fez-se ouvir. E a essa voz responderam vozes

não menos enérgicas:

— Já lançaram fora tudo?

— Não! Ainda há dez mil francos de ouro.

E logo um saco pesado foi jogado ao mar.

— O balão está subindo?

— Um pouco, mas não tardará a descer.

— O que resta ainda para jogar fora?

— Nada.

— Ainda resta alguma coisa... a barquinha!

Por certo, esse era o último recurso para elevar o balão. As cordas que prendiam a barquinha foram cortadas e logo o aeróstato subiu cerca de seiscentos metros. Os cinco tripulantes ficaram seguros na rede que envolvia o balão, contemplando o abismo.

Todos sabem de que sensibilidade estática são dotados os balões. Basta jogar fora o menor objeto para provocar deslocamento no sentido vertical. O aparelho, flutuando no ar, comporta-se como balança de precisão matemática. Compreende-se, pois, que, sendo aliviado de peso relativamente avultado, sua subida seja rápida e considerável. Foi o que aconteceu. Depois de ter-se equilibrado por um instante nas zonas superiores, o aeróstato recomeçou a descer. O gás fugia pelo rasgão, que não tinha como ser consertado. Os passageiros haviam feito tudo o que podiam. Nenhum recurso humano poderia salvá-los. Só lhes restava esperar a ajuda de Deus.

Às quatro horas, quando o balão não estava a mais de 150 metros da superfície das águas, ouviu-se ganido do cachorro que acompanhava os passageiros e se mantinha pendurado, perto do seu dono, nas malhas da rede.

— Top viu algo! — gritou um dos passageiros.

Uma voz forte anunciou:

— Terra! Terra!

O balão, que o vento não cessava de impelir para sudoeste, tinha, desde a madrugada, percorrido distância considerável, que se podia calcular em centenas de quilômetros, e uma terra bastante elevada acabava de aparecer nessa direção.

Mas essa terra encontrava-se a 54 quilômetros. Precisariam pelo menos de uma hora para atingi-la, se não derivassem. Uma hora! O balão, antes disso, não estaria de todo vazio?

Era essa a terrível questão. Os passageiros viam distintamente aquele ponto que precisavam chegar a qualquer custo. Ignoravam se era ilha ou continente,

pois mal sabiam para que parte do mundo o furacão os havia impellido. Mas essa terra, habitada ou não, hospitaleira ou não, precisava ser atingida.

Às quatro horas ficou claro que o balão não mais se sustentava. Corria, quase tocando a superfície do mar. Já, por vezes, a crista de algum vagalhão lambia a parte baixa da rede, aumentando-lhe o peso. O aeróstato mal se levantava, como ave que tem chumbo nas asas.

Meia hora depois, a terra estava a quinhentos metros. Mas o balão, esgotado, desentumescido, distendido, todo cheio de pregas, já não continha gás senão na parte superior. Os passageiros, agarrados à rede, já representavam peso excessivo e dentro em pouco ficaram mergulhados na água até a metade do corpo, açoitados pelas ondas furiosas. O vento, entrando forte por uma das muitas pregas que formavam o invólucro do balão, impeli-o como se fosse um navio. Talvez assim ainda viesse dar à costa! Nessa terrível situação, quando o balão estava a apenas seiscentos metros da praia, quatro tripulantes soltaram gritos uníssonos. O balão, que parecia não se levantar mais, acabava de subir, num pulo inesperado, depois de ter recebido rajada de ar.

Como se tivesse sido subitamente aliviado de nova e grande parte do peso que sustentava, tornou a elevar-se a uma altura de aproximadamente quinhentos metros, onde encontrou uma espécie de redemoinho de vento que, em vez de levá-lo diretamente à costa, obrigou-o a seguir direção mais ou menos paralela a esta.

Finalmente, dali a dois minutos aproximava-se o aeróstato obliquamente da terra e caía na praia, fora do alcance das vagas.

Auxiliando-se mutuamente, conseguiram os passageiros soltar-se das malhas da rede e o balão, aliviado do peso e apanhado de novo por uma lufada, desapareceu no espaço, como ave ferida que volta por momentos à vida.

Mas a barquinha transportava cinco passageiros, além de um cachorro, e só quatro foram arrojados à praia. O que faltava fora, evidentemente, levado pelo último golpe de vento que apanhara a rede e que fizera com que o balão se elevasse mais uma vez, poucos momentos depois de chegar à terra.

Mal os quatro naufragos — é lícito chamá-los assim — puseram o pé em terra, todos, pensando no companheiro ausente, exclamaram:

— Talvez ele tente alcançar a terra a nado. Vamos salvá-lo! Vamos salvá-lo!

Os homens que o furacão lançara à costa não eram nem aeronautas profissionais nem sequer amadores de viagens aéreas. Eram cinco prisioneiros de guerra que, levados por singular audácia, tinham conseguido fugir em circunstâncias extraordinárias. Várias vezes correram risco iminente de perecer! O céu, porém, reservava-os para estranhos destinos e, no dia 23 de março, aqueles fugitivos de Richmond, cercados pelas tropas do general Ulisses Grant, estavam a onze mil quilômetros da capital da Virgínia, primeira praça de guerra dos separatistas, durante a terrível Guerra de Secessão. A viagem aérea durara cinco dias.

Contaremos agora as circunstâncias da fuga dos prisioneiros.

Naquele mesmo ano, no mês de fevereiro, por ocasião de um dos golpes tentados em vão pelo general Grant, muitos dos seus oficiais caíram nas mãos dos inimigos e foram presos. Dentre esses, um dos mais notáveis foi Cyrus Smith, oficial do Estado-Maior federal. Era engenheiro e sábio de primeira ordem, ao qual o governo da União havia confiado, durante a guerra, a direção das estradas de ferro, cujo papel estratégico foi considerável. Autêntico americano do norte, era magro, ossudo e devia ter uns 45 anos de idade. Já começavam a aparecer os primeiros fios brancos no seu cabelo curto, na sua barba e no seu espesso bigode. Possuía uma dessas belas cabeças numismáticas que parecem próprias para ser gravadas em medalhas. Era daqueles engenheiros que querem começar a carreira manejando a picareta e o martelo.

Além disso, ao lado de espírito engenhoso, possuía suprema habilidade manual. Seus músculos eram surpreendentemente elásticos. Era, ao mesmo

tempo, homem de ação e homem de ideia. Muito instruído e prático, possuía temperamento soberbo, pois embora permanecendo senhor de si, em qualquer circunstância, realizava no mais elevado grau as três condições, cujo conjunto determina a energia humana: a atividade do espírito e do corpo, a impetuosidade no desejo e a força de vontade.

Podia-se dizer, ainda, que Smith era a coragem personificada. Começara sua carreira sob o comando de Ulisses Grant, como voluntário, e participara de todas as batalhas da Guerra de Secessão. Mas em todos esses combates, apesar de não se poupar, a sorte sempre o favoreceu, até o momento em que foi ferido e feito prisioneiro no campo de batalha de Richmond.

Ao mesmo tempo e também no mesmo dia, caiu em poder dos sulistas outro personagem importante, Gideon Spillet, repórter do *Arauto de Nova York*, que havia sido encarregado de fazer a cobertura das peripécias da guerra entre os exércitos do norte. Spillet pertencia àquela raça de espantosos jornalistas ingleses e americanos que não recuam diante de coisa alguma para obter a informação exata e transmiti-la para seu jornal, o mais rápido possível. Homem de mérito, enérgico, pronto para tudo, cheio de ideias. Já tendo percorrido o mundo inteiro, soldado e artista, ardente nos conselhos e resolutos nas ações, não se importava com trabalhos ou cansaços, ou perigos, quando se tratava de descobrir alguma coisa para satisfação própria, em primeiro lugar, e depois para o seu jornal. Era verdadeiro herói da curiosidade, da informação, do inédito, do desconhecido, do impossível. Podemos considerá-lo um desses intrépidos observadores que escrevem ao zunir das balas, fazem crônicas ao troar dos canhões e para os quais todos os perigos são atraentes.

Havia participado de todas as batalhas, nas primeiras fileiras, com um revólver numa das mãos e um caderno na outra, sem que o barulho da metralhadora fizesse tremer o seu lápis. Não era dos que cansam os fios com intermináveis telegramas, como os que falam quando nada têm a dizer. Cada uma de suas notas, curtas e precisas, esclarecia algum ponto importante.

Gideon Spillet era de estatura elevada e tinha mais de quarenta anos. Suíças louras, um tanto avermelhadas, emolduravam o seu rosto. O olhar era calmo, mas seus olhos eram vivos e rápidos. A constituição era sólida, tendo sido temperada em todos os climas, como barra de aço em água fria.

Há dez anos, exercia o cargo de repórter no *Arauto de Nova York*, que era sempre enriquecido com suas crônicas e desenhos, pois manejava tão bem o lápis como o pincel. Quando foi preso estava, justamente, fazendo a

descrição e o esboço da batalha. As últimas palavras que se encontraram escritas em seu caderno foram: “Um sulista aponta-me uma arma de fogo...” Mas, certamente, o soldado errou a pontaria, pois Gideon, como sempre, saiu sem um arranhão.

Cyrus Smith e Gideon Spillet, que não se conheciam, foram levados para Richmond. O engenheiro logo curou seus ferimentos e foi durante a convalescença que travou conhecimento com o repórter, surgindo logo admiração recíproca. Em pouco tempo, a vida de ambos passou a ter uma única finalidade: fugir para poderem de novo incorporar-se ao exército de Grant e combater pela causa da unidade federal.

Nos seus planos de fuga, Cyrus incluiu um criado seu, que lhe era muito dedicado. Esse intrépido negro, nascido nas propriedades do engenheiro, de pai e mãe escravos, há muito fora alforriado por Smith, abolicionista de bom coração. Depois de livre, porém, não quis abandonar o amo, por quem seria capaz de dar a vida. Tinha trinta anos, era vigoroso, ágil, inteligente, delicado e calmo, às vezes ingênuo, sempre sorridente, servil e bom. Chamava-se Nabucodonosor mas era mais conhecido pelo diminutivo familiar de Nab.

Quando Nab soube da prisão de seu amo, saiu de Massachusetts e conseguiu chegar a Richmond à custa de muita astúcia e habilidade, depois de ter arriscado a vida diversas vezes. Mas, se pudera entrar na cidade sitiada, não conseguiria sair, pois os prisioneiros eram vigiados severamente. Somente numa ocasião extraordinária uma evasão seria bem-sucedida.

Enquanto isso, Grant continuava suas manobras. A vitória obtida em Petersburgo saíra-lhe cara. Suas forças, reunidas às de Butler, em frente a Richmond, não haviam obtido sucesso. Nada fazia crer que a libertação dos prisioneiros estivesse próxima. O repórter, que não encontrava no cativeiro nenhum fato interessante que pudesse anotar, não aguentava mais. Só tinha uma ideia fixa: sair da cidade a qualquer preço. Por mais de uma vez tentou fugir, mas sempre foi detido por obstáculos intransponíveis.

Entretanto, o cerco continuava e, se os prisioneiros tinham pressa de escapar para retornar ao exército de Grant, certos sitiados não estavam menos ansiosos para fugir e juntar-se às tropas separatistas. E entre esses últimos estava um tal Jonathan Forster, sulista ferrenho. Com efeito, se os prisioneiros federados não podiam abandonar a cidade, os confederados também não podiam fazê-lo, pois seriam acossados pelos nortistas. Há muito tempo que o general Lee não podia comunicar-se com o governador da cidade, o que era necessário, pois só assim conseguiriam exército de socorro

com urgência.

Foi então que Jonathan Forster teve a ideia de subir num balão, a fim de atravessar as linhas nortistas e poder chegar ao campo dos separatistas. O governador logo autorizou a tentativa e um aeróstato foi fabricado e posto à disposição de Forster, que devia viajar acompanhado por cinco companheiros. Estavam armados para se defenderem caso fosse preciso, quando aterrissassem, e levavam víveres para o caso de prolongar-se a viagem além do tempo previsto.

A partida do balão fora fixada para a noite de 18 de março. Com vento noroeste, de velocidade média, os aeronautas contavam atingir o quartel de Lee em poucas horas. Mas o esperado vento noroeste não foi uma simples brisa. Desde a manhã do dia marcado para a partida, transformou-se em furacão. Não sendo prudente arriscar o aeróstato e a vida dos tripulantes, adiou-se a viagem.

O balão, que fora cheio na praça da cidade, aguardava que o tempo melhorasse para partir. Passou-se o dia 18 sem que nenhuma mudança de tempo se produzisse. O balão, preso ao solo, era muitas vezes castigado pelo vento e chegava a deitar-se no chão. Todos temiam que ele se rasgasse. Na manhã do dia 20, o furacão aumentou de intensidade, tornando novamente impossível a partida.

Nesse dia, o engenheiro Cyrus Smith foi abordado numa das ruas de Richmond por um homem desconhecido. Era um marinheiro chamado Pencroft, de 35 anos, de constituição vigorosa, olhos vivos e bom aspecto. Era um americano do norte, que havia percorrido todos os mares do globo e a quem, em matéria de aventuras, já acontecera tudo o que pode acontecer de extraordinário a um ser de dois pés e sem plumas. É escusado dizer que Pencroft era de natureza empreendedora, estando sempre disposto para qualquer aventura e ao qual nada espantava. No princípio do ano, o marinheiro fora a Richmond, com um jovem de quinze anos, Harbert Brown, de Nova Jersey, filho de seu capitão, órfão que ele estimava como se fosse seu filho. Não tendo podido abandonar a cidade antes do cerco, ficou bloqueado, a contragosto, e desde então passou a ter um só objetivo: fugir de qualquer maneira. Já conhecia a fama do engenheiro Smith. Sabia com que impaciência esse homem resoluto suportava o cativo. Naquele dia, não hesitou mais e abordou-o, dizendo-lhe sem preâmbulos:

— Sr. Smith, já não está farto desta cidade?

O engenheiro olhou fixamente o homem que lhe falava, que acrescentou

em voz baixa:

— O senhor não deseja fugir?

— Quando? — perguntou interessado o engenheiro.

A pergunta saíra sem pensar, pois não conhecia o interlocutor.

Mas, depois de ter examinado com olhar penetrante a honesta figura do marinheiro, não teve mais dúvidas de que estava diante de alguém honrado.

— Quem é o senhor? — perguntou, em voz baixa.

Pencroft deu-se a conhecer.

— Bem — disse Cyrus —, como pretende fugir?

— Usando esse balão que deixaram à toa na praça e que parece estar nos esperando!...

Smith compreendeu tudo. Pegou Pencroft pelo braço e levou-o para sua casa. O marinheiro explicou minuciosamente o seu projeto, que era na realidade muito simples. Só se arriscava a vida... O furacão atingira o máximo da violência, mas um engenheiro hábil e audaz, como Cyrus Smith, saberia conduzir o aeróstato. Se aceitasse o encargo, Pencroft não hesitaria em partir com Harbert, sem dúvida. Já havia passado por situações difíceis e não seria uma tempestade que o iria deter!

Cyrus Smith ouvia o marinheiro sem dizer palavra. Mas seu olhar brilhava. A ocasião apresentava-se. O projeto era apenas bastante perigoso. Durante a noite, apesar da vigilância, seria possível chegar até o balão, deslizar para dentro dele e depois cortar as cordas que o prendiam. Arriscavam-se a ser mortos, mas, por outro lado, poderiam ter êxito se a tempestade... Mas sem a tempestade o aeróstato já teria partido e a ocasião tão esperada não se apresentaria!

— Mas eu não estou só... — disse Smith.

— Quantas pessoas o senhor pretende levar?

— Duas. Meu amigo Spillet e meu criado Nab.

— Portanto, os senhores são três. Com Harbert e eu seremos cinco. Ora, o balão tem capacidade para seis...

— Pois bem. Partiremos — concordou Cyrus.

Esse plural abrangia o repórter, pois ele sabia que Spillet não era homem de recuar e logo que o projeto lhe foi comunicado aprovou sem reservas. Só se admirou por uma ideia tão simples não lhe ter ocorrido antes. Quanto a Nab, não precisava preocupar-se, pois sabia que ele o seguiria em qualquer parte.

— Então, até a noite — disse Pencroft.

— Sim. Às dez em ponto — respondeu Cyrus. — Queira Deus que a tempestade não amaine antes de partirmos.

Pencroft despediu-se de Smith e voltou para seu alojamento, onde tinha ficado o jovem Harbert Brown. Esse valente rapaz conhecia o plano do marinheiro e não era sem certa ansiedade que esperava o resultado da entrevista com o engenheiro.

O dia foi terrível. O furacão não se acalmou um só instante. Chegou afinal a noite, muito escura. Espessas brumas passavam como nuvens, rentes ao chão. Caía chuva misturada com neve e fazia frio em toda a cidade, coberta por uma espécie de nevoeiro. As ruas estavam desertas, pois, com semelhante tempo, não tinham achado necessário vigiar a praça, no centro da qual se debatia o aeróstato. Tudo parecia favorecer a partida dos prisioneiros. Mas que viagem os aguardaria, através daquelas rajadas terríveis?

Às nove e meia, Cyrus Smith e seus companheiros esgueiraram-se pelos cantos da praça, que permaneciam escuros, pois as lanternas de gás haviam sido apagadas pelo vento. Nem se enxergava o enorme balão, quase deitado na terra.

Finalmente, os cinco prisioneiros encontraram-se a bordo da barquinha. Ninguém os vira e pode-se mesmo dizer que a escuridão era tão grande que não podiam nem ver-se uns aos outros. Sem pronunciar palavra, Cyrus Smith, Gideon Spillet, Nab e Harbert tomaram seus lugares na barquinha, enquanto Pencroft, por ordem do engenheiro, soltava sucessivamente os sacos de lastro. Não tendo demorado muito, logo veio juntar-se aos companheiros. O balão ficara preso apenas por um cabo dobrado e Cyrus só precisava dar a ordem de partida. Um cachorro subiu na barquinha. Era Top, cão do engenheiro, que, tendo partido a sua corrente, seguira o dono. Cyrus, temendo excesso de peso, queria mandar voltar o animal.

— Ora, é apenas mais um! — disse Pencroft, deslastrando a barquinha de dois sacos de areia.

Em seguida, soltou a extremidade do cabo duplo e o balão, partindo em direção oblíqua, desapareceu. O furacão desencadeava-se com terrível violência. O engenheiro, durante a noite, não pôde nem sonhar em descer e, quando raiou o dia, por causa da neblina, nada enxergava. Só cinco dias depois é que uma abertura deixou ver o imenso mar debaixo do aeróstato, que o vento arrastava com imensa rapidez!

Já sabemos como quatro dos cinco homens que haviam partido no dia 20 de março foram lançados, no dia 24 do mesmo mês, numa costa deserta, a

mais de nove mil e seiscentos quilômetros de Richmond.

E quem faltava era o líder natural deles, o engenheiro Cyrus Smith!

O engenheiro fora levado por uma onda, através das malhas da rede, que haviam cedido. Seu cão também desaparecera, pois voluntariamente se havia precipitado para socorrer o amo.

— Avante! — gritou o jornalista.

E todos os quatro, Gideon, Harbert, Pencroft e Nab, esquecendo o cansaço, começaram as buscas. O pobre Nab chorava de raiva e desespero, pensando que havia perdido o que mais amava no mundo.

— Procuremos! Procuremos! — gritava Nab.

— Pode ficar tranquilo — disse Spillet —, nós o encontraremos.

— Vivo?

— Naturalmente!

— Ele sabe nadar? — perguntou Pencroft.

— Sabe — respondeu Nab. — E, mesmo que não soubesse, Top está junto dele.

Naquele momento deviam ser seis horas. Havia forte nevoeiro e a noite tornava-se muito escura. Os náufragos dirigiam-se para o norte da costa leste, onde o engenheiro desaparecera, a cerca de mil metros do lugar onde o balão acabava de chegar. O chão era arenoso e pedregoso, desprovido de qualquer vegetação. O terreno, bastante desigual, era acidentado em certos lugares e parecia crivado de pequenas tocas, o que tornava a caminhada bastante penosa. Desses buracos, a cada instante, escapavam grandes pássaros, fugindo em todas as direções, que não podiam ser vistos por causa da escuridão.

Depois de vinte minutos de caminhada, os quatro náufragos foram,

subitamente, detidos pelo mar. Acabara-se o terreno sólido. Eles encontravam-se na extremidade de uma ponta aguda de terra, castigada com furor pelas ondas.

— Estamos num promontório — disse o marinheiro. — Precisamos voltar, mantendo-nos à direita. Assim alcançaremos terra firme.

— E se ele estiver ali? — perguntou Nab, apontando para o mar, cujas ondas enormes quebravam-se com furor.

— Bem, então vamos chamá-lo!

E todos, unindo as vozes, chamaram pelo engenheiro. Não tendo obtido resposta, esperaram um pouco e logo tornaram a gritar, mas em vão. Os naufragos voltaram, então, pelo mesmo caminho, mas seguindo o lado oposto do promontório. O marinheiro observou que aquele litoral tinha mais declive e que o terreno formava uma subida que devia ser ligada, por rampa bastante extensa, a uma costa elevada, cujo maciço perfilava-se confusamente na sombra. Os pássaros eram menos numerosos naquele lado da praia e o mar menos bravo e barulhento. A agitação das ondas ia diminuindo. Apenas se ouvia o barulho da ressaca. Isso tudo indicava que aquele lado do promontório formava uma enseada semicircular, cuja ponta aguda protegia contra as ondas do alto-mar.

Mas, seguindo nessa direção, andavam para o sul, lado oposto àquele onde Cyrus devia ter caído. Depois de caminharem mais mil metros, viram que o litoral não apresentava nenhuma curvatura que os levasse para o norte, o que os surpreendeu, pois o promontório que haviam contornado devia estar ligado com terra firme. Os naufragos, embora exaustos, andavam com coragem, esperando descobrir caminho que os levasse para a direção inicial. Qual não foi, pois, o desapontamento de todos quando, após terem percorrido cerca de três quilômetros, viram-se detidos pelo mar, numa ponta bastante elevada, feita de rochas escorregadias!

— Estamos numa ilhota — disse Pencroft. — Demos uma volta completa!

A observação do marinheiro era exata. Os naufragos tinham sido jogados numa pequena ilha, que não media mais de três quilômetros e meio de comprimento e cuja largura era bem pouco considerável. Quando os passageiros do balão viram terra, da barquinha, através da neblina, não puderam distinguir seu tamanho. Apenas Pencroft, com seus olhos treinados de marinheiro acostumados a penetrar na obscuridade, julgara enxergar, a oeste, massas confusas que anunciavam costa elevada. Na escuridão em que se encontravam os naufragos não podiam descobrir se estavam numa ilha

isolada ou se ela pertencia a algum arquipélago, e muito menos se podiam abandoná-la, pois estavam cercados pelo mar. Precisariam deixar para o dia seguinte a busca pelo engenheiro, que, infelizmente, não dera sinal de vida.

— O silêncio de nosso amigo nada prova — disse o jornalista. — Ele pode estar ferido, desmaiado, momentaneamente impossibilitado de responder, mas não devemos nos desesperar.

Compreende-se facilmente a dor de Nab e de seus companheiros, que estavam tão ligados a Cyrus Smith. Era mais do que evidente que no momento não podiam socorrê-lo. Seria preciso esperar nascer o dia. Só havia duas hipóteses: ou o engenheiro pudera salvar-se sozinho e já encontrara refúgio em qualquer ponto da costa ou estava perdido para sempre.

Foram horas longas e penosas aquelas. O frio era grande. Os náufragos sofriam cruelmente mas mal se apercebiam disso. Nem sequer pensaram em repousar. Só pensavam no seu chefe, esperando, sem perder as esperanças. Passaram a noite inteira andando de um lado para o outro, naquela árida ilhota, indo sempre até a ponta norte, onde acontecera a catástrofe. Escutavam, gritavam, procuravam ouvir algum chamado de socorro. Um dos apelos de Nab, em certo momento, foi reproduzido num eco. Harbert chamou a atenção de Pencroft, dizendo:

— Isso prova que deve existir a oeste uma costa bem próxima.

O marinheiro fez um gesto afirmativo. Além do mais, seus olhos não podiam enganá-lo. Se ele tinha distinguido uma terra, mesmo que mal, é porque ela realmente existia. Mas o eco longínquo foi a única resposta provocada pelos gritos de Nab. E a imensidão, em toda a parte leste da pequena ilha, permaneceu silenciosa.

Entretanto, o céu ia-se limpando pouco a pouco. Por volta de meia-noite, algumas estrelas apareceram e, se o engenheiro estivesse lá, junto dos companheiros, teria notado que essas estrelas não eram mais as do hemisfério boreal. Com efeito, a estrela polar não aparecia. As constelações do zênite não eram mais as que se podiam observar na parte norte do novo continente e o Cruzeiro do Sul surgia resplandecente no polo austral.

Passou-se a noite. Por volta das cinco da manhã do dia 25 de março, o céu começou a colorir-se ligeiramente. O horizonte continuava sombrio, mas com a primeira claridade do dia começou a levantar-se do mar bruma tão espessa que não se enxergava nada que estivesse a mais de vinte passos.

— Não faz mal que não se veja a costa — disse Pencroft —, porque sinto que ela está ali!...

Mas o nevoeiro, que era um sinal de bom tempo, não devia tardar em dissipar-se. Um bom sol aquecia as camadas superiores e o calor filtrava-se até a superfície da ilha. Por volta das seis e meia, três quartos de hora depois do sol ter se levantado, a bruma começou a ficar mais transparente. Em pouco tempo, toda a ilha apareceu, como se tivesse surgido de uma nuvem. Depois, apareceu o mar, num plano circular, sem limites a leste e a oeste, emoldurado por costa elevada e inclinada. Ali estava a terra. A salvação, pelo menos provisoriamente, estava assegurada. Entre a ilha e a costa, separadas apenas por um canal de novecentos metros, corria com estrépito uma veloz corrente. Nesse momento, um dos náufragos, consultando apenas o seu coração, precipitou-se no rio, sem consultar seus companheiros e sem dizer uma só palavra. Era Nab, que estava ansioso por atingir a costa. Ninguém pôde detê-lo e Pencroft chamou-o em vão. O jornalista já se dispunha a seguir o negro quando o marinheiro o interpelou:

— Você pretende atravessar o canal?

— Sim — respondeu Gideon Spillet.

— Penso que seria melhor esperar. Nab, sozinho, será capaz de socorrer o amo. Se todos nós nos metermos no canal, correremos o risco de ser levados para o mar pela força da corrente. E, se não me engano, a maré está bem alta. Tenhamos paciência e depois da baixa-mar é possível que possamos atravessar a pé.

— Acho que tem razão — disse o repórter. — Devemos permanecer juntos o máximo possível.

Enquanto falavam, Nab lutava vigorosamente contra a corrente. Ia em direção oblíqua e era possível ver suas costas negras emergindo a cada braçada. Nadava com rapidez e assim ia conseguindo atingir a costa. Levou mais de meia hora para vencer os novecentos metros que separavam a ilha da terra e só a atingiu a umas centenas de metros do lugar que ficava em frente do ponto de onde partira. Saiu da água, correu e desapareceu atrás de uma ponta de rocha que se precipitava pelo mar adentro, aproximadamente na altura da extremidade setentrional da ilha.

Seus companheiros o haviam seguido com ansiedade e, quando desapareceu, todos tornaram a olhar para o pedaço de terra que lhes ia servir de único refúgio. Enquanto isso, foram comendo alguns mariscos que estavam espalhados na areia. Era uma refeição pobre, porém melhor do que nada.

A costa oposta formava vasta baía, terminada, ao sul, por uma ponta muito

aguda. Na parte norte, ao contrário, a baía, alargando-se, formava uma costa mais arredondada, que corria de sudoeste para nordeste, terminando num cabo pontudo. Entre esses dois pontos extremos, sobre os quais se apoiava a curva da baía, a distância podia ser de uns treze quilômetros. A mil metros da margem, a ilhota ocupava estreita faixa de mar, parecendo um enorme cetáceo. A pequena ilha tinha a forma de enorme baleia. Sua maior largura, entretanto, não passava de quinhentos metros.

Diante da ilhota o litoral era formado, em primeiro plano, por uma praia arenosa, semeada de rochas escuras, que nesse momento começava a aparecer, graças à maré vazante. Em segundo plano, destacava-se uma espécie de cortina granítica, cortada a prumo e coroada por caprichosa aresta, a mais de novecentos metros de altura. Essa alta muralha prolongava-se por uns cinco quilômetros e meio e terminava repentinamente à direita, sem transição, por uma aresta que parecia cortada pela mão do homem. À esquerda, ao contrário, no cimo do promontório, o penhasco irregular descia, formando longa rampa que pouco a pouco se confundia com as rochas da ponta meridional.

No planalto superior da costa, nenhuma árvore. Entretanto, não faltava vegetação no lado direito. Distinguia-se facilmente a massa confusa de árvores grandes, cuja aglomeração se prolongava a perder de vista.

Finalmente, em último plano, por cima do planalto, na direção noroeste, a uma distância de pelo menos doze quilômetros e meio, resplandecia um cume branco, no qual se refletiam os raios de sol. Ainda não se podia saber se aquela terra era uma ilha ou se pertencia a algum continente. Mas, à vista dessas rochas acidentadas, que se acumulavam à esquerda, um geólogo não teria hesitado em atribuir-lhes origem vulcânica, pois elas eram incontestavelmente o produto de trabalho plutônico.

Gideon, Pencroft e Harbert observavam atentamente essa terra, sobre a qual eles iriam, talvez, viver longos anos e quem sabe morrer, se não se encontrasse na rota dos navios!

— Pois bem — perguntou Harbert —, que acha, Pencroft?

— Acho que há coisas boas e más, como em todo lugar. Mas vejam que a vazante já faz sentir seus efeitos. Dentro de três horas tentaremos atravessar o canal e procuraremos o sr. Smith.

Pencroft não errara nas suas previsões. Três horas mais tarde, com a maré baixa, grande parte da areia que formava o leito do canal estava descoberta. Só restava entre a ilha e a costa estreito canal que seria fácil atravessar.

Efetivamente, por volta das dez horas, Gideon e seus dois companheiros tiraram as roupas, que ataram em forma de trouxa na cabeça e atiraram-se no canal, cuja profundidade não passava de metro e meio. Harbert era o único que não tinha pé, mas, como nadava como peixe, saiu-se às mil maravilhas. Todos os três chegaram sem dificuldade ao litoral oposto.

O jornalista, deixando os companheiros, subiu o litoral, na direção em que algumas horas antes seguira Nab. Depois, rapidamente desapareceu atrás de uma curva da costa. Harbert quisera acompanhá-lo, mas o marinheiro lhe dissera:

— Fique aqui, pois precisamos preparar acampamento e ver se é possível comer algo mais sólido. Nossos amigos vão precisar de uma boa refeição quando voltarem. Dividamos as tarefas.

— Estou às suas ordens, Pencroft.

— Bem — continuou o marinheiro. — Começemos a trabalhar com método. Estamos cansados, com frio e fome. Precisamos encontrar abrigo, fazer fogo e conseguir comida. Na floresta há lenha e nos ninhos deve haver ovos. Só nos falta achar uma casa.

— Eu procurarei uma gruta entre essas rochas — disse Harbert.

— Isso mesmo, meu jovem. Agora, mãos à obra!

Os dois começaram a percorrer a enorme muralha, seguindo pela praia que a maré vazante deixara descoberta. Mas, em vez de subirem para o norte, desceram para sul. Pencroft observara que, a algumas centenas de passos de onde haviam atingido a terra, a costa apresentava estreita abertura, que devia ser a foz de algum riacho. Ora, não só era interessante que eles achassem abrigo perto de um curso de água potável como era bem possível que a corrente tivesse impelido Cyrus Smith para aquele lado. A alta muralha, como já dissemos, devia medir noventa metros de altura. Entretanto, era maciça, não apresentando nenhuma gruta, mesmo na sua base, apenas lambida pelo mar. Não tinha a menor cavidade que pudesse servir como

habitação provisória. Era inteiriça, feita de granito muito duro, que as águas nunca tinham conseguido corroer.

Entretanto, Harbert, que se desviara para a esquerda, notou alguns rochedos atapetados de algas, que dentro de algumas horas deveriam ficar inteiramente recobertos pela maré alta. Sobre as rochas, no meio do limo escorregadio, pululavam mariscos de concha dupla, que não podiam ser desprezados por quem estava com fome. O rapaz chamou Pencroft, que exclamou:

— São mexilhões! Servirão para substituir os ovos que não encontramos!

— Não são mexilhões — respondeu Harbert, examinando com atenção os moluscos agarrados na rocha. — São litodomos.

— E servem para comer?

— Perfeitamente.

— Então comeremos litodomos.

O marinheiro podia acreditar no que dizia o rapaz, que era perito em História Natural. Desde cedo demonstrara verdadeira paixão por essa ciência, na qual fora iniciado por seu pai, que lhe fornecera os melhores professores de Boston.

Pencroft e Harbert comeram boa quantidade de mariscos, que entreabriram suas conchas ao sol. Saciada a fome, precisavam encontrar água doce que, com certeza, não devia faltar em região tão caprichosamente acidentada. Depois de fazerem boa provisão de litodomos, voltaram ao sopé da terra alta.

Duzentos passos além, chegaram à abertura da costa pela qual, segundo o pressentimento de Pencroft, devia correr um pequeno rio. A muralha parecia ter sido separada por alguma violenta convulsão plutônica. Na sua base abria-se pequena enseada, cujo fundo formava um ângulo bastante agudo. O rio desembocava quase diretamente entre dois muros de granito que diminuía de altura na embocadura. Depois, virando bruscamente, desaparecia entre a mata.

— Temos água e lenha — disse Pencroft. — Bem, só nos falta abrigo!

A água do rio estava límpida e era potável. Uma vez seguros quanto a esse ponto, Harbert procurou alguma cavidade que pudesse servir de abrigo, mas inutilmente. Toda a muralha era lisa, plana e vertical. Mesmo na embocadura do rio e fora do alcance das águas do mar, os rochedos formavam um amontoado de pedras como se encontram frequentemente nos países graníticos. Os dois amigos meteram-se entre as rochas, nos corredores arenosos, aos quais não faltava luz, pois ela penetrava pelos interstícios

existentes nas rochas. Mas com a luz também entrava o vento e, com o vento, um frio cortante. Entretanto, o marinheiro pensou que, tapando certas porções desses corredores com uma mistura de pedras e areia, poderiam conseguir tornar o lugar habitável.

— É isso que vamos fazer — disse Pencroft. — E se encontrarmos o sr. Smith podemos estar certos de que ele saberá tirar partido desse labirinto.

— Nós o tornaremos a ver. E então é preciso que encontremos aqui um abrigo mais ou menos suportável. Conseguiremos isso se pudermos fazer uma lareira no corredor à esquerda e conservar abertura para a fumaça.

— Podemos fazer isso, meu rapaz. Antes de tudo, façamos provisão de combustível, pois acho que a lenha até nos será útil para tapar essas aberturas pelas quais o diabo toca trombeta!

Harbert e Pencroft começaram a subir pela margem esquerda do rio. A corrente era bastante rápida e carregava pedaços de lenha. A maré cheia — que já começava a fazer-se sentir — devia impelir os toros em sentido contrário. O marinheiro logo pensou em tirar proveito desse fluxo e refluxo para transportar, mais tarde, objetos pesados.

Depois de terem andado um quarto de hora, o marinheiro e o rapaz chegaram à curva que o rio fazia para a esquerda. A partir desse ponto, seu curso seguia através de uma floresta de árvores magníficas, que haviam conservado suas folhas verdes, apesar da estação, pois pertenciam à família das coníferas, que se propaga por todas as regiões do globo. O jovem naturalista reconheceu mais particularmente as *deodoras*, abundantes na zona do Himalaia e que espalham agradável aroma. Entre essas belas árvores, vegetavam moitas de pinheiros, cuja copa se abria como imenso guarda-sol. Entre essa vegetação alta, Pencroft sentiu que seu pé quebrava galhos secos, que crepitavam como fogos de artifício.

— Bem, meu rapaz, possa ignorar o nome dessas árvores, mas pelo menos sei classificá-las na categoria de *lenha*, que no momento é a única classificação que nos interessa.

— Vamos fazer boa provisão! — exclamou Harbert, que logo começou a trabalhar.

Foi fácil recolher a lenha. Mas era necessário transportar uma quantidade considerável, e dois homens não eram suficientes para isso.

— Deve haver meio de transportar esses galhos secos — disse o marinheiro. — Se tivéssemos uma carroça ou um barco, seria muito fácil.

— Mas temos o rio!

— Justamente — declarou Pencroft. — O rio será para nós um caminho que anda e as jangadas não foram inventadas sem motivo.

— Somente que nosso caminho, nesse momento, anda em sentido contrário ao que desejamos, pois a maré está subindo — observou Harbert.

— Esperaremos que baixe e ela mesma nos ajudará a transportar o combustível. Enquanto isso, preparemos nossa jangada.

Começaram a carregar lenha em feixes. Na margem também havia grande quantidade de galhos secos. Numa espécie de represa, formada por saliência da margem, onde se quebrava a corrente, o marinheiro e o rapaz colocaram os maiores pedaços de madeira, que ligaram com cipós. Assim fizeram uma espécie de jangada, sobre a qual empilharam sucessivamente toda a lenha recolhida, que representava carga para vinte homens. Levaram uma hora trabalhando. A jangada ficou amarrada, esperando a maré baixar.

Como precisavam esperar ainda algumas horas, resolveram subir até o planalto superior, a fim de examinar a região, num raio maior. Precisamente sessenta metros atrás do ângulo formado pelo rio, a muralha, terminada por amontoamento de rochas despencadas, morria em suave declínio, nos limites da floresta. Parecia uma escada natural e os dois amigos começaram a subir por ela. Graças às boas pernas, logo atingiram a crista e vieram colocar-se no ângulo que esta fazia sobre a foz do rio. Logo que chegaram, olharam para o oceano que acabavam de atravessar em tão terríveis condições. Observaram com emoção toda a parte norte da costa, onde acontecera a tragédia.

Naquele lugar desaparecera Cyrus Smith. Procuravam com os olhos algum destroço do balão ao qual pudesse estar agarrado um homem. Mas nada! O mar era apenas um vasto deserto de água. Quanto à costa, estava também deserta. Nem o repórter nem Nab apareciam, mas era possível que nesse momento os dois estivessem a tal distância que não fosse possível observá-los.

— Alguma coisa me diz — exclamou Harbert — que um homem tão enérgico como o sr. Cyrus não podia ter-se afogado como um qualquer. Deve ter atingido algum ponto da praia. Não acha, Pencroft?

O marinheiro sacudiu tristemente a cabeça. Já não esperava mais encontrar Smith, mas, não querendo desanimar o rapaz, disse:

— Sem dúvida, sem dúvida. Nosso engenheiro é homem capaz de sair-se bem quando qualquer outro sucumbiria!

No lugar onde o marinheiro deixara sua jangada, carregada de lenha, o rio começava a correr entre duas altas muralhas de granito. Mas, se na margem

esquerda a parede era abrupta, na direita, ao contrário, ela se abaixava pouco a pouco, transformando os maciços em rochas isoladas e estas em pedregulhos, que por sua vez se transformavam em seixos miúdos.

— Estamos numa ilha? — perguntou o marinheiro.

— Se sim, parece ser bem grande — respondeu o jovem.

— Uma ilha, por maior que seja, será sempre uma ilha.

Mas esse problema ainda não podia ser resolvido. Deviam adiar a sua solução. Quanto à terra propriamente dita, fosse ilha ou continente, parecia fértil e agradável, sob certos aspectos, e variada quanto aos seus produtos. Durante muito tempo, os dois examinaram a região na qual tinham sido lançados pelo destino e era difícil imaginar, depois de sumária inspeção, o que ele lhes reservava.

Retornaram, seguindo a crista meridional do planalto de granito, desenhada por longo recortado de rochas caprichosas, de formas bizarras. Ali viviam centenas de pássaros que faziam ninhos nos buracos dos rochedos.

Harbert, saltando sobre as rochas, espantou um bando.

— Ah! — exclamou. — Não são nem gaivotas nem guichos.

— Então o que são? — perguntou Pencroft. — Parecem pombos.

— São pombos, mas selvagens, que vivem em rochedos. Eu os reconheço por causa da dupla listra preta que têm nas asas, pela cauda branca e pela plumagem azul-acinzentada. Ora, se o pombo dos rochedos é de gosto agradável, seus ovos devem ser excelentes. E esses que fugiram devem ter deixado alguns nos ninhos.

— Então faremos uma boa fritada com eles — disse alegremente Pencroft.

— E onde pretende fazê-la? No chapéu?

— Não quero chegar a tanto. Acho que teremos que nos contentar com ovos cozidos!

Nas reentrâncias dos rochedos conseguiram descobrir alguns ovos, que foram logo recolhidos. Estando na hora da maré baixar, resolveram descer até o rio, onde chegaram à uma hora da tarde. Precisavam aproveitar o refluxo para levar a lenha até a embocadura.

Pencroft não tinha a intenção de deixar a jangada seguir o rio, sem direção, mas também não queria embarcar para guiá-la. Como bom marinheiro, não se afligiu e rapidamente fabricou uma corda de cipós que foi atada atrás da jangada e segura por ele, enquanto Harbert empurrava a embarcação com uma vara comprida.

O processo deu resultado. A enorme carga de lenha seguiu o riacho e antes

de duas horas chegou à embocadura, a alguns passos da habitação de emergência.

O primeiro cuidado de Pencroft, depois de ter conseguido levar a lenha para o abrigo, foi tornar a caverna habitável, obstruindo os corredores através dos quais o vento penetrava. Com um pouco de areia, pedras, galhos entrelaçados e terra molhada, fecharam hermeticamente as galerias abertas ao vento sul e isolaram a parte superior. Ficou apenas o estreito canal sinuoso que se abria na parte lateral a fim de dar saída à fumaça da fogueira que pretendiam fazer. Dessa maneira, o abrigo ficou dividido em três ou quatro quartos, se assim podem chamar-se escuros covis que não contentariam nem a feras. Mas, pelo menos, ali estariam alojados em lugar seco e até poderiam ficar de pé, no cômodo principal, que ficava ao centro.

Rapidamente concluíram o arranjo da habitação e Pencroft declarou-se satisfeito. Faltava fazer fogo e comida, trabalho bastante simples. Grandes pedras foram colocadas no fundo do primeiro corredor da esquerda, no orifício do estreito canal que não haviam obstruído. Dessa maneira, o calor não sairia junto com a fumaça, mantendo-se temperatura agradável no alojamento. A lenha foi armazenada num dos cômodos e o marinheiro colocou sobre as pedras da lareira alguns toros misturados com galhos úmidos. O marinheiro se encarregava disso quando Harbert perguntou-lhe se tinha fósforos.

— Certamente, pois sem fósforos ou isca estaríamos perdidos.

— Poderíamos fazer fogo como os selvagens — retrucou o rapaz —, esfregando dois pedaços de pau.

— Experimente e verá que não conseguirá mais do que cansar os braços.

— Mas esse processo é muito usado nas ilhas do Pacífico.

— Não digo que não, mas acho que os selvagens sabem bem como fazer e usam alguma madeira especial. Prefiro os fósforos. Mas onde estão os meus?

Pencroft procurou no bolso a caixa que não largava jamais, pois era fumante inveterado. Não conseguiu encontrar.

Vasculhou os bolsos da calça e com grande espanto não a encontrou.

— Que estupidez a minha! — exclamou. — Com certeza ela caiu do meu bolso. Devo tê-la perdido. Mas você, Harbert, nada tem que sirva para fazer fogo?

— Infelizmente, não.

O marinheiro saiu, seguido pelo amigo. Procuraram a caixa na areia, nos rochedos, nas margens do rio, mas inutilmente. A caixa era de cobre e era difícil não vê-la.

— Será que você não a jogou fora da barquinha? — perguntou Harbert.

— Certeza que não. Mas depois do que passamos não é de admirar que um objeto tão pequeno tenha sumido. Até meu cachimbo desapareceu! Onde poderá estar a caixa?

— Como a maré está baixa — disse o jovem —, voltemos até o ponto onde desembarcamos.

Era pouco provável que a encontrassem, pois as ondas deviam tê-la feito rolar juntamente com os seixos miúdos, durante a maré alta. Em todo caso, os dois se dirigiram rapidamente para lá.

Procuraram entre os seixos; nas cavidades das rochas, sempre com muita atenção. Mas o resultado foi nulo. Se a caixa tivesse caído ali, devia ter sido levada pela maré. À medida que o mar recuava, o marinheiro esquadrihava todos os intervalos das rochas, sem nada encontrar. Era uma perda irreparável, nas circunstâncias em que se encontravam.

Pencroft não escondia o seu desapontamento. Sua testa estava franzida. Não pronunciava uma só palavra.

— Certamente encontraremos um meio de acender o fogo — disse Harbert. — O senhor Smith ou o sr. Spillet não se embaraçarão por tão pouco!

— Tenho as minhas dúvidas — disse o marinheiro, sacudindo a cabeça. — Antes de tudo, Nab e o sr. Smith não fumam e acho que o sr. Spillet conservaria primeiro o seu caderno de notas do que a caixa de fósforos.

Harbert não respondeu. Contava conseguir fogo de uma ou de outra maneira. Pencroft, mais experimentado, embora não fosse homem de atrapalhar-se por pouco, não era da mesma opinião. Em todo caso, só tinham

uma coisa a fazer: esperar a volta de Nab e do jornalista. Mas era preciso renunciar aos ovos duros que pretendiam preparar. E o regime de carne crua não lhes parecia apetitoso.

Antes de voltar à gruta, os dois, prevendo a hipótese de não terem fogo, recolheram alguns litodomos e retomaram silenciosamente o seu caminho. Pencroft, com os olhos fixos no chão, procurava sempre a sua caixa. Subiu a margem esquerda do rio, desde a embocadura até o lugar onde haviam amarrado a jangada. Voltou ao planalto superior, percorreu-o em todos os sentidos e procurou até entre os arbustos da orla da floresta. Tudo em vão.

Eram cinco horas quando chegaram ao abrigo. É inútil dizer que os corredores foram vasculhados em todos os cantos. Por volta das seis horas, quando o sol desaparecia atrás das altas terras de oeste, Harbert, que ia e vinha na praia, notou o sinal do retorno de Nab e de Gideon Spillet. Voltavam sós!... O jovem sentiu o coração apertar. O marinheiro não se enganara nos seus pressentimentos. Cyrus Smith não fora encontrado.

O jornalista contou as tentativas feitas para encontrar o engenheiro. Nab e ele haviam percorrido a costa numa distância de treze quilômetros. Chegaram a ir além do ponto onde caíra o balão. A praia estava deserta. Nenhum vestígio, nenhum seixo virado recentemente, nenhum indício na areia, nenhum rasto humano! Era evidente que não havia habitantes naquela parte da costa. O mar estava tão deserto quanto a praia. E justamente ali, a alguns metros da costa, o engenheiro encontrara o seu túmulo!

Nesse momento, Nab levantou-se e exclamou:

— Não! Ele não morreu! Isso não pode acontecer. Se fosse comigo ou com outro qualquer seria possível, mas com ele, não! É homem capaz de resistir a tudo.

Continuou, como se suas forças o tivessem abandonado:

— Ah! Já não posso mais!

Harbert foi para junto dele.

— Nab — disse o rapaz —, nós o encontraremos! Deus nos ajudará. Mas você deve estar com fome. Coma um pouco, eu lhe peço.

E, dizendo isso, ofereceu ao pobre negro alguns punhados de mariscos, refeição bem pobre e insuficiente. Nab não comia havia horas, mas mesmo assim recusou. Sem o amo não queria viver. Quanto a Spillet, devorou os moluscos e depois deitou-se na areia, perto de uma rocha. Estava extenuado, mas calmo. Harbert então se aproximou dele e, segurando-lhe a mão, disse:

— Descobrimos um abrigo onde o senhor ficará melhor do que aqui. A

noite já está chegando. Venha descansar. Amanhã veremos...

O jornalista levantou-se e guiado pelo rapaz dirigiu-se para a caverna. Nesse momento, Pencroft aproximou-se de Spillet e em tom bem natural perguntou-lhe se por acaso não tinha fósforos. O repórter parou, procurou nos bolsos...

— Eu tinha, mas precisei jogar tudo fora...

O marinheiro chamou Nab e fez-lhe a mesma pergunta, recebendo a mesma resposta.

— Maldição! — exclamou o marinheiro.

O repórter escutou e dirigindo-se a ele perguntou:

— Não tem fósforos?

— Nenhum. Por isso não temos fogo.

Os quatro náufragos permaneceram imóveis, olhando-se um tanto inquietos. Foi Harbert quem primeiro rompeu o silêncio.

— Sr. Spillet, o senhor fumava e sempre tinha fósforos. Talvez o senhor não tenha procurado bem.

O jornalista vasculhou de novo os bolsos da calça, do colete, do paletó e, afinal, encontrou um único fósforo no forro do colete.

— Um fósforo! — exclamou Pencroft. — É tão bom quanto se tivéssemos uma caixa inteira.

Pegou o fósforo e, seguido por seus companheiros, dirigiu-se para a caverna. O pequeno pedaço de madeira era tratado pelos náufragos com extremo cuidado. Pencroft assegurou-se de que estava bem seco e depois disse:

— Preciso de papel!

— Aqui está — disse Gideon, que, depois de alguma hesitação, rasgou uma folha de seu caderno.

Pencroft segurou o pedaço de papel e acocorou-se diante da lareira. Alguns punhados de musgos, ervas e folhas secas foram colocados de maneira que o ar pudesse circular livremente para inflamar rapidamente os galhos secos. Então, dobrou o papel em forma de canudo, como fazem os fumantes de cachimbo quando há vento, e introduziu-o entre as ervas. Em seguida, puxando um seixo ligeiramente áspero, enxugou-o com cuidado e, com o coração batendo rápido, esfregou brandamente o fósforo, prendendo a respiração. A primeira tentativa não produziu efeito. Ele não esfregara com a força necessária, temendo estragar o fósforo.

— Não, não conseguirei — disse Pencroft. — Minha mão treme... Vou

estragar o fósforo... Não posso... não posso... — E, levantando-se, encarregou Harbert de substituí-lo. Certamente, o rapaz nunca tinha experimentado tal sensação. O coração batia fortemente. Prometeu, indo roubar fogo no céu, não devia ter ficado mais emocionado! Mas não hesitou e rapidamente esfregou o fósforo. Ouviu-se um pequeno estalido e apareceu uma chama azulada, produzindo fumaça acre. Harbert virou o fósforo com cuidado, para que não se apagasse, e introduziu-o no canudo de papel, que pegou fogo em alguns segundos, e logo os musgos também se inflamaram.

Alguns segundos depois a lenha crepitava e bela chama, avivada pelo vigoroso sopro do marinheiro, brilhava no meio da escuridão.

— Até que enfim! — exclamou Pencroft levantando-se. — Acho que nunca me senti tão emocionado!

A lareira fora muito bem construída. A fumaça escapava pelo corredor estreito e agradável calor não tardou em espalhar-se pela caverna. Precisavam, porém, tomar cuidado para que o fogo não se extinguísse.

Pencroft decidiu utilizar o fogo para fazer um jantar mais nutritivo que um simples prato de litodomos. Cozinhou, então, duas dúzias de ovos trazidos por Harbert.

O jornalista, num canto, observava os preparativos sem nada dizer. Três pensamentos ocupavam seu espírito. Cyrus ainda estaria vivo? E, nesse caso, onde poderia estar? Se sobrevivera à queda, como não encontrara meio de avisar que estava vivo? Quanto a Nab, vagava pela praia. Parecia um corpo sem alma.

Dentro de poucos instantes os ovos ficaram prontos e Pencroft convidou o repórter para comer. Essa foi a primeira refeição dos náufragos naquela costa desconhecida. Os ovos estavam deliciosos e todos logo se sentiram reconfortados.

Assim passou-se o dia 25 de março. Chegando a noite, o vento começou a soprar lá fora e podia-se escutar o barulho das ondas quebrando-se na costa. Os seixos, levados e trazidos pelas ondas, rolavam com barulho ensurdecedor.

O repórter fora para o fundo do corredor, depois de ter tomado nota sobre os incidentes do dia. Depois, cansado, dormiu. Harbert também adormeceu. Apenas Pencroft passou a noite vigiando, perto da lareira, alimentando o fogo com bastante lenha. Só um náufrago não repousou. Foi o inconsolável Nab que, desesperado, vagou durante toda a noite pela praia, chamando por seu amo!

Os naufragos nada possuíam além das roupas que usavam no momento da catástrofe, um caderno de notas e um relógio que Gideon conservara, certamente por esquecimento. Não tinham arma ou utensílio algum. Haviam jogado fora quase tudo, na tentativa de aliviar o aeróstato. Se, pelo menos, o engenheiro estivesse com eles, teria posto em prática seus conhecimentos e seu espírito inventivo para melhorar a situação. Mas eles já não esperavam mais encontrar Cyrus Smith. Só podiam contar com eles mesmos e com a Providência.

Mas deveriam instalar-se naquela costa antes de saber a que continente pertencia, se era habitada ou apenas uma ilha deserta? Era preciso resolver essa questão o mais rápido possível. Dessa solução dependiam as medidas a ser tomadas. Entretanto, seguindo o conselho de Pencroft, todos resolveram esperar alguns dias antes de iniciar a exploração.

Com efeito, era preciso conseguir víveres e procurar alimentação mais nutritiva do que simples mariscos e ovos. Os exploradores, que fatalmente teriam que suportar muitas fadigas, sem abrigo para repousar, deviam, antes de tudo, recuperar as forças. As cavernas ofereciam proteção bastante satisfatória, provisoriamente. O fogo estava aceso e seria fácil conservá-lo. Na praia e nos rochedos havia mariscos e ovos de sobra. Logo inventariam meio de matar alguns dos pombos que voavam às centenas. E quem sabe se as árvores da floresta vizinha não produziam frutos comestíveis? Água não lhes faltava. Decidiram, pois, permanecer alguns dias no abrigo para explorar o litoral ou o interior.

Esse projeto convinha sobretudo a Nab. Obstinado nas suas ideias e

pressentimentos, não tinha pressa alguma em abandonar aquela parte da costa, onde acontecera a catástrofe. Não acreditava, não queria acreditar na perda de Cyrus. Enquanto as vagas não jogassem o cadáver do engenheiro na praia, enquanto ele, Nab, não tivesse visto com seus próprios olhos e tocado com as próprias mãos o cadáver, não o consideraria perdido nem morto. E essa ideia enraizou-se cada vez mais no seu coração obstinado. Talvez fosse simples ilusão, embora digna de respeito. Em todo caso, o marinheiro não quis destruí-la. Acreditava que o engenheiro havia realmente morrido afogado, mas não discutia com Nab. Sua dor era tal que provavelmente não sobreviveria.

Na madrugada do dia 26 de março, Nab seguiu novamente a costa na direção norte, voltando ao lugar onde, sem dúvida, o mar havia engolido o infeliz Cyrus Smith.

O almoço desse dia compôs-se apenas de ovos de pombo e litodomos. Harbert havia encontrado sal depositado nas cavidades das rochas, o que foi ótimo. Terminada a refeição, Pencroft perguntou ao jornalista se queria ir com ele e Harbert até a floresta, onde tentariam caçar. Mas, refletindo melhor, acharam que alguém deveria ficar tomando conta do fogo e, mesmo que improvável, talvez fosse preciso ajudar Nab. Ficou o repórter.

— Vamos caçar, Harbert — disse o marinheiro. — Encontraremos munição no caminho e fabricaremos nossa espingarda na floresta.

Mas, no momento da partida, Harbert observou que era preciso encontrar substituto para a isca que faltava para acender fogo, caso fosse necessário.

— Mas qual? — perguntou Pencroft.

— Um pedaço de pano queimado às vezes serve de isca.

O marinheiro achou a ideia muito razoável, cujo único inconveniente era exigir o sacrifício de um pedaço de lenço. Mas, como valia a pena, um pedaço de lenço quadriculado de Pencroft foi meio queimado. A matéria inflamável, assim obtida, foi guardada no quarto central, em pequena cavidade do rochedo, ao abrigo do vento e da umidade.

Eram nove horas da manhã. O tempo estava ameaçador e soprava vento de sudeste. Harbert e Pencroft dobraram a esquina da caverna e, depois de lançar um último olhar para a fumaça que escapava dos rochedos, seguiram a margem esquerda do rio. Logo que chegou à floresta, Pencroft cortou dois sólidos galhos, cuja ponta Harbert afiou numa pedra próxima. Depois, os dois caçadores meteram-se entre a vegetação alta, sempre seguindo a margem do rio. Mas o caminho oferecia-lhes obstáculos. Ora eram árvores cujos ramos

flexíveis se curvavam até as águas do rio, ora cipós ou plantas espinhosas, que precisavam ser derrubadas a golpes de pau.

Tudo levava a crer que a floresta fosse virgem, bem como a costa que já haviam percorrido. Pencroft encontrou ali vestígios de quadrúpedes e pegadas recentes de animais, cuja espécie não pôde reconhecer. O certo é que alguns desses vestígios eram de feras de grande tamanho, que deveriam temer. No arvoredo não se via nenhum sinal de machado, no chão não havia cinzas, nem sinais de pé humano, o que era vantajoso, pois naquele lugar, em pleno Pacífico, a presença humana seria mais temida do que desejada. As dificuldades para avançar eram inúmeras.

Os dois amigos pouco falavam e caminhavam tão devagar que ao fim de uma hora tinham andado apenas um quilômetro e meio. As tentativas de caça até ali tinham sido infrutíferas. Apesar de que muitas aves chilreassem e voassem de ramo em ramo, todas se mostravam ariscas, como se instintivamente receassem a presença humana. Num lugar mais pantanoso da floresta, Harbert teve ocasião de notar, entre outras aves, uma de bico comprido e agudo, anatomicamente parecida com o martim-pescador.

— Deve ser um jacamar — disse, tentando se aproximar do animal.

— Seria uma boa ocasião de experimentar o gosto de um jacamar — respondeu o marinheiro.

Nesse momento, uma pedra certa e vigorosamente lançada pelo rapaz atingiu a asa da ave. Mas o golpe não foi forte o bastante e o jacamar fugiu correndo e logo desapareceu.

A exploração continuou. À medida que os caçadores avançavam, as árvores, mais espaçadas, tornavam-se mais bonitas. Mas nenhuma produzia frutos comestíveis. Pencroft procurava, em vão, encontrar palmeiras da espécie que se presta a vários usos domésticos e cuja presença foi assinalada até o quadragésimo paralelo do hemisfério boreal e até o trigésimo-quinto do hemisfério austral. Nesse momento, verdadeira nuvem de passarinhos de pequeno tamanho, bela plumagem e longa cauda furta-cor veio pousar nos galhos das árvores.

— São curucus — disse Harbert.

— Servem para comer? — perguntou Pencroft.

— Sim. E sua carne é até bem delicada. Se não me engano, é fácil se aproximar deles e matá-los a golpe de cacete.

O marinheiro e o jovem, deslizando entre as ervas, chegaram ao pé de uma árvore cujos ramos estavam cobertos de pequenos pássaros. Esperavam a

aparição de insetos que lhes serviam de alimento. Quando chegaram perto dos passarinhos, os dois caçadores levantaram-se de repente, manejando os cajados como foices. Conseguiram assim derrubar filas de curucus que se deixaram estupidamente apanhar, sem nem sequer tentar fugir. O chão já estava cheio, com mais de uma centena de pássaros, quando os restantes resolveram fugir.

— Ora, até que afinal encontramos caça à altura de caçadores como nós! Deixa-se pegar com a mão — disse Pencroft.

O marinheiro tratou de enfiar os curucus numa vara flexível e continuou a exploração. Por volta das três da tarde tornaram a aparecer bandos de aves em certas árvores, como nos zimbros, cujas bagas aromáticas eram por eles bicadas. De repente, ressoou na floresta verdadeiro toque de clarim. Estas estranhas e sonoras fanfarras eram produzidas por galináceos que são chamados de tetrazes. Dentro em pouco apareceram alguns casais com as penas pardas e ruivas misturadas e cauda parda. Harbert pôde distinguir os machos pelas duas asas pequenas e bicudas, formadas por algumas penas grossas levantadas no pescoço. Pencroft logo achou indispensável apanhar com a mão alguns desses galináceos que são do tamanho de uma galinha e cuja carne é tão saborosa quanto esta. Mas o feito não era fácil, pois os animais não deixavam que alguém se aproximasse deles. Depois de várias tentativas, que não serviram senão para espantar os tetrazes, o marinheiro disse para o rapaz:

— Por certo, já que não podemos matá-los no ar, tratemos de pegá-los com linha.

— Como se fossem carpas? — perguntou o jovem, espantado com a proposta.

— Isso mesmo — respondeu o marinheiro, com a maior serenidade.

Pencroft tinha achado entre a vegetação meia dúzia de ninhos dessas aves, cada um com dois ou três ovos. Teve o maior cuidado em não os tocar, prevendo que as donas voltariam para eles. E foi justamente ao redor desses ninhos que pensou em estender suas linhas. Trançou verdadeira linha de pesca, trabalho digno de um especialista.

As linhas eram feitas de delgadas trepadeiras que, unidas umas às outras, davam cinco metros de comprimento. Em vez de anzol, Pencroft atou na extremidade das trepadeiras enormes espinhos curvos, arrancados de acácias-anãs que havia por perto, em moitas. Para servir de isca apanharam vermes grandes, avermelhados, que rastejavam pelo chão. Feito isso, Pencroft meteu-

o entre a vegetação, fazendo tudo para não ser percebido, e foi colocar perto dos ninhos a extremidade das linhas preparadas com os anzóis. Segurando a outra extremidade, foi esconder-se com o amigo atrás de uma árvore de tronco grosso. Ali esperaram com toda a paciência, embora o rapaz não acreditasse muito no êxito da empresa.

Decorrida meia hora, como o marinheiro tinha previsto, alguns casais de tetrazes voltaram para os ninhos, saltando e bicando a terra, sem suspeitarem os caçadores escondidos. O rapaz mal respirava. Pencroft, de olhos arregalados, boca aberta e lábios estendidos como se fosse engolir algum pedaço de tetraz, estava imóvel. Os galináceos, entretanto, passeavam entre os anzóis, sem dar por eles. Pencroft então deu uns puxões na linha, o que fez estremecerem as iscas, como se os vermes estivessem vivos. Não há dúvida de que o marinheiro estava mais tenso do que um pescador que não é capaz de ver a sua presa, debaixo da água.

Dentro em pouco a isca despertou a atenção dos galináceos, que logo começaram a bicar. Três tetrazes, com certeza os mais vorazes, engoliram de uma vez isca e anzol. Vendo isso, Pencroft deu um repentino e forte puxão nas linhas e, pelo bater das asas que ouviu, percebeu que os pássaros tinham sido apanhados.

— Urra! — exclamou o marinheiro, correndo direto para a caça e agarrando-a rapidamente.

Harbert aplaudia freneticamente. Era a primeira vez na sua vida que via apanhar pássaros com linha. Pencroft, porém, modesto como sempre, apressou-se em afirmar que nem era ele o inventor do sistema nem o primeiro a aplicá-lo.

— E além disso — acrescentou —, na situação em que estamos, devemos preparar-nos para ver coisas muito mais extraordinárias!

Pencroft amarrou os tetrazes pelos pés e, muito satisfeito por não voltar com as mãos abanando, regressou à caverna, pois o dia já ia caindo. O caminho estava claramente indicado pelo rio, cuja corrente deviam seguir. Por volta das seis horas da tarde, os dois chegaram no acampamento, bastante fatigados.

Gideon Spillet estava na praia, imóvel, com os braços cruzados, olhando o mar, cujo horizonte se confundia a leste com imensa nuvem negra que subia rapidamente para o zênite.

— Parece que teremos uma noite bastante agitada, sr. Spillet — disse o marinheiro. — Os petreís é que vão gostar do vento e da chuva.

O jornalista voltou-se e perguntou:

— A que distância da praia o senhor acha que a barquinha sofreu a lufada que levou nosso companheiro?

O marinheiro, que não esperava pela pergunta, refletiu um pouco e respondeu:

— A quatrocentos metros, aproximadamente.

— E o cachorro também?

— Acho que sim.

— O que me espanta — continuou o repórter — é que, admitindo a hipótese de ter o nosso companheiro morrido, ainda não tenha sido lançado à praia o seu cadáver ou o do seu cachorro.

— Nada vejo de extraordinário nisso, levando em conta a agitação do mar — respondeu o companheiro. — Além disso, uma corrente pode tê-los levado para bem longe.

— Então acha que Cyrus Smith morreu nas ondas? — perguntou mais uma vez o repórter.

— Estou convencido disso.

— Pois, meu caro Pencroft, apesar do respeito que devo à sua experiência, a minha opinião é de que o duplo desaparecimento de Cyrus e de Top, vivos

ou mortos, tem qualquer coisa de inexplicável e inverossímil.

— Eu gostaria de pensar como o senhor. Mas, infelizmente, estou convencido do contrário.

Dito isso, o marinheiro dirigiu-se para a caverna. Um bom fogo crepitava na lareira. Pencroft tratou de preparar o jantar. Depenou dois ou três tetrazes, enfiou-os no espeto e começou a assá-los.

Às sete horas da noite, Nab ainda não havia voltado. Isso deixava Pencroft muito inquieto, temendo que lhe tivesse acontecido algum acidente. Harbert, entretanto, era de opinião diferente. Achava que Nab não voltara porque alguma nova circunstância o obrigara a isso. E essa nova circunstância só podia ser o encontro de Cyrus Smith.

Harbert muitas vezes teve vontade de ir procurar Nab. Pencroft, porém, dissuadiu-o sempre de tal empenho, dizendo-lhe que todos os seus esforços seriam inúteis, por não ser possível descobrir o rasto de Nab naquela escuridão e com o tempo horrível que fazia. O mais sensato era esperar e, se no dia seguinte o empregado do engenheiro não tivesse voltado, seria o primeiro a juntar-se a ele para ir procurá-lo.

Gideon Spillet aprovou a ideia de não se separarem. O rapaz, tendo desistido do projeto, mal conseguia conter as lágrimas.

O mau tempo estava declarado. Na praia, soprava com violência ventania de sudeste. O mar, na vazante, batia, rugindo, de encontro à primeira fila de rochedos ao longo do litoral. A chuva era impedida de cair no chão, pelas rajadas, e formava no ar uma espécie de nevoeiro líquido. Parecia farrapos de nuvens que se arrastavam sobre aquela costa, onde as pedras e os seixos batiam uns de encontro aos outros, fazendo um barulho surdo. A fumaça que saía da lareira, muitas vezes empurrada pela força das rajadas, enchia os corredores da habitação.

Eram oito horas e Nab ainda não retornara. Era razoável, porém, supor que o tempo horroroso o tivesse impedido de regressar ao abrigo.

Depois da ceia, cada um se retirou para o canto onde descansara na noite anterior. Harbert dentro de pouco tempo estava profundamente adormecido ao lado do marinheiro, que se estendera ao pé da lareira.

Do lado de fora, a tempestade, à medida que a noite ia caindo, aumentava. Felizmente o amontoado de rochas que formava as cavernas era sólido. Os enormes blocos de granito, alguns deles mal equilibrados, pareciam tremer sobre suas bases. Pencroft sentia isso mas sabia que não devia inquietar-se, pois seu abrigo improvisado era bem resistente. Entretanto, escutava o

barulho das pedras, arrancadas do cimo do planalto e lançadas sobre a praia. Algumas chegavam a rolar sobre a parte de cima das cavernas. Por duas vezes o marinheiro levantou-se e foi espiar pelo orifício do corredor o que se passava lá fora. Percebendo que não havia nenhum perigo, voltava para junto da lareira, onde as brasas crepitavam sob as cinzas. Apesar do furor do furacão, do barulho da tempestade e da chuva forte, Harbert dormia profundamente, Pencroft, cuja vida de marinheiro o habituara a todas essas violências, acabou adormecendo. Apenas Gideon mantinha-se acordado e inquieto. Ele se censurava por não ter acompanhado Nab. Via-se perfeitamente que a esperança não abandonara Spillet de todo. Os pressentimentos que agitaram Harbert também o perseguiram. Seu pensamento estava concentrado em Nab. Por que não voltara? Revolvia-se na sua cama de areia, prestando muito pouca atenção na luta dos elementos. Algumas vezes seus olhos fechavam-se pesados de cansaço, mas logo algum pensamento fugaz os abria de novo.

A noite ia-se passando quando, por volta das duas da manhã, Pencroft, que estava profundamente adormecido, acordou sendo sacudido vigorosamente. O repórter estava debruçado sobre ele e dizia:

— Escute, Pencroft, escute!

O marinheiro prestou atenção, mas não distinguiu nenhum barulho a não ser o das rajadas do vento.

— É o vento — respondeu.

— Não — replicou Spillet, escutando de novo. — Eu pensei ouvir...

— O quê?

— Latidos de cachorro!

— Cachorro! — exclamou Pencroft, levantando-se de um salto.

— Sim... latidos...

— Não é possível! E, além do mais, com o barulho da tempestade...

— Escute... — disse o repórter.

Pencroft escutou com mais atenção e achou, com efeito, que, num instante de trégua da tempestade, ouvira latidos de cão, bem distantes.

— Então... — disse o marinheiro, segurando a mão do outro.

— Sim... sim...

— É Top! É Top! — exclamou Harbert, que acabara de despertar.

E todos os três lançaram-se para fora. Custou-lhes muito sair, pois o vento os empurrava. A escuridão era absoluta. O mar, o céu e a terra confundiam-se nas trevas. Parecia não haver um só átomo de luz na atmosfera. Durante

alguns instantes, o repórter e seus dois companheiros permaneceram como que massacrados pelas rajadas, molhados pela chuva e cegos pela areia. Depois, ouviram mais uma vez os latidos e perceberam que o cão ainda devia estar longe. Só podia ser Top! Mas estaria só ou acompanhado? Era provável que estivesse só, pois se Nab estivesse com ele naturalmente que se teria dirigido com toda a pressa para a caverna.

O marinheiro apertou a mão do repórter, já que não podia fazer-se ouvir, como se quisesse dizer: espere! E depois entrou na habitação. Um minuto depois apareceu com uma tacha, procurando iluminar a escuridão, enquanto assobiava agudamente. A esse sinal, latidos mais próximos responderam e pouco depois um cachorro precipitou-se no corredor. Pencroft, Harbert e Gideon entraram atrás dele. Um punhado de lenha seca foi jogada sobre os carvões e logo o corredor se iluminou.

— É Top! — exclamou Harbert.

Era realmente Top, magnífico anglo-normando que tinha das duas raças misturadas rapidez e o bom olfato. Era o cão do engenheiro Cyrus Smith. Mas estava só. Nem seu dono nem Nab o acompanhavam!

Entretanto, como o instinto pudera guiá-lo até as cavernas que não conhecia? Parecia inexplicável, sobretudo naquela noite escura e durante tal tempestade. Mas o mais espantoso é que ele não estava cansado, esgotado e nem sequer sujo de lama ou areia!

Harbert segurava sua cabeça entre as mãos. E o cachorro esfregava seu pescoço nas mãos do jovem.

— Se o cachorro foi encontrado, o dono também será! — disse o repórter.

— Queira Deus — respondeu Harbert. — Vamos. Top nos guiará.

Pencroft não fez qualquer objeção. Sentia que a chegada de Top podia desmentir suas previsões.

— Vamos lá! — disse.

O marinheiro recobriu com cuidado os carvões da lareira. Colocou alguns pedaços de lenha sob as brasas para encontrar fogo quando voltasse. Depois, saiu precedido pelo cachorro, que parecia convidá-los a que o seguisse, dando pequenos latidos. Seguiram-no o repórter e o rapaz.

A tempestade estava no máximo da violência. A lua nova não conseguia filtrar a menor claridade através das nuvens. Era difícil caminhar em linha reta. Acharam melhor seguir o instinto de Top. O repórter e o jovem andavam atrás do cão e o marinheiro fechava a fila. Não conseguiam trocar uma só palavra. A chuva que caía não era muita, porque estava pulverizada pelas

rajadas de vento. O furacão era terrível. Entretanto, uma circunstância muito boa veio favorecer o marinheiro e seus dois companheiros. Soprava um vento de sudeste, que os empurrava pelas costas fazendo com que andassem mais depressa do que esperavam. Imensa esperança aumentava suas forças. Não eram buscas ao acaso que iam fazer. Acreditavam que Nab encontrara seu amo e que lhes mandara atrás fiel cachorro. Mas estaria o engenheiro vivo ou Nab teria mandado chamá-los para que prestassem as últimas homenagens ao cadáver do desventurado Smith?

Depois de terem passado além do ângulo dos rochedos, que prudentemente haviam evitado, pararam para tomar fôlego. O rochedo os abrigava do vento e eles respiravam bem, pela primeira vez depois daquela corrida de um quarto de hora. Ali podiam conversar. Tendo o rapaz pronunciado o nome de Cyrus, Top deu pequenos latidos, como se quisesse dizer que seu dono estava a salvo.

Os amigos prosseguiram na caminhada. Deviam ser duas e meia da madrugada. A maré já enchia e receava-se que as águas subissem muito. Os vagalhões arrebatavam-se de encontro aos recifes, com tal violência que pareciam querer passar por cima do ilhéu, que já estava inteiramente encoberto. A costa deixara de estar abrigada por aquele comprido dique. Estava diretamente exposta aos embates do mar alto.

Logo que os três companheiros saíram do abrigo do rochedo, foram novamente açoitados pela ventania. Caminhavam rápido, dobrados, dando as costas para o vento, seguindo sempre Top, que não hesitava no caminho. Mal protegidos pelas roupas, deviam estar sofrendo bastante. Mas não se escutava uma só queixa de seus lábios. Estavam resolvidos a acompanhar o animal para onde quer que fosse.

Por volta das cinco horas começou a aparecer a luz da manhã. Primeiro apareceu no zênite, onde eram menos densos os vapores. As nuvens começaram a destacar-se e logo apareceu um traço luminoso no horizonte do mar. A crista das vagas ficou ligeiramente salpicada de luz e logo a espuma se tornou branca. Ao mesmo tempo, do lado esquerdo, as partes acidentadas do litoral começaram a surgir, embora ainda de maneira pouco nítida. Às seis, o dia já nascera. As nuvens corriam com extrema rapidez numa altura considerável. Os amigos estavam a cerca de nove quilômetros e meio da caverna. Andavam por uma praia rasa, que tinha num dos lados uma fila de rochedos, cujas pontas apenas emergiam das águas. À esquerda, a região era acidentada por dunas cheias de cardos, que davam à região aspecto bastante

agreste. O litoral era pouco acidentado e só oferecia ao oceano uma barreira formada de pequenos montículos. Aqui e ali duas árvores tentavam sobreviver, inclinadas para oeste. A sudoeste destacava-se a orla da última floresta.

Nesse momento Top deu sinais de inquietação. Ia e vinha até onde estava o marinheiro, como se o convidasse a apressar o passo. Saindo da praia, guiado por seu admirável instinto, entrou no meio das dunas sem nenhuma hesitação. Os três companheiros o seguiram. A região parecia deserta. A faixa das dunas era ampla, composta de montículos e colinas caprichosamente distribuídos. Era preciso uma intuição prodigiosa para reconhecer aquele percurso.

Cinco minutos depois de terem abandonado a praia, o repórter e seus companheiros chegaram diante de uma espécie de escavação feita numa duna. Ali Top latiu alegremente. Spillet, Pencroft e Harbert penetraram na gruta. Nab estava ali, ajoelhado diante de um corpo estendido num leito de folhas...

Era o corpo do engenheiro Cyrus Smith.

Nab nem se mexeu. O marinheiro só lhe fez uma pergunta:

— Vivo?

Nab não respondeu. Gideon, Pencroft e Harbert empalideceram. Este último juntou as mãos e ficou imóvel. Era, porém, evidente que o negro estava tão absorvido pela dor que nem sequer vira os companheiros chegarem ou ouvira a pergunta que lhe fizeram. O repórter ajoelhou-se diante do corpo inerte e encostou o ouvido no peito do engenheiro.

— Está vivo! — disse.

Harbert, adivinhando o desejo do jornalista, foi procurar água. Felizmente encontrou um regato a menos de cem passos. Mas faltava-lhe um recipiente para levar a água. Teve de contentar-se em molhar o lenço no regato e voltar correndo para a gruta. Felizmente o lenço ensopado serviu, pois Spillet queria apenas molhar os lábios do engenheiro. E aquela água fresca pareceu produzir verdadeiro milagre, pois Cyrus Smith suspirou levemente, parecendo querer pronunciar algumas palavras.

— Vai sobreviver! — exclamou o repórter.

Nab, ouvindo essas palavras, voltou a ter esperanças. Procurou ver se o engenheiro não tinha algum ferimento. Mas nem o corpo, nem a cabeça, nem os membros apresentavam a menor contusão. No entanto, o corpo de Cyrus Smith devia ter rolado pelas rochas pontiagudas. Até mesmo suas mãos estavam intactas, o que não se podia explicar, pois o engenheiro devia ter feito força para atravessar a linha de recifes.

Aquecido pelas massagens, o engenheiro logo moveu os braços e a sua respiração tornou-se mais regular.

— Então você pensou que seu patrão tivesse morrido? — perguntou o marinheiro a Nab.

— Pensei! Se Top não os tivesse encontrado, teria enterrado o sr. Smith e me deixaria morrer junto de sua sepultura.

Nab contou então como se tinham passado as coisas. Tendo saído da caverna na véspera, ao amanhecer, caminhara pela costa, sempre na direção norte, até chegar à ponta do litoral, que já visitara antes. Procurou na praia algum indício, por menor que fosse, que pudesse fornecer-lhe uma pista. Examinava, sobretudo, a parte da areia que a maré cheia não cobrira, pois os vestígios, na parte mais próxima das águas, com certeza teriam sido apagados pelo fluxo e refluxo das ondas. Não esperava encontrar seu amo vivo, mas queria achar seu cadáver para sepultar com as próprias mãos. Durante muito tempo procurara em vão. Aquela costa deserta parecia jamais ter sido frequentada por ser humano. Numa extensão de aproximadamente trezentos metros não havia nenhum sinal de desembarque, antigo ou recente.

— Fui andando ao longo da costa por mais uns três quilômetros — dizia ele. — Examinei toda a linha de escolhos, durante a maré baixa, e toda a praia, na maré alta. Já ia desistindo de encontrar o que procurava quando ontem, por volta das cinco horas da tarde, deparei com pegadas humanas na areia. Fiquei como doido. Os vestígios do pé humano eram bem nítidos e encaminhavam-se para as dunas. Segui correndo, durante mais ou menos um quarto de hora, tendo o cuidado de não apagá-las. Cinco minutos depois, quando já ia caindo a noite, ouvi um cão ladrar. Era Top. E foi ele quem me conduziu para perto de meu amo.

Nab concluiu sua narração contando a sua dor ao ver aquele corpo já inerte e como tentara divisar nele algum sinal de vida. Depois que o encontrara, já não se contentava com isso, desejava que estivesse vivo. Mas todos os seus esforços tinham sido em vão. Só lhe restava prestar a última homenagem a quem tanto amara. Então se lembrou de que os outros companheiros também gostariam de estar presentes. Top estava ali. Não poderia contar com a esperteza do animal? Pronunciou várias vezes o nome do repórter, que entre todos os amigos de Cyrus era o que Top mais conhecia, e mostrou a parte sul da costa ao cão, que logo partiu na direção indicada.

Os companheiros de Nab o escutaram com a maior atenção. O fato de Cyrus Smith, depois dos esforços que devia ter feito para atravessar os escolhos, não ter nenhum arranhão era inexplicável. Além disso, também não se podia entender como o engenheiro chegara àquela gruta, a mais de um

quilômetro e meio da costa.

— Nab, não foi você quem trouxe Cyrus para cá? — perguntou o repórter.

— Não, não.

— Então é evidente que ele veio com seus próprios pés — disse Pencroft.

— Sim, é evidente, mas é inacreditável.

As fricções haviam restabelecido a circulação do sangue do engenheiro, que naquele momento mexeu as pernas e os braços e depois a cabeça, pronunciando algumas palavras incompreensíveis. Nab, curvado sobre ele, chamava-o, mas Cyrus não parecia ouvi-lo, mantendo os olhos sempre fechados. Só se notava que estava vivo pelos movimentos que fazia. Entretanto, os cuidados que lhe foram reservados conseguiram fazer com que ele recuperasse a consciência mais cedo do que esperavam.

Seus olhos abriram-se. Nab e o repórter estavam debruçados sobre ele.

— Meu amo! Meu amo! — dizia o empregado.

O engenheiro ouviu-o. Reconheceu Nab, Spillet e os dois outros companheiros. Algumas palavras foram balbuciadas e compreendidas. Elas indicavam as preocupações que o atormentavam.

— Ilha ou continente? — murmurou.

— Ah! — exclamou Pencroft. — Com todos os diabos, isso pouco nos importa desde que o senhor esteja vivo. Ilha ou continente? Descobriremos mais tarde.

Cyrus fez pequeno sinal afirmativo e adormeceu.

Todos respeitaram o seu sono e o repórter tomou todas as providências para que o engenheiro fosse transportado nas melhores condições. Nab, Harbert e Pencroft deixaram a gruta dirigindo-se para uma alta duna coroada com algumas árvores raquíticas. E durante o caminho o marinheiro não podia deixar de repetir:

— Ilha ou continente! Pensar nisso quando estava a um passo da morte! Que homem!

Chegados no cimo da duna, sem outros utensílios a não ser seus braços, tiraram os principais galhos de uma árvore bastante fraca, espécie de pinheiro marinho. Com esses ramos fizeram uma liteira que, depois de coberta com folhas e ervas, ficaria bem confortável para transportar o engenheiro. O trabalho durou quarenta minutos mais ou menos e já eram dez horas quando o marinheiro, Nab e Harbert voltaram para perto de Cyrus Smith, que acabava de acordar. As cores já voltavam à sua face, que até então estava pálida como a de um morto. Levantou-se um pouco, olhou ao seu redor e pareceu

perguntar onde se encontrava.

— O senhor pode ouvir-me sem se cansar? — perguntou o repórter.

— Sim — respondeu Cyrus.

Spillet começou a fazer um resumo do que se passara desde a queda do balão até o desembarque naquela terra desconhecida, que, ilha ou continente, parecia deserta. Contou também a descoberta das cavernas e as buscas feitas para encontrá-lo, a dedicação de Nab e a inteligência de Top. Fez ligeira narração de tudo quanto o engenheiro ignorava.

— Mas — perguntou Cyrus, com voz ainda bastante fraca — vocês não me apanharam na praia?

— Não.

— A que distância está essa gruta dos recifes?

— Oitocentos metros. E, se o senhor está surpreendido de encontrar-se aqui, nós também estamos.

— Certamente — disse o engenheiro, que se reanimava pouco a pouco e tinha grande interesse nos detalhes. — Eis uma coisa singular.

— O senhor pode contar-nos o que se passou depois que foi arrebatado por aquela onda? — perguntou Pencroft.

Cyrus procurou lembrar-se. Sabia pouca coisa. Recordava-se apenas de que a força do mar o arrancara do aeróstato. Depois de ter mergulhado alguns metros, voltara à tona, e apesar da escuridão percebeu que ao seu lado estava Top, que tinha se precipitado no mar para salvá-lo. Quando levantara os olhos já não vira mais o balão, que partira como seta, depois de aliviado do peso do engenheiro e do de Top. Encontrava-se, então, entre ondas bem fortes, a 1.500 metros da costa. Lutara com vigor contra as ondas, auxiliado por Top, que se agarrava na sua roupa. Enquanto nadava fora pego por uma corrente fortíssima e impelido para o norte, apesar dos imensos esforços que fazia. Com ele, Top também fora arrastado. Cyrus só se lembrava disso. Não sabia o que se passara entre o momento da catástrofe e a chegada dos amigos.

— Mas — replicou Pencroft —, visto que Nab descobriu sinais de seus passos na areia, parece que o senhor não só foi jogado na praia como caminhou até aqui.

— Realmente — disse o engenheiro, preocupado. — Não acharam vestígios de presença humana nesta costa?

— Nenhum — respondeu o repórter. — Além disso, se alguém o tivesse salvado da fúria das ondas, não o teria abandonado aqui.

— O senhor tem razão. Mas responda-me, Nab, não teria sido você... que

num momento de exaltação, sem consciência do que fazia... mas não... não... tudo isso é absurdo... Existem ainda vestígios dos meus passos?

— Ainda existe um, senhor — respondeu Nab —, mesmo aqui na entrada, nas costas da duna, num lugar abrigado do vento e da chuva. Os outros a tempestade deve ter apagado.

— Pencroft — disse Cyrus —, quer fazer-me o favor de levar meus sapatos e ver se eles correspondem às pegadas?

O marinheiro apressou-se em cumprir o desejo do engenheiro. Enquanto Harbert e ele, guiados por Nab, dirigiam-se para o lugar indicado, Smith disse para o repórter:

— Em tudo isso há algo inexplicável!

— Com certeza — disse Gideon.

— Mas não insistamos por enquanto nesse assunto, meu caro Spillet. Mais tarde conversaremos.

Instantes depois entravam Nab, Pencroft e Harbert. Os sapatos do engenheiro correspondiam perfeitamente aos sinais de pegadas ainda visíveis.

— Teria sido eu vítima de alguma alucinação ou do desvario que atribuía a Nab? — questionou o engenheiro. — Talvez tenha andado como sonâmbulo, sem ter consciência dos meus passos. Talvez Top me tenha salvado da fúria das ondas e me trazido para cá. Venha cá, meu querido Top!

O belo animal saltou, latindo para o dono.

Realmente não havia outra interpretação possível para os fatos que se relacionavam com o salvamento do engenheiro. A Top coube todas as honras.

Por volta de meio-dia, Pencroft perguntou a Cyrus se já podiam transportá-lo. Recebendo resposta afirmativa, gritou:

— Tragam a padiola!

A padiola estava com os ramos transversais cobertos de ervas e musgos. Nela se deitou o engenheiro e todos iniciaram a caminhada em direção à costa. Numa extremidade ia Nab e na outra Pencroft. Precisaríamos percorrer perto de treze quilômetros para chegar à caverna e como não podiam andar depressa, bem como precisaríamos fazer várias paradas no caminho, não contávamos chegar em casa antes das seis da tarde.

O vento continuava violento, mas não chovia. O engenheiro, apesar de deitado, ia apoiado nos cotovelos, observando a costa, especialmente do lado oposto ao mar. Apesar de calado, ia olhando tudo, de forma que devia estar gravando na memória todo o relevo topográfico da região. Entretanto, a fraqueza acabou por dominá-lo. Depois de duas horas de jornada, dormia

profundamente.

Às cinco e meia, a pequena caravana chegou à caverna. Todos pararam, descansando a padiola na areia. Cyrus continuava dormindo.

Pencroft reparou então que a tempestade da véspera tinha transformado completamente o aspecto ao redor. Na praia jaziam enormes fragmentos de rochas e a areia perto do mar estava coberta por ervas marinhas, limos ou algas. Estava claro que o mar, passando por cima do ilhéu, chegara mesmo até a base da penedia de granito. Em frente das cavernas o chão estava cheio de cavidades feitas pelas ondas.

Pencroft teve um pressentimento terrível. Precipitou-se como raio pelo corredor. Mal entrara, porém, voltou e ficou parado diante dos companheiros...

Encontrara o fogo apagado. As cinzas estavam ensopadas e reduzidas a uma poça de lama. Onde estaria o trapo queimado que poderia servir de isca? O mar, penetrando até o fundo dos corredores, tinha misturado e destruído tudo!

Spillet, Harbert e Nab não deram importância ao incidente. O repórter apenas disse:

— Meu caro Pencroft, acredite ou não, tudo o que você me diz não faz diferença.

— Mas estou dizendo que não temos mais fogo!

— Coisa sem importância.

— Nem sequer temos meio de tornar a acendê-lo.

— Paciência.

— Portanto, sr. Spillet...

— Cyrus não está conosco? — perguntou o repórter. — Não está vivo? Ele logo encontrará meio de fazer fogo.

— Com quê?

— Com qualquer coisa.

O que poderia responder Pencroft? Aliás, no fundo, ele também tinha a mesma confiança que os outros no engenheiro. Acreditavam que com ele nada lhes faltaria. Não deviam mais desesperar-se. Se alguém dissesse àqueles homens que uma erupção vulcânica destruiria aquela região, que a mergulharia nos abismos do Pacífico, eles apenas responderiam:

— Cyrus está conosco. Nada tememos!

Entretanto, o engenheiro ainda estava bastante prostrado. O jantar deveria ser bastante parco. Toda a carne dos galináceos fora comida ou tinha desaparecido. Precisavam tomar providências urgentes.

Antes de tudo, trataram de transportar Cyrus para o corredor central, onde lhe arranjaram uma cama de folhas e algas quase secas. O sono que dominava

o engenheiro era tão pesado que lhe restauraria as forças mais rapidamente do que uma boa refeição.

A noite chegou e a temperatura baixou, devido à mudança do vento para nordeste. Como o mar havia destruído as divisões construídas por Pencroft, em certos pontos dos corredores as correntes de ar eram tão grandes que tornavam a caverna pouco habitável. O engenheiro teria ficado em péssimas condições se os companheiros não o tivessem coberto com suas próprias roupas.

A ceia constou apenas dos inevitáveis litodomos e de algumas algas comestíveis. Essas algas pertenciam à família das fucáceas e eram uma espécie de sargaços que depois de secos davam substância gelatinosa bastante rica de elementos nutritivos.

Entretanto, o frio cada vez aumentava mais e os náufragos não sabiam como combatê-lo. O marinheiro, desesperado, tentou acender o fogo de qualquer maneira. Nab, que o auxiliava, catara alguns musgos secos e, esfregando duas pedras, chegou a conseguir algumas centelhas, mas a erva não era inflamável o suficiente. Aliás, essas faíscas eram apenas sílex incandescente, não tendo a consistência das que servem para acender fogo. Pencroft, embora não acreditasse num resultado positivo, ainda tentou o processo de esfregar dois pedaços de madeira seca, como fazem os indígenas. Depois de uma hora de trabalho jogou fora aborrecido os pedaços de pau.

— É mais provável crer que aqui faz calor no inverno do que acreditar que os selvagens conseguem acender fogo dessa maneira! Acho que mais facilmente conseguiria incendiar meus braços se os esfregasse um contra o outro!

O marinheiro não estava com a razão. Os selvagens realmente conseguem fazer fogo dessa maneira, mas acontece que nem toda espécie de madeira é apropriada.

No dia seguinte, quando o engenheiro acordou por volta das oito da manhã, viu que os companheiros estavam perto dele. Repetiu, então, a mesma pergunta da véspera:

— Ilha ou continente?

Como se vê, era sua ideia fixa.

— Infelizmente não sabemos — disse Pencroft.

— Ainda não sabem?

— Logo saberemos, quando o senhor puder nos guiar.

— Acho que já estou em condições — respondeu o engenheiro,

levantando-se sem grande esforço.

— Isso me agrada! — exclamou Pencroft.

— O meu mal era fraqueza. Agora, eu gostaria de comer alguma coisa. Vocês têm fogo, não?

— Infelizmente, sr. Cyrus, já não temos mais!

O marinheiro, então, contou o que se passara na véspera. O engenheiro até se divertiu muito com a história do único fósforo e com a tentativa frustrada de conseguir fogo à maneira selvagem.

— Cuidaremos disso — respondeu o engenheiro —, e se não conseguirmos substância análoga à isca...

— Então?...

— Então faremos palitos de fósforo.

— Químicos?

— Sim, químicos!

— Você já vê que tudo não é tão difícil quanto parecia! — disse o repórter, batendo no ombro do marinheiro.

Este último, embora não achasse a solução tão fácil, não replicou. Logo depois, todos saíram. O tempo estava lindíssimo. O sol, que se ostentava esplêndido no horizonte do mar, iluminava com reflexos dourados as asperezas da muralha de granito. Depois de ter olhado rapidamente em volta de si, o engenheiro sentou-se numa rocha. Harbert ofereceu-lhe alguns mexilhões e algas, dizendo:

— É só o que temos, sr. Cyrus.

— Obrigado, meu rapaz. Mas isso já me satisfaz, pelo menos por enquanto.

Os companheiros, calados, contemplavam-no. Cyrus, depois de ter matado a sede e a fome, cruzou os braços e disse:

— Então, meus amigos, vocês ainda não sabem se a sorte nos lançou num continente ou numa ilha!

— É verdade, sr. Cyrus.

— Pois amanhã saberemos. Até lá não temos o que fazer.

— Temos sim — replicou o marinheiro.

— O quê?

— Fogo — respondeu Pencroft, que não abandonara sua ideia fixa.

— Fique tranquilo que nós o faremos. Ontem, enquanto vocês me transportavam, não viram a oeste uma grande montanha que domina toda esta região?

— Sim — respondeu Gideon — , é uma montanha bem alta...

— Bem, amanhã subiremos até lá e veremos se estamos num continente ou numa ilha. Até lá eu repito que não temos nada para fazer.

— Não se esqueça do fogo — teimou Pencroft.

— Tenha paciência, ele arranjará fogo — replicou o repórter.

O marinheiro lançou um olhar de incredulidade para o repórter. Cyrus, entretanto, nada respondera. Parecia pouco preocupado com a questão do fogo. Depois de refletir um pouco, disse:

— Meus amigos, nossa situação pode ser deplorável, mas é simples. Ou estamos num continente e com maior ou menor esforço conseguiremos chegar a um lugar habitado, ou estamos numa ilha. Nessa última hipótese, teremos que descobrir se é habitada ou deserta. No primeiro caso, deveremos procurar entender-nos com os nativos. No segundo, teremos que nos arranjar sozinhos.

— Realmente, não há coisa mais simples — disse Pencroft.

— Mas, sendo ilha ou continente, onde é que você acha que o furacão nos lançou? — perguntou Gideon.

— Não posso saber com exatidão, mas acho provável que estejamos em terras do Pacífico. Quando saímos de Richmond, o vento soprava do nordeste e, devido a sua violência, acho que não mudou. Se essa direção se manteve, atravessamos os estados da Carolina do Norte e do Sul, da Geórgia, o golfo do México, o próprio México na sua parte mais estreita e depois uma porção do oceano Pacífico. Não calculo em menos de onze mil quilômetros a distância percorrida pelo balão. E basta que o vento tenha mudado meio quadrante para ter-nos lançado no arquipélago de Mendanha, ou nas ilhas Pomotu ou nas terras da Nova Zelândia, se a velocidade do vendaval era maior do que penso. Nesse último caso, nosso repatriamento será fácil. Mas se, pelo contrário, esta costa pertencer a alguma ilha deserta de um arquipélago micronésio, o que descobriremos amanhã, deveremos estabelecer-nos aqui, pois é provável que nunca mais possamos sair.

— Nunca mais — exclamou o jornalista. — O senhor disse nunca mais, meu caro amigo?

— É melhor estarmos preparados para o pior.

— Mas ainda resta a esperança desta ilha estar na rota dos navios — disse Pencroft.

— Enquanto não subirmos naquela montanha não saberemos o que fazer.

— Mas o senhor acha que amanhã estará em condições de fazer uma

escalada? — perguntou Harbert.

— Acho que sim, mas tudo depende da destreza sua e do sr. Pencroft como caçadores.

— Sr. Cyrus — respondeu o marinheiro —, eu gostaria de ter tanta certeza de conseguir fogo quanto de trazer caça!

— Pode cuidar de trazer a caça.

O engenheiro e o repórter passaram o dia todo nas cavernas examinando o planalto superior e o litoral. E Harbert, Nab e Pencroft foram à floresta para renovar a provisão de lenha e caça. Seguiram juntos até a curva do rio, onde o marinheiro parou e disse aos amigos:

— Começaremos por caçar ou apanhar lenha?

— Vamos primeiro caçar — disse o rapaz. — Veja como Top já está farejando!

— Bem, depois faremos o estoque de lenha — disse Pencroft.

Dito isso, cada um dos três arrancou um galho de um abeto novo e seguiram Top, que ia pulando entre a vegetação alta. Em vez de acompanharem o rio, embrenharam-se pela floresta. Por toda parte, encontravam as mesmas árvores, a maioria pertencente à família dos pinheiros. Algumas clareiras, cheias de troncos corroídos pela ação do tempo, estavam tão cheias de lenha seca que eram verdadeiras reservas inesgotáveis de combustível. Passada a clareira, a floresta tornava-se muito densa, quase impenetrável. Top, correndo entre a erva baixa, fazia voar alguma ave, mas os caçadores não a conseguiam pegar. Até os curucus tinham desaparecido.

Continuando a exploração, Harbert descobriu uma árvore de frutos comestíveis. Era um pinheiro que produzia uma espécie de amêndoa muito apreciada na América e na Europa. Os frutos estavam maduros e o rapaz mostrou-os aos amigos, que se fartaram de comer.

— Top viu algo! — exclamou Nab, correndo para uma moita fechada onde o cachorro entrara latindo.

O marinheiro e Harbert seguiram Nab e viram, então, Top segurando um animal pela orelha. Era uma espécie de porco de sessenta centímetros de comprimento, de cor castanho-escuro, um pouco mais claro na barriga, pelo duro e espesso e com os dedos, então fortemente agarrados no chão, parecendo ligados por membrana. O animal nem lutava com o cão. Movia, aparvalhado, seus olhos quase escondidos na espessa capa de gordura. Nab já havia apanhado um pau para golpear o animal quando este conseguiu escapar dos dentes de Top, sacrificando um pedaço de sua orelha. Grunhindo,

precipitou-se sobre Harbert, que quase caiu, e desapareceu.

Os três amigos seguiram os rastos de Top e viram o animal desaparecer nas águas de vasta lagoa cercada de pinheiros seculares.

Nab, Harbert e Pencroft permaneceram imóveis. Top lançara-se na água, mas o bicho, escondido no fundo, não ressurgia.

— Esperemos — disse o rapaz —, pois ele precisará vir à superfície para respirar.

— Será que ele não se afoga? — perguntou Nab.

— Não — respondeu Harbert —, porque tem pés de palmípede. É quase um anfíbio. É mais seguro esperá-lo.

Top continuava dentro da água. Pencroft e seus companheiros colocaram-se em diversos pontos da margem para cortar a fuga do animal perseguido pelo cão. Harbert não se enganara. Depois de alguns minutos, o animal veio à superfície. Top saltou em cima dele, impedindo-o de mergulhar. Pouco depois, conseguiu arrastá-lo para a margem, onde Nab o golpeou.

— Urra! — exclamou Pencroft. — Bastariam umas brasas para que ele ficasse só nos ossos!

O marinheiro lançou o animal às costas e, calculando que já deviam ser duas horas pela altura do sol, deu o sinal de retirada. Graças ao instinto de Top, conseguiram descobrir o caminho pelo qual tinham vindo e meia hora depois chegavam ao rio. Ali, Pencroft, rapidamente, fez boa provisão de lenha, ainda que achasse inútil por não terem fogo e, aproveitando o rio para transportar a carga, voltou para a caverna. Mal tinham dado cinquenta passos, apontou para os rochedos e exclamou:

— Harbert, Nab! Olhem!

Uma espessa fumaça escapava do meio das rochas!

Instantes depois os caçadores estavam diante de uma fogueira chamejante, com o engenheiro e o jornalista. Pencroft, com a caça nas mãos, olhava em silêncio.

— É verdade, meu caro Pencroft — disse o repórter. — Conseguimos bom fogo para assar essa magnífica peça!

— Quem o acendeu? — perguntou o marinheiro.

— O sol!

A resposta de Gideon era exata. Fora o sol que fornecera o calor com o qual se maravilhava Pencroft. Estava de tal maneira assombrado que nem se lembrava de interrogar o engenheiro.

— O senhor tinha uma lente? — perguntou Harbert a Cyrus.

— Não, meu filho, mas arranjei-a — disse ele, mostrando os dois vidros de relógio que ele havia tirado do seu e do de Gideon.

Depois de ter-lhes posto um pouco de água e de ter tornado seus bordos mais aderentes com um pouco de argila, conseguira transformá-los em verdadeira lente que, concentrando os raios solares sobre um pouco de musgo bem seco, provocara a combustão.

O marinheiro observou com toda a atenção o aparelho e encarou o engenheiro sem dizer palavra. Cyrus Smith, para ele, não era um deus, mas era certamente mais do que um homem. Em seguida disse:

— Não se esqueça de anotar isso, sr. Spillet!

— Já tomei nota — respondeu o repórter.

Depois, com a ajuda de Nab, Pencroft preparou o espeto para assar o roedor, naquela chama viva e cintilante.

As cavernas haviam-se tornado habitáveis de novo não somente porque seus corredores se aqueciam com o fogo da lareira, mas também porque haviam sido reconstruídos os tabiques de areia e pedra.

O jantar foi bem razoável. A carne do porco-da-índia era excelente. Como complemento tiveram sargaços e como sobremesa, amêndoas. O engenheiro pouco falou, preocupado com os projetos do dia seguinte. Uma ou duas vezes, Pencroft emitiu algumas ideias sobre o que conviria ser feito, mas Cyrus possuía um espírito metódico e contentou-se a ser feito a cabeça.

— Amanhã — repetiu — saberemos o que fazer.

Terminada a refeição, novas braçadas de lenha foram jogadas na lareira e todos adormeceram profundamente. Nenhum acidente perturbou a noite e no dia seguinte, 29 de março, descansados e animados, acordaram prontos para empreender a excursão que devia decidir a sorte deles.

Tudo estava pronto para a partida. Os restos do porco seriam suficientes para alimentá-los por 24 horas. Além disso, esperavam reabastecer-se no caminho. Como já haviam recolocado os vidros nos relógios, Pencroft queimou um pouco de tecido para servir de isca. Quanto ao sílex, certamente não faltaria em terreno de origem plutônica.

Eram sete e meia da manhã quando os exploradores, armados com bastões, abandonaram as cavernas. Seguindo o conselho de Pencroft, tomaram o caminho da floresta, que já conheciam. Era o percurso mais direto para atingir a montanha. Viraram para o lado sul e seguiram a margem esquerda do rio, que só abandonaram quando ela virou para sudoeste. O sinal, feito pelos três caçadores na véspera, foi encontrado e às nove horas Cyrus e seus amigos atingiram a extremidade ocidental da floresta.

O engenheiro não era homem que abandonasse uma ideia fixa. Estaria enganado quem pensasse que ele não prestava atenção ao terreno. Observava muito bem a configuração da ilha, bem como sua natureza. Seu único objetivo era aquela montanha, que pretendia escalar. E nada o impediria.

Às dez horas, fizeram parada de alguns minutos. Saindo da floresta, o sistema orográfico da região surgiu aos seus olhos. A montanha se compunha de dois picos. O primeiro, cortado a uma altura de cerca de oitocentos metros, era sustentado por caprichosos contrafortes, que pareciam ramificar-se como garras imensas, presas ao solo.

Entre os contrafortes havia estreitos vales cobertos de árvores, cujas últimas copas atingiam o entroncamento do primeiro cone. Entretanto, a vegetação parecia menos abundante na parte nordeste da montanha e viam-se

ranhuras bastante profundas que deviam ter sido escoadouros de lavas. Sobre o primeiro pico repousava um segundo cone, ligeiramente arredondado na parte de cima, que se equilibrava um pouco de lado sobre o outro. Se assemelhava a um chapéu redondo, colocado em cima da orelha. Era formado por uma terra sem vegetação, cheia de rochas avermelhadas. Era justamente o cume desse segundo cone que precisavam atingir e a aresta dos contrafortes parecia ser o melhor caminho a seguir.

— Estamos numa região vulcânica — afirmou Cyrus.

Seus companheiros, guiados por ele, começaram a subir pouco a pouco a encosta de um contraforte. Os acidentes do terreno eram numerosos. Evidentemente, o solo fora convulsionado por forças plutônicas. Havia, por todo lado, blocos irregulares de pedras, fragmentos de basalto e pedras-pomes. Durante a subida nas rampas inferiores, Harbert chamou a atenção para vestígios de passagem recente de grandes animais.

— Acho que essas feras não nos cederão o seu domínio de muito boa vontade — disse Pencroft.

— Pois bem — disse o repórter, que já havia caçado tigres na Índia e leões na África —, nós resolveremos o assunto. Mas, em todo caso, tenhamos cuidado.

Enquanto isso, os exploradores iam subindo pouco a pouco. O caminho, cheio de desvios e obstáculos, não podia ser percorrido depressa. Algumas vezes o solo sumia, de repente, e eles encontravam-se diante de enormes fendas, que precisavam contornar. Perdiam muito tempo, voltando, a fim de procurar outra direção. Ao meio-dia, quando a caravana parou para almoçar, debaixo de um conjunto de pinheiros, perto de riacho que corria formando cascatas, estava na metade do caminho do primeiro platô, que na realidade só deveria ser atingido ao cair da noite.

Nesse ponto já se via melhor o horizonte do mar. À direita, entretanto, o olhar era impedido pelo promontório de sudeste. Por isso, não se podia determinar se a costa se ligava a qualquer outra terra. À esquerda, o raio de visão estendia-se alguns metros para o norte. Entretanto, desde noroeste até o ponto onde se encontravam os exploradores, esse raio era cortado por um contraforte estranhamente talhado, que parecia verdadeiro estribo para o cone central.

Recomeçaram a subida à uma da tarde. Precisaram ir para sudoeste e seguir novamente pelo meio da mata espessa. Após terem abandonado o bosque, subiram cerca de trinta metros e chegaram a um plano superior, com

poucas árvores, cujo solo tinha aparência vulcânica. Precisavam dirigir-se para leste, dando várias voltas até encontrarem caminhos melhores, pois a subida era íngreme. Nab e Harbert iam na frente e Pencroft na retaguarda. Os dois outros iam no meio. Os animais que frequentavam aquelas alturas deviam necessariamente pertencer àquelas raças de patas firmes e espinhaço flexível como as camurças e cabras monteses.

Naquele momento todos tinham parado a cinquenta passos de meia dúzia de animais de grande estatura, com enormes chifres retorcidos para trás e achatados na ponta, com o corpo coberto de espessa lã, escondida por longos pelos sedosos de cor avermelhada. Não eram carneiros ordinários. Pertenciam a uma raça muito encontrada nas regiões montanhosas das zonas temperadas.

Os animais permaneciam imóveis entre os fragmentos de basalto e olhavam os invasores com espanto, como se pela primeira vez vissem bípedes humanos. Pouco depois, como que repentinamente assustados, desapareceram aos pulos pelos rochedos.

A escalada recomeçou e os viajantes tiveram ocasião de observar, em certos declives, vestígios de lavas, caprichosamente recortadas. O caminho era às vezes, interrompido por enxofreiras, sendo necessário seguir pelas bordas das mesmas. Ao chegar ao primeiro platô formado pelo entroncamento do cone inferior, as dificuldades para a subida tornaram-se muito maiores. Por volta das quatro horas, já tinham ultrapassado a zona extrema do arvored. Felizmente o tempo estava ótimo, a atmosfera perfeitamente sossegada.

Apenas 150 metros separavam os nossos exploradores do platô ao qual pretendiam chegar, a fim de acamparem para passar a noite. Mas os ziguezagues que precisavam fazer aumentavam muito a distância. Já era quase noite fechada quando conseguiram chegar ao platô do primeiro cone. Estavam exaustos com a subida, que durara sete horas. Trataram logo de organizar um acampamento para recobrar as forças com boa ceia e bom sono.

Ainda não eram seis e meia quando terminaram a refeição. Cyrus Smith lembrou-se então de explorar, apesar da semiobscuridade, o enorme alicerce circular onde se assentava o cone superior da montanha. Não queria descansar antes de saber se a base do cone podia ser contornada, caso os flancos da pirâmide lhe tornassem o cume inacessível. Essa ideia preocupava um pouco o engenheiro, porque era possível que do lado para onde o chapéu se inclinava o platô fosse inacessível. Ora, se não pudessem, por um dos lados, atingir o cume da montanha e pelo outro não pudessem contornar a

base do cone, ser-lhes-ia impossível examinar a porção ocidental da região e a subida estaria, em parte, fracassada. Por essas razões, Cyrus deixou Pencroft e Nab fazendo as camas, Gideon tomando notas dos acontecimentos do dia, e começou a seguir para o norte. Harbert acompanhou-o.

A noite estava bela e tranquila e a escuridão ainda não era total. Cyrus e Harbert caminhavam juntos, sem falar. Em certos lugares, o platô alargava-se e podiam passar sem dificuldade. Em outros, estreitava-se de tal maneira que não dava para duas pessoas passarem. Depois de vinte minutos de caminhada, precisaram parar. A partir daquele ponto começava a encosta dos dois cones. Nada mais separava as duas montanhas. Era impraticável contornar aquelas encostas que tinham inclinação de setenta graus. Mas, se o engenheiro e o rapaz tiveram que renunciar a seguir uma direção circular, por outro lado surgiu-lhes a oportunidade de começar diretamente a subida.

Com efeito, diante deles abria-se um rasgão profundo no maciço. Era a cratera superior, pela qual escapavam as matérias eruptivas líquidas, na época em que o vulcão ainda estava em erupção. As lavas endurecidas formavam uma escada natural, com degraus bem marcados, que facilitavam o acesso à montanha. De relance, Cyrus viu tudo isso e, sem hesitar, seguido pelo rapaz, meteu-se na enorme cratera, apesar da escuridão que cada vez aumentava mais.

Precisavam ainda subir trezentos metros. Os declives interiores da cratera eram muito longos e sinuosos, facilitando assim a subida. Quanto ao vulcão, não havia nenhuma dúvida de que estivesse extinto. Dos seus flancos não surgia a menor fumaça, e nas suas cavidades mais profundas não havia a menor chama. Daquele poço escuro, cavado talvez até as entranhas do globo, não saía nenhum rugido, murmúrio ou estremecimento. Dentro da cratera, nem mesmo a atmosfera estava saturada de vapores sulfurosos.

A tentativa de Cyrus seria bem-sucedida. Pouco a pouco ele e o rapaz, caminhando pelas superfícies internas, repararam que a cratera se alargava por cima de suas cabeças. O raio da porção circular do céu, emoldurado pelos bordos do cone, se expandia sensivelmente. A cada passo os dois amigos podiam ver mais estrelas. As constelações brilhavam extraordinariamente naquele céu austral. No zênite cintilava a esplêndida Antares do Escorpião e pouco distante a Beta Centauri, que se acredita ser a estrela mais próxima da Terra. À medida que a cratera se dilatava, foram aparecendo a constelação de Peixes, o Triângulo austral e, enfim, quase no polo antártico do mundo, a esplêndida Cruzeiro do Sul, que substitui a Estrela Polar do hemisfério

boreal.

Eram quase oito horas quando chegaram ao topo do cone. A escuridão era tão completa que não podiam enxergar nada que estivesse num raio de mais de três quilômetros. Estaria aquela terra desconhecida toda cercada pelo mar ou se ligaria a oeste com algum continente do Pacífico? Não podiam, ainda, sabê-lo. A oeste, uma faixa de pequenas nuvens, perfeitamente desenhada no horizonte, aumentava as trevas e a noite não deixava ver se o céu e o mar se confundiam na mesma linha circular.

Mas num ponto do horizonte apareceu, de repente, um vago clarão, que descia lentamente, à medida que as nuvens subiam para o zênite. Era o quarto crescente da lua, já quase desaparecendo. Mas a sua claridade foi suficiente para desenhar a linha horizontal, então separada das nuvens. E o engenheiro pôde ver sua imagem trêmula refletir-se por um momento na superfície líquida. Então, segurando a mão do rapaz, disse com voz grave:

— Uma ilha!

Meia hora depois, Cyrus e Harbert estavam de volta ao acampamento. O engenheiro limitou-se a dizer que a terra onde se encontravam era uma ilha.

No dia seguinte, depois de parco almoço, Cyrus quis tornar a subir ao topo do vulcão, a fim de observar com atenção a terra onde ele e seus amigos estavam presos, talvez para sempre. Desta vez, todos o acompanharam.

Mais ou menos às sete horas deixaram o acampamento. O engenheiro seguiu o caminho da véspera. O tempo estava magnífico e o céu, limpo. O sol cobria com seus raios toda a parte oriental da montanha. Finalmente, chegaram à cratera. Tudo coincidia com o que Cyrus vira na véspera, na escuridão da noite. Era uma enorme abertura que ia até trezentos metros acima do platô. Embaixo da enorme boca, espessas camadas de lava serpenteavam sobre os lados do monte, enchendo, assim, o caminho de matéria eruptiva até os vales inferiores que sulcavam o lado setentrional da ilha.

O interior da cratera, cujo declive não excedia de 35 a quarenta graus, não oferecia nem obstáculos nem dificuldades para a ascensão. Antes das oito horas atingiram o topo da cratera.

— O mar! Por toda parte o mar! — exclamaram todos, sem poder reprimir aquele grito.

E realmente, nada mais viam além daquele imenso lençol de água em volta, num raio de mais de oitenta quilômetros. Nenhuma terra à vista, nenhum navio. Toda aquela imensidão estava deserta. A ilha ocupava o centro de uma circunferência que parecia ser infinita.

— Que tamanho terá esta ilha? — perguntou Spillet.

Cyrus Smith refletiu um pouco, observou atentamente o perímetro da ilha, sem se esquecer da altura em que estavam, e disse:

— Meus amigos, acho que, não levando em conta a linha do litoral, 150 quilômetros.

— E a superfície da ilha?...

— É difícil calcular. A terra é muito recortada.

Se Cyrus não se enganava em seus cálculos, a ilha devia ser do tamanho da de Malta, no Mediterrâneo. Era, entretanto, muito mais irregular e abundante em cabos, promontórios, línguas, golfos, enseadas ou angras. A sua forma estranha surpreendia a todos. Quando Gideon, a pedido do engenheiro, desenhou o seu contorno, descobriu que se parecia com um animal fantástico, uma espécie de pterópode monstruoso, que estivesse adormecido na superfície do Pacífico.

A parte leste do litoral, isto é, aquela onde haviam desembarcado os náufragos, era recortada de modo a formar uma vasta baía, terminada a sudoeste por cabo muito agudo. A nordeste, dois outros cabos fechavam a baía e entre eles aprofundava-se um estreito golfo que se assemelhava na forma à queixada aberta de imenso esqualo. De nordeste a noroeste a costa tomava o aspecto de um crânio achatado, para tornar a elevar-se mais adiante, criando uma espécie de corcova, que não permitia desenhar com grande precisão aquela parte da ilha, cujo centro estava ocupado por montanha vulcânica. Desde aquele ponto o litoral continuava regularmente para norte e sul, cortado apenas em dois terços do seu perímetro por pequena angra, a partir da qual tomava a forma de enorme cauda de um gigantesco crocodilo. A cauda formava verdadeira península, que se estendia por mais de 48 quilômetros, mar adentro, a contar do mencionado cabo sudeste da ilha, desenhando uma enseada bem aberta, que enfeitava o litoral inferior daquela estranha terra tão caprichosamente recortada.

Na parte mais estreita, a ilha media apenas dezesseis quilômetros. Mas seu maior comprimento, da queixada de nordeste à extremidade da cauda de sudoeste, não era menor do que 48 quilômetros.

Quanto ao interior, era coberta de matas em toda sua parte meridional, desde a montanha até o litoral, árida e arenosa na parte setentrional. Cyrus e seus companheiros ficaram surpreendidos ao ver entre o vulcão e a praia leste um lago rodeado de árvores vigorosas, das quais nem suspeitavam a existência. Visto daquela altura, o lago parecia estar no mesmo nível que o mar. Refletindo melhor, porém, o engenheiro explicou que a altitude daquele

lençol de água devia ser de cem metros, pois o platô que lhe servia de bacia era somente prolongamento do que havia na costa.

— Será de água doce? — perguntou Pencroft.

— Com certeza — respondeu Cyrus. — Deve ser alimentado pelas águas que se escoam das montanhas.

— Parece-me ver um riacho que vai desembocar lá — disse Harbert, indicando estreito regato, cuja nascente devia encontrar-se nos contrafortes de oeste.

— Realmente — concordou Cyrus. — E, visto que o regato alimenta o lago, é provável que exista do lado do mar algum escoadouro. Na volta investigaremos isso.

Na parte setentrional da ilha não havia indício algum de água corrente. Talvez houvesse águas estagnadas na parte pantanosa de nordeste, mas tudo o que se via eram montões de areia, dunas, enfim, uma aridez muito característica, contrastando visivelmente com a opulência do terreno, na sua maior extensão.

O vulcão não estava no centro da ilha. Elevava-se na região nordeste e parecia servir de limite para as duas zonas. A sudoeste, sul e sudeste, os primeiros planos de contraforte desapareciam sob a massa verdejante. Ao norte, pelo contrário, podiam seguir-se todas as ramificações, que iam acabar nas planícies de areia. Era, também, naquele lado que o vulcão, nos tempos de erupção, tinha provocado aberturas, por causa da passagem das lavas. Havia uma enorme parede de lava que chegava até a estreita queixada que formava o golfo a nordeste.

Cyrus e seus amigos permaneceram uma hora no topo da montanha. Dessa maneira, puderam apreciar perfeitamente o aspecto geral da ilha, escapando apenas às investigações deles o terreno escondido debaixo do imenso verde, as encostas dos vales sombrios e o interior das gargantas estreitas cavadas ao pé do vulcão.

Em toda a ilha não havia vestígio de obra humana, nem aglomeração de casas ou até mesmo uma cabana isolada ou pescaria no litoral. No ar não se elevava fumaça alguma que traísse a presença do homem.

Os exploradores estavam distantes dos pontos extremos da ilha, quer dizer, da parte da ilha em forma de cauda que se projetava a sudoeste e de onde seria difícil descobrir uma habitação. Por outro lado, também não podiam arrancar o véu de natureza que encobria três quartos da ilha e ver se escondia ou não alguma aldeia.

Mas seria, pelo menos, frequentada ocasionalmente pelos nativos das ilhas vizinhas? Era difícil responder a essa pergunta. Não se avistava nenhuma terra num raio de oitenta quilômetros. Mas essa distância podia ser facilmente transposta quer pelos praos malaaios quer pelas imensas pirogas polinésias. Tudo dependia, pois, da localização da ilha, isto é, do seu isolamento no meio do Pacífico ou da sua proximidade dos arquipélagos.

Poder-se-ia mais tarde calcular a sua posição em latitude e longitude? Era difícil. Mas, em todo caso, era conveniente que tomassem algumas precauções contra a possível invasão de indígenas vizinhos.

A exploração da ilha estava acabada, sua configuração determinada, suas desigualdades de terreno conhecidas, sua extensão calculada, sua orografia e hidrografia reconhecidas. A disposição das florestas e planícies tinha sido indicada de maneira geral no caderno do repórter. Faltava tornar a descer o declive da montanha e explorar o solo sob o tríplice ponto de vista dos seus recursos minerais, vegetais e animais.

Cyrus, antes de dar o sinal de partida, disse, com voz grave e pausada, para os companheiros:

— Eis aqui, meus amigos, o pedaço de terra onde a mão do Todo-Poderoso nos lançou. Aqui deveremos viver por muito tempo. Talvez algum socorro inesperado, como um navio que passe por acaso, venha salvar-nos. Digo talvez porque esta ilha é bem pouco importante e não tem um único porto que possa servir de abrigo aos navios. Além disso, pode-se supor que ela esteja fora da rota ordinária dos navios que frequentam os arquipélagos do Pacífico, pois está muito ao sul. E aqueles que se dirigem para a Austrália, dobrando o cabo Horne, ela está muito ao norte. Não quero, pois, ocultar-lhes a nossa verdadeira situação.

— O senhor tem razão — respondeu Gideon. — Somos todos homens corajosos que têm toda confiança no senhor. Pode contar conosco para qualquer coisa, não é, meus amigos?

— Eu lhe obedecerei em tudo, sr. Cyrus — disse Harbert, agarrando a mão do engenheiro.

— Meu amo sempre e em toda parte! — exclamou Nab.

— Quanto a mim — disse o marinheiro —, que eu perca meu nome se me negar a qualquer coisa. Se o senhor quiser transformar essa ilha numa pequena América, assim o faremos. Levantaremos cidades, construiremos estradas de ferro, instalaremos um telégrafo e um belo dia, quando ela estiver habitável, vamos oferecê-la ao governo da União! Mas peço apenas uma

coisa.

— O que é? — perguntou o repórter.

— Que não nos consideremos mais como náufragos e sim como colonizadores.

Cyrus não pôde deixar de sorrir e, tendo sido aceita a proposta de Pencroft, este agradeceu aos companheiros dizendo que contava com o auxílio divino e com sua energia.

— Vamos! De volta para as cavernas — disse Pencroft.

— Esperem um instante, meus amigos — respondeu o engenheiro. — Acho que devemos dar um nome a esta ilha, bem como aos cabos, promontórios e rios que encontrarmos.

— Muito bem — disse o repórter. — Isso simplificará, no futuro, as instruções que precisarmos dar ou seguir.

— As cavernas, por exemplo — propôs Harbert —, serão chamadas de Chaminés. Concorde, sr. Cyrus?

— Ótimo — respondeu o engenheiro.

— Para os acidentes geográficos, eu preferiria que tirássemos nomes da nossa pátria — propôs o repórter —, pois assim nos lembrariamos sempre dela.

— Admito isso — disse Cyrus — para os principais acidentes. Chamemos à vasta baía de leste de baía da União, à do sul, de baía Washington, ao monte onde estamos, de monte Franklin, ao lago que se estende diante de nossos olhos, de lago Grant. Esses nomes nos farão lembrar nosso país e os grandes homens que o honraram. Mas, para os rios, golfos, cabos e promontórios, escolhamos denominações que lembrem a configuração de cada um deles. Elas se fixarão melhor em nossa cabeça e será bem mais prático. A forma da ilha é bastante estranha para que possamos imaginar um nome que lhe sirva. Quanto aos rios que ainda não conhecemos e que só descobriremos quando explorarmos a floresta, bem como as angras que descobriremos, batizaremos à medida que os formos encontrando. Que acham vocês?

A proposta do engenheiro foi aceita por todos e Spillet foi encarregado de tomar nota dos nomes escolhidos.

— Agora — disse o repórter —, proponho que se dê o nome de Serpentina à península que se projeta a sudoeste da ilha e o de Réptil à cauda recurvada que a termina.

— Aprovado — disse o engenheiro.

— Ao golfo que parece tanto uma queixada aberta, chamaremos de golfo

do Tubarão — propôs Harbert.

— Muito bem lembrado — exclamou Pencroft —, e completaremos o cenário chamando de cabo Mandíbula às duas partes da queixada.

— Mas é preciso notar que há dois cabos — observou o repórter.

— Bem, serão cabo Mandíbula norte e cabo Mandíbula sul.

— Anotado — disse Spillet.

— Falta-nos arranjar um nome para a ponta, na extremidade sudoeste da ilha.

— O senhor quer dizer a extremidade da baía União — corrigiu Harbert.

— Cabo Garra — exclamou Nab, que também queria ser padrinho de algum pedaço do seu domínio.

E na verdade escolhera nome bem apropriado. O cabo tinha o formato de uma garra de um animal fantástico.

Ao rio que lhes fornecia água, perto do qual os havia lançado o balão, deram o nome de Providência. À ilhota onde primeiro puseram os pés, chamaram de Salvação. Ao platô que coroava a alta muralha de granito, acima da Chaminé, de onde podiam ver toda a baía, chamaram de Vista Grande. E ao maciço impenetrável de bosques, que cobria a península Serpentina, chamaram de floresta do Faroeste.

Terminaram, assim, de escolher a nomenclatura das partes visíveis e conhecidas da ilha. Foi quando Pencroft exclamou:

— Nós somos uns estouvados!

— Por quê? — perguntou Gideon, que tinha fechado seu caderno e preparava-se para partir.

— Não nos esquecemos de batizar nossa ilha?

Harbert ia propor que lhe dessem o nome do engenheiro, o que todos teriam aprovado, quando Cyrus simplesmente disse:

— Vamos dar-lhe o nome de um grande cidadão, que luta nesse momento em defesa da unidade da república americana. Vamos chamá-la de Lincoln!

Três valentes urras foram a resposta à proposta do engenheiro.

Isso tudo acontecia no dia 30 de março de 1865. Nenhum deles imaginava que dezesseis dias depois um crime terrível seria cometido em Washington. Na Quinta-Feira Santa Abraham Lincoln seria assassinado pela bala de um fanático.

Os colonos da ilha Lincoln lançaram um último olhar em volta de si mesmos e, meia hora depois, estavam no primeiro platô, onde tinham acampado na noite anterior.

Naquele momento, o engenheiro deu corda ao seu relógio. Calculando pela altura do sol que deviam ser nove horas da manhã, pôs os ponteiros nessa posição. Gideon Spillet ia fazer o mesmo quando Cyrus impediu-o, dizendo:

— Não faça isso, meu caro Spillet. Você conservou a hora de Richmond?

— Conservei.

— Portanto, seu relógio está regulado pelo meridiano daquela cidade, que é mais ou menos da cidade de Washington.

— Sem dúvida.

— Pois bem, mantenha-o assim. Limite-se apenas a dar corda, sem mexer nos seus ponteiros. Isso talvez nos venha a ser útil.

Depois disso almoçaram tão bem que toda a reserva de caça e amêndoas foi consumida. Mas Pencroft nem se preocupou com isso, contando reabastecer-se no caminho. Top, cuja ração fora pequena, saberia encontrar caça no bosque. Por outro lado, o marinheiro pensava pedir ao engenheiro que fabricasse um pouco de pólvora, uma ou duas espingardas, achando que isso não seria muito difícil.

Abandonando o platô, Cyrus propôs aos companheiros seguirem novo caminho ao voltarem para casa. Desejava tornar a ver o lago Grant, tão magnificamente emoldurado pelas árvores. Seguiram então pela aresta sinuosa de um dos contrafortes, entre os quais o rio que alimentava o lago devia ter sua nascente. Conversando, os colonos só empregavam os nomes

que tinham acabado de escolher para os acidentes geográficos e isso facilitava muito a troca de ideias.

Tinha-se combinado que, embora não precisassem andar muito juntos, não se distanciariam demasiado uns dos outros, pois, sendo quase certo que as densas florestas da ilha eram habitadas por animais ferozes, era prudente que eles se acautelassem. O engenheiro andava calado, não se afastando do caminho a não ser para apanhar aqui e ali alguma substância vegetal ou mineral, que metia no bolso, sem nenhum comentário.

— O que estará ele apanhando? — murmurava Pencroft. — Por mais que olhe não vejo nada que valha a pena guardar.

Às dez horas, descia a pequena caravana até as últimas rampas do monte Franklin. Cyrus já pensava poder atingir sem incidentes o rio, que na sua opinião corria entre as árvores, no extremo da planície, quando viu Harbert voltar precipitadamente.

— O que há de novo? — perguntou Gideon.

— Fumaça! Vimos uma coluna de fogo que escapava entre os rochedos, a cem passos de distância.

— Será que há homens nesse lugar? — exclamou o jornalista.

— Evitemos aparecer antes de sabermos com quem nos defrontaremos. Se há nativos na ilha, tenho mais medo deles do que desejo de encontrá-los. Onde está Top?

— Vai à frente.

— E não está latindo?

— Não.

— É estranho. Em todo caso, é melhor chamá-lo.

Instantes depois, o engenheiro, Harbert e Gideon juntaram-se aos dois outros companheiros e esconderam-se atrás dos rochedos de basalto. Dali divisaram distintamente uma pequena coluna de fumaça que se elevava nos ares, rodopiando, de cor amarela muito característica. Top, chamado pelo assobio do dono, veio logo, e este, pedindo aos companheiros que o esperassem, deslizou entre os rochedos. Os colonos, imóveis, esperavam ansiosos o resultado da exploração quando Cyrus os chamou. Logo se reuniram a ele e ficaram surpreendidos com o cheiro desagradável que impregnava a atmosfera. Aquele odor, que facilmente se reconhecia, era suficiente para o engenheiro adivinhar de onde provinha a fumaça que a princípio tanto os tinha inquietado.

— A natureza é a única responsável pela fumaça — disse Cyrus. — Ali

existe uma fonte sulfurosa que servirá para curar nossas laringites.

— Que pena eu não estar resfriado! — exclamou Pencroft.

Os colonos dirigiram-se para o lugar de onde saía a fumaça e viram ali uma nascente sulfurosa sódica, que corria abundante entre os rochedos. Essas águas exalavam um cheiro fortíssimo de ácido sulfídrico, depois de terem absorvido o oxigênio do ar. Cyrus meteu a mão na água e notou que era oleosa. Provando-a, achou que tinha sabor bastante adocicado. Calculou que sua temperatura devia ser de 35 graus centígrados. E, como Harbert perguntasse em que baseava seus cálculos, disse:

— É simples. Quando mergulhei a mão na água não senti nem sensação de frio nem de calor, o que prova que ela está na temperatura do corpo humano.

Mas, como a nascente sulfurosa não oferecesse utilidade real, os colonos dirigiram-se para a floresta que estava a poucos passos de distância. Como haviam presumido, o rio ali espraíava suas águas vivas e límpidas entre as escarpadas margens de barro vermelho, cor que indicava a presença do óxido de ferro e que fez com que lhe dessem o nome de rio Vermelho. Era largo, profundo e límpido, metade rio, metade torrente, correndo pacificamente sobre a areia em alguns lugares, encrespando-se de encontro às rochas ou precipitando-se em cascata em outros. Corria dali até o lago, numa extensão de quilômetro e meio, tendo nove a doze metros de largura.

Naquela época do ano, começo de abril, que corresponde naquele hemisfério ao nosso mês de outubro, começo do outono, a folhagem das árvores ainda não havia caído. Predominavam as casuarinas e os eucaliptos, alguns dos quais, na primavera, deviam fornecer maná adocicado, muito semelhante ao maná do oriente. Havia também cedros australianos nas clareiras. Entretanto, os coqueiros, tão abundantes nos arquipélagos do Pacífico, pareciam inexistir naquela ilha.

De repente, do meio da mata, surgiu um estranho concerto de vozes discordantes. Os colonos ouviram sucessivamente vozes de aves, gritos de quadrúpedes e uma espécie de estalos, que se poderia supor serem produzidos pela boca de algum nativo. Nab e Harbert, esquecendo-se dos princípios mais elementares de prudência, embrenharam-se entre as moitas. Felizmente, ali não havia feras terríveis ou indígenas perigosos e sim apenas meia dúzia de aves zombeteiras e cantoras, conhecidas como faisões das montanhas. Alguns golpes bem dados puseram fim àquela gritaria e forneceram aos colonos um bom jantar.

Harbert chamou a atenção de seus amigos para magníficos pombos de asas

bronzeadas. Embora tentassem alcançá-los, não o conseguiram, nem tampouco a vários corvos e pegas que fugiam em bandos. Um tiro de chumbo teria provocado enorme estrago, mas eles tinham apenas pedra e pau, armas bem primitivas que deixavam muito a desejar!

A insuficiência dessas armas ficou ainda mais patente com o aparecimento de um bando de quadrúpedes, que saltava, dando pulos de nove metros, verdadeiros mamíferos voadores, escondendo-se, depois, em cima das árvores, com tanta ligeireza e a tal altura que pareciam saltar de uma árvore para outra com a agilidade de esquilos.

— São cangurus! — exclamou Harbert.

— Servem para comer? — perguntou Pencroft.

— Assados — disse o repórter —, se igualam à melhor caça.

O marinheiro, Nab e Harbert tinham ido atrás dos cangurus. Depois de cinco minutos de corrida, os caçadores estavam exaustos e os animais haviam desaparecido na floresta. Top tinha sido tão infeliz quanto os colonos. Quando o engenheiro e o repórter se aproximaram deles, Pencroft disse:

— Sr. Cyrus, é indispensável fabricarmos espingardas. Isso será possível?

— Talvez. Mas comecemos por fabricar arcos e flechas. Estou convencido de que dentro de pouco tempo vocês os manejarão tão bem quanto qualquer caçador australiano.

Enquanto isso, Top, compreendendo que seu próprio interesse estava em jogo, farejava tudo com o faro apurado pela fome. Era bem provável que se alguma caça lhe caísse nos dentes não sobrasse nada para os colonos. Top caçava por conta própria, mas Nab o seguia. Por volta das três horas, o cão desapareceu atrás de algumas moitas, e alguns grunhidos, que se ouviram depois, indicavam que ele estava empenhado em lutar com algum animal. Nab dirigiu-se para o local de onde vinham os sons estranhos e viu Top comendo com avidez um quadrúpede. Mas, felizmente, o cachorro atacara uma ninhada daqueles bichos e conseguira matar três. Os outros dois jaziam mortos no chão.

Nab reapareceu triunfante, trazendo em cada uma das mãos um roedor, maior do que uma lebre, de pelo amarelado, com manchas esverdeadas e cauda muito pequena. Os caçadores logo verificaram que eram marás, espécie de cutias, um pouco maiores que seus congêneres das regiões tropicais, verdadeiros coelhos.

— Urra! — exclamou Pencroft. — Agora já podemos voltar para casa.

As águas do rio Vermelho corriam límpidas sob a abóbada de casuarinas,

gumíferas gigantes e líliáceas soberbas, que atingiam a altura de seis metros. Havia, ainda, outras espécies de árvores, desconhecidas, que cresciam debruçadas sobre o riacho que se ouvia passar debaixo daquele verde. Entretanto, o fio ia se alargando sensivelmente. Ao saírem de espesso maciço de árvores, chegaram à embocadura, na margem ocidental do lago Grant. A leste, através de uma cortina de verdura pitorescamente levantada em alguns lugares, via-se deslumbrante horizonte de mar. Ao norte, o lago fazia uma curva ligeiramente côncava, que criava perfeito contraste com o desenho agudo de sua ponta inferior. As águas eram doces e límpidas. Por certos borbulhos e círculos concêntricos, que se cruzavam na superfície, via-se que o lago devia ter peixes em abundância.

— É realmente admirável esse lago — observou Gideon. — Poder-se-ia viver muito bem nas suas margens.

— E viveremos! — afirmou Cyrus Smith.

Os colonos, querendo retornar para a Chaminé pelo caminho mais curto, desceram até o ângulo formado ao sul pela junção das margens do lago. Com muito esforço, conseguiram abrir caminho entre as árvores da floresta, que, sem dúvida, nunca tinham sido tocadas pela mão humana. Dirigiram-se para o litoral para chegar à parte norte do platô da Vista Grande. Andaram três quilômetros nessa direção e depois da última cortina de árvores apareceu o platô, atapetado de grama, e mais além o infinito mar. Para chegar à Chaminé, seria suficiente atravessar obliquamente o platô, num percurso de 1.600 metros, e descer até o cotovelo formado pelo rio Providência. Mas, como o engenheiro desejava conhecer como e por onde se escoava o excesso das águas do lago, continuaram a exploração sob as árvores, numa distância de mais de dois quilômetros para o norte.

Com efeito, deveria haver um escoadouro e era quase certo que estava entre alguma fenda do granito. Afinal, o lago era apenas uma cova imensa que se enchia pouco a pouco pela vazão do rio e era evidente que o excesso de água que recebia devia dar para o mar. O engenheiro tinha esperanças de aproveitar aquela provável queda-d'água, utilizando sua força até então desperdiçada. Com essa intenção, continuaram seguindo as margens do lago Grant e subiram ao platô. Depois de já terem andado dois quilômetros naquela direção, sem encontrar o escoadouro, Cyrus resolveu voltar para que o jantar pudesse ser preparado, pois já eram quatro horas.

Depois de aceso o fogo, Nab e Pencroft, que exerciam as funções de cozinheiro, prepararam, com a maior rapidez possível, as cutias assadas.

Depois da refeição, muito apreciada por todos, foram se deitar. Nesse momento, Cyrus tirou do bolso várias espécies de minerais e limitou-se a dizer:

— Meus amigos, isto é minério de ferro, isto é pirite, isto é argila e isto é carvão. Eis o que nos dá a natureza. Amanhã cuidaremos do nosso futuro.

— **E** agora, sr. Cyrus, por onde devemos começar? — perguntou Pencroft no dia seguinte.

— Pelo princípio.

Realmente era bem pelo princípio que os colonos deviam começar, pois não possuíam o material necessário para fabricar utensílios. O tempo lhes era pouco, pois precisavam, com urgência, prover as necessidades de subsistência. Aproveitando a experiência adquirida, não precisavam inventar, mas apenas fabricar. O ferro e o aço ainda estavam em estado de minério, o tijolo em estado de argila e as roupas em estado de matérias têxteis.

Gideon Spillet, repórter inteligentíssimo, homem que estudara e que entendia de tudo, deveria contribuir manual e intelectualmente para a colonização da ilha. Não recuaria diante de nenhum obstáculo. Caçador entusiasta, aceitaria como trabalho o que até então fora para ele simples divertimento. Harbert, já bastante instruído em ciências naturais era, também, auxiliar indispensável. Nab era a dedicação personificada. Esperto, inteligente, resistente, com saúde de ferro, entendia um pouco de trabalhos de forja. Não podia deixar de ser útil à colônia. Quanto a Pencroft, havia navegado em todos os oceanos. Como homem do mar, sabia fazer de tudo.

Seria difícil reunir cinco homens tão capazes para lutar contra a sorte.

Quando Cyrus dissera que precisavam começar pelo princípio, referia-se à necessidade da construção de um aparelho que servisse para a transformação das substâncias naturais. Como se sabe, o calor desempenha papel importante nessas operações. Ora, o combustível, lenha e carvão de pedra, podiam ser utilizados logo, mas seria necessário construir um forno para esse fim.

— Para que serve o forno? — perguntou Pencroft.

— Para fabricar a louça da qual necessitamos.

— E com que faremos o forno?

— Com tijolos.

— E os tijolos?

— Com argila. Agora, ao trabalho! Para evitar termos que nos deslocar devemos instalar a oficina no mesmo lugar da produção. Nab trará as provisões. Não há de faltar fogo para cozinarmos.

— Se ao menos tivéssemos uma faca! — exclamou o marinheiro.

— Para quê? — perguntou Cyrus.

— Faria um arco e flecha, e caça não nos faltaria! — respondeu Pencroft.

— Uma faca, uma lâmina cortante — disse o engenheiro, falando consigo mesmo.

No mesmo instante olhou Top, que passeava na praia.

— Aqui, Top! — chamou.

O cão atendeu ao dono, que, segurando sua cabeça entre as mãos, desapertou a coleira que ele trazia e, partindo-a em dois pedaços, entregou-os a Pencroft, dizendo:

— Aqui estão duas facas.

A coleira de Top era feita de uma lâmina fina de aço temperado. Bastava amolar para aparecer o gume e depois afiar em pedra mais fina. Como havia abundância de pedra na região, duas horas depois os colonos já tinham duas boas facas com fortes cabos.

Partiram, afinal. Cyrus pretendia voltar à margem ocidental do lago onde, na véspera, havia encontrado terra argilosa. Seguiram, então pela margem do Providência, atravessaram o platô Vista Grande e, depois de caminharem oito quilômetros, chegaram a uma clareira que ficava à distância de duzentos passos do lago Grant. Harbert, enquanto caminhava, descobriu algumas árvores que os índios da América costumam usar para fabricar arcos. Eram árvores da família das palmeiras, que não dão frutos comestíveis. Cortaram os ramos mais compridos e em bom estado, tiraram-lhes as folhas, afinaram-lhes as extremidades. Só lhes faltava encontrar uma planta adequada para fazer a corda do arco. Finalmente, conseguiram achar uma espécie, pertencente à família das malváceas, cujas fibras eram tão rijas que podiam ser comparadas a tendões de animais. Pencroft conseguiu, assim, arcos de tamanho razoável. Arranjou flechas utilizando ramos retos e rijos, sem nós. Mas não seria fácil encontrar substância para substituir o ferro, que devia ser

colocado na ponta das flechas. O marinheiro resolveu confiar na sorte e não se preocupou.

Os colonos tinham chegado ao terreno reconhecido na véspera, que era composto de argila propícia para fazer tijolos e telhas. Era portanto o de que eles precisavam. Bastaria desgordurar a argila com um pouco de areia, moldar os tijolos e cozê-los em fogo de lenha. Em geral usam-se moldes para fazer os tijolos, mas Cyrus teve que fazê-los à mão, ocupando nesse trabalho aquele dia e mais o seguinte. A argila molhada e amassada foi dividida em blocos iguais. Um trabalhador especializado podia fazer, sem máquina, até dez mil tijolos em doze horas, mas os tijoleiros da ilha Lincoln, nos dois dias de trabalho, conseguiram fazer apenas três mil tijolos, que colocaram juntos uns dos outros, até que estivessem bem secos para ser cozidos, o que levaria de três a quatro dias.

Foi no dia 2 de abril que Cyrus tratou de fixar a orientação da ilha. Na véspera tinha tomado nota exata da hora em que o sol tinha desaparecido no horizonte, levando em conta a refração. Na manhã do dia 2, precisou a hora em que ele reapareceu e viu que tinham decorrido doze horas e 24 minutos entre o pôr do sol e o seu nascer. Portanto, seis horas e doze minutos depois de nascer, o sol, naquele dia, passaria pelo meridiano. O ponto que ele ocupasse naquela ocasião deveria ser o norte. Na hora calculada, Cyrus marcou aquele ponto e, com o auxílio de duas árvores que lhe serviriam de ponto de referência, obteve um meridiano invariável para seus cálculos posteriores.

Durante os dois dias que esperaram para cozer os tijolos, trataram de armazenar lenha. Vários galhos foram cortados e os encontrados caídos eram recolhidos. Também não se descuidaram de caçar nos arredores, ainda mais por Pencroft ter flechas de pontas afiadas, pois Top caçara um porco-espinho cujas agulhas serviram para fazer as pontas. Além dos espinhos, os colonos prenderam penas de cacatuas nas flechas, para assegurar a direção desejada. Em pouco tempo, Pencroft e o repórter tornaram-se ótimos atiradores e nunca mais faltou caça de pelo ou pena.

Durante alguns dias os colonos não melhoraram a Chaminé porque Cyrus pretendia encontrar moradia mais confortável. Limitaram-se apenas a espalhar sobre a areia dos corredores musgos e folhas secas. Nessas camas, os trabalhadores cansados dormiam profundamente.

No dia 6 de abril, ao despontar a manhã, o engenheiro e seus amigos encontravam-se reunidos na clareira, no lugar onde deviam fazer os tijolos.

Naturalmente a operação devia ser feita ao ar livre. A própria aglomeração dos tijolos formaria o forno de cozimento. O combustível, em feixes bem preparados, foi posto no chão, e em volta colocaram-se várias ordens de tijolos secos que dali a pouco formavam grande cubo, no qual foram deixados alguns respiradouros. O cozimento durou 48 horas e foi coroado de êxito.

Nab e Pencroft, guiados por Cyrus, aproveitaram o tempo carregando, numa esteira feita de vimes entrelaçados, imensas quantidades de carbonato de cal, pedra muito comum que se encontrava com abundância ao norte do lago. Essas pedras, decompondo-se com o calor, davam cal viva, tão pura como se tivesse sido produzida pela calcinação do mármore ou do giz. Misturada com areia, obtinha-se uma argamassa excelente.

Finalmente, no dia 9 de abril o engenheiro tinha à sua disposição certa quantidade de cal preparada e alguns milhares de tijolos. Começara, pois, sem perda de tempo, a construção de um forno que deveria servir para o fabrico da louça de que tanto necessitavam. Cinco dias depois, já enchiam o forno com carvão de pedra, tirado da jazida descoberta por Cyrus na embocadura do rio vermelho. Dali a pouco já se via sair fumaça pela chaminé de seis metros de altura.

A primeira coisa que os colonos fabricaram foi louça comum, própria para cozinhar. A matéria-prima usada foi argila, à qual Cyrus juntou um pouco de cal e de quartzo, com a qual fizeram potes, xícaras, pratos, jarras para água e outros utensílios. A forma desses objetos era torta e defeituosa, mas depois de cozidos serviam muito para a cozinha e foram de tanta utilidade quanto seriam os mesmos objetos bem-feitos e de porcelana.

Pencroft fabricou alguns cachimbos, embora grosseiros. Faltava, porém, o fumo, o que era verdadeiro suplício para ele.

Esses trabalhos ocuparam os colonos até o dia 15 de abril. O dia seguinte seria domingo de Páscoa. Decidiram descansar. Todos eles eram homens religiosos, seguidores dos preceitos da Bíblia, e a situação na qual se encontravam fazia-os cada vez ter maior confiança no autor de todas as coisas.

Na tarde de 15 de abril, os colonos voltaram definitivamente para a Chaminé, levando o resto da louça. O forno foi apagado, esperando novo destino. Essa volta, aliás, foi assinalada pela feliz descoberta que o engenheiro fez de substância para substituir a isca, a qual era esponjosa e macia e provinha de certos cogumelos do gênero políporo. Convenientemente preparada, é muito inflamável, sobretudo se antes tiver sido saturada de

pólvora e fervida em solução de nitrato ou clorato de potassa.

Mas até então os colonos não tinham encontrado nenhum dos tais políporos, nem mesmo alguma outra espécie de cogumelo que pudesse substituí-los. Naquele dia, porém, o engenheiro tinha notado uma planta pertencente ao gênero artemisa, cujas espécies principais são o absinto, a erva-cidreira e o estragão. Arrancando alguns galhos delas, disse para Pencroft:

— Aqui está uma coisa que vai dar-lhe muita satisfação.

O marinheiro analisou com toda a atenção a planta, coberta de pelos compridos e sedosos e cujas folhas eram revestidas de penugem que parecia algodão.

— O que é isso, sr. Cyrus? — perguntou. — Louvado seja Deus! Será tabaco?

— Não, é artemisa. Mas para nós será isca!

E, com efeito, aquela artemisa, depois de preparada convenientemente, tornou-se substância bastante inflamável. E ficou mais ainda quando o engenheiro impregnou-a de nitrato de potassa, abundante na ilha e que não é outra coisa senão salitre.

Naquela noite, todos os colonos reunidos no corredor central cearam admiravelmente. Acabada a refeição, Cyrus e os amigos foram até a praia tomar um pouco de ar. Eram oito horas e a noite prometia ser magnífica. A lua, que cinco dias antes tinha sido cheia, ainda não aparecera, mas o horizonte já se prateava com aquela gradação de cores que bem se pode chamar de aurora lunar. Brilhavam no zênite austral as constelações circumpolares e entre todas destacava-se a que o engenheiro dias antes havia chamado de Cruzeiro do Sul. Cyrus observou durante algum tempo aquela constelação que tem no cimo e na base duas estrelas de primeira grandeza, no braço esquerdo uma de segunda e no braço direito uma de terceira.

— Se não me engano — disse Cyrus —, amanhã será um dos quatro dias do ano em que o tempo verdadeiro se confunde com o tempo médio. Quer dizer que amanhã, com diferença de alguns segundos, o sol há de passar no meridiano, justamente ao meio-dia dos relógios. Portanto, se o tempo estiver bom, hei de obter a longitude da ilha.

— Sem instrumentos? — perguntou Spillet.

— Sim. E, como a noite está limpa, vou fazer providências hoje mesmo para obter a nossa latitude, calculando a altura do Cruzeiro do Sul, quer dizer, do polo austral, acima do horizonte. Vocês devem compreender, meus

amigos, que antes de empreendermos trabalhos mais sérios de instalações devemos verificar a que distância esta ilha está do continente americano, do australiano ou dos arquipélagos do Pacífico.

— Realmente — disse o repórter —, talvez ganhemos mais construindo um barco do que uma casa, se descobrirmos que estamos apenas a algumas centenas de quilômetros de uma costa habitada.

— Por isso mesmo — respondeu Cyrus — vou esta noite tentar obter a latitude da ilha Lincoln e amanhã ao meio-dia tratarei de calcular a longitude.

Se o engenheiro possuísse sextante, aparelho que permite medir com precisão a distância angular dos objetos pela reflexão, a operação não seria difícil e naquela noite, pela altura do polo e, no dia seguinte, pela passagem do sol no meridiano, teria obtido as coordenadas da ilha. Mas, como tal instrumento lhe faltava, era preciso substituí-lo. Cyrus voltou à Chaminé. Com a fraca luz da lareira, conseguiu talhar duas pequenas réguas chatas e juntou-as numa das extremidades, de maneira a formar uma espécie de compasso, cujas pernas pudesse afastar-se ou aproximar-se, sendo o eixo de junção feito com um grande espinho de acácia, que o engenheiro achara entre a lenha seca da fogueira. Terminado o instrumento, voltou para a praia. Mas, como era preciso medir a altura do polo em horizonte claramente desenhado, como o do mar, e o cabo Garra lhe escondia o horizonte ao sul, precisou se posicionar de maneira mais adequada. O melhor seria ficar no litoral diretamente exposto ao sul, mas precisaria atravessar o Providência, o que, naquele momento, era impossível, visto que estava muito profundo. Em consequência disso, Cyrus resolveu fazer suas observações do platô Vista Grande, não se esquecendo da longitude, que tencionava no dia seguinte calcular, por simples método de geometria elementar.

Seguiram, pois, todos os colonos para o Vista Grande, subindo pela margem esquerda do Providência, e foram colocar-se no lado que ia de noroeste a sudeste.

Nenhum obstáculo tolhia a vista do observador, que abrangia o horizonte em semicircunferência. O Cruzeiro do Sul apresentava-se, naquele momento, em posição inteiramente invertida, a estrela Alfa marcando a base da constelação, que é a parte mais próxima do polo austral. A constelação não fica tão perto do polo antártico como a estrela Polar está do polo ártico. A estrela Alfa dista cerca de 26 graus do polo, mas Cyrus estava ciente e levaria em conta para fazer o seu cálculo. Teve, também, o cuidado de observá-la no momento em que passava pelo meridiano, abaixo do polo, o que simplificaria

a sua operação. Smith direcionou uma das pernas do seu compasso de madeira para o horizonte do mar e a outra para a Alfa, como teria feito com as lentes de um círculo repetidor, e a abertura que ficou entre as duas pernas indicou-lhe a distância angular que separava a Alfa do horizonte. A fim de fixar de maneira imutável o ângulo obtido, pregou com espinhos as duas réguas do aparelho sobre uma terceira colocada transversalmente. Feito isso, faltava apenas calcular o ângulo obtido, reduzindo a observação ao nível do mar. E para isso precisava calcular a altura do platô. O cálculo do ângulo daria a altura da Alfa e, por consequência, a do polo acima do horizonte, que era a latitude da ilha, pois a latitude de um ponto da terra é sempre igual à altura do polo acima do horizonte desse ponto.

Esses cálculos foram deixados para o dia seguinte e às dez horas todos dormiam profundamente.

No dia seguinte, 16 de abril, domingo de Páscoa, os colonos saíram da Chaminé ao nascer do dia, e foram lavar suas roupas. O engenheiro tencionava fabricar sabão logo que conseguisse as matérias-primas essenciais, como soda, potassa e gordura ou óleo qualquer.

O sol, levantando-se no horizonte limpo, anunciava um dia magnífico. O dia era então propício para completar os elementos obtidos com a observação da véspera, medindo-se a altura do platô da Vista Grande.

— Não será necessário instrumento análogo ao que o senhor usou ontem, sr. Cyrus? — perguntou Harbert.

— Não, meu filho. Hoje vamos operar de maneira diferente, embora com a mesma precisão.

Cyrus munira-se com uma espécie de vara reta, com três metros e meio de comprimento, que ele próprio medira com toda a exatidão possível, comparando-a com a própria altura. Harbert levava um fio de prumo que Cyrus lhe entregara: uma pedra amarrada na extremidade de fibra flexível.

Tendo chegado a seis metros da beira da praia e a 150 da muralha de granito, perpendicularmente erguida diante deles, Cyrus enterrou sessenta centímetros da vara no chão e foi calcando a areia até conseguir que a vara ficasse perpendicular ao plano do horizonte, com o auxílio do fio de prumo. Realizada essa primeira parte da operação, o engenheiro recuou um pouco, deitou-se na areia e procurou atingir com seu raio visual a extremidade da vara e a crista da muralha. Marcando com uma estaca o ponto onde tivera a cabeça, disse para Harbert:

— Você conhece os princípios elementares de geometria?

— Um pouco — respondeu o rapaz.

— Lembra-se quais são as propriedades dos triângulos semelhantes?

— Eles têm os lados homólogos proporcionais.

— Pois bem, acabo de construir dois triângulos semelhantes, todos os dois retângulos. O primeiro, o menor, tem por lados a vara perpendicular e a distância que medeia entre a estaca e o pé da vara. E por hipotenusa, temos o meu raio visual. O segundo tem por catetos a altura da muralha, que é, exatamente, o que pretendemos medir, a distância entre a estaca e o pé da muralha. A sua hipotenusa é a do outro triângulo, prolongada.

— Já compreendi! Já compreendi! — exclamou Harbert. — A relação que há entre a distância da estaca à vara e a distância da estaca à base da muralha é igual à que deve existir entre a altura da vara e a da muralha.

— É isso mesmo. Assim, logo que tivermos medido as duas primeiras distâncias, uma vez que conhecemos a altura da vara, basta-nos resolver uma proporção para termos a altura da muralha sem ter o incômodo de medi-la diretamente.

Foram medidas as duas distâncias horizontais por meio da vara, cujo comprimento fora da areia era de exatos três metros. A primeira distância foi de quatro metros e meio, entre a cabeça da estaca e o ponto onde a vara se enterrava na areia. A segunda, entre a cabeça da estaca e a base da muralha, mediu 150 metros. Concluídas essas operações, Cyrus e Harbert voltaram para a Chaminé, onde o engenheiro, pegando numa pedra chata que trouxera de excursões anteriores, espécie de ardósia, na qual se podia escrever com uma pedra afiada, estabeleceu e resolveu a seguinte proporção:

$$4,50 : 150 : 3 : x$$

$$150 \times 3 = 450$$

$$4,50 = 100$$

$$4,50$$

Daí concluiu-se que a muralha media aproximadamente cem metros.

Feito isso, Cyrus pegou o compasso que fabricara na véspera, cujas duas pernas lhe davam a distância angular entre a estrela Alfa e o horizonte. Mediu, com a maior exatidão, a abertura do ângulo com uma circunferência que dividiu em 360 partes iguais. O ângulo assim medido, somado aos 27 graus que constituem a distância angular da Alfa com o polo antártico e tendo sido a altura do platô reduzida ao nível do mar, deu 53 graus. Subtraídos esses 53 graus de noventa — distância do polo ao equador —, restaram 37.

Desses cálculos, Cyrus concluiu que a ilha Lincoln devia estar situada a 37 graus de latitude austral, admitindo-se erro provável de cinco graus, entre o trigésimo-quinto e o quadragésimo paralelo.

Só faltava obter a longitude, mas era preciso esperar o meio-dia. Ficara resolvido que aquele domingo seria destinado à exploração da parte da ilha situada entre o norte do lago e o golfo do Tubarão. E, caso o tempo permitisse, fariam o reconhecimento até a costa setentrional do cabo Mandíbula sul. O almoço seria realizado nas dunas e regressariam à noite.

Às oito e meia da manhã, a pequena caravana já estava a caminho, seguindo pela borda do canal. A toda hora Cyrus consultava o relógio, a fim de poder fazer a observação solar ao meio-dia em ponto. Toda aquela porção da ilha, dali até a ponta que fechava a baía da União, que fora batizada com o nome de cabo Mandíbula sul, era muito árida. Encontravam-se apenas conchas e areia misturadas com restos de lavas. De aspecto muito triste, era apenas frequentada por algumas aves marítimas: gaivotas, albatrozes e alguns patos selvagens.

Os observadores estavam então a nove quilômetros e meio da Chaminé, não longe da parte das dunas onde fora encontrado o engenheiro, depois de ter se salvado de modo tão enigmático. Tendo parado um pouco, trataram de preparar o almoço, pois já eram onze e meia. Enquanto esses preparativos eram feitos, Cyrus organizava tudo para a sua observação astronômica. Escolheu na areia um lugar limpo, sem pedras, perfeitamente nivelado pela vazante. A areia naquele lugar era tão fina que o pedaço de praia estava liso como espelho. Isso pouco importava, como também não tinha importância que a vara de um metro e oitenta, enterrada por Cyrus, ficasse ou não perpendicular. Quando o engenheiro meteu a vara na areia, fez com que pendesse para o sul, lado oposto ao sol, pois os colonos da ilha Lincoln viam o astro radiante descrever o seu arco diurno acima do horizonte norte e não acima do horizonte sul, visto que a ilha se achava no hemisfério austral.

Só então Harbert compreendeu como Cyrus ia proceder para determinar o instante da passagem do sol pelo meridiano da ilha, isto é, o meio-dia do lugar. Era por meio da sombra projetada pela vara na areia que faria seus cálculos, na falta de instrumento próprio. No momento em que a sombra da vara atingisse o menor comprimento, deveria ser exatamente meio-dia e para determinar esse momento exato era necessário, apenas, acompanhar com os olhos, de relógio em punho, a extremidade da sombra e marcar com precisão o instante em que esta recomeçasse a aumentar. Pelo fato de ter inclinado a

vara para o lado oposto ao sol, Cyrus conseguira que a sombra ficasse mais comprida e por conseguinte seria mais fácil verificar as modificações dela. Realmente, quanto maior é um ponteiro de mostrador, mais facilmente podem-se observar suas modificações.

Cyrus, logo que julgou ter chegado o momento adequado para começar a observação, ajoelhou no chão e começou a marcar com palitos, que enterrava na areia, as sucessivas posições da extremidade da sombra. Todos os companheiros, inclinados, seguiam a observação com interesse. O repórter estava de cronômetro em punho, pronto para marcar a hora, logo que Cyrus desse o sinal. E não nos devemos esquecer que isso tudo se passava no dia 16 de abril, dia em que o tempo verdadeiro e o tempo médio são iguais. O relógio de Gideon marcava a hora de Washington, fato que simplificava o cálculo.

O sol, no entanto, ia caminhando lentamente. A sombra da vara ia diminuindo pouco a pouco. Quando Cyrus achou que a sombra recomeçava a aumentar, disse:

— Que horas são?

— Cinco e um minuto — respondeu prontamente o repórter.

Obtidas essas informações, só faltava fazer o cálculo, que era fácilimo. Como acabamos de ver, a diferença entre o meridiano de Washington e o da ilha Lincoln era de cinco horas. Ora, o sol, no seu movimento aparente em volta da terra, percorre um grau em quatro minutos, ou melhor, quinze graus por hora. Quinze multiplicado por cinco dão 75 graus. Por consequência, como a longitude de Washington é de 770 graus, três minutos e onze segundos, ou seja, desprezando frações, de 77 graus, pelo meridiano de Greenwich — que os americanos e ingleses tomam para ponto de partida das longitudes —, concluía-se que a ilha estava a 77, mais 75 graus a oeste do meridiano de Greenwich, isto é, a 152 graus de longitude oeste.

Cyrus deu esse resultado aos companheiros, ressaltando o desconto de possíveis erros de observação, como já fizera no caso da latitude. Acreditava poder afirmar que a ilha estava entre o trigésimo-quinto e o trigésimo-sétimo paralelo, entre 150 e 155 graus de longitude, a oeste do meridiano de Greenwich.

Portanto, o único erro que admitia era de cinco graus, nos dois sentidos, que poderia equivaler a um erro de 480 quilômetros em latitude ou longitude. Mas esse erro não deveria influir sobre a decisão a tomar. Era evidente que a ilha Lincoln, a tal distância de qualquer terra ou arquipélago, não poderia ser

abandonada em simples e frágil barco. Com efeito, os cálculos realizados colocavam a ilha a pelo menos dois mil quilômetros de Taiti e das ilhas do arquipélago das Pomotus, a mais de 2.800 quilômetros da Nova Zelândia, a mais de sete mil quilômetros da costa americana!

Por mais que se esforçasse, Cyrus não conseguia lembrar-se de nenhuma ilha que ficasse naquela parte do Pacífico, em situação correspondente à que haviam batizado de Lincoln.

No dia seguinte, 17 de abril, as primeiras palavras pronunciadas pelo marinheiro foram para Gideon Spillet:

— Então, o que faremos hoje?

— O que Cyrus quiser.

Até então haviam sido oleiros e fabricantes de utensílios. Agora deveriam ser metalúrgicos. Precisavam fabricar martelos, machados, enxós, serras, brocas, verrumas, plainas e procurar habitação mais confortável que a Chaminé para enfrentar os meses de inverno.

Em geral, não se encontram metais em estado de perfeita pureza. Na maioria das vezes eles estão misturados com oxigênio e enxofre. As amostras que Cyrus trouxera da excursão eram de ferro magnético não carbonatado e de sulfeto de ferro. O óxido de ferro deveria ser reduzido pelo carvão, isto é, seria preciso tirar-lhe o oxigênio para obter-se o ferro puro. Tal redução é atingida submetendo-se o minério, em presença do carvão, a elevada temperatura, seja pelo rápido e fácil método catalão, que tem a vantagem de transformar diretamente o minério em ferro, numa só operação, seja pelo método dos altos-fornos, que primeiro transforma o minério em ferro fundido e depois em ferro puro. Ora, Cyrus precisava de ferro puro e não de ferro fundido. Devia, pois, utilizar-se do método mais fácil de redução.

De mais a mais, o minério que Cyrus trouxera era muito puro e rico. Era oxidulado, que se encontra em massas confusas de cor pardo-escura e que fica negro quando reduzido a pó. Cristaliza-se em octaedros regulares, serve para a fabricação de ímãs naturais e para fazer ferramentas de primeira qualidade. Não longe da jazida de ferro magnético estavam as jazidas de

carvão de pedra, que os colonos já haviam começado a explorar. Essa proximidade facilitaria o aproveitamento do minério.

— Então, sr. Cyrus — perguntou Pencroft —, vamos extrair o tal minério de ferro?

— Sim, amigo. Mas, para podermos começar, precisamos ir até o ilhéu caçar algumas focas.

— Caçar focas! — exclamou o marinheiro, voltando-se para Gideon. — Para fabricar ferro?

— Já que Cyrus afirma... — respondeu o repórter.

Mas o engenheiro já saíra da Chaminé e Pencroft tratou de preparar-se para a caça, mesmo sem ter conseguido as explicações que queria. Dentro de pouco tempo, Cyrus, Harbert, Gideon, Nab e o marinheiro estavam reunidos num ponto da praia onde o canal era raso na maré baixa. Os caçadores conseguiram atravessar o canal com água pelos joelhos. Foram avançando, assim, em direção à ponta do norte, pisando no terreno crivado de tocas e ninhos de aves aquáticas.

No extremo da ilha apareciam, nadando, grandes pontos negros, como escolhos em movimento. Eram os anfíbios que eles procuravam capturar. Para isso, era preciso esperar que os animais viessem para terra, pois as focas, tendo bacia estreita, pelo raso e espesso e forma fusiforme, são excelentes nadadoras, difíceis de ser apanhadas no mar. Em terra, porém, os pés curtos e espalmados apenas lhes permitiam um movimento rastejante, lento.

Pencroft, que conhecia os hábitos dos anfíbios, aconselhou aos companheiros que esperassem os animais estenderem-se na areia, ao sol, pois o calor faria com que mergulhassem em profundo sono. Nessa ocasião seria fácil impedir-lhes a fuga e atacá-los de frente.

Uma hora se passou antes que as focas se decidissem a vir brincar na areia. Havia cerca de meia dúzia. Pencroft e Harbert foram para a ponta da ilhota, de maneira a poder bloquear a fuga das focas. Os outros caminharam, rastejando ao longo das rochas, tratando de alcançar disfarçadamente a futura arena do combate. De repente, todos viram levantar-se o marinheiro. Soltou um grito. O engenheiro e seus dois companheiros logo se precipitaram entre o mar e as focas. Duas delas, vigorosamente golpeadas, caíram mortas na areia, mas as outras alcançaram o mar e fugiram para longe.

— Eis as focas pedidas, sr. Cyrus — disse Pencroft.

— Bem, nós faremos dois bons foles de ferreiro!

Na realidade, o engenheiro pretendia fazer com a pele das focas uma

espécie de máquina de soprar, necessária para a preparação do minério. Os dois animais eram de tamanho médio, não passando de um metro e oitenta de comprimento. Pela forma da cabeça pareciam cães. Como fosse inútil carregar o peso daqueles animais, Nab e Pencroft resolveram esfolá-los ali mesmo, enquanto Cyrus e o repórter acabavam de explorar a ilha.

O marinheiro e o negro desincumbiram-se perfeitamente da tarefa. Dentro de três horas, Cyrus teve à sua disposição duas peles de foca, que pretendia utilizar no estado em que estavam, sem nem sequer tentar curti-las.

Não foi trabalho fácil estender as duas peles em caixilhos de madeira para que não encolhessem e enroscassem e depois cosê-las com fibras vegetais, dando-lhes a forma de foles, sem que o ar tivesse muito por onde escapar. Cyrus, dispondo apenas das duas lâminas de aço da coleira de Top, e com auxílio de seus amigos, foi bastante hábil e conseguiu completar em três dias a máquina de soprar, destinada a injetar ar no meio do minério, quando este fosse tratado pelo calor.

Segundo as observações que fizera, as jazidas estavam no sopé dos contrafortes do monte Franklin, isto é, a nove quilômetros e meio dali. Portanto, era inútil pensar em voltar todos os dias para a Chaminé, e todos concordaram em acampar numa choupana feita de ramos, para que não precisassem interromper o trabalho de dia ou de noite.

Esclarecidos todos esses pontos, partiram os colonos pela manhã. Nab e Pencroft arrastavam, com auxílio de uma esteira, a máquina de soprar e certa quantidade de alimentos vegetais e animais. Por volta das cinco da tarde, Cyrus deu o sinal de parada. Os colonos já estavam fora da floresta, nas raízes dos contrafortes do monte Franklin. A poucos passos dali corria o rio Vermelho. Organizaram o acampamento. Em menos de uma hora, construíram entre as árvores, na extremidade da floresta, uma choupana de ramos entrelaçados com trepadeiras e revestida com barro, abrigo suficiente para todos. Preparou-se a ceia, acendeu-se boa fogueira diante da choça, cozinhou-se um bom pedaço de carne e, às oito horas, todos dormiam, exceto um, que vigiava a fogueira, destinada a afugentar algum animal perigoso que andasse vagando por ali.

No dia seguinte, Cyrus marchou, em companhia de Harbert, em busca dos tais terrenos de formação primitiva, de onde já trouxera a amostra do minério. Em pouco tempo encontraram a jazida, à superfície do terreno, próxima da nascente do regato, ao pé da base lateral de um dos contrafortes de nordeste. O minério encontrado era riquíssimo em ferro e estava encerrado numa ganga

fusível e, portanto, prestava-se ao modo de redução que o engenheiro contava empregar, isto é, o catalão. O método referido exige construção de fornos e cadinhos, onde o minério e o carvão são colocados em camadas alternadas e reciprocamente se transformam e reduzem. Cyrus, porém, pretendia evitar tais construções, formando, com o minério e o carvão, uma simples massa cúbica, para cujo centro apontaria a corrente de ar do fole já construído.

A hulha e o minério foram recolhidos sem grande trabalho, a pequena distância e à superfície do terreno. Antes de começar a operação, o minério foi partido em pedaços e limpo, com as mãos, de várias impurezas. Em seguida, fez-se um monte de carvão e minério, dispostos em camadas sucessivas, como fazem os carvoeiros com as madeiras que querem queimar. Dessa maneira, o carvão, sob o influxo da corrente de ar projetada pela máquina de soprar, devia transformar-se primeiro em ácido carbônico e depois em óxido de carbono, elemento encarregado de reduzir o óxido de ferro, isto é, de tirar-lhe o oxigênio.

Assim procedeu o engenheiro. O fole de pelo de foca, guarnecido na extremidade com bico de barro refratário, fabricado no forno de louça, foi assentado junto ao monte de minério. O fole era movido por uma engrenagem cujos órgãos consistiam em caixilhos de madeira, cordas de fibras têxteis e contrapesos, e lançava na massa de minério uma provisão de ar que, ao passo que se elevava a temperatura, concorria simultaneamente para a transformação química de que saíria o ferro puro. A operação era difícil e exigia toda paciência e engenho. Conseguiram um pedaço de ferro esponjoso, que foi necessário bater, isto é, forjar, para separar do ferro a ganga derretida. É claro que faltava aos ferreiros improvisados o martelo, mas, afinal de contas, estavam nas mesmas condições que o primeiro forjador de metais e o que este fez eles também, provavelmente, fizeram.

O primeiro pedaço de ferro, mesmo por forjar, recebeu cabo e foi o martelo com que forjaram o segundo, numa bigorna de granito. Dessa maneira, logo conseguiram boa porção de metal, de qualidade secundária, mas utilizável. Enfim, depois de tantos esforços e trabalhos, no dia 25 de abril muitas barras já haviam sido forjadas e transformadas em ferramentas e utensílios.

Não era, porém, no estado de ferro puro que o metal elaborado podia prestar serviços grandes, e sim depois de transformado em aço, que é uma combinação de ferro e carvão, que se tira quer do ferro fundido, subtraindo-lhe certo excesso de carvão, quer do ferro puro, carbonando-o, a certo grau. A primeira dessas espécies de aço, obtida pela descarbonização do ferro

fundido, dá o aço natural. A segunda dá o aço de cementação. Portanto, Cyrus deveria tentar fabricar esse segundo tipo de aço, pois já possuía o ferro puro. Conseguiu isso aquecendo o metal em carvão em pó, num cadinho de barro refratário. Em seguida, trabalhou a martelo o aço assim obtido, que era maleável tanto a quente como a frio. Nab e Pencroft, sob as ordens do engenheiro, fabricaram alguns machados que, aquecidos até ficarem em brasa e mergulhados de repente em água fria, ficaram com excelente têmpera. Muitos outros instrumentos, todos grosseiramente moldados, como é de supor, foram assim fabricados, tais como plainas, fitas de aço para fazer serras, torqueses de carpinteiro e ainda ferros de alviões, picaretas, pás, martelos e pregos.

No dia 5 de maio estava terminado o primeiro período metalúrgico e os ferreiros voltavam à Chaminé.

Era o dia 6 de maio, que corresponde a 6 de novembro nas regiões do hemisfério boreal. O céu, havia já alguns dias, começava a toldar-se e era preciso tomar certas providências para o inverno. A temperatura, todavia, ainda não baixara sensivelmente. Em todo caso, se o frio ainda não se fazia sentir, a estação das chuvas já se aproximava. Era então fundamental pensar e resolver a questão de arranjar habitação mais abrigada e cômoda do que a Chaminé.

— Além disso — observou Cyrus Smith — temos que tomar certas precauções.

— Precauções por quê? A ilha não é habitada! — disse o jornalista.

— É provável que não seja, mas nós ainda não a exploramos toda. Se não existir aqui nenhum ser humano, no mínimo devem existir animais ferozes. Por causa disso, devemos procurar abrigo que nos livre de qualquer agressão possível. E, depois, convém prever sempre o pior. Lembrem-se de que estamos numa parte do Pacífico muito frequentada por piratas malaaios...

— Pois bem — respondeu Pencroft —, fortifiquemo-nos contra qualquer espécie de selvagens, quer de dois quer de quatro pés. Mas, sr. Cyrus, não seria razoável explorar toda a ilha antes de empreendermos qualquer coisa?

— Realmente, seria melhor — acrescentou Gideon. — Quem nos diz que na outra costa não encontraremos cavernas?

— Pode ser — retrucou o engenheiro —, mas vocês se esquecem de que precisamos nos estabelecer nas vizinhanças de um rio qualquer e que, de cima do monte Franklin, não vimos para o lado oeste nenhum regato? Pelo menos aqui ficamos entre o Providência e o lago Grant, vantagem que não

devemos desprezar. Sem falar que, esta costa, orientada para leste, não fica tão exposta quanto a outra aos ventos alíseos que neste hemisfério sopram de noroeste.

— Nesse caso, sr. Cyrus — disse o marinheiro —, o melhor é construirmos uma casa nas margens do lago.

— Sim, mas antes de tomarmos qualquer resolução convém procurar alguma habitação já preparada pela natureza, o que nos poupará trabalho e será abrigo mais seguro.

Saíram todos e procedeu-se à exploração, num raio de mais ou menos três quilômetros, com todo o cuidado. Mas a parede, toda lisa e reta, em lugar nenhum apresentava qualquer cavidade. Os próprios ninhos dos pombos bravos que voavam no cimo da penedia não passavam, na realidade, de buracos abertos na crista e na orla irregularmente recortada do granito.

Quando terminou a exploração, os colonos estavam juntos do ângulo norte da muralha, onde esta terminava por declives alongados que vinham morrer no areal. Dali até o extremo oeste, a penedia se transformava numa espécie de talude, grande aglomeração de penedos, terra e areia, tudo ligado por muitas plantas, arbustos ou folhas e com inclinação, no horizonte, de 45 graus apenas. Num ou noutro ponto ainda se via o granito, como que furando com pontas afiadas aquele imenso penhasco. No declive, todo atapetado de ervas, nasciam muitas de árvores. A vegetação, porém, não ia além. Do sopé do talude nascia imenso areal, que se estendia até o mar.

Cyrus achou que o excesso de água do lago devia escoar-se daquele lado, formando uma cascata. Evidentemente, era obrigatório que o excesso de água fornecida pelo rio Vermelho tivesse qualquer saída. O engenheiro não encontrara ainda tal saída em nenhuma porção da margem já explorada. Por causa disso, propôs que trepassem todos no talude e que depois voltassem à Chaminé, pelo monte, aproveitando a caminhada para explorar as margens setentrionais e orientais do lago.

A ideia foi aceita e dali a poucos minutos Nab e Harbert já estavam no platô superior. Cyrus, Spillet e Pencroft foram atrás deles, em passo mais pausado. A sessenta metros, através da folhagem, resplandecia belo lençol de água. A paisagem era encantadora. Em vez de se encaminharem diretamente para a margem norte do lago, rodearam a orla do platô, de forma que chegaram à embocadura do regato, na margem esquerda. Era uma volta de mais ou menos dois quilômetros e meio. O passeio era cômodo e fácil, porque as árvores, bastante distantes umas das outras, davam livre passagem.

Bem se percebia que ali estava o limite da zona fértil. A vegetação começava a mostrar-se com menos vigor do que em toda a região compreendida entre o curso do rio Vermelho e o do Providência.

Smith e os companheiros examinavam bem o terreno, para eles desconhecido. Arcos, flechas e paus ferrados eram as únicas armas que possuíam. Entretanto, nenhuma fera apareceu. Era mais provável que os animais ferozes frequentassem as densas florestas do sul. Mas os colonos tiveram a desagradável surpresa de ver Top parado diante de uma serpente que não tinha menos de quatro metros e meio de comprimento. Nab logo a matou com uma paulada.

Em pouco tempo, os viajantes chegaram à embocadura do rio Vermelho, no lugar onde escoava no lago, e reconheceram na margem oposta o lugar onde haviam estado quando desceram o monte Franklin. Cyrus verificou que o volume de água fornecido pelo rio ao lago era muito importante. Por isso a natureza devia ter aberto algum escoadouro para a água que transbordava do lago. Precisavam descobrir esse escoadouro, porque decerto formava uma queda-d'água, cuja potência mecânica seria possível utilizar.

Os colonos começaram, pois, a marchar à vontade, mas sem se afastarem uns dos outros, seguindo a margem do lago, que era bastante escarpada. Antes de tudo, precisaram dobrar a ponta aguda de nordeste. Era natural supor que naquele sítio é que se realizava o escoamento das águas lacustres, porque ali a sua extremidade chegava quase ao contato com a orla do platô. Mas enganavam-se. Precisavam continuar a explorar a margem, que depois de ligeira curva tornava a descer paralelamente ao litoral.

A encosta, naquele lado, tinha menos árvores. Entretanto, havia semeadas aqui e ali moitas de árvores, que tornavam a paisagem bastante pitoresca. Os colonos seguiram então pela margem oriental do lago e dentro em breve chegariam à porção já explorada. O engenheiro estava deveras admirado de não encontrar nenhum vestígio de escoadouro.

Naquele momento, Top, até então muito sossegado, começou a dar sinais de agitação. O inteligente animal andava irrequieto de um lado para outro na margem e ora parava de repente, olhando para as águas com uma pata no ar, como se estivesse parado diante de uma caça invisível, ora ladrava enfurecido, como quem pede auxílio, calando-se de súbito. A princípio, nem Cyrus nem os outros tinham dado importância às atitudes de Top. Os seus latidos, porém, foram-se tornando tão frequentes que o engenheiro afinal prestou atenção.

— Que é isso, Top? — perguntou ele.

O cão, ouvindo a voz do dono, começou a dar pulos, manifestando sua inquietação e lançou-se no lago.

— Aqui! — gritou Cyrus, pois não queria que ele se aventurasse naquelas águas suspeitas.

— O que estará acontecendo debaixo d'água? — perguntou Pencroft, examinando a superfície do lago.

— Certamente Top farejou algum anfíbio — disse Harbert.

— Talvez algum jacaré? — sugeriu o jornalista.

— Não creio — respondeu Cyrus. — Jacarés só existem em regiões de latitude inferior.

No entanto, Top, ouvindo a voz do dono que o chamava, voltou para a margem, mas continuou inquieto, dando saltos. Parecia, guiado pelo instinto, seguir algum animal invisível. As águas continuavam tranquilas, sem nenhuma ruga. Os colonos pararam várias vezes, observando, mas nada viram de suspeito. Ali havia algum mistério. O engenheiro estava preocupado.

Dali a meia hora, tinham chegado ao ângulo sudeste do lago e encontravam-se exatamente no platô Vista Grande. Naquele ponto, podia-se considerar completo exame das margens. O engenheiro não conseguira descobrir por onde se escoavam as águas.

— Seja como for — repetia Smith —, o escoadouro deve existir. Como não é exterior deve ser algum canal cavado no interior do granito da costa!

— Mas que importância você dá a isso? — perguntou Gideon.

— Isso é de grande importância, porque, se as águas se filtram através da penedia, é bem possível que nela exista alguma cavidade fácil de tornar habitável, começando por desviar o curso das águas.

— Mas, sr. Cyrus, não será possível que elas escoem pelo fundo do lago e vão dar no mar por algum canal subterrâneo? — perguntou Harbert.

— É possível. Nesse caso, teremos que construir nossa habitação.

Os colonos já se dispunham a voltar para a Chaminé quando Top deu sinal de intensa agitação. Ladrando raivosamente, antes que o dono pudesse segurá-lo, lançou-se pela segunda vez no lago. Todos correram para a margem. O animal já nadava a mais de seis metros da margem quando enorme cabeça emergiu da superfície das águas, que naquele lugar não pareciam ser profundas. Harbert julgou reconhecer logo a espécie de anfíbio a que pertencia a enorme cabeça cônica, de olhos muito abertos, ornada de

compridos bigodes.

— É um peixe-boi! — exclamou o rapaz.

Mas não era um peixe-boi e, sim, exemplar de um tipo de cetáceos, chamado dugongo, pois as narinas abriam-se na parte superior do focinho. O enorme bicho arremessara-se sobre o cão, que em vão tentou fugir para a margem. O dono, naquele caso, nada podia fazer para salvá-lo e, antes que algum dos homens se lembrasse de armar o arco, Top já havia desaparecido debaixo das águas, agarrado pelo dugongo. Nab, que tinha na mão um pau ferrado, quis lançar-se ao lago para salvar o cão.

— Não — disse o engenheiro, segurando o seu valente criado.

No entanto, debaixo da água travava-se luta inexplicável, porque naquelas condições Top não podia resistir. Todos esperavam a morte do cão! Mas, subitamente, num círculo de espuma, reapareceu Top. Lançado ao ar por alguma força desconhecida, subiu três metros acima da superfície do lago e tornou a cair no meio das águas profundamente agitadas. Dentro em pouco voltou para a margem, sem nenhum ferimento grave.

Cyrus e os companheiros assistiram a tudo, mas sem compreender. E o mais inexplicável ainda era que a luta parecia continuar debaixo das águas do lago. Com certeza, o dugongo, atacado por algum animal mais possante, largara o cão e continuava o combate em defesa própria.

Tudo isso, porém, não durou muito. As águas tingiram-se de sangue e o corpo do dugongo emergiu de uma onda escarlate e veio parar numa praiazinha junto do ângulo sul do lago. Os colonos correram todos para lá. O animal já estava morto. Era enorme. Devia medir quatro metros e meio de comprimento e pesar 140 quilos. No pescoço, via-se grande ferida, que parecia ter sido feita com instrumento cortante.

Que anfíbio teria conseguido, com tão terrível golpe, destruir o formidável dugongo? Ninguém sabia responder. Cyrus e seus companheiros, bastante preocupados com o incidente, voltaram para a Chaminé.

No dia seguinte, 7 de maio, Cyrus e Gideon deixaram Nab preparando o almoço e subiram ao platô Vista Grande. Logo chegaram à pequena praia, situada junto da ponta sul do lago, onde ainda estava o cadáver do anfíbio. Grandes bandos de aves já estavam sobre o corpo do animal. Precisaram jogar pedras para afugentá-las, pois desejavam conservar a gordura do dugongo para dela tirar algum proveito para as necessidades dos colonos. Além disso, a sua carne devia ser ótima, pois em certas regiões dos malaios é reservada para a mesa dos indígenas mais importantes.

Naquele momento Cyrus pensava em coisa muito diferente. Ainda não se esquecera do incidente da véspera. Gostaria de descobrir o mistério daquele combate submarino, de saber qual foi o outro mastodonte ou monstro marinho que tinha ferido o dugongo de tal maneira. Nesse intuito, permanecia na beira do lago, olhando e observando. Mas das tranquilas águas, que cintilavam com os primeiros raios de sol, nada emergia. O lago era pouco profundo ali, mas a partir daquele ponto o fundo descia gradualmente e era provável que no centro houvesse grande profundidade. O lago podia considerar-se como uma imensa cova que tivesse sido cheia pelas águas do rio Vermelho.

— Então, Cyrus — perguntou o repórter —, você acha que essas águas não são suspeitas?

— Meu caro amigo, realmente não sei como explicar o incidente de ontem.

— Eu também acho bastante estranho o ferimento do anfíbio e não consigo encontrar explicação para o fato de Top ter sido violentamente lançado fora da água.

— Realmente — respondeu o engenheiro, que estava pensativo. — Nisso tudo há alguma coisa que não consigo compreender. Além disso, como pude salvar-me, como fui arrancado das ondas e transportado para as dunas? Pressinto algum mistério que ainda descobriremos um dia. Observemos, mas não alarmemos nossos companheiros falando sobre esses incidentes. Guardemos nossas observações e vamos continuar nosso trabalho.

Precisamente naquele momento, Cyrus teve a agradável surpresa de perceber que existia uma corrente bastante pronunciada naquele lugar. Jogou uns pedacinhos de pau na água e viu que eles se dirigiam para o ângulo sul. Seguiu, então, a corrente, caminhando pela margem, e assim chegou à ponta meridional do lago. Ali, as águas apresentavam uma espécie de depressão, como se sumisse, de repente, por alguma fenda do terreno. O engenheiro começou a escutar, com o ouvido ao nível do lago, e discerniu distintamente o barulho de uma queda-d'água subterrânea.

— Aqui — disse ele, levantando-se — é que se opera a descarga. Por aqui é que as águas, por caminho cavado no granito, vão dar ao mar, através de cavidades que saberemos aproveitar!

Cyrus cortou um ramo grande, tirou as folhas e, mergulhando-o no ângulo das duas margens, reconheceu que ali havia um grande buraco aberto a trinta centímetros abaixo no nível superior das águas. Esse buraco era o orifício de um escoadouro até então debalde procurado. A força da corrente naquele ponto era tal que arrancou o galho das mãos do engenheiro, fazendo-o logo desaparecer.

— Agora que não temos mais dúvidas — repetiu Cyrus —, hei de pôr a descoberto o orifício do escoadouro.

— Mas como?

— Fazendo baixar as águas do lago em mais ou menos um metro.

— Mas como você vai baixar esse nível?

— Abrindo uma saída maior do que essa.

— Onde?

— Na parte da margem que está mais perto da costa.

— Mas ali a margem é de puro granito — lembrou o jornalista.

— E daí? Se é granito faremos com que voe pelos ares e as águas hão de baixar tanto que deixarão a descoberto o tal orifício.

— E vão formar uma queda-d'água até a praia — acrescentou o repórter.

— Essa queda nos será útil. Venha! Venha!

Quando Cyrus e o jornalista entraram na Chaminé, Pencroft e Harbert

estavam descarregando lenha.

— Os lenhadores já estão acabando o serviço, sr. Cyrus — disse o marinheiro. — E quando forem necessários pedreiros...

— Pedreiros não, mas químicos — respondeu o engenheiro.

E explicou-lhes o que descobrira e o que pretendia fazer. Na opinião dele, devia existir na massa de granito que aguentava o platô Vista Grande uma cavidade maior ou menor e ele pretendia entrar nessa cavidade. Para conseguir isso, era necessário tornar acessível a abertura por onde se escoavam as águas, baixando o nível do lago. Por isso, precisava fabricar uma substância explosiva qualquer que pudesse fazer na outra parte do lago uma boa abertura. E Cyrus tentaria fazer isso usando os minerais que a natureza pusera à sua disposição.

Todos receberam o projeto com entusiasmo. Antes de tudo, porém, coube a Nab e a Pencroft o encargo de extrair a gordura do dugongo e de preparar-lhe a carne. Os dois logo partiram para realizar a tarefa. Poucos instantes depois, Cyrus, Harbert e Gideon encaminharam-se rio acima, levando uma esteira, e dirigiram-se para a jazida da hulha, onde abundavam piritas xistosas. Levaram o dia todo carregando os tais minérios para a Chaminé. De noite, já tinham lá algumas toneladas.

No dia seguinte, o engenheiro começou as suas manipulações. A composição daquelas pedras era carvão, sílica, alumínio e sulfeto de ferro — este em excesso. O que precisavam fazer era isolar o sulfeto de ferro e transformá-lo em sulfato, com a maior rapidez possível e depois extrair dele o ácido sulfúrico.

Cyrus escolheu atrás da Chaminé uma porção de terreno bem plano e nele mandou fazer um monte de ramos e lenha miúda. Em cima do monte, grandes pedaços de xistos piritosos, encostados uns nos outros, e por cima uma camada de piritas partidas em bocados do tamanho de uma noz. Feito isso, mandou atear fogo à lenha, que logo transmitiu seu calor aos xistos, principalmente compostos de enxofre e carvão. Em cima da fogueira colocaram novas camadas de piritas esfaceladas e pisadas até fazer enorme monte, que, em seguida, excetuando alguns respiradouros, foi todo tapado com terra e folhas, como se faz para carbonizar a madeira para o fabrico de carvão. Terminados esses preparativos, deixaram que a transformação se realizasse por si. Não demoraria mais de dez ou doze dias para que o sulfureto de ferro se transformasse em sulfato de ferro e o alumínio em sulfato de alumínio, substâncias igualmente solúveis, o que não sucedia com

os outros produtos da operação com a sílica, resíduos de carvão ou cinzas.

Enquanto se realizava esse trabalho das forças químicas, Nab e Pencroft tinham tirado a gordura do dugongo, que guardaram em grandes vasilhas de barro. O que Cyrus pretendia fazer com essa gordura era isolar, pela saponificação, a glicerina. Para isso trataria a substância gordurosa pela soda ou pela cal. Efetivamente, qualquer dessas duas substâncias, em ação com a matéria gorda, formaria sabão, deixando isolada a glicerina, que era precisamente o elemento que se pretendia obter. Havia cal de sobra, mas o tratamento das gorduras pela cal tinha o inconveniente de dar como resultado sabões calcários, insolúveis e por consequência inúteis, ao passo que o tratamento pela soda daria sabão solúvel, que serviria para a limpeza doméstica. Cyrus, como homem prático, dava preferência à soda. E o resultado foi uma massa compacta, pardacenta, conhecida como soda natural. Em seguida, Cyrus tratou a substância gordurosa pela soda, o que lhe deu não só sabão, mas uma substância neutra chamada glicerina.

Mas Cyrus, para conseguir o fim principal que tinha em mente, precisava de outra substância, chamada azotato de potassa, mais vulgarmente conhecida como sal de nitro ou salitre. Se o engenheiro tivesse azotato poderia fabricar o azotato de potassa tratando por meio daquele ácido o carbonato de potassa, que facilmente se extrai das cinzas vegetais. Mas justamente se queixava da falta de ácido azótico e pretendia ele mesmo fabricar tal ácido. A fabricação do azotato parecia, pois, um círculo vicioso. Felizmente, a natureza daquela vez ia encarregar-se de fornecer o salitre. Eles só teriam o trabalho de apanhá-lo, pois Harbert descobrira uma jazida de salitre no norte da ilha, e todo o trabalho que teriam seria apenas purificar o sal.

Todos esses projetos levaram oito dias. Estavam, portanto, concluídos antes de terminar a transformação do sulfeto em sulfato de ferro. Nos dias que se seguiram, os colonos ocuparam-se em fabricar vasos refratários de argila e um forno de tijolos, disposto de maneira particular, destinado à destilação do sulfato de ferro. Acabaram tudo isso no dia 18 de maio, mais ou menos na época em que estaria pronta a transformação química.

Logo que o montão de piratas foi completamente reduzido pelo fogo, o resultado da operação, que consistiu em sulfato de ferro, sulfato de alumínio, sílica, resíduos de carvão e cinzas, foi lançado dentro de um tanque de água. Depois de batida e deixada assentar e decantar, obteve-se um líquido de cor clara, dissolução aquosa de sulfato de ferro e sulfato de alumínio, visto que as outras substâncias, por serem insolúveis, tinham-se precipitado no fundo do

tanque. Vaporizado, enfim, parte do líquido, ficaram depositados nas paredes do tanque numerosos cristais de sulfato de ferro e as águas-mães, isto é, a parte não vaporizada do líquido, que continha apenas sulfato de alumínio, foram abandonadas. Portanto, Cyrus tinha à sua disposição grande quantidade de sulfato de ferro em cristais. Precisava apenas extrair deles o ácido sulfúrico.

Cyrus não possuía qualquer aparelho especial e, para obter por idêntico processo o ácido sulfúrico, precisava realizar uma operação: calcinar em vasos fechados os cristais de sulfato de ferro, de forma que o ácido sulfúrico se dilatasse em vapores, os quais pela condensação viriam a dar o ácido sulfúrico. Para essa operação é que serviram os vasos refratários. Neles foram colocados os cristais de sulfato e o forno de tijolos serviu para destilar o ácido sulfúrico. Tudo correu perfeitamente e no dia 20 de maio, doze dias depois de começado o processo, o engenheiro estava de posse do agente químico que serviria para tantas coisas no futuro.

Antes de tudo, porém, para que Cyrus precisava do ácido? Única e simplesmente para produzir ácido azótico, que era obtido atacando o salitre com ácido sulfúrico.

Depois de ter conseguido o ácido azótico, juntou-o à glicerina, que já havia sido concentrada em banho-maria e conseguiu, mesmo sem empregar mistura refrigerante, um líquido oleoso e amarelado. Esta última operação fora feita por Cyrus longe da Chaminé, pois havia perigo de explosão. Quando trouxe um frasco com o líquido, mostrou-o aos amigos e disse simplesmente:

— Eis a nitroglicerina!

Era, realmente, aquele terrível produto, cujo poder explosivo é dez vezes maior do que o da pólvora comum. Entretanto, desde que descobriram meio de transformá-lo em dinamite, quer dizer, misturá-lo com substância sólida, como argila ou açúcar, bastante porosa para retê-lo, o perigoso líquido passou a ser utilizado com mais segurança. Mas a dinamite ainda não havia sido descoberta quando os colonos se encontravam na ilha Lincoln.

— Esse líquido é que vai quebrar a rocha? — perguntou Pencroft bastante incrédulo.

— Sim, meu amigo — respondeu o engenheiro —, esta nitroglicerina produzirá efeito ainda maior porque, sendo muito duro o granito, oferecerá resistência maior à explosão.

No dia seguinte, de madrugada, os mineiros dirigiram-se para a ponta formada pela margem leste do lago Grant, a quinhentos passos da costa.

Nesse lugar, o platô estava debaixo das águas, que eram retidas apenas pela parede de granito. Bastaria quebrar a pedra para que as águas comesçassem a correr por ali, formando regato que, após correr pela superfície inclinada do platô, iria precipitar-se na praia. A consequência disso seria a baixa do nível do lago e o aparecimento do orifício que lhe servia de escoadouro.

Pencroft, armado com uma picareta, começou a cavar a pedra. O túnel que desejava abrir começava numa aresta horizontal da margem e devia penetrar obliquamente, de modo a atingir nível inferior ao das águas do lago. Dessa maneira, a força explosiva afastaria as rochas, fazendo com que as águas ali penetrassem, o que provocaria a baixa do nível do lago.

Por volta das quatro da tarde o buraco ficou pronto. Cyrus, tendo determinado que todos se afastassem, encheu o buraco da mina com explosivos, de maneira que a nitroglicerina ficasse ao nível da boca. Espalhou, então, algumas gotas do inflamável. Feito isso, pegou a ponta de fibra cheia de enxofre e acendeu-a. Fugiu depressa e foi encontrar-se com os companheiros. Segundo o que calculara, a fibra deveria arder em 25 minutos. Foi o que aconteceu. Ouviu-se então uma explosão indescritível. Parecia que toda a ilha tremia. Um jato de pedras foi lançado para os ares, como se tivesse sido vomitado por vulcão. O deslocamento de ar foi tão grande que os colonos, embora estivessem a mais de três quilômetros da mina, foram lançados ao chão. Depois de terem se levantado, subiram ao platô e correram para a margem do lago que devia ter sido aberta pela explosão.

Todos então soltaram um tríplice urra! O dique de granito fendera-se em grande explosão. Pela fenda saltava torrente de água, que, correndo espumosa pelo platô abaixo, se precipitava na praia, da altura de noventa metros!

A nitroglicerina tinha agido com bastante força. A sangria feita no lago fora tão grande que o volume das águas que saía pelo novo escoadouro era pelo menos o triplo do que escapava pelo antigo. Por causa disso, o nível das águas deveria baixar pelo menos sessenta centímetros, em pouco tempo.

Os colonos voltaram para a Chaminé em busca de picaretas, paus ferrados, cordas de fibra, isca e alimento e dirigiram-se em seguida para a ponta do lago, junto da qual se abria a boca do antigo escoadouro, que já devia estar a descoberto. Em pouco tempo chegaram junto do ângulo do lago e viram que tinham conseguido o que desejavam. Via-se perfeitamente a boca do escoadouro. Uma estreita saliência do granito, que a retirada das águas deixara também a descoberto, servia de caminho para que pudessem chegar até a abertura.

A boca teria seis metros de largura, mas apenas sessenta centímetros de altura. Não era, portanto, passagem fácil para os colonos. Mas Nab e Pencroft, pegando as picaretas, em menos de uma hora aumentaram a altura da boca. O engenheiro verificou que os penedos do escoadouro, na sua parte superior, não indicavam declive superior a trinta ou 35 graus. O canal subterrâneo, portanto, dava passagem e, se não aumentasse o declive, seria fácil descer por ali até o nível do mar. Portanto, se realmente havia, como era provável, alguma cavidade no interior do granito, talvez pudesse ser aproveitada.

— Então, sr. Cyrus, o que nos impede agora? — perguntou o marinheiro, ansioso por aventurar-se pelo estreito corredor. — Olhem como Top já vai à nossa frente!

— Está bem — disse o engenheiro —, mas não podemos ir no escuro. Vá cortar alguns ramos resinosos, Nab.

Harbert e Nab logo correram para as margens do lago, cheias de pinheiros e outras árvores sempre verdes, e voltaram com vários ramos arranjados em forma de archotes. Depois de acendê-los, Cyrus entrou no corredor, seguido pelos amigos. Ao contrário do que se supunha, o diâmetro do canal ia sempre aumentando, de tal forma que os exploradores dali a pouco desciam sem precisar curvar-se. As paredes de granito, desde tempos longínquos gastas pela água, eram naturalmente escorregadias e era preciso cuidado para evitar quedas. Por isso, os colonos prendiam-se uns aos outros por meio de cordas, como fazem os alpinistas.

Felizmente, algumas saliências do granito formavam degraus que tornavam a caminhada menos perigosa. Os colonos desciam devagar e não era sem certo receio que se aventuravam nas profundezas da massa granítica, onde, pela primeira vez, sem dúvida, penetrava um ser humano. Nenhum deles falava, mas todos pensavam e com certeza algum deles pensou que as cavidades internas da penedia, tendo comunicação com o mar, bem poderia ser a habitação de algum enorme polvo ou de um cefalópode qualquer. Convinha, pois, avançar com cautela.

Cyrus Smith, que ia na frente, depois de descer trinta metros por um caminho bem sinuoso, parou e esperou pelos companheiros. O lugar onde pararam era bastante escavado e formava uma espécie de caverna de pequenas dimensões. Do teto caíam alguns pingos de água, mas que não provinham do lago. Eram os últimos vestígios da torrente que por tanto tempo corra naquelas cavidades. O ar, levemente úmido, não estava impregnado de nenhum mau cheiro.

— E o que foi feito de Top? — perguntou Nab.

— Provavelmente continuou o caminho — observou Pencroft.

— Pois vamos ao encontro dele — acrescentou Cyrus.

E todos recommçaram a marcha. Tinham descido talvez quinze metros quando um ruído distante, que parecia vir do fundo da rocha, chamou-lhes a atenção. Pararam e começaram a escutar. Os sons que ouviram, levados através do corredor como voz dentro de tubo acústico, chegaram perfeitamente aos seus ouvidos.

— É Top latindo! — exclamou Harbert.

— É mesmo! — disse Pencroft. — E parece que está furioso.

Cyrus e seus amigos correram em socorro do cão. Os seus latidos cada vez

eram mais audíveis. Em poucos minutos, tinham descido dezoito metros e estavam junto de Top. O corredor, naquele lugar, alargava-se, formando magnífica caverna. Top andava de um lado para o outro, latindo com furor. Pencroft e Nab levantaram os archotes, lançando luz em todos os recantos da caverna. Enquanto isso, os outros, armados de pau, estavam preparados para o que desse e viesse. A enorme caverna, porém, estava vazia. Os colonos revistaram-na e não encontraram nenhum animal! Top, entretanto, continuava latindo e nem carinhos nem ameaças fizeram com que se calasse.

— Deve haver, por aqui, abertura por onde corriam as águas do lago para o mar — disse o engenheiro. — Anda, Top! Busca!

O cão, excitado pela voz do dono, correu para o extremo da caverna e começou a ladrar com fúria redobrada. Todos o seguiram e à luz dos archotes apareceu a boca de verdadeiro poço aberto no granito. Era certo que por ali escoavam as águas do lago, antigamente. Mas não se tratava, desta vez, de canal, e, sim, de poço perpendicular, que não poderiam explorar. Por mais que inclinassem os archotes na boca do poço, nada puderam enxergar. Cyrus chegou a quebrar um pedaço de galho cheio de resina, aceso, e jogou-o dentro do poço, mas sem resultado. Logo depois, apagou-se a chama com ligeiro crepitar, indicando que ele chegara à primeira camada de água, isto é, ao nível do mar.

O engenheiro, que prestara atenção no tempo gasto na queda do ramo aceso, conseguiu assim avaliar a altura do poço, que seria de trinta metros.

— Ora, temos aqui uma boa morada — disse Cyrus.

— Mas antes habitava aqui algum ser desconhecido — disse Gideon.

— Não duvido — respondeu Cyrus —, mas esse ser qualquer, anfíbio ou não, saiu por este poço, cedendo-nos o seu lugar.

Os desejos dos colonos estavam em parte realizados. Tinham à disposição uma caverna vastíssima, cuja capacidade mal podiam avaliar à luz vacilante dos archotes. Mas certamente seria fácil dividi-la com tijolos e arrumá-la, se não como casa, pelo menos como espaçosa habitação. As águas que tinham abandonado a caverna não podiam voltar. O lugar estava desocupado.

Restavam duas dificuldades a vencer. Em primeiro lugar, a possibilidade de dar luz àquela escavação aberta num penedo maciço e, em segundo, a necessidade de tornar mais fácil o acesso àqueles lugares. Introduzir luz pela parte de cima era impossível, pois o teto era rocha espessa. Mas talvez fosse possível furar a parede que dava para o mar.

Pencroft começou a atacar o granito a golpes de picareta e durante mais de

meia hora fez saltar estilhaços. O penedo faiscava a cada golpe que recebia. Ao marinheiro seguiu-se Nab, que depois foi substituído por Gideon no desempenho de tão árdua tarefa. Havia já duas horas que tinham iniciado o trabalho e já começavam a acreditar que naquele ponto a parede fosse grossa demais quando Gideon, dando um golpe, viu o ferro atravessar a parede.

A muralha ali apresentava espessura de apenas noventa centímetros. Cyrus olhou pela abertura, que estava a trinta metros do chão. Na frente dele estendia-se o ilhéu e mais além, a perder de vista, a imensidão do mar. Pela abertura bastante ampla, porque a rocha se desagregara bastante, entravam ondas de luz, que, inundando a esplêndida caverna, produziam efeitos de verdadeira magia. A escavação que, do lado esquerdo, teria quando muito nove metros de altura e de largura, por trinta de comprimento, do lado direito era enorme e terminava em abóbada de mais de 24 metros de altura. Em alguns lugares, pilastras de granito, irregularmente dispostas, sustentavam essa abóbada. Parecia a nave de uma catedral.

A imensa cúpula, apoiada em torno de uma espécie de meias colunas laterais, às vezes abaixava-se em arcos, outras vezes levantava-se, formando cúpulas de nervuras ogivais, perdia-se mais longe entre escuras sinuosidades, cujas caprichosas arcadas mal se distinguiam na sombra, cheia de ornamentos. Tudo aquilo parecia uma mistura pitoresca das arquiteturas bizantina, romana e gótica. E tudo era obra da natureza! Ela, sozinha, havia construído aquela feérica Alhambra de granito!

Os colonos estavam abismados de admiração. Onde mal esperavam encontrar uma acanhada cavidade encontraram um palácio maravilhoso.

— Meus amigos — disse Cyrus —, quando tivermos iluminado o interior desta penedia, e tivermos instalado nossos quartos e oficinas no lado esquerdo, ainda nos restará esta imensa caverna, na qual instalaremos nossa sala de estudos e museu!

— E como vamos chamá-la? — perguntou Harbert.

— Palácio de Granito — respondeu Cyrus.

Todos aprovaram.

Os archotes estavam quase se extinguindo e, como para sair dali precisariam subir o corredor e atingir o platô, resolveram deixar para o dia seguinte todos os trabalhos de instalação interna da nova habitação.

E todos saíram da caverna, começando a subir pelo estreito e escuro escoadouro. Top, que ia atrás, rosnavia de maneira singular. A subida não foi das mais fáceis. Mas, dentro de pouco tempo, começaram a sentir o ar mais

fresco. Pelas quatro horas, chegaram ao orifício superior do escoadouro.

No dia seguinte, 22 de maio, começaram os trabalhos de adaptação da nova moradia. Entretanto, o engenheiro não pretendia abandonar de todo a antiga habitação. Ia transformá-la em oficina.

O primeiro cuidado de Cyrus foi descobrir onde ficava exatamente a fachada do Palácio de Granito. Dirigiu-se para a praia, que ficava aos pés da imensa muralha, e ali começou a procurar a picareta, que escapara das mãos do repórter, na véspera. A ferramenta, devendo ter caído perpendicularmente, mostraria onde fora aberto o buraco no granito. Cyrus a encontrou e, como previra, 24 metros acima do lugar onde ela se cravara na areia, podia-se ver o buraco feito no granito.

O engenheiro tencionava dividir a parte direita da caverna em muitos quartos, um corredor e abrir cinco janelas e uma porta, na fachada.

— Se para nós — disse Cyrus — o acesso pelo escoadouro é mais fácil, o mesmo sucederia com relação a outras pessoas. Por isso tenciono obstruir a boca do escoadouro e até mesmo disfarçar a sua entrada, fazendo subir de novo o nível das águas do lago, por meio de uma barragem.

— Então, por onde entraremos? — perguntou o marinheiro.

— Por uma escada exterior, de corda, que possa ser tirada caso queiramos impedir a entrada de alguém.

— Mas por que tanta precaução? Pelo menos até agora não apareceu nenhum animal que nos metesse medo! E não resta dúvida de que a ilha é desabitada.

— Você está seguro, Pencroft? — perguntou Cyrus.

— Só poderei estar certo depois de termos explorado toda a ilha.

— Portanto — disse Cyrus —, mal conhecemos uma pequena parte dela. E, se não houver inimigos aqui dentro, podem vir de fora, pois estas paragens do Pacífico não são boas. É preciso estarmos precavidos contra qualquer eventualidade.

Ficara combinado que a fachada da nova moradia seria virada para leste e teria cinco janelas e uma porta. Além disso seriam feitas várias aberturas por onde a luz entraria profusamente.

Depois de abertos os buracos, com explosivo, as picaretas serviram para completar o traçado ogival das janelas, das frestas e da porta. Em poucos dias, o Palácio de Granito ficou bem iluminado pela luz do sol, que penetrava até nas mais secretas profundezas da nova habitação.

O segundo cuidado de Cyrus Smith foi dividir a casa em cinco cômodos,

todos com vista para o mar. À direita pretendia fazer uma entrada, com porta, de onde sairia a escada. Depois, viria uma cozinha com nove metros, uma sala de jantar de doze metros, um quarto do mesmo tamanho e um quarto de hóspedes. Esses cômodos, entretanto, não deveriam ocupar toda a caverna. Dariam para um corredor, do outro lado do qual ficaria extenso armazém para guardar utensílios e provisões. Sendo um local seco, serviria para guardar todas as produções da ilha, quer da flora quer da fauna.

Feito o plano, só faltava executá-lo. Os colonos voltaram a ser oleiros, fabricaram muitos tijolos e transportaram-nos para a nova casa. Até então, todos entravam na caverna pelo antigo escoadouro. Isso, porém, forçava-os a subir até o platô Vista Grande, depois de volta pela margem do rio e, enfim, a descer todo o corredor para chegar à caverna. Perdiam muito tempo e cansavam-se bastante. Então, Cyrus resolveu começar logo a fabricação de uma escada de corda que, uma vez içada, tornasse o Palácio de Granito completamente inacessível.

As obras concluíram-se rapidamente, sob a direção do engenheiro, que também ajudava. Todos trabalhavam com alegria e confiança. No dia 28 de maio, instalou-se definitivamente a escada, que devia ter cem degraus. Felizmente, Cyrus conseguira dividi-la em duas partes, aproveitando uma saliência da muralha, a mais ou menos doze metros do chão. Cuidadosamente transformada em patamar, com o auxílio da picareta, serviu de suporte para o primeiro lance da escada, que poderia ser içada de cima do Palácio de Granito. O segundo lance da escada ficou preso pelas duas extremidades e não precisaria ser recolhido.

Os homens logo se habituaram a usar a escada de corda. O mais difícil foi ensinar Top, que com suas quatro patas tinha muitas dificuldades. Mas, com o marinheiro como professor, dentro em breve começou a subir as escadas como se trabalhasse num circo.

No dia 31 de maio, as paredes divisórias ficaram prontas. Só faltava mobiliar os cômodos, mas isso seria tarefa para o longo inverno.

Terminados os arranjos interiores, o engenheiro começou a cuidar de obstruir a entrada pelo escoadouro. Várias rochas foram movidas para a abertura e cimentadas fortemente. Cyrus não conseguira ainda fazer com que as águas do lago cobrissem novamente o orifício. Contentou-se em dissimular a entrada com árvores e arbustos, que foram plantadas nos interstícios das rochas. A próxima primavera se encarregaria de fazer com que essas plantas se desenvolvessem. Cyrus aproveitou o escoadouro para trazer do lago até a

nova moradia pequeno filete de água doce. Os colonos podiam, pois, contar com mais ou menos 140 litros por dia.

Todas essas obras foram terminadas antes que chegasse o inverno, que estava bem próximo. Portas pesadas permitiam fechar as janelas da fachada, enquanto não conseguissem arranjar vidro. Os habitantes da sólida, segura e salubre moradia estavam encantados com o trabalho realizado.

O inverno começou no mês de junho, que corresponde ao mês de dezembro no hemisfério boreal. Os habitantes do Palácio de Granito puderam ficar bem abrigados das tempestades, o que não aconteceria se estivessem na Chaminé.

Durante todo aquele mês, os colonos ocuparam-se de diversos trabalhos, entre os quais a caça e a pesca. A questão do vestuário foi seriamente discutida. Eles só possuíam as roupas que vestiam quando foram lançados na ilha. Eram roupas quentes e resistentes e as mantinham sempre limpas. Mas em pouco tempo precisariam ser substituídas. Se o inverno fosse rigoroso, os colonos sofreriam muito com o frio. Nesse ponto, a competência de Cyrus era pouca. Preocupara-se em conseguir habitação e alimentos, mas descuidara-se quanto às roupas. Os colonos deveriam conformar-se e esperar a primavera para fazerem uma boa caçada de carneiros, que já haviam visto quando exploraram o monte Franklin. Depois de recolhida a lã, o engenheiro saberia como fabricar tecidos resistentes e quentes...

— Os dias já estão ficando curtos e as noites frias — disse Pencroft. — Seria melhor que tratássemos da questão da iluminação.

— Nada mais fácil — respondeu Cyrus. — Amanhã caçaremos focas. Com elas, fabricaremos velas.

O projeto do engenheiro era fácil de ser realizado, pois havia cal e ácido sulfúrico na ilha. A gordura necessária seria fornecida pelos anfíbios da ilhota.

No dia 5 de junho, o tempo estava bastante instável, mas mesmo assim todos se dirigiram para a ilhota. Precisavam aproveitar a maré vazante para atravessar o canal a vau. As focas eram muitas. Os caçadores, armados de

paus ferrados, mataram diversas. Nab e Pencroft só transportaram para casa as peles e a gordura. A pele serviria para fabricarem sapatos bastante resistentes e a gordura para a confecção de velas.

Durante todo o mês não faltou trabalho no interior da nova moradia. Aperfeiçoaram vários utensílios e completaram muitos outros. Finalmente, fabricaram tesouras e os colonos puderam, assim, cortar cabelos e barbas. Confeccionaram também mesas, bancos, armários e camas. A cozinha, cheia de prateleiras, nas quais havia objetos de barro, tinha bom aspecto. Nab trabalhava ali como se estivesse num laboratório de química.

O novo escoadouro, criado pela mão dos colonos, tornara necessária a construção de duas pontes, uma sobre o platô Vista Grande e outra sobre a própria praia. Com efeito, o platô e a praia estavam transversalmente cortados por curso de água que precisava ser transposto, quando quisessem ir ao norte da ilha. Por causa disso, foram obrigados a dar uma volta enorme e subir, a oeste, até as fontes do rio Vermelho. O mais simples era estabelecer sobre o platô e a praia duas pontes, de mais ou menos seis metros, construídas com troncos de árvores, o que foi tarefa para alguns dias.

Depois de prontas as pontes, Nab e Pencroft foram até a ostreira que haviam descoberto perto das dunas. Trouxeram milhares de ostras, que logo se aclimataram nos rochedos, perto da embocadura do Providência. Esses moluscos eram de excelente qualidade e os colonos passaram a comê-los diariamente.

A ilha Lincoln, embora não tivesse ainda sido inteiramente explorada, fornecia muitas coisas. Não faltavam alimentos azotados, bem como alimentos vegetais. As raízes lenhosas das dragoeiras, ferramentadas, forneciam bebida acidulada, espécie de cerveja. Até mesmo açúcar tinham fabricado, sem cana ou beterraba, recolhendo o licor de planta da família das acerinas. Também faziam bom chá, com ervas trazidas da coelheira. Tinham sal em abundância. O único alimento que lhes faltava era o pão.

Mas a Providência Divina viria ajudar os colonos, pois Cyrus, com toda a sua inteligência e habilidade, não poderia nunca ter fabricado o que Harbert encontrou numa dobra de sua roupa. Naquele dia, chovia torrencialmente e os colonos estavam reunidos na grande sala do Palácio de Granito, quando o rapaz exclamou:

— Veja, sr. Cyrus, um grão de trigo!

E mostrou aos companheiros um único grão que escorregara de seu bolso e ficara preso numa dobra da roupa. A questão era que Harbert costumava levar

trigo no bolso para alimentar alguns pombos-bravos que Pencroft lhe dera, quando se achavam em Richmond.

— Um grão de trigo? — perguntou, interessado, o engenheiro.

— Sim, senhor. Mas apenas um!

Harbert já ia jogar fora o grão quando Cyrus começou a examiná-lo e verificou que estava em bom estado. Foi então que, olhando para os companheiros, disse:

— Vamos plantar o grão.

— E com todo o cuidado — acrescentou Gideon —, pois ele encerra várias futuras colheitas.

Estavam no dia 20 de junho. Era a época propícia para semear o único e precioso grão. Subiram o platô e lá escolheram local bem abrigado do vento, que recebesse o calor do sol do meio-dia. Limparam o lugar, revolveram a terra para tirar qualquer inseto ou verme, afofaram-na bem e adicionaram-lhe um pouco de cal. Enterraram o grão no solo úmido e cercaram-no, para protegê-lo.

Parecia que os colonos estavam erigindo alguma pedra fundamental. Pencroft lembrou-se do dia em que tinham apenas um fósforo. Mas, desta vez, a coisa era mais séria. Os naufragos podiam conseguir fogo de outra maneira, mas nenhuma força humana conseguiria outro grão de trigo, caso aquele não vingasse.

No fim do mês de junho, depois de intermináveis chuvas, o tempo esfriou bastante e, no dia 29, um termômetro por certo teria marcado seis graus abaixo de zero. O dia seguinte, 30 de junho, que corresponde a 31 de dezembro do ano boreal, era quinta-feira. O ano começou com frio intenso. A embocadura do rio Providência congelou-se e não tardou em acontecer o mesmo com o lago.

Durante esse período de frio, Cyrus pôde aproveitar bem o filete de água que canalizara do lago para a caverna. A água corria debaixo da superfície gelada do lago e chegava ao interior do Palácio de Granito em estado líquido, onde enchia um reservatório cavado no granito.

Estando o tempo extremamente seco, os colonos resolveram destinar um dia à exploração da parte da ilha que ficava à sudeste, entre o Providência e o cabo Garra. Era um pântano imenso, que poderia fornecer boa caça, pois as aves aquáticas ali abundavam.

No dia 5 de julho, às seis horas da manhã, quando o sol começava a nascer, Cyrus, Gideon, Nab, Harbert e Pencroft, armados de paus ferrados, arcos e

flechas, munidos de provisões suficientes, abandonaram o Palácio de Granito, precedidos de Top. O caminho mais curto era o que atravessasse o Providência congelado, mas, como observara o repórter, isso não dispensava a construção de uma ponte, no futuro.

Não tinham ainda andado oitocentos metros quando viram passar uma família inteira de quadrúpedes, assustados com os latidos de Top.

— Parecem raposas! — exclamou Harbert, quando viu o bando fugir.

Com efeito, eram raposas, mas de grande porte, que uivavam de modo tão estranho que até mesmo Top se assustou e desistiu de persegui-las.

Depois de terem dobrado a ponta dos Destroços, os colonos encontraram uma praia comprida, banhada pelo vasto oceano. O céu, como acontece quando o frio é prolongado, estava limpo. Aquecidos pelo esforço da caminhada, Cyrus e seus amigos não sentiam frio. Pararam um pouco para almoçar, olhando tudo enquanto comiam. A parte da ilha na qual se encontravam era completamente estéril, contrastando com a parte ocidental.

— Acho que se o balão nos houvesse deixado aqui nem sequer teríamos conseguido chegar à terra — disse o engenheiro —, pois o mar é profundo e não há um só rochedo que sirva para refúgio. Do outro lado, havia bancos e uma ilhota, o que facilitou a nossa salvação. Aqui só teríamos encontrado abismos!

— É singular — disse Spillet — que sendo essa ilha tão pequena apresente solo tão variado. Essa diferença de paisagem só é encontrada em continentes de certa extensão. Parece até que a parte ocidental da ilha, tão rica e fértil, é banhada pelas águas quentes do golfo do México e que suas costas norte e sudeste são banhadas pelo oceano Antártico.

— Você tem razão, meu caro Gideon — respondeu Cyrus. — Também já observei o mesmo. Acho esta ilha não só por sua forma como por sua natureza bastante estranha. Tem todas as características de continente e não me surpreenderia que isso tivesse sido outrora.

— O quê! — exclamou Pencroft. — Continente no meio do Pacífico?

— Por que não? — perguntou Cyrus. — Quem sabe se a Austrália, a Nova Zelândia, tudo o que os geógrafos ingleses chamam de Australásia, reunidas aos arquipélagos do Pacífico não formavam antigamente um sexto continente, tão importante quanto a Europa, a Ásia, a África e as duas Américas? Acredito bem que todas essas ilhas do Pacífico são apenas picos de um continente submerso.

— E a ilha Lincoln teria pertencido àquele continente? — perguntou

Pencroft.

— É provável. Só assim se explicaria a diversidade de produções que nela encontramos e o número considerável de animais que nela existem.

Assim terminaram a conversa. O almoço chegara ao fim. A exploração foi recomeçada e os colonos alcançaram o limite do pântano.

O pântano, que se estendia até a costa arredondada que terminava a ilha a sudeste, devia medir seis quilômetros quadrados e meio. O solo era formado de limo argilo-silicoso, misturado com detritos vegetais. Estava inteiramente recoberto de confervas, juncos e outras folhas, algumas das quais formavam espesso tapete. Algumas poças de água estagnada cintilavam sob os raios de sol. Essas poças não podiam ter sido formadas pelas chuvas ou por alguma súbita cheia de um rio. O pântano devia ser alimentado por infiltrações do solo.

Por cima das ervas aquáticas, na superfície das águas estagnadas, esvoaçava um mundo de aves. Um tiro de espingarda teria atingido uma dúzia desses pássaros, pois andavam todos juntos. Os colonos tiveram que se contentar em flechá-los. O resultado não foi tão bom, mas teve a vantagem de não assustar as aves. Os caçadores se contentaram em apanhar uma dúzia de patos brancos com listras escuras, cabeça verde, asas pretas, brancas e avermelhadas, bicos chatos, tipo que Harbert reconheceu como tadornas. Top ajudou muito na captura dos animais, cujo nome foi dado àquela parte pantanosa da ilha.

Por volta das cinco horas, Cyrus e seus amigos começaram a viagem de volta, atravessando o Pântano das Tadornas e o rio Providência, congelado.

Às oito horas estavam de volta ao Palácio de Granito.

O frio intenso durou até 15 de agosto. Depois, o estado atmosférico modificou-se subitamente por causa da mudança do vento para noroeste. A temperatura subiu alguns graus e os vapores acumulados no ar não tardaram em transformar-se em neve. Toda a ilha ficou coberta de branco e apresentou-se aos habitantes sob novo aspecto. A neve caiu durante alguns dias e chegou a ter espessura de sessenta centímetros.

O vento logo refrescou e começou a soprar com violência. Do alto do Palácio de Granito, ouvia-se o mar bater nos rochedos. Em certos lugares, formavam-se redemoinhos de neve que pareciam trombas-d'água. Entretanto, o furacão, vindo de nordeste, não atingia diretamente o abrigo dos colonos. Mas enquanto durou a tempestade nenhum deles pôde sair. De 20 a 25 de agosto permaneceram presos.

Durante a última semana de agosto, o tempo tornou a modificar-se. A temperatura baixou um pouco e a tempestade se acalmou. Os colonos puderam sair. Havia sessenta centímetros de neve sobre a praia. Andando, sem muito custo, sobre a neve endurecida, Cyrus e seus amigos dirigiram-se para o platô.

Que mudança! Os bosques que haviam deixado verdejantes, sobretudo na parte vizinha onde dominavam as coníferas, tinham desaparecido. Tudo estava branco: o cume do monte Franklin, o litoral, as florestas, o lago, o rio, as praias. A água do Providência corria sob uma crosta de gelo que a cada fluxo ou refluxo balançava e quebrava-se com ruído. Numerosos pássaros voejavam sobre a superfície do lago. As rochas, entre as quais corria a cascata, estavam cobertas de gelo. Parecia que a água escapava de monstruosa bica, construída, com todo esmero, por um artista da Renascença.

A neve acabou por dissipar-se com a elevação da temperatura. A chuva começou a cair e dissolveu a cobertura branca. Apesar do mau tempo, os colonos trataram de renovar suas provisões de caça e de raízes e frutos. Para isso, necessitavam fazer algumas incursões na floresta, quando descobriram que várias árvores haviam sido abatidas pelo furacão. O marinheiro e Nab chegaram a ir até a jazida de hulha e com o auxílio do carrinho apanharam bastante carvão.

Não fora em vão o trabalho de renovação do combustível. O frio rigoroso ainda não havia acabado. No dia 25, depois de alternativa de neve e chuva, o vento mudou para sudeste e subitamente o frio tornou-se intenso, agravado por causa do vento, que se manteve por vários dias. Os colonos tiveram que permanecer dentro de casa e tapar todos os orifícios da fachada, respeitando apenas o necessário para a renovação do ar.

O frio continuou até meados de setembro e os prisioneiros do Palácio de Granito já começavam a achar o cativeiro longo demais. Quase todos os dias tentavam algumas saídas, que não podiam, entretanto, ser muito demoradas.

O mais impaciente com a prisão era Top. O fiel cachorro achava muito apertado o Palácio de Granito. Ia e vinha de um quarto para outro, demonstrando seu descontentamento.

Cyrus por várias vezes notou que o cão, quando se aproximava do poço escuro, que se comunicava com o mar, rosnava de modo estranho. Dava voltas ao redor do buraco, coberto por um pedaço de madeira. Algumas vezes chegava a meter as patas debaixo da tábu, como se pretendesse levantá-la. Latia, como se demonstrasse cólera e inquietude ao mesmo tempo.

O engenheiro observou por várias vezes o que ele fazia. O que haveria no abismo para impressionar tanto o inteligente animal? Que o poço ia dar no mar não havia dúvida. Seria possível que se ramificasse em estreitas passagens subterrâneas? Teria comunicação com outras cavidades interiores? Algum monstro marinho viria de vez em quando respirar no fundo do poço? Cyrus não sabia o que pensar e não podia deixar de imaginar cenários estranhos.

Habituação a ir muito além do domínio das realidades científicas, não se perdoava por deixar-se levar para o domínio do estranho e quase sobrenatural. Mas como explicar que Top, cão inteligente, que jamais havia perdido tempo latindo para a lua, teimasse obstinadamente em sondar aquele abismo?

Finalmente, os grandes frios cessaram. Ainda havia um pouco de chuva, de rajadas de vento misturadas com neve, mas tudo isso não durou muito. A neve já se havia derretido e o gelo também. O platô, as margens do Providência e a floresta puderam ser novamente explorados. A primavera encantou os colonos, que só passavam dentro de casa as horas destinadas às refeições e ao sono.

Na segunda metade de setembro caçaram bastante. Harbert e Gideon tinham-se tornado hábeis arqueiros e qualquer caça de pelo ou de pluma caía sob suas flechas.

No dia 24 de outubro, Pencroft fora visitar as armadilhas colocadas nos limites da floresta. Encontrou três animais: uma fêmea e dois filhotes de pecari. Voltou encantado para casa, fazendo grande alarde:

— Teremos boa refeição. Porco! Esses filhotes não têm ainda três meses!

E o marinheiro, seguido por Nab, foi para a cozinha. Prepararam uma refeição magnífica: dois leitões, uma sopa de canguru, presunto defumado, amêndoas, bebida fermentada e chá. Mas o melhor de tudo eram os pecaris.

Às cinco horas o jantar foi servido. A sopa de canguru fumegava sobre a mesa e todos a acharam excelente. Depois, vieram os pecaris. O marinheiro devorava a parte que lhe coubera quando soltou um grito.

— O que aconteceu? — perguntou Cyrus.

— Acabei de quebrar um dente!

— Então há pedras nos seus leitões?

— Parece que sim — disse Pencroft, retirando dos lábios o objeto que lhe custara um dente.

Mas não era pedra. Era um grão de chumbo.

SEGUNDA PARTE

Já haviam decorrido sete meses desde que o balão lançara os colonos na ilha Lincoln. Desde então nunca se havia notado presença humana. A ilha parecia nunca ter sido habitada. E, no entanto, um simples grão de chumbo, encontrado no corpo do inofensivo roedor, vinha provar o contrário. O chumbo só poderia ter saído de uma arma de fogo e só um homem poderia manejá-la!

Pencroft colocou o pedacinho de metal sobre a mesa e todos ficaram olhando, profundamente espantados. Cyrus formulou algumas hipóteses. Segurando o grão entre o indicador e o polegar, disse:

— Você pode garantir, Pencroft, que o pecari ferido por este chumbo tinha apenas três meses?

— Posso. Ainda mamava quando o encontrei na fossa.

— Portanto, isso prova que há três meses apenas foi dado um tiro na ilha Lincoln. E só podemos chegar às seguintes conclusões do incidente: ou a ilha era habitada antes da nossa chegada ou alguns homens desembarcaram aqui há três meses mais ou menos.

— Nada disso! — exclamou o marinheiro levantando-se da mesa. — Não existem outros homens além de nós na ilha! Que diabo! A ilha não é grande e se fosse habitada já teríamos visto alguém!

— É fato que um tiro foi dado na ilha há três meses, mas acho que os homens que aqui aportaram só ficaram pouco tempo ou então apenas estiveram de passagem. É provável que apenas há algumas semanas naufragos tenham sido lançados nesta costa, pela tempestade.

— Acho que devemos agir com cautela — disse o repórter.

— Eu também — concordou Cyrus —, pois é possível que sejam piratas malásios que desembarcaram em nossa ilha.

— Sr. Cyrus — perguntou o marinheiro —, não seria conveniente, antes de apurar o fato, construir uma canoa que permitisse subir o rio e contornar a costa?

— Sua ideia é boa, mas não podemos perder tempo. Levaríamos pelo menos um mês construindo um bote...

— Acho que em cinco dias construiríamos uma piroga capaz de navegar no rio Providência.

— Em cinco dias? — perguntou Nab.

— Sim, uma canoa à moda indiana, de casca de árvore.

— Está bem — disse o engenheiro.

Já no dia seguinte, Pencroft começou a construir o bote. Bastaria algo que flutuasse, com fundo achatado, própria para a navegação no Providência, sobretudo perto da sua nascente, onde a profundidade era pouca.

No dia 29 de outubro a canoa foi terminada. Pencroft cumprira a promessa. Uma espécie de piroga, cujo casco estava preso por meio de varas flexíveis, fora construída em cinco dias. Havia um banco na proa, outro no meio e outro na popa. A amurada que servia para sustentar os toletes de dois remos e um remo de popa para dirigir a embarcação completavam a embarcação. Sua colocação na água foi bastante simples. Levada para a areia, na orla do litoral, defronte ao Palácio de Granito, as ondas da maré-cheia fizeram com que flutuasse.

— Urra! — exclamou o marinheiro, que não podia deixar de celebrar seu próprio triunfo. — Com esta canoa seria possível fazermos a volta...

— Ao mundo? — perguntou Gideon Spillet.

— Não, da ilha. Com alguns seixos por lastro, um mastro na frente e uma vela, iremos longe!

Pencroft, dando um golpe de direção, levou a embarcação para perto da praia, por estreita passagem entre as rochas. Logo todos decidiram que nesse mesmo dia fariam uma experiência subindo a margem até a primeira ponta onde terminavam os rochedos do sul.

No momento de embarcar Nab gritou:

— Está entrando um pouco de água na sua canoa, Pencroft!

— Não faz mal. A madeira precisa ficar bem embebida de água, para se impermeabilizar.

Todos embarcaram. O tempo estava magnífico, o mar calmo como um lago

e a piroga podia enfrentá-lo com tanta segurança como se estivesse subindo a tranquila corrente do Providência.

O marinheiro primeiro atravessou o canal e depois foi até a ponta sul da ilha. Ligeira brisa sul soprava. Não havia ondas nem no canal nem no mar. Apenas algumas ondulações, que a piroga mal sentia, pois estava bastante pesada. A canoa seguia de perto o litoral, evitando os escolhos, que eram numerosos e que a maré enchente começava a cobrir. A muralha de granito ia-se abaixando depois da embocadura do rio. Era um amontoado de granitos caprichosamente distribuídos, muito diferentes da cortina que formava o platô Vista Grande e de aspecto extremamente selvagem.

A canoa, impelida por dois remos, corria bem. Depois de três quartos de hora de navegação, já estava quase chegando à extremidade da ponta, e Pencroft já se preparava para dobrá-la, quando Harbert, levantando-se, indicou um ponto escuro, dizendo:

— O que é aquilo na praia?

Todos olharam.

— Parece um destroço meio enterrado na areia — disse o repórter.

— Já vi o que é! — exclamou Pencroft.

— O quê? — perguntou Nab.

— Barris, barris, que podem estar cheios!

— Vamos para a praia — disse Cyrus.

Com algumas remadas, a piroga chegou até pequena enseada e todos saltaram. Pencroft não se enganara. Havia dois barris, meio enterrados na areia e ainda solidamente presos numa grande caixa que flutuara até encalhar naquele lugar.

— Teria havido algum naufrágio nas proximidades da nossa ilha? — perguntou Harbert.

— Parece — respondeu Gideon.

— O que conterà essa caixa? — indagou Pencroft impaciente. — Está fechada e não temos como abri-la!

— Vamos transportá-la para nossa casa e lá poderemos abri-la. Se pôde flutuar até aqui, poderá flutuar até a embocadura do rio.

De onde viria aquele destroço? Cyrus e seus companheiros olharam atentamente ao redor e percorreram a costa por alguns metros. Nada mais viram. O mar também foi observado. Harbert e Nab subiram numa rocha elevada, mas o horizonte estava deserto. Não avistaram navio naufragado, nem barco a vela. Mas não havia dúvida de que acontecera algum naufrágio.

Quem sabe se tal incidente não teria ligação com o grão de chumbo? Talvez estrangeiros tivessem aportado em um outro ponto da ilha. Estariam ainda lá? Mas todos logo refletiram que não poderiam ser malásios, porque o destroço era de origem americana ou europeia.

Voltaram para perto da caixa. Era de carvalho, estava cuidadosamente fechada e era recoberta por uma película espessa, presa por pregos de cobre. As duas grandes barricas, rigorosamente fechadas, mas vazias, estavam amarradas à caixa. Esta parecia estar em perfeito estado, pois encalhara na areia e não sobre recifes e era claro que fora recente. A água parecia não ter penetrado nela e os objetos que continha deviam estar intactos. Evidentemente fora lançada de bordo de algum navio perdido, na esperança de que chegasse à costa, onde seria encontrada mais tarde. Por isso tiveram o cuidado de prepará-la tão bem.

A maré já começava a atingir a caixa. Uma das cordas que a prendia aos barris foi desatada em parte, e serviu para amarrá-la à piroga. Depois, Pencroft e Nab sulcaram a areia com os remos para facilitar o seu deslocamento e dentro de pouco tempo a embarcação arrastava-a. Depois de uma hora a piroga chegou diante do Palácio de Granito. A canoa e a caixa foram levadas para a areia.

O marinheiro começou por soltar os barris, que poderiam ser aproveitados. Depois, os cadeados foram forçados com alicate e abriu-se a tampa. Havia um envoltório de zinco. A caixa fora preparada para proteger seu conteúdo da umidade. O zinco foi cortado e pouco a pouco foram sendo tirados e colocados sobre a areia diversos objetos. A caixa continha utensílios, armas, roupas, livros, instrumentos de óptica e de astronomia, de topografia e de desenho, agulhas, pólvora e papel.

— Devemos reconhecer que o proprietário dessa caixa era um homem prático! — disse o repórter. — Nada falta! Parece que esperava pelo naufrágio!

— Realmente! — disse Cyrus, pensativo.

— Certamente o navio que transportava a caixa não pertencia a piratas malásios — observou Harbert.

— A menos que o proprietário dela tenha sido aprisionado pelos piratas malásios... — acrescentou Pencroft.

— Não creio — disse Gideon. — Acho mais provável que algum navio europeu ou americano tenha se perdido nessas paragens e que os passageiros procuraram salvar pelo menos o necessário para sobreviver.

— Que pensa o senhor? — perguntou Harbert a Cyrus.

— Acho que essa última hipótese é bem possível.

— Será que nesses instrumentos e livros não encontraremos nada que nos permita descobrir de onde vêm? — perguntou Spillet.

Examinaram tudo, mas nem mesmo os livros, as armas e os instrumentos, contrariando o que sempre acontece, traziam a marca do fabricante. Parecia que tudo fora meticulosamente escolhido. O envoltório de metal mostrava o cuidado que haviam tido de preservar os objetos da umidade. Tudo isso não poderia ter sido feito em um momento de pressa.

Não havia nenhum indício que permitisse descobrir a origem de todas aquelas coisas ou pelo menos a nacionalidade do navio que deveria ter naufragado naquelas proximidades.

Mas não importava de onde vinha aquela caixa, uma vez que ela fazia a felicidade dos colonos. Até então eles haviam criado tudo que tinham, transformando os produtos da natureza. Parecia que naquele momento a Providência Divina queria recompensá-los, enviando-lhes aqueles objetos. E todos deram graças a Deus.

Depois dessa descoberta, mais do que nunca era necessária exploração minuciosa de toda a ilha. Decidiram que no dia seguinte, ao raiar do sol, todos se poriam a caminho, subindo o Providência de maneira a chegar até a costa ocidental. Se alguns náufragos haviam chegado àquele ponto da costa, era de supor que estivessem sem recursos. Era urgente salvá-los. Durante todo o dia os diversos objetos foram transportados para o Palácio de Granito. Era domingo, 29 de outubro. Antes de deitar-se, Harbert perguntou ao engenheiro se não queria ler a Bíblia.

— De boa vontade — respondeu Cyrus.

Já ia abrir o livro sagrado, quando Pencroft deteve-o, dizendo:

— Sou supersticioso. Abra ao acaso e leia o primeiro versículo que seus olhos virem. Veremos se ele se aplica à nossa situação.

Cyrus sorriu e atendeu ao pedido do marinheiro. Abriu o Evangelho justamente num lugar onde um pequeno sinal separava as páginas. Imediatamente seus olhos se detiveram numa marcação vermelha, feita a lápis, evidenciando o versículo oito do capítulo VII do Evangelho de São Mateus.

E leu o versículo:

Todo aquele que pede recebe e o que procura encontra.

No dia seguinte, tudo estava pronto para iniciarem a exploração que se tornara urgente devido aos incidentes ocorridos nos últimos dias. Decidiram subir o Providência, enquanto seu curso fosse navegável. Grande parte do caminho seria feita sem esforço e os colonos poderiam transportar suas provisões e armas até ponto bastante avançado a oeste. Pensavam não só em recolher náufragos como em encontrar novos objetos.

Nab colocou na canoa as provisões que serviriam para alimentar os colonos durante três dias: carne-seca e alguns galões de cerveja e de licor fermentado. Levaram ainda pequeno forno, dois machados, uma luneta, uma bússola, duas espingardas, uma carabina, cinco facas, alguns cartuchos e pólvora.

Às seis da manhã, a piroga foi colocada na água. Todos nela embarcaram, inclusive Top, e dirigiram-se para a embocadura do rio Providência. A canoa subia o rio sem que fosse necessário utilizar os remos.

O aspecto das margens era magnífico. Viam-se belas ulmáceas, algumas lardizabáneas, cujos ramos flexíveis, macerados na água, forneciam excelentes cordas, e dois ou três troncos de ébano, de bela cor negra.

De tempos em tempos, a piroga parava e Gideon, Harbert e Pencroft desembarcavam e exploravam a margem. Durante uma das excursões, Gideon conseguiu pegar dois casais de galináceos. Eram aves de bico comprido e fino, de pescoço alongado, asas curtas e sem cauda. Seriam os primeiros hóspedes do galinheiro.

Até então as espingardas não haviam sido postas em uso. A primeira detonação foi provocada pela aparição de belo pássaro que se assemelhava a

um martim-pescador.

— Eu o conheço! — exclamou Pencroft.

Podia dizer-se que o tiro partira involuntariamente de sua espingarda.

— Conhece o quê? — perguntou Spillet.

— A ave que nos escapou na primeira exploração que fizemos e cujo nome foi dado a esta parte da floresta.

— Um jacamar! — exclamou Harbert.

Já eram dez horas da manhã quando a piroga atingiu a segunda volta do Providência, que devia ficar a oito quilômetros de sua embocadura. Ali pararam para almoçar durante meia hora, debaixo da copa de grandes e belas árvores. O rio media dezoito ou vinte metros de largura e sua profundidade era de metro e meio. O engenheiro observava que numerosos afluentes engrossavam o seu curso, mas eram apenas riachos que não podiam ser navegados. A floresta estendia-se a perder de vista. Em nenhum lugar notavam-se sinais de presença humana. Se náufragos haviam desembarcado na ilha, certamente não haviam abandonado o litoral e não seria naquela densa floresta que deviam ser procurados.

O engenheiro demonstrava certa pressa em atingir a costa ocidental da ilha, que devia estar a cinco quilômetros. Recomeçaram a navegar. A exploração continuou por mais três quilômetros, em região completamente coberta de eucaliptos. Chegavam a perder-se de vista, dos dois lados do Providência. Muitas vezes o leito do rio ficava obstruído por altas árvores e rochas agudas, o que tornava a navegação bastante penosa. Os remos já não davam muito resultado e Pencroft teve que empurrar a piroga com uma vara. Sentia-se perfeitamente que o rio ia ficando cada vez mais raso e que dentro em pouco a canoa não poderia mais navegar.

O sol já declinava no horizonte e começava a projetar no chão as sombras das árvores. Cyrus Smith, vendo que não conseguiriam atingir a costa ocidental da ilha naquele dia, resolveu acampar no lugar em que não fosse mais possível navegar, por ser o rio muito raso. Calculava estar a oito ou nove quilômetros da costa, distância muito grande para ser percorrida, durante a noite, no meio de bosques desconhecidos.

A embarcação foi levada através da floresta, que ficava cada vez mais espessa e parecia ser mais habitada. Se o marinheiro não se enganava, vira bandos de macacos correndo sob as árvores. Realmente, mais tarde, dois ou três macacos pararam a alguma distância da canoa e olharam para os colonos sem manifestar nenhum terror, provavelmente porque viam pela primeira vez

seres humanos.

Por volta das quatro horas, a navegação tornou-se muito difícil. As margens cada vez se elevavam mais e o rio já atingia os primeiros contrafortes do monte Franklin. Sua nascente não podia estar longe.

— Antes de um quarto de hora seremos forçados a parar — disse o marinheiro.

— Então vamos parar e acampar para passar a noite.

— A que distância devemos estar do Palácio de Granito?

— A mais ou menos onze quilômetros — respondeu o engenheiro —, levando-se em conta as curvas do rio.

— Seguiremos em frente?

— Enquanto pudermos — respondeu Cyrus. — Amanhã, ao raiar do dia, abandonaremos a canoa e completaremos em duas horas, segundo espero, a distância que nos separa da costa. Teremos um dia inteiro para explorar o litoral.

— Então vamos adiante! — exclamou Pencroft.

Mas em pouco tempo a canoa encalhou no fundo pedregoso do rio, cuja largura não passava de seis metros. Espessa manta verde estendia-se sobre o seu leito e o escondia em semiobscuridade. Escutava-se o barulho acentuado de uma queda-d'água, que indicava a proximidade de barragem natural. Com efeito, na última volta do rio, apareceu uma cascata, através das árvores. A canoa foi amarrada num tronco, perto da margem direita.

Eram cerca de cinco horas e os últimos raios de sol filtravam-se pela densa folhagem e incidiam obliquamente na pequena queda, cuja úmida poeira refletia as cores do prisma. Mais adiante, o leito desaparecia entre a vegetação, onde se alimentavam em alguma fonte escondida. Os diversos rios que nele desembocavam transformavam-no, mais abaixo, em verdadeiro rio.

Acamparam e fizeram fogo. Abrigaram-se debaixo da copa de uma frondosa árvore para passar a noite. O jantar foi logo devorado, pois todos estavam famintos. O fogo foi alimentado durante toda a noite. Nab e Pencroft revezaram-se na vigia.

Às seis horas da manhã, depois da refeição matinal, os colonos recomeçaram a viagem, procurando seguir pelo caminho mais curto, até a costa ocidental da ilha. Quanto tempo levariam para atingi-la? Cyrus calculara duas horas, mas isso dependia, evidentemente, da natureza dos obstáculos que se apresentariam.

Partiram todos depois de haverem amarrado fortemente a piroga. Desceram

as pequenas rampas que formavam o sistema orográfico da ilha e caminharam em terreno muito seco, mas cuja vegetação deixava pressentir ou lençol de água subterrâneo ou riacho próximo. Entretanto, Cyrus não se lembrava, quando de sua excursão à cratera, de ter reconhecido outro curso de água além do Providência e do Vermelho.

Às nove e meia da manhã, o percurso, que ia diretamente para sudoeste, subitamente viu-se cortado por curso de água desconhecido, de nove metros de largura e cuja corrente forte, por causa da inclinação do seu leito, precipitava-se com grande estrépito. O rio era profundo e claro mas completamente inavegável.

— Estamos obstruídos! — disse Nab.

— Não! — respondeu Harbert. — É um simples riacho. Podemos atravessá-lo a nado.

— Não é necessário. É evidente que este rio corre para o mar. Se seguirmos sua margem esquerda logo estaremos na costa. Continuemos.

— Um momento! — disse Pencroft.

— O que é? — perguntou Cyrus.

— A caça está proibida, mas suponho que a pesca seja permitida.

— Nós não podemos perder tempo — respondeu o engenheiro.

— Ora, preciso apenas de cinco minutos. Peço que o permita em vista do nosso almoço.

E, dizendo isso, mergulhou os braços nas águas agitadas e apanhou algumas dúzias de caranguejos que formigavam nas rochas. Encheu um saco com os animais e continuaram viagem.

Desde que seguiam o curso do novo rio, o caminho tornara-se mais fácil. As suas margens também não tinham nenhum vestígio de presença humana. De quando em quando, viam-se vetígios de animais bastante grandes. Entretanto, observando aquele rápido riacho que corria para o mar, Cyrus concluiu que se achavam mais longe da costa ocidental do que ele e seus companheiros acreditavam. Com efeito naquela hora, a maré enchente já deveria ter atingido as águas do rio, se sua embocadura estivesse apenas a alguns quilômetros. Ora, isso não acontecia. O engenheiro consultou, então, sua bússola, a fim de se certificar se alguma curva do rio os levava, involuntariamente, para o interior da floresta.

O rio ia se alargando pouco a pouco e suas águas se tornavam menos tumultuosas. As árvores da margem direita não estavam menos cerradas que as da margem esquerda, mas podia-se bem perceber que elas eram desertas,

pois o inteligente Top não dava nenhum sinal de pressentir algum estranho por perto. Às dez e meia, Harbert, que andava um pouco à frente, para grande surpresa de Cyrus, exclamou:

— O mar!

Depois de alguns instantes, todos puderam ver a costa ocidental da ilha. Mas que contraste entre essa costa e aquela onde haviam desembarcado! Nem muralha de granito, nem escolhos, nem sequer praia! A floresta formava o litoral e suas últimas árvores, castigadas pelas ondas, inclinavam-se sobre as águas. Não se tratava de litoral, como geralmente se vê, ou formado por vastos tapetes de areia ou por rochas agrupadas. A margem era tão elevada que poderia dominar o nível dos maiores oceanos. E sobre aquele solo luxuriante, sustentado por base de granito, as árvores pareciam estar tão solidamente plantadas quanto as do interior da ilha.

Os colonos encontraram uma pequena enseada, sem importância, e que servia de escoadouro para o riacho. Mas em vez de lançar-se ao mar, por embocadura suave, precipitava-se de altura de mais de doze metros, o que explicava por que a maré cheia não invadia o rio.

Para o norte, a orla formada pela floresta prolongava-se por cerca de três quilômetros. Depois, as árvores iam se distanciando e algumas montanhas pitorescas elevavam-se, desenhando linha quase reta, que corria de norte a sul. Em toda a porção do litoral compreendida entre o rio da Cascata e o promontório do Réptil, só se viam magníficas árvores, banhadas pelas águas do mar. Era justamente a península Serpentina que os colonos deviam explorar, pois aquela parte do litoral oferecia refúgios, enquanto a outra, árida e selvagem, não era propícia para naufragos.

O tempo estava bonito e do alto de um penhasco, onde Nab e Pencroft haviam servido o almoço, todos podiam descortinar grande distância. Não se via nenhuma vela, nenhum navio, nenhum destroço no mar. Mas o engenheiro só ficaria seguro disso depois de ter explorado toda a península.

Às onze e meia, Cyrus Smith deu o sinal de partida. A distância que separava a embocadura do rio do promontório do Réptil era de cerca de dezenove quilômetros. Em quatro horas, teriam facilmente vencido essa distância, mas andando entre as árvores, precisando cortar cipós, levariam muito mais tempo. Por volta das sete horas, mortos de cansaço, chegaram ao promontório do Réptil, espécie de concha estranhamente desenhada pelo mar. Ali terminava a floresta da península e a costa, para o sul, retomava o aspecto normal, com seus rochedos, recifes e praias. Era possível que ali

encontrassem o navio procurado, mas era preciso esperar até o dia seguinte, porque a noite já vinha chegando.

Pencroft e Harbert trataram de encontrar lugar para acampar. Não precisaram procurar por muito tempo. Os rochedos do litoral apresentavam cavidades que serviam de abrigo contra o vento. Mas, no momento em que se dispunham a entrar numa dessas escavações, formidáveis rugidos fizeram com que parassem. Ocultaram-se entre as rochas no momento exato em que um magnífico animal apareceu na entrada da caverna.

Era um jaguar. Devia medir um metro e meio da cabeça até o início da cauda. Seu pelo fulvo era cheio de manchas negras e fazia sobressair a pelagem branca de sua barriga. O animal avançou e olhou ao redor, com o pelo eriçado e os olhos em fogo, como se não fosse a primeira vez que sentia a presença do homem.

Nesse momento, o repórter estava rodeando as rochas altas e Harbert, pensando que ele não notara o jaguar, ia lançar-se na sua direção quando percebeu sinal do amigo. Gideon continuou andando. Não era o primeiro jaguar que via. Aproximando-se até uns três metros do animal, permaneceu imóvel, com a carabina no ombro, sem tremer um só músculo. O jaguar, dando meia-volta, precipitou-se sobre o caçador. Mas neste exato momento uma bala atingiu-o entre os dois olhos e ele tombou morto.

Harbert, Pencroft, Nab e Cyrus correram e permaneceram todos alguns instantes contemplando a fera estendida no chão.

— E agora — disse Gideon —, uma vez que o jaguar abandonou a caverna, não vejo por que não nos instalarmos nela para passar a noite.

— Pode haver outros animais! — exclamou Pencroft.

— Bastará acendermos uma fogueira na porta da caverna.

— Então vamos para a casa dos jaguares — respondeu o marinheiro puxando o cadáver do animal.

Os colonos dirigiram-se para o abrigo abandonado e, enquanto Nab tirava a pele do jaguar, os outros juntaram bastante lenha para fazer a fogueira na entrada da caverna. Cyrus, tendo descoberto uma touceira de bambu, cortou alguns e misturou com a lenha.

Feito isso, abrigaram-se na gruta, cujo chão arenoso estava coberto de ossadas. Como precaução, carregaram todas as armas. Depois de jantar, todos foram dormir, após terem ateado fogo no monte de lenha. Começaram, então, as explosões dos bambus que, atingidos pelo fogo, estouravam como fogos de artifício! Isso bastaria para afugentar as feras mais audaciosas.

Esse meio de conseguir detonações não fora inventado por Cyrus, pois, segundo Marco Polo, os tártaros, há vários séculos, empregavam com sucesso esse sistema para afugentar de seus acampamentos as temíveis feras da Ásia central.

Cyrus Smith e seus companheiros dormiram profundamente na caverna que o jaguar lhes havia gentilmente cedido. Ao nascer do sol, porém, todos já estavam de pé, na extremidade do promontório. Pela última vez, o engenheiro certificou-se de que nenhum navio naufragado aparecia no mar. No litoral também nada se podia ver de estranho, numa extensão de três quilômetros.

Restava explorar a costa meridional da ilha. Isso não fazia parte do plano original que haviam feito. Quando abandonaram a piroga nas cabeceiras do Providência, ficara decidido que depois de explorar a costa oeste voltariam pelo mesmo caminho até o ponto de partida. Mas, em vista de nada terem encontrado naquele litoral, tornava-se necessário explorar também a costa sul da ilha. Foi Gideon o primeiro a propor que continuassem as buscas, para que a questão do presumido naufrágio ficasse resolvida definitivamente.

A proposta do repórter, defendida pelo marinheiro, obteve aprovação geral, pois todos queriam acabar com as dúvidas que tinham. Como a viagem seria longa, não podiam perder um só momento.

Às seis da manhã puseram-se a caminho. Prevenindo desagradáveis encontros de animais de duas ou quatro patas, as espingardas foram carregadas e Top recebeu ordens de ir à frente. A partir da extremidade do promontório que formava a cauda da península, a costa arredondava-se numa extensão de oito quilômetros, que foram facilmente percorridos. Não havia vestígios de presença humana naquela região. Os colonos, tendo chegado ao ângulo no qual a curvatura terminava para depois formar a baía de Washington, na direção nordeste, puderam observar todo o litoral sul da ilha. A quarenta quilômetros dali a costa terminava pelo cabo Garra, que mal se

distinguiu através da bruma matutina. Parecia estar suspenso entre a terra e a água. O litoral, que se estendia do lugar onde estavam os colonos até o fundo da imensa baía, era formado por grande praia, bastante plana, limitada por uma série de árvores. Depois, a costa tornava-se irregular, projetando pontas agudas no mar, e finalmente um amontoado desordenado de rochas escuras terminava o cabo Garra.

Era esse o aspecto da parte sul da ilha.

Os colonos chegaram à baía de Washington mais ou menos à uma da tarde, depois de terem percorrido uma distância de 32 quilômetros. Ali pararam para fazer uma pequena refeição. Naquele ponto começava a costa irregular, recortada de forma bizarra e contornada por uma comprida fileira de escolhos que se sucediam aos bancos de areia. A maré não devia tardar a subir, cobrindo esses recifes sobre os quais as ondas se quebrariam, formando uma longa franja de espuma. Dali até o cabo Garra, a praia era uma pequena faixa de areia, entre os recifes e a floresta. O caminho, obstruído por diversas rochas, parecia tornar-se mais difícil. A muralha de granito aumentava cada vez mais e mal se podiam avistar as copas das árvores que a coroavam.

Depois de meia hora de descanso, recomeçaram a caminhada, sempre atentos aos menores detalhes. Por volta das três horas, chegaram a um ancoradouro bastante fechado. Nenhum rio desembocava ali. Era um verdadeiro porto natural, que não podia ser visto ao longe e cuja entrada era um pequeno canal entre recifes. No fundo dessa angra, alguma violenta convulsão arrebentara a orla rochosa e uma rampa suave conduzia ao platô superior, que devia estar situado a menos de dezesseis quilômetros do cabo Garra, a seis quilômetros do platô Vista Grande, em linha reta.

Spillet propôs aos companheiros parar um pouco. Todos concordaram com a proposta, pois a longa caminhada abria o apetite. Sentados debaixo de pinheiros marítimos, em poucos instantes devoraram as provisões trazidas por Nab.

Então, ouviram latidos fortes de Top, que saiu do bosque segurando nos dentes um pedaço de tecido sujo de lama. Nab arrancou o trapo da boca do cachorro e verificou que era de fazenda bem resistente.

O cachorro latia e andava de um lado para o outro, como se estivesse convidando o dono a segui-lo pela floresta. E todos seguiram o cão, que corria entre os pinheiros. Depois de sete ou oito minutos de caminhada, Top parou. Os colonos, que já haviam chegado a uma espécie de clareira, rodeada por grandes árvores, pararam e olharam em volta, mas nada notaram.

— O que foi que você viu, Top? — perguntou o engenheiro.

O cachorro latiu com mais força, pulando perto de um gigantesco pinheiro.

De repente, Pencroft gritou:

— Estamos procurando por destroços no mar e na terra, mas eles estão nos ares!

E, dizendo isso, o marinheiro apontou para um imenso farrapo branco em cima do pinheiro.

— Mas aquilo não é um destroço — disse Gideon.

— Peço desculpas — explicou Pencroft. — Aquilo é tudo o que resta do nosso balão! Vejam que tecido bom! Temos fazenda para muitos anos!

Fora excelente para os colonos encontrar o aeróstato. Eles poderiam conservar o balão como estava, para tentar nova evasão, ou poderiam usar aquela enorme quantidade de algodão para fazer roupas.

Não foi fácil tirar o aeróstato de cima da árvore e colocá-lo em lugar seguro. Nab, Harbert e o marinheiro, que subiram na árvore, precisaram fazer milagres. A operação durou cerca de duas horas mas foi coroada de êxito, pois conseguiram retirar não só o invólucro mas todas as cordas e a âncora do balão. Apesar de rasgado, estava em bom estado. Só a barquinha fora completamente destruída. Era uma fortuna que caía do céu!

Os colonos não podiam levar para o Palácio de Granito aquela imensa carga de tecido e cordas, cujo peso era considerável. Por outro lado, não podiam deixar aquela riqueza à mercê de algum furacão. Felizmente encontraram entre as rochas uma cavidade, bem abrigada dos ventos, da chuva e do mar.

— Precisávamos de um armário e já o encontramos. Já que não podemos fechá-lo a chave, pelo menos vamos dissimular a sua abertura. Não digo isso por causa dos ladrões de dois pés mas por causa dos de quatro patas.

Às seis da tarde, os homens terminaram o trabalho e retomaram o caminho do cabo Garra, depois de haverem batizado a angra com o nome de porto Balão.

Já passava de meia-noite quando dobraram o primeiro cotovelo formado pelo rio, depois de terem seguido o litoral até a embocadura do Providência. Naquele ponto, o leito do rio media 24 metros e seria difícil transpô-lo. Os colonos estavam extenuados. A viagem fora longa e o incidente do balão contribuía para cansá-los mais ainda. Todos desejavam ardentemente chegar em casa, jantar e dormir. Se houvesse uma ponte, em quinze minutos chegariam.

Pencroft, ajudado por Nab, começava a construir a jangada para atravessar o rio quando o jovem Harbert, apontando para o Providência, disse:

— O que é aquilo?

Pencroft interrompeu o seu trabalho e distinguiu um objeto na escuridão:

— Uma canoa! — exclamou.

Todos se aproximaram e surpresos viram uma canoa descendo o rio. Quando ela se aproximou, o marinheiro exclamou:

— Mas é a nossa piroga! Ela rompeu as amarras e desceu o rio!

O marinheiro tinha razão. Era a canoa que voltava sozinha! Precisavam segurá-la antes que a correnteza a levasse. E foi o que fizeram Nab e Pencroft, com uma enorme vara. A piroga encostou-se na margem e o engenheiro foi o primeiro a embarcar, verificando que a amarra fora realmente gasta pelo roçar nas pedras.

Com algumas remadas, os colonos atingiram a embocadura do Providência. Depois de colocarem a canoa sobre a areia, dirigiram-se para a escada do Palácio de Granito.

Mas nesse momento Top latiu colérico e Nab, que fora o primeiro a procurar a escada, deu um grito... Não havia mais escada!

Cyrus deteve-se sem dizer palavra. Seus companheiros procuravam ver, apesar da escuridão, se a escada havia caído ou se ficara presa em alguma saliência da muralha... Mas a escada parecia ter desaparecido!

Os colonos não puderam deixar de preocupar-se com aquele incidente, sem dúvida o mais surpreendente daqueles sete meses passados na ilha. Fatigados e surpresos, não sabendo o que pensar, considerando as hipóteses mais absurdas, encontravam-se todos ao pé do Palácio de Granito.

— Meus amigos — disse Cyrus —, precisamos esperar o dia raiar. Acho melhor irmos para a Chaminé. Pelo menos ali dormiremos abrigados.

Realmente, a melhor coisa que tinham a fazer era dormir no antigo abrigo até o nascer do dia. Top recebeu ordens de vigiar as janelas do Palácio de Granito e permaneceu ao pé da muralha.

Apesar do cansaço, os colonos não dormiram bem. Mostravam-se ansiosos para descobrir a razão do incidente. Teria sido provocado por causas naturais ou seria obra humana? Mas o fato é que a moradia deles estava ocupada e não podiam retomá-la.

Assim que raiou o dia, os colonos, devidamente armados, foram para a praia e colocaram-se perto dos recifes. Dali poderiam observar bem o Palácio de Granito, iluminado pelo sol nascente. Pouco antes das cinco horas a casa

iluminou-se e nesse momento escapou de todos um grito. A porta que haviam fechado antes de sair estava aberta! Não havia dúvida. Alguém havia entrado lá!

A escada superior estava no lugar de costume, mas a inferior fora recolhida. Era evidente que os intrusos tinham querido prevenir-se contra alguma surpresa. Os colonos não podiam saber que tipo de pessoa ou quantas pessoas haviam entrado no Palácio de Granito, porque ninguém aparecia.

— Miseráveis! — exclamou o marinheiro. — Dormem tranquilamente como se tivessem o direito! Olá! Piratas, bandidos, corsários, filhos de John Bull!

Quando Pencroft, como legítimo americano, chamava alguém de John Bull, estava no auge da indignação.

Nesse momento, o sol já se levantara, iluminando toda a fachada da casa, onde reinava completa calma, no interior e no exterior. Os colonos não duvidavam de que a casa estivesse ocupada pelos invasores. Mas como chegar até eles?

Harbert teve a ideia de amarrar uma corda numa flecha e atirá-la para que se prendesse nos degraus da escada que estava suspensa. Dessa maneira poderiam desenrolá-la e restabelecer a comunicação com o Palácio.

Era a única coisa que tinham a fazer. Pencroft desenrolou a corda, que foi presa na ponta de uma flecha disparada por Harbert. A flecha prendeu-se nos degraus da escada. A operação fora bem-sucedida. Segurando a extremidade da corda, Harbert sacudiu-a para que a escada caísse. Nesse momento, um braço segurou a escada e levou-a para dentro de casa.

— Miserável! — exclamou o marinheiro.

— Mas quem fez isso? — perguntou Nab.

— Não viu?

— Não.

— Um macaco, um mico, um bugio, um mono, um orangotango, um gorila, um sagui! Nossa casa foi invadida por macacos!

Foi então que três ou quatro quadrúmanos apareceram nas janelas e começaram a fazer caretas.

— Eu bem sabia que tudo não passava de brincadeira! — exclamou Pencroft. — Mas um dos autores pagará caro por todos!

E, apontando a espingarda, apertou o gatilho. Todos os macacos desapareceram, exceto o que caiu mortalmente ferido. De tamanho grande, pertencia à primeira classe dos quadrúmanos. Fosse ele chimpanzé ou gorila,

o certo é que pertencia à classe dos antropomorfos, assim chamados por causa da semelhança que têm com a raça humana. Harbert, que conhecia bem zoologia, classificou-o como orangotango.

Passaram-se duas horas sem que os macacos tornassem aparecer. Mas era evidente que eles estavam lá, pois três ou quatro vezes uma pata ou um focinho aparecia nas janelas ou na porta.

— Vamos fingir que fomos embora — disse o engenheiro. — Talvez assim os macacos apareçam. Spillet e Harbert devem ficar atrás das rochas, prontos para disparar em quem aparecer.

As ordens de Cyrus foram obedecidas. O repórter e Harbert, que eram os melhores atiradores da colônia, ficaram alerta enquanto os outros foram caçar. Depois de meia hora, os caçadores voltaram com alguns pombos, que logo foram grelhados e comidos. Nenhum símio apareceu durante todo esse tempo.

Duas horas mais tarde a situação continuava a mesma. Era possível que, assustados com a morte do companheiro, estivessem escondidos nos quartos ou na despensa do Palácio de Granito.

De repente, o cenário modificou-se bastante. Os símios, iluminados por súbito terror, procuravam fugir. Dois ou três pulavam de uma janela para outra, com tremenda agilidade. Todos procuravam descer, esquecendo-se da escada. Os colonos conseguiram acertar tiros, matando vários, que ou caíam para dentro de casa ou se precipitavam na praia, soltando gritos agudos. Alguns minutos mais tarde, tudo indicava não haver nenhum macaco sobrevivente.

Inesperadamente, a escada começou a deslizar e chegou até a praia.

— Ora, vejam que coisa! — disse Pencroft olhando para Cyrus.

— É incrível — murmurou Cyrus enquanto subia a escada.

Todos os companheiros o seguiram e entraram na casa. Revistaram todos os cantos e até mesmo a despensa, que fora poupada pelos quadrúmanos, mas nada encontraram.

— E a escada? — perguntou Pencroft. — Qual foi o cavalheiro que teve a gentileza de jogá-la para nós?

Ouviu-se, então, um grito e um grande macaco, que se refugiara no corredor, correu para a sala, perseguido por Nab.

— Bandido! — exclamou Pencroft.

E já ia quebrar a cabeça do animal com um cacete quando Cyrus o deteve dizendo:

— Não faça isso, amigo. Lembre-se de que foi ele quem nos atirou a escada!

O macaco, depois de ter se defendido valentemente, foi amarrado.

— O que faremos com ele? — perguntou Pencroft.

— Vamos transformá-lo em empregado — respondeu Harbert.

Assim falando, o rapaz não brincava, pois sabia como podiam ser aproveitados aqueles quadrúmanos. Os colonos aproximaram-se do sítio para melhor observá-lo. Era um orangotango. Não tinha a ferocidade dos babuínos, nem a irracionalidade dos macacos, nem a falta de asseio do sagui, nem a impaciência do mono, nem os maus instintos do cinocéfalo. Pertencia à família dos antropomorfos, que possui inteligência quase humana. Empregados em casas de famílias, podem servir a mesa, varrer, engraxar sapatos, lavar talheres e até mesmo aprendem a beber vinho...

— É verdade, patrão, que vamos tomá-lo como empregado? — perguntou Nab.

— Sim — respondeu Cyrus sorrindo. — Mas não tenha ciúmes.

— Acho que será bom empregado — disse Harbert. — Parece jovem, portanto será fácil de ensinar.

Foi dessa maneira que a colônia recebeu um novo membro que, aliás, lhe seria muito útil. Quanto ao nome, foi Pencroft quem escolheu. Lembrando-se do outro macaco que conhecera, chamado Júpiter, resolveu dar esse nome ao orangotango. E todos passaram a chamá-lo de Jup.

As últimas horas daquele dia foram empregadas para transportar os cadáveres dos macacos para o bosque, onde foram enterrados. Nab tratou de acender o fogo e preparar uma boa refeição. Jup não foi esquecido. Deram-lhe pinhões e raízes. O marinheiro desatara-lhe os braços, mas achou conveniente conservar presas as suas pernas.

Antes de deitar, os colonos, reunidos ao redor da mesa, discutiram alguns projetos que consideravam urgentes, como a construção de uma ponte ligando as margens do Providência e a construção de um curral para a criação de carneiros e outros animais produtores de lã que porventura capturassem.

No dia seguinte, 3 de novembro, iniciou-se a construção da ponte. Várias árvores foram abatidas e cortadas em tábuas. A ponte seria fixa na parte que se apoiaria na margem direita do rio e móvel na outra parte. Seria levantada por meio de um contrapeso. Foi uma obra considerável e levou vinte dias para ser concluída. Sua parte móvel, equilibrada por meio de contrapesos, podia ser levantada com facilidade. E, uma vez levantada, deixava intervalo de seis metros, intransponível para qualquer animal.

O primeiro campo de trigo, onde fora plantado apenas um grão, havia prosperado admiravelmente, graças aos cuidados de Pencroft. Nasceram dez espigas, cada uma com oitenta grãos. E cada ano a colheita dobraria. Os oitocentos grãos, menos cinquenta que seriam guardados por prudência, deveriam ser semeados em novo campo com o mesmo cuidado que merecera o primeiro. Depois de preparado e cercado o campo, Pencroft arranhou um espantalho para afugentar os pássaros e semeou os 750 grãos em covas regulares. A natureza se encarregaria do resto.

No dia 21 de novembro, Cyrus começou a desenhar o fosso que devia fechar o platô a oeste, depois do ângulo sul do lago Grant e até o cotovelo do Providência. Como havia granito, foi usada nitroglicerina. Em menos de quinze dias ficou pronto. Tinha três metros e meio e, graças a uma sangria, as águas encheram aquele novo leito, formando pequeno curso de água ao qual chamaram de rio Glicerina. Como previra o engenheiro, o nível do lago desceu, mas de maneira quase imperceptível. Na primeira quinzena de dezembro, terminaram-se os trabalhos e o platô, que era uma espécie de pentágono irregular, tendo um perímetro de seis quilômetros e meio, ficou completamente cercado de água, livre de qualquer agressão.

Durante o mês de dezembro, o calor foi intenso mas nem assim os colonos adiaram a construção do galinheiro, que ocupou área de 180 metros quadrados, na margem sudeste do lago. Foi todo cercado e dividido em partes para as diversas espécies de animais. Os seus primeiros hóspedes foram dois tinamus, que em pouco tempo deram uma ninhada. Como companheiros tiveram meia dúzia de patos que viviam na beira do lago.

Cyrus, para completar sua obra, construiu um pombal destinado a abrigar alguns pombos que frequentavam os altos rochedos do platô.

Chegara o momento de confeccionar roupa branca, usando o pano do aeróstato, pois os colonos nem sequer cogitavam de abandonar a ilha, navegando no balão. Para transportar a imensa quantidade de panos e cordas, os colonos trataram de construir uma carroça fácil de manejar. Não existiria na ilha algum ruminante nativo que substituísse o cavalo, boi ou burro?

No dia 23 de dezembro, os colonos viram dois belos e grandes animais, que imprudentemente haviam se aventurado no platô. Pareciam ser dois cavalos ou pelo menos dois asnos. Eram esguios, o pelo curto, pernas e cauda brancas raiados de preto no corpo e na cabeça. Avançavam tranquilamente sem demonstrar inquietude e olhavam atentamente para os colonos.

— São onagros — exclamou Harbert —, quadrúpedes intermediários entre a zebra e o cuaga!

— Por que não são asnos? — perguntou Nab.

— Porque não têm orelhas compridas e suas formas são mais graciosas.

Sem espantar os onagros, o marinheiro deslizou entre as folhas e levantou a pequena ponte sobre o rio Glicerina, conseguindo capturar o casal de animais. Ficou decidido que não domesticariam à força os onagros. Durante alguns dias eles poderiam pastar livremente. Perto do galinheiro foi construído estábulo para que eles tivessem onde passar a noite. Mas por mais

de uma vez os quadrúpedes deram sinais de querer abandonar aquele platô pequeno demais para eles, habituados a extensas florestas e muito espaço. Seguiam o fosso de água, relinchavam, corriam e finalmente acalmavam-se. Enquanto isso, os colonos fabricavam arreios com fibras vegetais e construíam uma estrada através da floresta.

No fim de dezembro, pela primeira vez experimentaram atrelar os animais. Dentro em pouco estavam domesticados. Então, todos os colonos subiram na carroça e dirigiram-se para o porto Balão. O veículo chegou, sem dificuldades, ao seu destino e naquele mesmo dia carregaram o invólucro do balão e suas cordas. Às oito da noite, a carroça, depois de ter passado a ponte do Providência, desceu a sua margem esquerda e parou na praia.

A primeira semana de janeiro foi destinada à confecção de roupa. A fazenda do aeróstato foi desengraxada por meio de soda e potassa obtidas pela incineração de plantas. Livre do verniz, o algodão voltou a ser macio. Algumas dúzias de camisas e meias foram confeccionadas.

No começo do ano de 1866, o calor aumentou, o mesmo acontecendo com a caça. E Gideon e Harbert não perdiam um só tiro.

Várias excursões foram feitas às florestas Jacamar e Faroeste para recolher vegetais selvagens que depois de bem cultivados serviriam para enriquecer as refeições dos colonos, até então por demais azotadas. A colheita continuava a fornecer alimento. A ostreira também era muito procurada pelos colonos, que ainda se dedicavam à pesca no lago e no rio. Várias trutas e outros peixes saborosos foram apanhados. Nab, encarregado da cozinha, podia variar sempre o cardápio. Só o pão fazia bastante falta a todos.

Jup começara a ser treinado nos trabalhos domésticos. Usava colete, calças curtas e avental com bolsos. Nab e ele pareciam entender-se muito bem. O macaco só deixava a cozinha quando se precisavam de seus serviços para apanhar lenha ou subir em árvores. Sendo muito inteligente, aprendia tudo com facilidade. Um dia Jup surpreendeu os colonos, servindo a mesa. Sempre atento, agradou a todos.

No fim de janeiro os colonos começaram a executar os grandes trabalhos na parte central da ilha. Precisavam construir curral no sopé do monte Franklin, para abrigar os animais ruminantes e principalmente os carneiros produtores de lã. O local escolhido fora uma pradaria cheia de agrupamentos de árvores, situada ao pé de contraforte que a fechava num lado. Pequeno rio cortava o terreno e ia desaguar no rio Vermelho. Foram também construídos abrigos para os animais e depois de tudo pronto foram até o sopé do monte

Franklin para capturar animais. O resultado foi bastante satisfatório.

Todo o mês de fevereiro passou-se sem incidentes. Os trabalhos continuaram, as estradas foram melhoradas e outra nova foi iniciada, em direção à costa ocidental. Antes da estação fria, os colonos trataram de cultivar várias plantas selvagens. A terra era muito fértil e era de se esperar que as colheitas fossem abundantes.

As bebidas usadas eram variadas. Só não tinham vinho. Além do chá e do licor extraído de raízes, havia cerveja fabricada com os brotos de planta chamada *Abies nigra*, que eram fervidos, fermentando-se o suco obtido.

A Providência Divina ajudava bastante aqueles homens corajosos e inteligentes, que tudo conseguiam graças aos seus esforços. Nas tardes de verão, gostavam de conversar numa espécie de varanda feita por Nab, coberta de trepadeiras, sobre assuntos variados e sobretudo sobre a pátria distante. Como estaria a Guerra de Secessão? Sem dúvida Richmond já teria caído nas mãos de Grant! O norte devia ter vencido! Como seria bem recebido um jornal naquela ilha! Havia onze meses que os colonos não se comunicavam com ninguém. Quem diria que os antigos náufragos desamparados tinham-se tornado verdadeiros colonos, que haviam transformado ao seu gosto as plantas e animais da ilha!

Cyrus era o mais calado de todos. Às vezes sorria, ouvindo alguma reflexão de Harbert ou de Pencroft, mas permanecia a maior parte do tempo meditando sobre todos os fatos estranhos acontecidos na ilha!

O tempo começou a mudar na primeira semana de março. No começo do mês houvera lua cheia e o calor fora intenso. A atmosfera parecia carregada de eletricidade e todos esperavam uma tempestade. E realmente, no dia 2 começou a trovoar muito forte e o vento leste fez com que o granizo que começava a cair castigasse a fachada do Palácio de Granito. Todas as janelas e portas precisaram ser hermeticamente fechadas para que os quartos e as salas não ficassem inundados. O mal tempo durou oito dias.

A tempestade terminou no dia 9 de março, mas o céu continuou coberto de nuvens durante o mês. Nessa época, a fêmea do onagro teve um filhote do sexo feminino. Os animais do curral também se reproduziram. Os pecaris haviam-se domesticado muito bem. Num cercado, ao lado do galinheiro, eram engordados vários animais.

Certo dia, Pencroft lembrou a Cyrus uma promessa que fizera e ainda não cumprira: a construção de uma espécie de elevador para substituir as longas escadas do Palácio de Granito.

— É uma coisa bem fácil de fazer, Pencroft. Mas valerá a pena?

— Pode ser que seja um luxo para as pessoas, mas não para os objetos. Não é nada cômodo subir a escada com carga às costas.

— Pois bem, então vamos experimentar satisfazê-lo.

Havia força natural para manobrar o aparelho planejado pelo engenheiro. Para conseguir o que desejavam, bastaria que aumentassem o pequeno desvio do lago que fornecia água ao Palácio de Granito. Feito isso, formou-se uma pequena cascata no fundo do corredor, cujo excesso escorria para poço interior. Sob essa queda, o engenheiro instalou um cilindro que ficava preso a

uma roda. Nessa roda, enrolava-se uma corda que tinha uma cesta presa numa extremidade. Dessa maneira, por meio da corda comprida que ia até o chão, podia-se ligar e desligar o motor hidráulico e transportar qualquer coisa até a porta do Palácio de Granito. No dia 17 de março, para satisfação geral, o elevador funcionou pela primeira vez. Desse dia em diante, toda a carga foi transportada pelo elevador e até mesmo os colonos passaram a utilizá-lo.

Depois do elevador, Cyrus dedicou-se a produzir vidro. Adaptou o antigo forno de cerâmica e começou a fazer experiências. Para a fabricação do vidro são necessárias poucas substâncias: areia, carbonato de cal e soda. Ora, o rio fornecia areia, a cal fornecia o carbonato e as plantas marinhas, a soda. O ácido sulfúrico podia ser tirado das piritas e o próprio solo fornecia a hulha para aquecer o forno. O utensílio cuja fabricação oferecia maiores dificuldades era um tubo de ferro, de um metro e meio de comprimento, usado para manter as substâncias fundidas. Mas o habilidoso Pencroft achou uma solução. No dia 28 de março, o forno foi devidamente aquecido e nele colocaram uma mistura de cem partes de areia, 35 de carbonato de cal, quarenta de sulfato de soda e duas ou três partes de carvão em pó. Logo que essa mistura se tornou pastosa, Cyrus retirou um pouco e começou a revirá-la numa placa de metal, procurando dar-lhe forma para soprar. Depois, entregando o tubo a Harbert, pediu-lhe que soprasse.

— Como se fosse para fazer bolhas de sabão? — perguntou o rapaz.

— Exatamente.

Harbert soprou tão bem, sempre revirando o tubo, que logo conseguiu dilatar a massa de vidro. Juntando a essa massa outros bocados da que ainda estava fundida, conseguiram uma bolha de trinta centímetros de diâmetro. Tomando o tubo da mão de Harbert, Cyrus movimentou-o como se fosse um pêndulo, dando à bolha um formato cilindro-cônica. A sopragem do vidro havia obtido um cilindro terminado por duas calotas hemisféricas, que foram facilmente destacadas por ferro molhado em água fria. Pelo mesmo processo, o cilindro foi partido no sentido do comprimento e, depois de aquecido outra vez, foi estendido e achatado com um rolo de madeira. Seria necessário repetir essa operação cinquenta vezes para conseguir vidros para todas as janelas da casa dos colonos. A indústria de copos e garrafas foi um divertimento para todos. Pencroft soprava com tanta força que os objetos tomavam as formas mais estranhas.

Durante uma das excursões feitas, naquela época, foi descoberta uma árvore que contribuiu para enriquecer a alimentação da colônia. De seu

tronco foi extraída a farinha que servia para fabricar pão.

Num domingo, dia de Páscoa, todos descansavam, observando o dia santo. Depois do jantar, encontravam-se reunidos na varanda, vendo a noite cair. Comentavam a situação isolada da ilha no Pacífico quando Gideon disse:

— Agora que já temos o sextante, Cyrus, não seria interessante verificarmos a posição exata de nossa ilha?

— Sou da mesma opinião — disse Cyrus. — Mas acho que, se houve algum erro no meu cálculo anterior, deve ser de mais ou menos cinco graus em longitude ou latitude.

— Mas quem sabe se não estamos mais próximos do que pensamos de terra habitada?

— Amanhã tiraremos as dúvidas.

No dia seguinte, Cyrus, com o auxílio do sextante, fez as observações necessárias para verificar as coordenadas da ilha e verificou que apenas errara, sem instrumentos, cinco graus. A situação exata era a seguinte: longitude oeste, 150 graus e trinta minutos; latitude sul, 34 graus e 57 minutos.

— Agora — disse Gideon —, já que possuímos também um mapa, vamos verificar a nossa posição exata no meio do Pacífico.

Aberto o mapa, o engenheiro pegou o compasso e fez os cálculos. De repente exclamou:

— Mas já existe uma ilha nessa parte do Pacífico! Está situada dois graus e meio a oeste e dois graus ao sul de nossa ilha.

— E como se chama? — perguntou Harbert.

— Ilha Tabor.

— Será importante?

— Não, apenas uma ilhota perdida no Pacífico! Talvez nunca tenha sido visitada.

— Pois bem, nós a visitaremos — retrucou Pencroft.

— Nós?

— Sim, sr. Cyrus. Construiremos uma barca que será dirigida por mim. A que distância estamos dessa tal ilha?

— Mais ou menos a 240 quilômetros a nordeste — respondeu o engenheiro.

— Então, em 48 horas conseguimos chegar lá se tivermos bons ventos.

Decidiram todos, então, fazer um barco. Mas, como a estação propícia à viagem demoraria seis meses, Cyrus e Pencroft puderam dedicar-se, com

calma, à construção da pequena embarcação. Gideon e Harbert continuaram ocupando-se da caça e Nab e Jup dos afazeres domésticos. O marinheiro estava tão entusiasmado com o novo trabalho que se afastou do estaleiro por apenas um dia e assim mesmo para colher trigo.

— Conseguimos cinco alqueires! — exclamou Pencroft.

— Cinco alqueires! — repetiu o engenheiro. — Quer dizer que temos 650 mil grãos.

— Precisamos ainda dessa vez semear tudo, exceto pequena reserva.

— É verdade. Se tivermos sorte, da próxima vez colheremos quatro mil alqueires.

O terceiro campo de trigo foi bem mais extenso que os outros dois. Depois de ter trabalhado bem a terra e semeado cuidadosamente, Pencroft voltou para seu trabalho no estaleiro.

No dia 30 de abril, Gideon fez uma descoberta preciosa. Ele e Harbert haviam se embrenhado na parte sudeste da floresta Faroeste quando chegaram a uma clareira. Naquele lugar, as árvores, um pouco mais espaçadas, permitiam que alguns raios de sol se filtrassem. Spillet achou estranho o cheiro que exalavam essas árvores de tronco reto e cilíndrico, bastante cheias de folhas. Produziam flores em cachos e pequenas sementes. O repórter perguntou ao rapaz:

— Que árvores serão essas?

— Onde o senhor achou essa planta? — perguntou Harbert

— Numa clareira. E são muito numerosas.

— Pois bem, a sua descoberta receberá os maiores agradecimentos de Pencroft.

— Então descobrimos tabaco?

— Embora não seja de primeira qualidade, é tabaco.

— Como ficará contente! Mas espero que não fume tudo. Também queremos a nossa parte!

— Tive uma ideia — disse Harbert. — Não contemos nada a Pencroft até termos preparado as folhas e então, um belo dia, nós lhe ofereceremos um cachimbo pronto para fumar.

— Estou de acordo.

Os dois amigos colheram boa porção de folhas e voltaram para casa. Tomaram todos os cuidados para que o marinheiro nada percebesse. Cyrus e Nab foram postos a par da situação, mas Pencroft de nada desconfiou durante o tempo que foi necessário para a secagem das folhas e depois para a sua

trituração e queima entre pedras quentes.

Havia vários dias que os colonos viam, a três quilômetros da costa, um animal de grande porte. Parecia uma baleia. Tendo entrado na baía da União, nadava até o cabo Mandíbula e depois até o cabo Garra, balançando a nadadeira da cauda. Movimentando-se rapidamente, atingia grande velocidade. Às vezes, chegava tão perto da ilha que os colonos podiam vê-la completamente. Era uma baleia austral completamente negra e com cabeça menor que a das baleias do norte.

A presença do cetáceo inquietava a todos. Mas o acaso veio mais uma vez ajudar os colonos. No dia 3 de maio, Nab, gritando, veio avisar que a baleia estava encalhada na margem do rio. O cetáceo estava preso na areia, a menos de cinco quilômetros do Palácio de Granito. Era provável que não conseguisse se libertar, mas seria mais prudente cortar-lhe qualquer possibilidade de fuga.

Harbert e Gideon, que iam caçar, imediatamente largaram as espingardas. Pencroft e Cyrus abandonaram o estaleiro e dirigiram-se para o local. Milhares de aves voavam, cercando a baleia.

— Que monstro! — exclamou Nab.

Tratava-se de baleia austral, de 24 metros, exemplar gigantesco da espécie, que devia pesar várias toneladas. Não fazia nenhum esforço para voltar ao mar. Estranhando a imobilidade, os colonos trataram de revirar o cetáceo. Viram, então, que estava morto, arpoado no lado esquerdo.

— Haverá baleeiros por aqui? — perguntou Gideon.

— Por que pergunta isso? — disse Pencroft.

— Ora, essa baleia foi arpoada...

— Isso não quer dizer nada. As baleias podem correr centenas de quilômetros depois de feridas. A que morreu aqui pode ter sido atingida no norte do Atlântico.

— Entretanto... — continuou Gideon, que não se satisfizera com a explicação do marinheiro.

— É bem possível o que nos disse Pencroft — ponderou Cyrus. — Mas examinemos esse arpão, pois é costume dos baleeiros gravar nos arpões o nome do seu navio.

Conseguindo arrancar o arpão, o marinheiro leu a seguinte inscrição: *Maria Estela — Vineyard*.

— Um navio do Vineyard! — exclamou Pencroft. — Um navio do meu país! Um baleeiro que eu conheço bem!

E o marinheiro balançava o arpão repetindo com bastante emoção o nome de seu país natal.

Mas, como não podiam esperar que o *Maria Estela* viesse reclamar o animal, começaram a esquartejá-lo. O trabalho foi feito com rapidez, para evitar que o cetáceo começasse a decompor-se. Era fêmea e puderam tirar boa quantidade de leite que passava perfeitamente pelo de vaca. Os dois têm a mesma consistência, gosto, cor e densidade. Pencroft, que já havia trabalhado a bordo de um baleeiro, coordenou o esquartejamento, que durou três dias. Aproveitou-se a carne, bem como enorme quantidade de óleo e todas as barbatanas.

Antes de voltar para o estaleiro, Cyrus teve a ideia de construir certos engenhos que interessaram vivamente a todos. Partiu em seis partes iguais uma dúzia de barbatanas de baleia e afiou uma das extremidades.

— Para que vai servir isso? — perguntou Harbert.

— Para matar lobos e raposas e até mesmo jaguares.

— Não compreendo...

— É fácil — respondeu o engenheiro. — Não é invenção minha. É coisa muito usada pelos caçadores do Alasca. Quando começar a esfriar, vou dobrar essas barbatanas e jogá-las dentro d'água para que fiquem recobertas de camada de gelo que manterá a sua curvatura. Depois, as espalharei na neve, dissimuladas sob camada de gordura. O que acontecerá se um animal faminto engolir essa isca? O calor do seu estômago derreterá o gelo e as barbatanas esticando-se espetarão o animal.

— É realmente engenhoso! — disse Pencroft.

A construção do barco adiantava-se. No fim do mês já se podia ver que seria uma excelente embarcação para enfrentar o oceano. Pencroft trabalhava com ardor sem igual. Só uma natureza robusta como a dele resistiria a tanto trabalho. Mas seus companheiros preparavam-lhe uma agradável surpresa e no dia 31 de maio iria experimentar uma das maiores alegrias de sua vida.

Naquele dia, depois do jantar, quando já se levantava da mesa, Gideon colocou a mão em seu ombro, dizendo:

— Espere um pouco, mestre Pencroft. O senhor está esquecendo da sobremesa?

— Obrigado, sr. Spillet, mas prefiro voltar para o trabalho.

— Não quer uma xícara de café?

— Também não.

— E um cachimbo?

Pencroft de repente levantou-se e empalideceu vendo Harbert e o repórter oferecendo-lhe um cachimbo e uma brasa. Não conseguia pronunciar palavra. Segurando o cachimbo, deu logo umas cinco ou seis tragadas. Uma nuvem azulada e perfumada espalhou-se nos ares e ele exclamou com voz delirante:

— É tabaco! Tabaco de verdade! Nada mais nos falta nesta ilha.

E Pencroft fumava, fumava, fumava.

— Naturalmente foi você quem fez essa descoberta, não. Harbert? — perguntou o marinheiro.

— Não, foi o sr. Spillet.

— Muito obrigado — disse Pencroft ao repórter, abraçando-o com toda força.

— Ufa! — exclamou Gideon recuperando o fôlego. — Você deve agradecer um pouco a Harbert, que reconheceu a planta, a Cyrus, que a preparou, e a Nab, que guardou o segredo!

— Meus amigos, eu saberei pagar um dia o bem que vocês me fizeram!

O frio chegou no mês de junho, que corresponde ao de dezembro das regiões boreais. A grande preocupação de todos foi confeccionar roupas quentes e duráveis. Graças a elas, puderam enfrentar sem temor o inverno de 1866.

A baixa temperatura começou a fazer-se sentir no dia 20 de junho. Pencroft foi forçado a interromper a construção do barco, que, aliás, estava bastante adiantada. O marinheiro tinha a ideia fixa de visitar a ilha Tabor. Cyrus não aprovava esse projeto, cujo único fim era a curiosidade. Não esperava encontrar nenhum socorro naquele rochedo deserto e semiárido. Uma viagem daquelas num barco pequeno e por mares desconhecidos não deixava de causar-lhe preocupação. E se a embarcação não pudesse atingir a ilha Tabor nem voltar para a Lincoln? Ficaria perdida no Pacífico, em circunstâncias trágicas!

As primeiras nevadas caíram no fim de junho. As visitas ao curral foram estabelecidas uma vez por semana. As armadilhas foram preparadas de novo e experimentaram-se os engenhos de Cyrus nos limites da floresta, perto do lado para onde iam os animais. O resultado da experiência foi bom. Uma dúzia de raposas, alguns javalis e até mesmo um jaguar foram encontrados mortos, com o estômago perfurado.

No mês de julho o frio foi intenso, mas os colonos não economizaram lenha nem carvão. Cyrus havia colocado outra chaminé na sala e ali passavam as longas noites. Enquanto trabalhavam, conversavam e, quando descansavam, liam.

Durante as tempestades era difícil alguém aventurar-se pela ilha. A queda

de árvores era frequente. Mas mesmo assim os colonos não passavam mais de uma semana sem visitar o curral. Felizmente, estava situado em local abrigado pelos contrafortes do monte Franklin. Mas o galinheiro, que ficava exposto aos ventos de leste, sofreu muito prejuízo. O pombal foi destelhado duas vezes. A cerca teve que ser consertada. A ilha Lincoln parecia estar situada em um mau local do Pacífico. Era o centro de todos os ciclones.

Na primeira semana do mês de agosto as rajadas foram diminuindo e a atmosfera acalmou-se. Com a melhora do tempo, veio o frio intenso, descendo o termômetro a 22 graus centígrados abaixo de zero.

O frio durou ainda uma semana e os colonos só abandonavam a casa para cuidar do galinheiro. Pencroft cuidou de preparar as velas do barco, ajudado por Harbert, com o material do aeróstato. Todo o aparelhamento da embarcação ficou pronto antes que ele estivesse acabado. Até mesmo uma bandeira azul, branca e vermelha foi preparada, com uso de corantes vegetais. Em vez de 37 estrelas, representando os estados da União, Pencroft colocou 38, pois já considerava a ilha Lincoln como parte de seu país.

A estação fria estava terminando. Tudo indicava que aquele inverno iria embora sem que nenhum incidente grave acontecesse quando, na noite de 11 de agosto, o platô Vista Grande foi ameaçado de devastação completa. Depois de um dia trabalhoso, os colonos dormiam profundamente quando, por volta das quatro da manhã, foram despertados pelos latidos de Top.

— Fique quieto, Top — disse Nab, que fora o primeiro a despertar.

Mas o cachorro continuou a latir com furor.

— O que está acontecendo? — perguntou Cyrus.

E todos, vestindo-se com rapidez, correram para as janelas, abrindo-as. Do lado de fora, havia apenas um imenso manto de neve que mal se podia distinguir na escuridão da noite. Os colonos nada viram de estranho, mas ouviram uivos singulares. Era evidente que a praia havia sido invadida por animais.

— Que bichos são esses? — perguntou Pencroft.

— São raposas! — exclamou Harbert.

— Avante! — disse o marinheiro.

E todos, armados de carabinas e revólveres, precipitaram-se para o elevador e desceram. As raposas são animais perigosos quando estão em bandos e famintas, mas os colonos conseguiram fazer com que recuassem dando tiros. O que importava era impedir que os animais subissem no platô, pois os danos que sofreria o galinheiro, e sobretudo a plantação de trigo,

seriam irreparáveis. Como o único acesso ao platô era pela margem esquerda do rio, bastaria fazer barreira entre o rio e a muralha de granito. Os colonos colocaram-se naquela parte estreita do terreno, formando uma parede intransponível. Top, com sua enorme boca aberta, precedia-os, seguido de Jup, que brandia um grande porrete. A noite estava extremamente escura. Era difícil enxergar os assaltantes, cujos olhos faiscavam.

— Não podem passar! — gritou Pencroft.

— E não passarão! — respondeu o engenheiro.

Os animais atacavam com fúria. A muito custo os tiros e cacetadas os detinham. Os colonos chegaram ao ponto de lutar corpo a corpo com eles e sofreram alguns ferimentos. Harbert, com uma coronhada, livrou Nab de uma raposa que o atacara pelas costas. Top lutava valentemente, saltando e mordendo as gargantas dos animais, estrangulando-os. Jup, que tinha capacidade de enxergar no escuro, brandia o cacete com violência. A luta terminou com a vitória dos bravos homens da ilha. O raiar do dia afugentou os últimos animais, que fugiram para o norte. Quando o dia clareou, os colonos puderam contar cinquenta cadáveres de raposas espalhados na praia.

— Jup! — gritou Pencroft. — Onde está você?

O orangotango desaparecera. Nab também o chamou e não obteve resposta. Todos começaram a procurar Jup entre os cadáveres que jaziam sobre a neve. Conseguiram encontrá-lo debaixo de um monte de raposas, cujos maxilares quebrados testemunhavam o tremendo ataque que sofrera o macaco.

— Ainda está vivo! — gritou Nab.

— Nós o salvaremos — disse o marinheiro. — Será tratado como seria qualquer um de nós.

O macaco foi levado por Nab e Pencroft até o elevador e colocado em sua cama, no Palácio de Granito. Depois de limpas as feridas, deitaram-no e deram-lhe para beber algumas xícaras de chá medicinal. Passados alguns dias começou a melhorar.

No dia 25 de agosto ouviu-se a voz de Nab, que dizia:

— Sr. Cyrus, sr. Gideon, sr. Harbert, venham cá!

— O que está acontecendo? — perguntou o repórter.

— Vejam! — disse Nab, apontando para Jup, que, acorado, fumava como um turco.

— Apanhou meu cachimbo! — exclamou Pencroft. — Mas não tem importância. Pode ficar com ele.

Jup lançava baforadas de fumaça, parecendo sentir enorme prazer. A partir daquele dia, o cachimbo do macaco passou a ser guardado no seu próprio quarto. Ele mesmo o enchia de fumo e acendia com uma brasa, parecendo o mais feliz dos quadrúmanos. E essa semelhança de gostos só serviu para estreitar os laços de amizade que uniam Pencroft ao orangotango.

Com o mês de setembro terminou o inverno e os trabalhos recomeçaram com ardor. A construção do barco estava bastante adiantada. A coberta da embarcação foi dividida em dois cômodos, ao longo dos quais havia dois bancos. O pé do mastro sustentava com pontaletes o tabique que separava os dois cômodos, nos quais se entrava por duas escotilhas que davam para a coberta e que podiam ser fechadas. Pencroft não teve dificuldade para encontrar uma árvore que servisse para a mastreação. Finalmente, as vergas, o mastro da flecha e os remos ficaram prontos na primeira semana de outubro. Decidiu-se, então, experimentar o barco para ver sua resistência, circundando a ilha.

No dia 10 de outubro, o barco foi lançado ao mar. O marinheiro estava radiante. A operação foi coroada de êxito. E todos, sem exceção, escolheram Pencroft para comandante. Faltava encontrar um nome para a embarcação. Depois de muitas propostas, foi escolhido *Boaventura*.

— Vamos embarcar! — gritava Pencroft.

Mas era preciso almoçar antes e até mesmo levar algumas provisões para bordo, caso a experiência se prolongasse até o anoitecer. Cyrus também tinha pressa em experimentar o barco, construído segundo seus planos, embora sob orientação do marinheiro. Entretanto, não depositava na embarcação a mesma confiança do construtor. Tinha certo receio de ver seus companheiros arriscarem-se ao largo, num barco de menos de quinze toneladas!

Às dez e meia, todos estavam a bordo, incluindo Top e Jup, Nab e Harbert levantaram a âncora, presa na areia, perto da embocadura do Providência. A brigantina foi içada e, com a bandeira da ilha tremulando no mastro, o *Boaventura* fez-se ao largo, comandado por Pencroft. Recebendo vento de popa, a embarcação saiu da baía União com velocidade satisfatória. Depois de dobrar a ponta do Destroço e o cabo Garra, Pencroft seguiu a costa meridional, navegando a cinco quartos do vento. Todas as manobras puderam ser feitas com facilidade. E com o tempo bom que fazia, com a brisa que soprava, o passeio foi bastante agradável.

O *Boaventura* navegava a seis quilômetros da costa. A ilha, então, mostrou-se sob novo aspecto, com o panorama variado do seu litoral, desde o

cabo Garra até o promontório do Réptil, com suas florestas de coníferas e com o monte Franklin coroadado de neve.

— Então, sr. Cyrus — perguntou Pencroft —, o que acha do nosso barco?

— Parece estar indo bem.

— Acha que poderá aguentar viagem mais demorada?

— Que viagem?

— A ilha Tabor, por exemplo.

— Meu amigo — disse Cyrus —, num caso de necessidade, não duvidaria da resistência do nosso barco até mesmo para viagens mais longas. Mas pode ficar sabendo que não será sem receio que eu o verei partir para a ilha Tabor, uma vez que nada o obriga a ir até lá. Acho que vai arriscar-se sem necessidade.

Pencroft nada respondeu. Pretendia insistir depois sobre o assunto, esperando que algum incidente viesse tornar necessária a viagem que pretendia empreender por simples capricho.

Depois de navegar um pouco, o barco dirigiu-se para o porto Balão. Já estavam apenas a oitocentos metros da costa, em velocidade moderada, quando Harbert, que indicava o caminho a seguir, exclamou:

— Desvie, Pencroft, desvie.

— O que foi? — perguntou o marinheiro levantando-se. — Algum rochedo?

— Não... espere... não vejo bem... incline...

E, dizendo isso, o rapaz mergulhou o braço na água.

— Uma garrafa! — exclamou.

Abrindo a garrafa, Cyrus tirou de dentro um papel úmido, no qual se podia ler:

Naufração... Ilha Tabor: 153° O. Long.: 37° 11' — lat. S.

— Um naufrago! — exclamou Pencroft. — Abandonado a centenas de quilômetros de nós. Acho que agora o senhor não fará mais oposição à minha viagem, sr. Cyrus.

— Não! Devemos partir o mais depressa possível.

— Amanhã?

— Sim.

Contornando o cabo Garra, por volta das quatro horas o barco chegou à embocadura do Providência. Naquela mesma tarde, discutiram sobre a nova expedição. Harbert e Pencroft, que conheciam um pouco de navegação, foram escolhidos para a viagem. Partiram no dia seguinte, 11 de outubro, e chegariam à ilha Tabor no dia 13, onde permaneceriam apenas um dia. Cyrus, Nab e Gideon ficariam no Palácio de Granito, aguardando a volta dos companheiros. Mas Gideon protestou, dizendo que preferia ir nadando a perder aquela excelente oportunidade de fazer uma reportagem. Cyrus resolveu, então, deixá-lo partir também.

Todo o resto da tarde foi aproveitado para suprir o *Boaventura* de roupas de cama, utensílios, armas, munições, bússola e víveres suficientes para oito dias. No dia seguinte, às cinco da manhã, os colonos que iam embarcar despediram-se muito emocionados, como também os dois que ficaram. Içando as velas, o marinheiro dirigiu-se para o cabo Garra e, depois de contorná-lo, seguiu para sudoeste. Três horas depois, toda a ilha Lincoln havia desaparecido no horizonte.

O barco navegava bem e rapidamente. Tendo hasteado a vela Pencroft seguia em linha reta, orientado pela bússola. De vez em quando, Harbert

substituía o marinheiro no leme e sua mão era tão firme que Pencroft nada tinha a dizer. De noite, a lua, que devia atingir o quarto crescente no dia 16, apareceu no horizonte por muito pouco tempo. A noite foi escura, mas muito estrelada. Pencroft, por prudência, baixou a vela, não querendo ser surpreendido por alguma brisa mais forte. O repórter dormiu parte da noite. Harbert e Pencroft, de duas em duas horas, revezavam-se no leme. O marinheiro confiava tanto no rapaz quanto em si mesmo, pois Harbert era competente e tinha muito sangue-frio.

A noite passou-se e também o dia 12 de outubro, sendo sempre mantida a direção sudoeste e, se o barco não fosse apanhado por alguma corrente desconhecida, deveria aportar na ilha desejada.

Na noite de 12 para 13 ninguém dormiu. Esperavam com ansiedade avistar terra. Estariam próximos? Ainda encontrariam na ilha o tal naufrago? Quem seria ele? Sua presença não traria problemas para a colônia, tão unida até então? Concordaria em trocar a sua prisão por outra?

— Terra! — gritou Pencroft às seis da manhã.

E, como Pencroft nunca se enganava, era evidente que a terra estava próxima. Que alegria!

Às onze da manhã, a embarcação distava apenas três quilômetros da costa e Pencroft dirigia com extremo cuidado. Podia-se ver toda a ilhota, naquele momento, na qual cresciam gomeiras e outras árvores da mesma espécie das que existiam na ilha Lincoln. Mas o que era de admirar é que não se via nenhuma fumaça indicando que fosse habitada. O *Boaventura* aproximava-se do litoral, seguindo o canal que havia entre os recifes. Pencroft havia confiado a direção a Harbert e examinava com cuidado o caminho. Gideon, com a luneta, examinava a costa, sem nenhum resultado.

Finalmente, por volta de meio-dia, o barco pôde ancorar e a tripulação desembarcou. Não havia dúvida. Estavam na ilha Tabor, pois os mapas mais recentes não assinalavam naquela parte do Pacífico nenhuma outra ilha entre a Nova Zelândia e a costa americana. A embarcação foi solidamente amarrada, para que o refluxo da maré não a levasse, e Pencroft e os dois amigos, bem armados, subiram a costa, almejando atingir uma espécie de cone, de noventa metros de altura, que se elevava a oitocentos metros de distância. Seguiam uma pradaria que terminava no sopé do cone. Vários pombos e andorinhas do mar voavam por ali. No bosque, à esquerda, ouviram o barulho de animais que fugiam. Mas nada indicava que a ilhota fosse habitada.

A escalada do cone foi fácil. Lá de cima, os três homens puderam observar todos os pontos salientes da pequena ilha, que não tinha mais de nove quilômetros e meio de circunferência e cujo perímetro, pouco recortado por cabos, baías ou angras, era de forma oval. O mar estava completamente deserto. Não se via nenhuma terra, nenhuma vela. Aquela ilhota, toda arborizada, não se assemelhava à ilha Lincoln, árida e selvagem de um lado e fértil do outro. Na ilha Tabor, verdadeira massa uniforme de verde dominava duas ou três colinas pouco elevadas. Um riacho corria através da longa pradaria e lançava-se ao mar na costa ocidental, formando estreita embocadura.

— É bem pequena — observou Harbert.

— E, além do mais, parece não ter habitantes — disse o repórter. — Em nenhum lugar nota-se a presença do homem.

— Vamos descer e procurar — propôs Pencroft.

Os três amigos voltaram para onde haviam deixado o barco e dali decidiram partir a pé, para explorar em volta da ilha. Seguiram na direção sul, afugentando bandos de aves aquáticas e focas que mergulhavam apressadamente. A ilhota foi inteiramente contornada em quatro horas. Nenhum sinal de habitação ou de qualquer obra humana foi encontrado.

Pencroft, Gideon e Harbert, formulando hipóteses, jantaram rapidamente a bordo do *Boaventura* e decidiram continuar a excursão que haviam iniciado até o cair da noite. Às cinco horas, aventuraram-se pelos bosques. Os animais, sentindo a presença dos homens, fugiam assustados. Não havia dúvida que homens já haviam estado naquela ilha. Mas quando? No interior da floresta viam-se troncos cortados com machado, mas isso devia ter sido há muito tempo, pois esses troncos estavam cobertos de musgo e o chão, ao seu redor, atapetado de folhas.

— Tudo indica — observou Gideon Spillet — que seres humanos desembarcaram aqui e permaneceram durante algum tempo. Mas onde estarão eles? Quantos seriam? Quantos restarão?

— O documento que encontramos refere-se apenas a um naufrago — lembrou Harbert.

— Se ele ainda estiver aqui, acho que o encontraremos — disse Pencroft.

Seguindo o caminho que cortava diagonalmente a ilha, os três amigos chegaram às margens do riacho que desembocava no mar. Não só os animais provavam que homens haviam estado naquela ilha. Também os vegetais atestavam isso. Em algumas clareiras podia-se notar que plantas haviam sido

cultivadas, embora há algum tempo.

— Acho que o naufrago já foi-se embora — disse Pencroft.

— Então devemos concluir que o documento encontrado na garrafa foi escrito há muito tempo? — perguntou Harbert.

— Evidentemente.

— Vamos para bordo. Amanhã recomeçaremos a exploração.

Realmente, a sugestão do repórter era a melhor e todos já começavam a voltar quando Harbert, apontando para massa confusa de árvores, gritou:

— Uma casa!

Imediatamente todos se dirigiram para o local indicado. À luz do crepúsculo, puderam ver que era construída de tábuas recobertas por um pano alcatroado. A porta, entreaberta, foi empurrada por Pencroft, que rapidamente entrou... A casa estava vazia!

Pencroft, Harbert e Gideon permaneceram em silêncio no meio da escuridão. O marinheiro chamou, mas não obteve resposta. Acendeu, então, um archote e todos puderam ver o interior da sala, completamente abandonada. Num canto, uma lareira bastante malfeita continha cinzas frias e um pouco de lenha. Acesa por Pencroft, a lareira espalhou claridade forte em toda a cabana. Viram, então, uma cama em desordem, cujas cobertas úmidas e amareladas não deviam ser usadas há muito. Num canto da lareira, duas chaleiras cobertas de ferrugem e uma única marmita, virada. Num armário, encontraram algumas roupas de marinheiro, já mofadas. Em cima da mesa, um talher de estanho e uma Bíblia meio estragada pela umidade. Num dos cantos da sala, estavam jogados alguns utensílios, uma pá, uma enxada, uma picareta, duas espingardas de caça, uma das quais quebrada. Numa prateleira havia um barril de pólvora ainda intato, um de chumbo e várias caixas de isca. A grossa camada de poeira indicava que aquilo tudo não era usado talvez há vários anos.

Decidiram pernoitar na cabana. Fechada a porta, conversavam, sempre atentos a qualquer ruído exterior. Se naquele momento alguém entrasse na cabana, certamente não ficariam surpreendidos, apesar do abandono em que se achava. Abraçariam o amigo desconhecido, o naufrago que tanto esperavam!

Mas nenhum ruído foi ouvido e as horas passaram-se sem que a porta se abrisse. Assim que raiou o dia, começaram a examinar a casa. Estava num local verdadeiramente privilegiado, atrás de uma colina, onde cresciam cinco ou seis gomeiras. De sua porta, através das árvores, se avistava o mar. Um

gramado, cercado por pedaços de pau que já caíam de podres, levava até o riacho. A cabana fora construída com tábuas que pareciam ter sido tiradas do casco de um navio. Essa hipótese ficou provada quando Gideon, dando uma volta ao redor da cabana, encontrou numa tábua as seguintes letras, meio apagadas: BR.TAN.A.

— Britânia! — exclamou Pencroft. — Mas esse nome é tão comum em navios que não posso saber se era americano ou inglês. Mas isso pouco importa. Se a sua tripulação ainda estiver viva, nós a salvaremos. Não nos interessa a sua nacionalidade. Mas, antes de recomeçar nossa exploração, vamos até o nosso barco.

Pencroft estava um tanto inquieto. Se a ilha fosse habitada, talvez alguém se apoderasse do *Boaventura*... Mas logo deu de ombros, afastando essa hipótese absurda. Por outro lado, agradava ao marinheiro fazer refeição a bordo. Precisavam apenas andar um quilômetro e meio, através do bosque. Aproveitaram, então, para observar todo o caminho que percorriam, mas só viram cabras e porcos. Depois de vinte minutos de caminhada, avistaram a costa oriental da ilha e o *Boaventura*, fortemente ancorado na areia. O marinheiro suspirou aliviado. Subiram a bordo e almoçaram bem, para poderem jantar bastante tarde.

Terminada a refeição, as buscas recomeçaram. Como era mais provável que o habitante da ilha estivesse morto, procuravam encontrar apenas seus vestígios. Mas todo aquele trabalho foi em vão. Se o náufrago morrera, com certeza algum animal feroz o devorara.

— Voltaremos amanhã ao nascer do dia — disse Pencroft aos companheiros.

— Acho que poderemos levar os objetos encontrados aqui — acrescentou Harbert.

— Sou da mesma opinião — opinou Gideon. — A pólvora e o chumbo nos serão de grande utilidade.

— E não nós esqueçamos de capturar um ou dois casais de porcos, nem de levar sementes de legumes — disse o marinheiro.

— Talvez seja melhor permanecermos mais um dia para poder recolher tudo.

— Não, sr. Spillet — replicou Pencroft —, devemos partir amanhã ao nascer do dia. Parece-me que o vento está mudando para oeste e devemos aproveitar.

— Então não devemos mais perder tempo — afirmou Harbert, levantando-

se.

— Concorde. Você, Harbert, vai recolher as sementes, enquanto o sr. Spillet e eu caçamos os porcos.

Harbert seguiu o caminho que ia dar à parte cultivada da ilha e o marinheiro e Gideon foram para a floresta. Vários porcos, extremamente ágeis, escaparam aos dois caçadores, que, finalmente, conseguiram encurralar um casal num trecho da floresta cheio de plantas entrelaçadas. Nesse momento ouviram gritos terríveis, a uma centena de passos de onde estavam, na direção norte. A esses gritos misturavam-se grunhidos que nada tinham de humano.

Pencroft e Gideon ficaram atentos aos gritos e os porcos aproveitaram para fugir.

— É a voz de Harbert! — disse o repórter.

— Vamos depressa!

Os dois correram o mais depressa possível e perto de uma clareira viram o jovem aterrorizado por um ser selvagem, sem dúvida um gigantesco macaco, que parecia ter más intenções. Imediatamente trataram de salvar Harbert e amarrar fortemente aquela estranha criatura.

— Está ferido? — perguntou Pencroft ao rapaz.

— Não, não!

— Se esse macaco o tivesse ferido...

— Mas não se trata de um macaco — afirmou Harbert.

Ouvindo isso, o repórter e o marinheiro olharam para o monstro que jazia no chão. Realmente, não era um macaco! Era criatura humana! Mas que homem! Selvagem, na verdadeira acepção da palavra. Parecia ter atingido o último grau de embrutecimento. Cabelo revolto, barba comprida, apenas um farrapo preso na cintura, olhos ferozes, mãos enormes e unhas compridíssimas, pele escura, pés cascudos!

— Será o náufrago que procuramos? — perguntou Harbert.

— Sim, mas nada tem de humano atualmente.

O repórter tinha razão. O isolamento devia ter feito do náufrago um selvagem ou, pior do que isso, um homem-animal. Só emitia sons roucos e seus dentes eram afiados como os dos animais carnívoros. Há muito tempo a memória devia tê-lo abandonado. Por isso, não sabia mais utilizar-se de suas armas e objetos, nem acender fogo. Seu físico desenvolvera-se em detrimento de suas qualidades morais!

Depois de observá-lo bem, Gideon disse:

— Não importa quem seja ou tenha sido. Acho que é nosso dever levá-lo para a ilha Lincoln.

— Sim — disse Harbert. — Quem sabe se depois de bem cuidado não voltará à razão?

O ente selvagem foi levado para o *Boaventura*, onde foi deixado sob a guarda de Pencroft.

Harbert e Gideon voltaram para a ilhota, a fim de transportar as armas e os utensílios. Dentro de pouco regressaram ao barco, trazendo não só o que encontraram na casa, mas as sementes, alguns animais e dois casais de porcos. O barco estava pronto para levantar âncora no dia seguinte, logo que a maré permitisse.

O prisioneiro foi alojado no quarto da frente e lá permaneceu quieto. Recusou carne cozida, mas comeu com avidez um pato caçado por Harbert. Devorou-o completamente cru.

— O senhor acha que ele vai melhorar? — perguntou Pencroft, sacudindo a cabeça.

— Acho que nossos cuidados poderão fazer com que ele volte à civilização — respondeu Spillet.

No dia seguinte, 15 de outubro, o tempo mudou, como previra Pencroft. O vento, soprando de noroeste, favorecia a volta do *Boaventura*, mas, aumentando sua velocidade, tornava a navegação mais difícil. Às cinco da manhã, a âncora foi levantada e o marinheiro colocou a popa do navio na direção nordeste, dirigindo-se para a ilha Lincoln.

No dia 20 de outubro, após quatro dias de viagem, o *Boaventura* veio ancorar na embocadura do Providência, às sete da manhã. O engenheiro e Nab esperavam os passageiros na margem e mesmo antes que saltassem Cyrus perguntou-lhes:

— Pelo que vejo, não encontraram nenhum náufrago, não é verdade?

— Peço desculpas, sr. Cyrus, mas somos quatro a bordo! — disse Pencroft.

— Então encontraram alguém?

— Sim.

— E trouxeram-no?

— Sim.

— Vivo?

— Sim.

— Mas onde está? Quem é ele?

— Ele é, ou melhor, era um homem. É tudo o que podemos dizer — respondeu o repórter.

O engenheiro, pouco depois, foi posto a par do que se passara na ilhota. E Pencroft terminou dizendo:

— E não sei se fizemos bem em trazê-lo para cá.

— É claro que agiram bem!

— Mas ele parece ser irracional! — disse Pencroft.

— É possível. Mas quem sabe se há poucos meses não era homem como qualquer um de nós? Quem sabe o que acontecerá a quem ficar sozinho nesta ilha? Aquele de nós que sobreviver aos outros poderá ficar no mesmo estado que esse infeliz, por causa do isolamento.

— Mas por que o senhor acha que o embrutecimento dessa criatura data apenas de alguns meses? — perguntou Harbert.

— Porque o documento que encontramos foi recentemente escrito e só poderia ter sido produzido por ele.

— A menos que o tenha sido por algum companheiro que tenha morrido mais tarde — sugeriu o repórter.

— É impossível, meu caro amigo — retrucou Cyrus.

— Por quê?

— Nessa hipótese o documento teria mencionado dois náufragos.

O náufrago da ilha Tabor foi trazido para fora da cabine, com grande pena de Cyrus e espanto de Nab. Logo que chegou em terra mostrou desejo de fugir. Mas Cyrus colocou com autoridade a mão no seu ombro e, olhando-o com doçura, conseguiu que se acalmasse.

O desconhecido ocuparia um dos cômodos do Palácio de Granito, de onde não poderia fugir. Deixou-se levar sem opor resistência. Durante o almoço, Cyrus concordou com seus amigos quanto à nacionalidade do náufrago. Devia ser americano ou inglês.

— Aliás — disse Gideon a Harbert —, você nunca nos disse como o encontrou. Só sabemos que se não tivéssemos chegado a tempo ele o teria estrangulado.

— Nem sei bem como foi. Estava ocupado, colhendo plantas, quando ouvi um barulho, como se algo caísse de árvore bastante alta. Quando me virei, lançou-se sobre mim...

— Meu filho — disse Cyrus —, você realmente correu grande perigo, mas se não fosse isso talvez esse infeliz nunca tivesse sido encontrado. E nós não teríamos mais um companheiro.

— Você espera transformá-lo de novo em homem? — perguntou o repórter.

— Sim!

Terminado o almoço, o engenheiro e seus amigos voltaram para a praia e começaram a descarregar o navio. Mas nenhum dos objetos trazidos serviu para identificar o desconhecido. Os porcos capturados foram logo conduzidos para o curral, onde deveriam aclimatar-se com facilidade. Os barris de pólvora e chumbo, bem como as caixas de iscas, foram bem-vindos. Decidiram guardar a pólvora em outra caverna a fim de evitar explosões. A piroxila continuaria a ser usada, pois como vinha produzindo efeitos ótimos não havia razão para substituí-la por pólvora. Terminado o descarregamento

do barco, Pencroft propôs a Cyrus:

— O senhor não acha melhor colocar o *Boaventura* em local seguro?

— Não acha a embocadura um bom lugar?

— Não, porque fica muito tempo encalhado na areia, o que lhe é prejudicial. Não devemos deixar que se estrague.

— Não pode ficar flutuando no rio?

— Poderia, mas acho a embocadura muito desprotegida. Sofreria muito com o vento e com as ondas. No porto Balão ficaria mais preservado.

— Não acha um pouco distante?

— Está a apenas cinco quilômetros daqui.

— Então leve o barco para lá. Preferia que ficasse aqui para podermos vigiá-lo melhor. Assim que tivermos tempo, vamos construir um pequeno porto para ele.

Harbert e o marinheiro embarcaram no *Boaventura*, levantaram âncora e conduziram-no para o cabo Garra. Duas horas depois estava tranquilamente ancorado no porto Balão.

O desconhecido melhorou nos primeiros dias que passou no Palácio de Granito. Cyrus e Gideon chegaram até a pensar que a razão nunca o abandonara totalmente. Habitado à liberdade e ao ar livre na ilha Tabor, a princípio o prisioneiro rebelou-se. Mas pouco a pouco foi se acalmando e os colonos começaram a lhe dar mais liberdade. Já começara a aceitar carne cozida e Cyrus, aproveitando um momento em que dormia, cortou a sua cabeleira e barba. Os farrapos que trazia sobre o corpo foram substituídos por roupas mais convenientes e seu aspecto já era humano. Até mesmo seu olhar tornou-se mais suave. Todos os dias o engenheiro passava algumas horas em sua companhia, trabalhando, para ver se alguma coisa despertava sua atenção. Procurava, também, falar em voz alta, para que o desconhecido ouvisse bem o som das palavras. A calma do desconhecido era profunda e demonstrava certo apego a Cyrus. Este, certo dia, resolveu levá-lo para outro ambiente, junto do mar, onde devia ter passado tantos anos de sua vida.

Naquele dia, 30 de outubro, fazia calor e um belo sol iluminava a ilha. Cyrus e Pencroft foram até o quarto do desconhecido e encontraram-no perto da janela, olhando para o céu.

— Venha, meu amigo — disse-lhe o engenheiro.

Levantou-se e seguiu Cyrus. O marinheiro foi atrás, não acreditando muito no êxito da experiência. Os três entraram no elevador e desceram até a praia, onde Nab e Harbert os esperavam. Os colonos afastaram-se um pouco, para

deixá-lo em liberdade. Vendo o mar, o desconhecido pareceu animar-se e não tentou fugir. Ficou parado vendo as pequenas ondas morrerem na areia.

— Devemos levá-lo ao platô — disse Cyrus. — Poderemos conseguir melhor resultado.

Chegando ao lugar onde cresciam as primeiras árvores da floresta, o desconhecido pareceu respirar com satisfação aquele ar puro e um suspiro escapou de seu peito. Suas pernas então estenderam-se, mas logo voltaram à sua posição normal... e uma grande lágrima escapou de seus olhos!

— Ah! — exclamou Cyrus. — Você voltou a ser um homem, pois está chorando!

Dois dias depois dessa cena, o prisioneiro começou a participar da vida comum. Era evidente que compreendia tudo o que diziam, mas uma estranha obstinação o impedia de falar. Uma noite, Pencroft encostou o ouvido à sua porta e escutou essas palavras:

— Não! Aqui, eu, nunca!

O marinheiro correu para contar o que ouvira aos companheiros.

— Há algum mistério doloroso nessa história — disse Cyrus.

O desconhecido começara a ajudar nos trabalhos, mas, muitas vezes, interrompia o que estava fazendo e concentrava-se em si mesmo. Ninguém o perturbava, como recomendara o engenheiro. Mas, se por acaso algum dos colonos aproximava-se, o náufrago rompia em soluços. Sentiria remorsos de alguma coisa? Era o que parecia.

No dia 3 de novembro, o desconhecido trabalhava a terra, no platô, perto de Cyrus, quando deixou cair a enxada e começou a chorar. Aproximando-se dele, o engenheiro segurou seu braço e perguntou:

— O que está sentindo, meu amigo?

O desconhecido olhou para Cyrus, como se estivesse hipnotizado. Quis fugir, mas conteve-se. Sua fisionomia, então, transformou-se. Seus olhos faiscavam e parecia que as palavras queriam escapar de seus lábios. Já não podia mais conter-se!... Finalmente, cruzou os braços e disse, com voz surda:

— Quem são vocês?

— Náufragos como você — respondeu o engenheiro, profundamente emocionado. — Nós o trouxemos para cá, para que você fique entre seus semelhantes.

— Meus semelhantes... Não tenho...

— Você está entre amigos...

— Amigos... eu... amigos! — exclamou o desconhecido escondendo a

cabeça entre as mãos. — Não... deixem-me!

Depois, fugiu para o lado do platô, de onde podia ver o mar, e ali permaneceu imóvel por muito tempo. Cyrus fora contar aos companheiros o que acontecera.

Durante duas horas, o desconhecido permaneceu sozinho na praia, lembrando-se do seu passado — sem dúvida funesto —, e os colonos, embora sem o perderem de vista, não o perturbaram. Depois desse isolamento, veio voluntariamente procurar Cyrus. Seus olhos estavam vermelhos, mas não chorava mais. Sua atitude era de humildade e parecia um tanto amedrontado.

— O senhor é inglês?

— Não — respondeu o engenheiro. — Eu e meus companheiros somos americanos. E o senhor?

— Inglês!

Depois de dizer isso, tornou a afastar-se, indo até a embocadura do Providência, demonstrando profunda agitação. Depois, passando perto de Harbert, perguntou:

— Em que mês e ano estamos?

— Em dezembro de 1886.

— Doze anos! Doze anos! — exclamou, afastando-se.

Quando Harbert contou aos companheiros o que o desconhecido lhe perguntara, disse Gideon:

— Esse infeliz não tinha mais noção de tempo.

— Doze anos! — repetiu Cyrus. — Tanto tempo de isolamento, de uma existência maldita, é suficiente para alterar a razão de um homem.

Nos dias que se seguiram, o desconhecido não pronunciou mais nenhuma palavra. Continuou revolvendo a terra, sem descanso, mas sempre afastado. Embora fosse convidado para comer, preferia alimentar-se com legumes crus. De noite, não ia para seu quarto, preferindo dormir sob as árvores ou embaixo de alguma rocha. Vivia como se estivesse na ilha Tabor. No dia 10 de novembro, por volta das oito da noite, quando começava a escurecer, o desconhecido apareceu de repente diante dos colonos reunidos na varanda. Seus olhos brilhavam estranhamente e seu aspecto não era bom.

— Por que estou aqui? — perguntou ele. — Que direito tinham de tirar-me de lá? Sabem quem sou eu?... O que fiz? Como sabem que não fui abandonado?... Conhecem meu passado?... Sabem se roubei ou assassinei?... Se sou um miserável... um maldito... se devo viver como um animal, longe de todos?

Os colonos escutaram sem interromper a confissão daquele infeliz. Cyrus quis acalmá-lo, aproximando-se dele, mas o homem imediatamente recuou dizendo:

— Não, não! Só quero saber se sou livre!

— Você é livre — respondeu o engenheiro.

— Pois então, adeus!

E fugiu como louco.

— Devemos deixá-lo à vontade — disse Cyrus. — Tenho certeza de que voltará.

Passaram-se os dias e Cyrus continuava afirmando que o infeliz homem voltaria mais cedo ou mais tarde.

— Essa foi a última revolta daquela natureza rude, atormentada pelos remorsos. Não permanecerá muito tempo longe de nós.

Os trabalhos costumeiros continuaram a ser feitos no platô e no curral, onde Cyrus pretendia estabelecer uma fazenda. Os grãos trazidos da ilha Tabor tinham sido semeados e muito bem cuidados. No dia 15 de novembro, foi feita a terceira colheita de trigo, dezoito meses depois de terem semeado o primeiro grão. A segunda colheita, de seiscentos mil grãos, produziu dessa vez mais de quinhentos milhões de grãos! A colônia tinha bastante trigo para consumir, pois bastava dali em diante semear uma dezena de alqueires de trigo para assegurar o fornecimento de alimento para todos os homens e animais. Terminada a colheita, a última quinzena do mês foi destinada aos trabalhos de panificação. Era verdade que tinham o grão, mas não a farinha. Cyrus construiu um simples moinho de vento, no alto do platô, perto da margem do lago.

No dia 3 de dezembro, Harbert foi pescar na margem do lago. Não levava nenhuma arma porque os animais selvagens não costumavam aventurar-se até ali. Pencroft e Nab trabalhavam no galinheiro e Cyrus, juntamente com Gideon, fabricava soda, para fazer sabão, quando se ouviram gritos:

— Socorro! Socorro!

Cyrus e o repórter, que estavam muito longe, não ouviram os gritos, mas Nab e Pencroft largaram tudo e correram para o lago. Mas, antes deles, o desconhecido, que ninguém supunha ali por perto, atravessou o rio Glicerina, que separava o platô da floresta, e correu para auxiliar o rapaz. Harbert estava diante de um imenso jaguar. Sem saber o que fazer, o rapaz encostara-se numa árvore e o animal já armava o bote para atacá-lo quando seu inesperado protetor, armado apenas com uma faca, lançou-se sobre o animal. A luta não

demorou muito. O selvagem, dotado de força e destreza surpreendentes, conseguiu segurar a garganta do jaguar com uma das mãos, enquanto enfiava a faca no coração do animal com a outra. O jaguar caiu e o desconhecido empurrou-o com o pé. Já ia fugindo quando Harbert segurou-o, dizendo:

— Não, você não pode ir embora!

Cyrus aproximou-se do desconhecido, que franziu a testa. O sangue escorria abundantemente do seu ombro, mas ele parecia não se importar.

— Meu amigo — disse o engenheiro —, temos uma dívida com você. Para salvar o rapaz, arriscou sua própria vida!

— Minha vida! — murmurou ele. — Ela não vale nada!

— Você está ferido?

— Não importa.

— Quer apertar minha mão?

E, como Harbert procurasse ampará-lo, cruzou os braços. Por um minuto, pareceu querer fugir, mas, fazendo violento esforço, disse em tom brusco:

— Quem são os senhores e o que querem de mim?

Ele queria saber toda a história dos colonos. Contaria a dele depois? Em poucas palavras, Cyrus relatou o que se passara desde a partida de Richmond até aquele momento. O desconhecido ouviu tudo com extrema atenção. Terminando a narrativa, o engenheiro disse que a maior alegria que haviam tido, desde a chegada à ilha Lincoln, fora o encontro de um novo companheiro.

— E agora, já que nos conhece — propôs Cyrus —, quer apertar nossas mãos?

— Não, não! Vocês são honestos, mas eu...

As últimas palavras ouvidas pelos colonos justificaram os seus pressentimentos. Havia algo de sombrio na vida daquele infeliz. Vivia torturado pelos remorsos. Não se achava digno de apertar as mãos que os colonos lhe ofereciam. Entretanto, depois do incidente do jaguar, não voltou mais para a floresta, permanecendo nos arredores do Palácio de Granito.

No dia 10 de dezembro, uma semana depois de sua volta, o desconhecido aproximou-se de Cyrus e com voz humilde disse:

— Tenho um pedido a fazer.

— Pode falar, mas antes permita-me dizer-lhe que pode contar conosco não como simples companheiros, mas como amigos.

O desconhecido passou a mão sobre os olhos e ficou tremendo, sem poder articular palavra. Finalmente, disse:

— Venho apenas pedir um favor.

— Qual?

— A poucos quilômetros daqui existe um curral. Os animais que estão lá precisam ser cuidados. Consente que eu viva lá?

Cyrus olhou durante alguns instantes o infeliz homem e cheio de comiseração respondeu:

— Mas no curral há apenas estábulos para animais...

— Servem para mim.

— Meu amigo, não queremos contrariá-lo. Se quer viver no curral, pode ir, mas saiba que será sempre bem recebido no Palácio de Granito. E, já que quer permanecer lá, procuraremos instalá-lo o melhor possível.

— Não é preciso.

- Pode deixar por nossa conta.
- Muito obrigado — disse, retirando-se.

O engenheiro contou o que se passara aos companheiros e decidiu construir uma pequena cabana no curral para proporcionar certo conforto ao infeliz. Uma semana depois ficou pronta a pequena casa, levantada a seis metros do estábulo. Dali podia-se vigiar bem os oitenta carneiros que compunham o rebanho. Para lá foram levados móveis, objetos e armas.

O desconhecido deixou que os colonos trabalhassem sozinhos na construção de sua casa. Ficou no platô arando a terra. No dia 20 de dezembro o engenheiro avisou-lhe que sua casa estava pronta. Este respondeu que naquela mesma noite iria para lá.

Às oito horas, os colonos reuniram-se na sala principal do Palácio de Granito. Queriam evitar as despedidas que seriam penosas para o infeliz. Todos conversavam quando ouviram uma batida na porta. O desconhecido entrou na sala e começou a falar:

— Meus senhores, antes de nos separarmos, gostaria de contar a minha história.

Essas palavras impressionaram Cyrus e seus amigos. O engenheiro levantou-se e disse:

- Não exigimos que nos conte nada. Se quiser, pode manter o segredo.
- Acho que é meu dever falar.
- Então se sente e fale.
- Prefiro ficar de pé.

O desconhecido estava num canto da sala, meio protegido pela penumbra. A cabeça descoberta e os braços cruzados no peito. Com voz surda, começou a contar:

“No dia 20 de dezembro de 1854, um iate de luxo ancorou no cabo Bernoulli, na costa ocidental da Austrália. Pertencia ao lorde escocês Glenarvan. A bordo, além do dono, estavam as seguintes pessoas: sua esposa, um major da armada inglesa, um geógrafo francês, um rapaz e uma jovem. Os dois eram os filhos do capitão Grant, cujo navio, *Britânia*, afundara havia mais de um ano. O iate, que se chamava *Duncan*, era comandado pelo capitão John Mangles e sua tripulação era de quinze homens. Vou contar por que esse iate se encontrava na costa australiana, no paralelo 37. Seis meses antes, uma garrafa fora recolhida pelo *Duncan* e nela havia uma mensagem escrita em inglês, alemão e francês. Dizia que três passageiros do *Britânia* haviam sobrevivido, o capitão e dois tripulantes, e que estes haviam encontrado

refúgio numa terra cuja latitude estava consignada. Infelizmente, a longitude fora apagada pela água do mar. A latitude era 37 graus e onze minutos, sul. Como a longitude era desconhecida, só restava seguir o paralelo 37, por mares e continentes, para encontrar os naufragos. O almirantado inglês hesitava em tomar uma decisão, quando lorde Glenarvan resolveu encontrar o capitão perdido. Mandou preparar seu iate para a longa travessia, da qual participariam sua família e os filhos do capitão Grant. Saindo de Glasgow, o *Duncan* dirigiu-se para o Atlântico, dobrou o estreito de Magalhães e subiu o Pacífico até a Patagônia, onde, de acordo com a primeira interpretação do documento, o capitão teria sido feito prisioneiro de indígenas. A embarcação deixou os passageiros na costa ocidental da Patagônia e seguiu para tornar a apanhá-los na costa oriental do cabo Correntes. Lorde Glenarvan atravessou a Patagônia, seguindo o paralelo 37, mas não encontrou vestígios do capitão. Tornou a embarcar no dia 13 de novembro, para continuar as buscas. Depois de ter visitado, sem êxito, as ilhas de Tristão da Cunha e Amsterdã, o iate chegou ao cabo Bernoulli, em 20 de dezembro de 1854. A intenção de lorde Glenarvan era atravessar a Austrália como havia feito com a América. Então desembarcou. Um fazendeiro irlandês, que possuía uma propriedade a poucos quilômetros da costa, ofereceu hospitalidade aos viajantes. O dono do iate aproveitou a ocasião para contar ao irlandês a finalidade de sua viagem e ao mesmo tempo perguntar se ouvira falar do naufrágio de um navio chamado *Britânia*, ocorrido há pouco menos de dois anos, na costa oeste da Austrália. O fazendeiro respondeu que nunca ouvira falar daquele navio, mas, para surpresa de todos, um dos seus criados disse:

— Meu senhor, agradeça a Deus se encontrar o capitão Grant vivo. Ainda existe e deve estar aqui na Austrália.

— Quem é o senhor? — perguntou o lorde.

— Um escocês, como o senhor. Fui um dos companheiros do capitão que procura.

O homem chamava-se Ayrton e fora o contramestre do *Britânia*, apresentando documentos para provar. Tendo perdido de vista o capitão desde o momento em que o navio se quebrara de encontro aos recifes, acreditara que este morrera, juntamente com toda a tripulação.

— Entretanto — continuou ele —, o naufrágio ocorreu na costa leste da Austrália e não na oeste, como diz o documento. Se o capitão ainda vive, deve estar prisioneiro dos indígenas que habitam a outra costa.

O homem que falava tinha voz firme e olhar seguro. Não se podia duvidar

do que dizia. Lorde Glenarvan resolveu confiar nele e decidiu atravessar a Austrália, seguindo o paralelo 37. Foi organizada uma pequena caravana, composta pelo lorde, sua esposa, os dois jovens, o major, o geógrafo, o capitão Mangles e alguns marinheiros. O chefe era Ayrton. O *Duncan*, sob as ordens de Tom Austin, imediato, iria para Melbourne aguardar ordens do dono.

A caravana partiu no dia 23 de dezembro de 1854.

Já é tempo de dizer que Ayrton era um patife. Fora, realmente, contramestre do *Britânia*, mas, por ter tentado motim a fim de apoderar-se do navio, foi expulso pelo capitão no dia 8 de abril de 1852 na costa oeste da Austrália. Portanto, o miserável nada sabia do naufrágio do *Britânia*. Desde o seu desembarque, tomara o nome de Ben Joyce e tornara-se o chefe dos foragidos condenados. Atraindo o lorde para a costa leste, planejava apenas separá-lo do iate para poder apoderar-se do mesmo e torná-lo um navio pirata do Pacífico.”

Nesse momento, o desconhecido interrompeu sua narrativa. Depois, com voz trêmula, recomeçou:

“A expedição não teve êxito, como era de supor, pois Ayrton ou Ben Joyce, como queiram chamá-lo, era quem a dirigia, sempre auxiliado pelos foragidos condenados. Enquanto isso, o *Duncan* fora enviado a Melbourne para reparos. Era preciso convencer lorde Glenarvan a mandar buscar o iate e levá-lo para a costa leste, onde seria fácil roubá-lo. Depois de levar a caravana para bem perto dessa costa, e de fazê-la atravessar florestas imensas, Ayrton conseguiu que o lorde escrevesse uma carta para seu imediato, ordenando que o barco fosse levado para a baía Twofold, que ficava perto do local onde estava a caravana. No momento em que ia receber a carta, o patife foi desmascarado e só teve uma saída: fugir. Mas antes disso conseguiu apoderar-se da mensagem e dois dias depois chegou a Melbourne. Até aquele momento o criminoso havia conseguido tudo o que desejara. Conduzir o navio até a baía onde os cúmplices o esperavam seria coisa fácil. Depois de dominada a tripulação, Ben Joyce se transformaria em dono dos mares... Mas Deus não permitiria que ele conseguisse realizar seus planos funestos. O imediato, assim que recebeu a carta, tratou de partir. Mas não se pode calcular a fúria de Ayrton quando viu, no dia seguinte, que Tom conduzia o navio para a costa da Nova Zelândia e não para a baía Twofold. Protestou, mas o imediato mostrou-lhe as ordens recebidas e, com efeito, por erro providencial do geógrafo francês, a carta indicava a costa da Nova

Zelândia como destino. Todos os planos de Ayrton falharam! Tentou revoltar-se, mas foi preso e levado para a Nova Zelândia, sem saber o que acontecera aos seus cúmplices e a lorde Glenarvan. O *Duncan* navegou naquela costa até o dia 3 de março. Nesse dia, Ayrton ouviu tiros disparados pelos canhões do iate. Dentro de poucos minutos, lorde Glenarvan e todos os seus estavam a bordo.

Eis o que aconteceu. Após uma viagem cheia de perigos e bastante penosa, os componentes da caravana haviam chegado à baía Twofold, onde não encontraram nem sinal do *Duncan*. Telegrafando para Melbourne, o lorde recebera a seguinte resposta: ‘*Duncan* partiu dezoito do corrente destino desconhecido.’ Glenarvan só teve um pensamento: seu iate caíra nas mãos de Ben Joyce e transformara-se em um navio pirata! Embarcou num navio mercante para a costa oeste da Nova Zelândia e atravessou o paralelo 37 sem, contudo, encontrar nenhum traço do capitão Grant. Mas, passando para a costa leste, teve a surpresa de encontrar o *Duncan*, que o esperava há cinco semanas, sob o comando do imediato.

Ayrton foi trazido à presença do lorde, que tentou tirar dele alguma informação sobre o capitão desaparecido. Mas o traidor permaneceu mudo e nem mesmo as ameaças de entregá-lo às autoridades inglesas o fizeram falar. O *Duncan* continuou a seguir o paralelo 37. Enquanto isso, a sra. Glenarvan tentava vencer a resistência de Ayrton. Finalmente, este concordou em falar, sob a condição de ser deixado numa ilha do Pacífico em vez de entregue às autoridades inglesas. Contou toda a sua vida, mas deixou bem claro que não sabia do paradeiro do capitão, desde o dia em que fora desembarcado na costa australiana. Por outro lado, lorde Glenarvan manteve a palavra. Tendo chegado à ilha Tabor, decidiu deixar ali o tratante e, por feliz coincidência, foi justamente ali que encontrou o capitão Grant e seus dois companheiros. Deixando o condenado na ilha, lorde Glenarvan pronunciou as seguintes palavras:

— Aqui, Ayrton, você ficará completamente isolado, sem meios de comunicação com seus semelhantes. Ficaré só, apenas com Deus, que vive no fundo do coração de todos nós, mas você não será ignorado nem ficará perdido como esteve o capitão Grant. Por mais indigno que você seja da lembrança dos homens, pode estar certo de que eles não o esquecerão. Eu sei onde você está. Saberei encontrá-lo. Não o esquecerei jamais!

E o *Duncan* logo desapareceu no horizonte. Era o dia 18 de março de 1855. Ayrton ficara só, mas não lhe faltaram armas, utensílios e comida.

Tinha a casa construída pelo capitão e só lhe restava permanecer ali para expiar seus crimes.

Ayrton arrependeu-se de tudo que fizera e sentiu-se muito feliz naquela ilha. Disse a si mesmo que, se um dia os homens viessem buscá-lo, seria necessário que ele fosse digno de acompanhá-los. Como sofreu o infeliz! Como trabalhou para regenerar-se! Como rezou! Durante dois ou três anos agiu dessa maneira. Mas, pouco a pouco, foi ficando desanimado, sempre olhando o horizonte para ver se algum navio aparecia. Como é dura a solidão para uma alma roída pelos remorsos! Mas o céu ainda não o havia castigado bastante. Pouco a pouco, sentiu que se ia tornando selvagem! Não posso dizer com exatidão se foi dois ou quatro anos depois do isolamento que ficou embrutecido. Só posso dizer que se transformou no miserável que os senhores encontraram!

Penso que não preciso dizer que Ayrton ou Ben Joyce e eu somos a mesma pessoa!”

— Ayrton — disse Cyrus —, você cometeu grandes crimes, mas o céu já o castigou bastante. E a prova disso foi o milagre de termos podido trazê-lo para o nosso meio. Já está perdoado! E agora, aceita a nossa amizade?

Ayrton recuara um pouco.

— Aperte a minha mão — disse o engenheiro.

Ayrton precipitou-se para apertar a mão que lhe era estendida, chorando copiosamente.

— Não quer morar conosco agora?

— Sr. Cyrus, prefiro ficar ainda algum tempo sozinho.

— Faça como achar melhor!

Ayrton já ia embora quando Cyrus perguntou:

— Responda-me uma coisa, amigo. Se queria viver isolado, por que jogou no mar aquele documento que nos forneceu seu paradeiro?

— Documento? — perguntou Ayrton parecendo não entender.

— Sim, um papel que encontramos dentro de uma garrafa, com a posição da ilha Tabor.

Ayrton passou a mão na testa e disse:

— Eu nunca joguei nenhuma garrafa ao mar!

— Nunca? — perguntou Pencroft.

— Tenho certeza!

E, dizendo isso, inclinou-se e foi-se embora.

No dia seguinte, 21 de dezembro, os colonos desceram até a praia e

dirigiram-se para o platô. Não encontraram Ayrton e acharam melhor não perturbá-lo indo até o curral.

Chegou o mês de janeiro. Os trabalhos de verão continuaram a ser executados. Harbert e Gideon, tendo ido até o curral, viram que Ayrton se instalara na cabana que lhe fora preparada. Graças ao cuidado que dispensava aos animais, os colonos não precisavam mais enfrentar a árdua viagem até lá, de três em três dias. Contudo, para não deixar o amigo isolado demais, sempre iam visitá-lo. Todos sabiam que aquela parte da ilha devia estar sob constante vigilância. Se alguma coisa de extraordinário acontecesse, Ayrton certamente os avisaria. Mas poderia acontecer alguma coisa que pedisse intervenção urgente, como, por exemplo, a passagem de um navio, um naufrágio na costa oeste, piratas... Levando tudo isso em conta, Cyrus resolveu estabelecer um meio de comunicação entre o curral e o Palácio de Granito. No dia 10 de janeiro, disse aos companheiros o que pretendia fazer.

— Será que o senhor pretende instalar um telégrafo? — perguntou Pencroft.

— Exatamente!

— Elétrico?

— Sim. Temos todos os elementos necessários para fazer uma pilha e os fios.

O telégrafo ficou completamente instalado no dia 12 de fevereiro. Cyrus inaugurou-o perguntando se tudo ia bem no curral. Logo em seguida veio a resposta afirmativa de Ayrton.

Pencroft exultava. Todas as manhãs não deixava de mandar telegrama para o curral e nunca deixava de receber resposta. O telégrafo teve duas grandes vantagens: a de poderem os colonos certificar-se da presença de Ayrton no curral e a de não mantê-lo em isolamento completo. Aliás, Cyrus não deixava de ir visitar o novo companheiro uma vez por semana e este também costumava ir até o Palácio de Granito, algumas vezes.

A boa estação foi bem aproveitada para a realização de vários trabalhos. As reservas, principalmente de cereais e legumes, cresciam dia a dia. As plantas trazidas da ilha Tabor brotavam maravilhosamente. A quarta colheita de trigo foi um sucesso. Os hóspedes do galinheiro eram numerosos e os porcos haviam dado muitas crias. Os onagros já possuíam dois filhotes.

Várias excursões foram feitas às partes inexploradas da ilha. O engenheiro observava tudo com extrema atenção, procurando vestígios não de animais, mas de alguma coisa que pudesse explicar todos os mistérios da ilha. Mas

nunca encontrava nada de suspeito e nem Jup nem Top, que sempre o acompanhavam, davam sinais de perceber alguma coisa estranha. No entanto, Top, por mais de uma vez, ainda latia para aquele poço já explorado sem que nada tivesse sido encontrado!

Foi naquela mesma época que Gideon, aproveitando a máquina fotográfica encontrada na caixa naufragada, tirou algumas fotografias da ilha, auxiliado por Harbert. Além da máquina, a caixa continha todas as substâncias necessárias para a revelação dos filmes. Até mesmo os papéis, já cloretados, foram encontrados. Bastava, antes de colocá-los sobre os negativos, mergulhá-los durante alguns minutos em nitrato de prata e água.

No mês de março terminaram os dias quentes. O tempo começou a ficar chuvoso, embora ainda não fizesse frio. Parecia anunciar-se um inverno rigoroso e precoce.

No dia 26 de março os colonos comemoraram o segundo aniversário do naufrágio!

Dois anos! Havia dois anos que os colonos se encontravam naquela ilha, sem nenhuma comunicação com seus semelhantes! A imagem da pátria ausente estava sempre diante de seus olhos. O que estaria acontecendo lá? Ainda continuaria a guerra civil que tanto ensanguentara o país? Durante todo esse tempo, nenhum navio passara perto da ilha, o que indicava que não se encontravam na rota dos navios que cruzavam aquela parte do oceano. Os colonos não podiam esperar ser um dia repatriados, pois o oceano que os rodeava estava sempre deserto!

Enquanto não chegavam os dias tempestuosos, ficou decidido que seria feita uma viagem ao redor da ilha. Os colonos conheciam muito mal as costas oeste e norte, que iam da embocadura do rio Cascata até os cabos Mandíbula. Também mal conheciam a estreita baía que havia entre os dois. Pencroft tivera a ideia de fazer essa excursão e Cyrus concordara plenamente, pois desejava conhecer todo o seu domínio.

Cyrus convidou Ayrton para a viagem, mas ele preferiu ficar em terra. Permaneceria em companhia de Jup, no Palácio de Granito, durante a ausência dos companheiros.

O *Boaventura*, ancorado no porto Balão, foi preparado para a excursão e no dia 16 de abril levantaram âncora. A viagem foi iniciada com vento sudoeste. A costa sul, que ia desde o promontório até o porto, media 32 quilômetros. Para atingir o promontório, o barco levou o dia inteiro. Só de noite conseguiram contornar-lo. Como a finalidade da excursão era reconhecer o litoral, todos concordaram em não viajar durante a noite. Sempre que o tempo permitisse, passariam as noites ancorados, perto de

terra. O vento diminuiu com a chegada da noite e todos, exceto o marinheiro, dormiram. Não estavam tão confortavelmente instalados quanto no Palácio de Granito, mas assim mesmo passaram uma boa noite.

Os colonos já conheciam aquela costa arborizada, que já haviam percorrido a pé. O barco navegava vagorosamente para que todos pudessem observar bem. Pencroft só precisava tomar cuidado para evitar os troncos que flutuavam por ali. Ao meio-dia o *Boaventura* chegou à embocadura do rio Cascata. Um pouco além, na margem direita, as árvores reapareceram mais espaçadas e quatro quilômetros adiante apenas havia bosques isolados entre os contrafortes ocidentais do monte.

Todos os caprichos da natureza estavam presentes naquela costa grandiosa, que media mais ou menos catorze quilômetros. Cyrus e seus companheiros, estupefatos, tudo observavam. Apenas Top latia, provocando o eco daquelas muralhas de basalto. O engenheiro pôde observar que esses latidos eram um tanto estranhos, semelhantes aos que o cachorro costumava dar perto do poço do Palácio de Granito.

— Aproximemo-nos da costa — disse o engenheiro.

O barco chegou o mais perto possível. Cyrus procurou ver se havia ali alguma gruta que pudesse abrigar algum ser, mas nada descobriu. Como Top parou de latir, o engenheiro ordenou que a viagem continuasse. A costa noroeste da ilha era mais arenosa, mais plana. Poucas árvores elevavam-se naquela terra pantanosa, cheia de aves aquáticas.

Naquela noite, o *Boaventura* permaneceu bem perto da costa, pois as águas naquele local eram muito profundas. A noite foi bastante calma, pois a brisa cessou com o cair da tarde e só recomeçou de madrugada. Como era fácil ir até a costa, Harbert e Gideon desembarcaram e voltaram depois de duas horas, trazendo alguns patos e outras aves.

Às oito da manhã, a embarcação, aproveitando o vento, dirigiu-se para o cabo Mandíbula norte. A brisa mostrava tendência para aumentar.

— Não ficaria admirado se viesse alguma rajada oeste — disse Pencroft. — Ontem, quando o sol se pôs, o horizonte estava muito vermelho e agora de manhã estou vendo nuvens que não trazem bons presságios.

Realmente, havia vários cirros espalhados no céu a cerca de quinze mil metros acima do nível do mar.

— Bem — disse Cyrus —, icemos todas as velas e vamos procurar refúgio no golfo Tubarão. Ali o nosso barco estará seguro. Gostaria de passar não apenas a noite, mas o dia inteiro nessa baía, que merece ser explorada.

— Acho que seremos obrigados a isso, pois o horizonte está bem ameaçador a oeste.

— Ainda bem que temos bastante vento para alcançar o cabo Mandíbula — observou o repórter.

— Temos vento muito bom — disse Pencroft —, mas para entrar no golfo, que não conheço, gostaria de ter um pouco de claridade. Suas águas devem estar cheias de recifes.

— Pencroft — resumiu Cyrus —, faça o que achar melhor. Confiamos em você!

— Pode ficar tranquilo. Que horas são?

— Dez horas.

— Quantas milhas marítimas precisamos percorrer?

— Cerca de quinze mil — respondeu o engenheiro.

— Levaremos então duas horas e meia — disse o marinheiro. — Só chegaremos ao golfo entre meio-dia e uma hora, justamente quando a maré vai começar a mudar. Acho que vai ser difícil entrarmos lá, tendo o vento e o refluxo da maré contra nós!

— Tanto mais que hoje é dia de lua cheia — observou Harbert. — E no mês de abril as marés são muito fortes!

— E não podemos atingir a ponta do cabo? — perguntou Cyrus.

— Isso seria o mesmo que encalhar — respondeu Pencroft.

— Então o que devemos fazer?

— Vou tentar esperar a mudança da maré, ao largo. A maré cheia deverá começar às sete horas e pode ser que ainda haja um pouco de claridade. Caso esteja muito escuro, passarei a noite de um lado para o outro e só entrarei amanhã ao nascer do sol.

— Torno a dizer que confiamos em você.

Tudo se passou como Pencroft previra. O vento aumentara de intensidade e chegou a atingir a velocidade horária de sessenta quilômetros. O *Boaventura* chegara ao golfo justamente quando o refluxo estava bastante forte. Içando a vela triangular, o marinheiro esperou ao largo o amanhecer.

Chegando a madrugada, o vento que se acalmara voltou a soprar mais forte e Pencroft pôde facilmente entrar no porto. Às sete da manhã, o *Boaventura*, tranquilamente, entrou na baía, emoldurada por estranhas formações de lavas.

— Que belo porto! — exclamou Pencroft.

— É curioso — disse Cyrus — que este golfo tenha sido formado por dois corredores de lavas produzidas por erupções sucessivas. Ele está

completamente abrigado dos ventos e em qualquer tempo o mar aqui está sempre manso.

— É verdade. O vento só pode entrar aqui por um corredor estreito. Nosso navio poderia permanecer o ano inteiro aqui, sem nem precisar de âncora.

— Estamos na garganta do tubarão — observou Nab, aludindo à forma do golfo.

— Está com medo que o tubarão feche a boca e nos engula? — perguntou Harbert.

— Não. Mas esse golfo não me agrada muito! Tem um aspecto estranho!

— As águas aqui serão profundas? — perguntou Cyrus.

O marinheiro jogou ao mar a comprida corda que lhe servia de sonda, na qual estava amarrado pequeno pedaço de ferro. A corda, que media cerca de cem metros, não conseguiu atingir o fundo do mar.

— Este golfo parece verdadeiro abismo — observou Cyrus Smith. — Mas, se levarmos em conta a origem plutônica da ilha, não devemos estranhar tais depressões.

— Eu só penso que falta uma coisa importante nesta baía — disse Gideon.

— O que é?

— Uma abertura qualquer que permitisse a entrada para o interior da ilha. Não vejo um só ponto onde alguém possa desembarcar.

Era verdade. Os passageiros do *Boaventura* não encontraram um só lugar para desembarcar. Pencroft consolou-se, dizendo que com dinamite poderiam abrir caminho entre aquelas rochas. Depois, vendo que nada poderiam fazer ali, tratou de levar o barco para fora. Eram duas da tarde.

— Ufa! — exclamou Nab aliviado.

O corajoso negro não parecia sentir-se bem dentro daquele maxilar de tubarão.

O *Boaventura*, com todas as velas içadas, seguia a costa a um quilômetro e meio e dirigia-se para o Palácio de Granito. Depois das rochas de lava, apareceram dunas caprichosas, muito frequentadas por aves marítimas. Às quatro horas, Pencroft deixou à sua esquerda a ponta da ilhota e entrou no canal que a separava da costa. Às cinco, a embarcação foi ancorada na areia da embocadura do Providência. Havia três dias que viajavam. Foram recebidos alegremente por Ayrton e Jup, que se encontravam na praia.

Todo o litoral da ilha fora explorado e nada de estranho havia sido encontrado. Se algum ser misterioso habitava aquela ilha, deveria viver nos bosques impenetráveis da península Serpentina, onde os colonos não haviam

ainda se aventurado. Spillet conversou com Cyrus Smith acerca da necessidade de chamar a atenção dos companheiros para todos aqueles acontecimentos inexplicáveis ocorridos na ilha. O engenheiro concordou com ele.

Alguns dias depois, na noite de 25 de abril, quando todos estavam reunidos, Cyrus falou:

— Considero meu dever, amigos, chamar a atenção de todos para certos fatos passados aqui na ilha, que podemos classificar como sobrenaturais...

— Sobrenaturais! — exclamou o marinheiro soltando uma baforada. — Será nossa ilha sobrenatural?

— Não, Pencroft, mas misteriosa ela é, a não ser que você possa encontrar explicação para fatos que Spillet e eu não conseguimos compreender até agora.

— Pode falar, sr. Cyrus — respondeu o marinheiro.

— Está a par das circunstâncias misteriosas que cercaram o meu encontro, depois do naufrágio. Como poderia eu ter andado tanto para o interior e não me lembrar de nada?

— O senhor pode ter esquecido tudo depois de demasiado...

— Não acho admissível tal hipótese. Mas vamos adiante. Como pôde Top descobri-los, a mais de oito quilômetros de onde me encontrava?

— O instinto... — respondeu Harbert.

— Instinto muito estranho — observou o repórter —, pois, embora ventasse e chovesse, Top chegou à Chaminé completamente seco e sem manchas de lama.

— E como explicar que nosso cachorro tivesse sido atirado para o alto, depois da luta que teve com o dugongo nas águas do lago?

— Também não tem explicação o ferimento do dugongo, que parecia ter sido feito por um instrumento cortante — disse Pencroft.

— E o grão de chumbo encontrado no pecari? E a caixa encontrada sem sinal de naufrágio nas proximidades? E a garrafa com o bilhete? E como explicar que a canoa tivesse arrebentado as amarras e descido o rio, no momento em que necessitávamos dela? Como nos foi jogada a escada depois daquela invasão dos macacos? Como chegou às nossas mãos o documento que Ayrton afirma nunca ter escrito?

Os colonos entreolhavam-se surpresos, não sabendo como explicar todos aqueles incidentes.

— O senhor tem razão — disse Pencroft a Cyrus. — São coisas

inexplicáveis!

Todos os colonos concordaram. Havia um mistério na ilha! Havia uma força oculta favorável aos colonos, mas que espicaçava a curiosidade de todos! Haveria algum ente misterioso escondido nas profundezas da ilha? Cyrus lembrou aos companheiros a atitude estranha de Top e também a de Jup quando rondavam o poço existente na caverna que habitavam. Contou que ele mesmo já havia explorado aquela cavidade sem descobrir nada.

Terminada a exposição de todos esses acontecimentos estranhos, os colonos tomaram a decisão de explorar todos os recantos da ilha, assim que chegasse a primavera. Daquele dia em diante, Pencroft mostrou-se um tanto preocupado. Achava que a ilha não pertencia apenas aos colonos. Conversando com Nab, dizia reconhecer a existência de um poder sobrenatural, ao qual se sentia submisso.

Com o mês de maio chegou o mau tempo. O inverno começava cedo e ameaçava ser muito frio. Os colonos estavam preparados para receber o inverno, por mais rigoroso que fosse. Não lhes faltavam roupas de feltro, fabricada com lã dos numerosos carneiros. Até mesmo Ayrton ganhara roupas quentes. Cyrus convidara-o a passar a estação fria no Palácio de Granito e ele concordara.

Vivendo no Palácio de Granito, Ayrton participava da vida comum, ajudando bastante os colonos. Mas, sempre triste e humilde, não se divertia junto com os outros.

Esse terceiro inverno obrigou os colonos a não saírem de casa. As tempestades eram tão fortes que pareciam abalar as rochas. Por duas vezes o rio Providência engrossou tanto que ameaçou derrubar as pontes existentes. Marés imensas cobriam grande parte da ilha. Qualquer navio que estivesse nas proximidades estaria completamente perdido! As fortes ventanias causaram grandes prejuízos. O moinho e o galinheiro foram as partes mais afetadas. Várias providências foram tomadas para que as aves não morressem. Trabalho não faltou durante o inverno, dentro e fora de casa. Algumas caçadas foram feitas no pântano das tadornas. Spillet e Harbert não perdiam um tiro e, ajudados por Jup e Top, trouxeram vários patos, narcejas, cercetas e outras aves.

Dessa maneira, passaram-se os meses de inverno, que foram realmente muito frios. Durante todo o inverno nada aconteceu de estranho. Top e Jup nem sequer tinham rondado o poço ou dado sinal de inquietude. Parecia que os incidentes sobrenaturais tinham terminado. Entretanto, continuava de pé a

decisão de explorar todos os recantos da ilha. Mas acontecimento da maior gravidade veio modificar os planos de Cyrus.

No mês de outubro começaram os dias agradáveis. No dia 17 desse mês, por volta de três horas, seduzido pela pureza do céu, Harbert teve a ideia de fotografar a baía da União, que ficava diante do platô Vista Grande e que ia do cabo Mandíbula até o Garra. O horizonte estava limpo, e o mar, suavemente ondulado por uma brisa. Harbert pousou a máquina numa das janelas da casa e depois foi revelar a fotografia. Observando-a, viu um pequeno ponto, quase imperceptível, que aparecia no horizonte. Tentou fazer desaparecer tal mancha, mas não conseguiu.

“Deve ser algum defeito”, pensou ele.

Por curiosidade, foi examinar a fotografia com lente forte e de repente deu um grito, deixando cair a fotografia. Correndo para o quarto de Cyrus, entregou-lhe a lente e a fotografia, apontando-lhe a pequena mancha.

Cyrus, depois de examinar o ponto, precipitou-se para a janela levando sua luneta. Após haver percorrido lentamente o horizonte, apenas pronunciou uma palavra: navio!

E, com efeito, um navio aproximava-se da ilha Lincoln!

TERCEIRA PARTE

Havia dois anos e meio que os náufragos se encontravam isolados na ilha Lincoln. Não tinham podido comunicar-se com ninguém. Apenas Ayrton viera juntar-se aos membros da pequena colônia. Entretanto, naquele 17 de outubro outros homens apareciam de repente, naquele mar até então deserto!

Não havia dúvida. Um navio cruzava o oceano deserto! Mas passaria ao largo? Cyrus e Harbert chamaram os companheiros, que se encontravam reunidos na grande sala da casa, e puseram-nos a par do que acontecia. Pencroft, tomando a luneta, percorreu rapidamente o horizonte e disse:

— Com mil diabos! É um navio!

— Será que virá até nós? — perguntou Gideon Spillet.

— Ainda não posso dizer — respondeu o marinheiro —, pois apenas os seus mastros aparecem no horizonte. Nenhum pedaço do casco está à vista.

Durante bastante tempo permaneceram silenciosos, entregues aos seus pensamentos, emoções, temores e esperanças produzidos por aquele incidente, sem dúvida o mais importante já ocorrido na ilha Lincoln desde a queda do aeróstato. Os colonos não estavam na situação de náufragos perdidos em uma ilha estéril, que só sobreviveriam se fossem salvos por algum navio. Pencroft e Nab consideravam-se tão ricos que com muita pena deixariam a ilha. Todos haviam se adaptado bem à vida na ilha que com inteligência tinham civilizado. Mas, afinal de contas, um navio aproximava-se. Talvez trouxesse notícias de sua pátria distante e o coração de todos batia fortemente.

De vez em quando, Pencroft pegava a luneta e examinava com extrema atenção o navio que ainda estava à distância de trinta quilômetros, a leste. Os

colonos não tinham meio de assinalar a sua presença. Uma bandeira ainda não seria vista, tiro não seria ouvido e fumaça passaria despercebida. Mas uma coisa era certa: aquela ilha, dominada pelo monte Franklin, não poderia escapar aos olhos dos marinheiros. Mesmo assim, por que atracariam naquele lugar? Naturalmente, apenas o acaso levava aquela embarcação até a zona deserta do Pacífico, cujos mapas não consignavam outra ilha além da Tabor. E, assim mesmo, esta não ficava na rota normalmente seguida pelos navios que serviam os arquipélagos polinésios, a Nova Zelândia e a costa americana.

— Não será o *Duncan*? — sugeriu Harbert.

Era bem possível que Glenarvan, cumprindo o que prometera, tivesse vindo buscar Ayrton. E, como a ilha Lincoln não estava tão longe da Tabor, era bem possível que fosse o iate escocês o navio que viam ao longe.

Durante mais de uma hora os colonos ficaram na incerteza da rota seguida pelo navio. Puderam, entretanto, verificar que ele aproximara-se um pouco, sem, contudo, poder calcular a sua marcha. Como soprava vento nordeste, era provável que procurasse aproximar-se da terra, pois o mar calmo não oferecia perigo.

A ansiedade que todos experimentavam não permitia que nenhum trabalho fosse executado. Gideon e Pencroft eram os mais nervosos, andando de um lado para o outro sem parar. Harbert sentia uma curiosidade tremenda. Nab conservava sua calma habitual, esperando as determinações do patrão. O engenheiro permanecia calado, parecendo temer e não desejar a chegada do navio.

A embarcação aproximou-se mais um pouco e, com o auxílio da luneta, puderam verificar que se tratava de navio de longo curso e não de pequeno navio pirata malaio. Pencroft, depois de observar atentamente, afirmou que o navio se dirigia para a baía da União.

Ayrton, com a luneta, procurou ver se o navio que avistavam era ou não o *Duncan*, que naquele momento não estava a mais de dezesseis quilômetros. Deixando cair a luneta, disse:

— Não é o *Duncan*!

Por sua vez, Pencroft, apanhando a luneta, reconheceu que o brigue tinha trezentas ou quatrocentas toneladas e que fora construído para singrar os mares com rapidez. Mas não pôde verificar a que nação pertencia.

— Vejo que uma bandeira tremula no seu mastro — disse o marinheiro —, mas não posso distinguir suas cores.

Com o anoitecer, o vento aumentou, enrolando a bandeira do brigue e

tornando cada vez mais difícil o seu reconhecimento. Dentro em pouco, porém, a brisa estendeu o pavilhão desconhecido e Ayrton, tomando a luneta, exclamou com voz surda:

— Bandeira negra!

O engenheiro teria razão? Seria um navio pirata, rival dos malaaios que infestavam o Pacífico? Ninguém podia compreender o que queria um navio pirata naquela ilha, local bastante impróprio para esconderijo de mercadorias roubadas. Era possível que a embarcação procurasse refúgio para os meses de inverno e nesse caso a ilha Lincoln se transformaria numa espécie de capital da pirataria no Pacífico.

Cyrus, sem perder tempo, disse aos amigos:

— É possível que esse navio tenha vindo apenas observar o litoral e que sua tripulação nem chegue a desembarcar. Portanto, devemos ocultar nossa presença aqui. Ayrton e Nab devem ir desmontar as pás do moinho, que pode ser facilmente reconhecido de longe. As janelas de nossa casa podem ser camufladas com ramagens. Nenhum fogo deverá ser aceso enquanto o brigue não for embora. Nada deve demonstrar a presença humana aqui!

As ordens do engenheiro foram cumpridas e todas as armas e grande quantidade de munição foram colocadas de maneira a poder ser usadas a qualquer momento. Depois de terem sido tomadas todas essas precauções, Cyrus disse aos colonos, com voz embargada:

— Se esses miseráveis quiserem apossar-se da ilha Lincoln, nós a defenderemos, não?

— Seremos capazes de morrer para defendê-la — disse Gideon.

O engenheiro estendeu a mão aos amigos e todos vieram apertá-la.

Já eram sete horas e o sol já havia desaparecido há mais de vinte minutos, atrás do Palácio de Granito. O horizonte escurecia cada vez mais e o brigue avançava em direção da baía da União, depois de ter virado o cabo Garra. Aproveitando a maré enchente, em pouco tempo o navio entraria naquela baía imensa que se estendia entre os cabos Garra e Mandíbula.

A noite já caía. Não havia a menor claridade no céu. O vento cessara e nenhuma folha balançava, nenhuma onda arrebatava-se na praia. Os colonos não podiam ver o navio.

— Quem sabe se não retomou o seu caminho durante a noite? — disse Pencroft.

Como resposta à pergunta do marinheiro, viu-se um clarão e ouviu-se tiro de artilharia. O navio estava na ilha e tinha canhões a bordo. Apenas seis

segundos haviam decorrido entre o clarão e o estampido. Devia estar a apenas dois quilômetros da costa.

Logo depois, ouviu-se barulho de correntes. O navio acabava de ancorar bem em frente ao Palácio de Granito.

Ninguém duvidava mais das intenções dos piratas. Se haviam ancorado tão perto da ilha é porque no dia seguinte planejavam desembarcar!

Cyrus e seus companheiros precisavam agir, mas, antes de tudo, não deviam esquecer a prudência. A presença dos colonos na ilha poderia passar despercebida. Era até bem possível que desembarcassem apenas para renovar a provisão de água e até mesmo a ponte sobre o Providência e as instalações da Chaminé poderiam deixar de ser vistas pelos corsários. Mas por que haviam hasteado a bandeira no mastro? Por que haviam dado aquele tiro de canhão? Poderia ser sinal de que pretendiam apossar-se da ilha. E os colonos, para responder ao canhão do navio, tinham apenas espingardas!

— Felizmente, estamos numa situação inexpugnável — observou Cyrus. — Nossos inimigos nunca serão capazes de descobrir a antiga entrada pelo lago, pois o orifício está bem disfarçado entre as plantas.

— Mas em poucas horas podem destruir nossas plantações, nosso curral e nosso galinheiro! — lembrou Pencroft.

— Se forem apenas dez ou doze, ainda poderemos detê-los — raciocinou Gideon. — Mas se forem cinquenta...

— Sr. Cyrus — disse Ayrton —, o senhor permite que eu fale?

— Pois não.

— Acho que devemos ir até o navio para verificar a força de sua tripulação. Estou disposto a fazer isso.

— Mas... você está arriscando a sua vida.

— Não tem importância.

— Isso é mais do que o seu dever.

— Estou pronto a fazer mais do que o meu dever.

— Você irá até lá de piroga?

— Não, pretendo ir nadando.

— Pode ir — respondeu Cyrus, sabendo que a negativa frustraria profundamente o antigo condenado regenerado.

— Eu o acompanharei — disse Pencroft.

— O senhor desconfia de mim! — volveu Ayrton.

E depois, com humildade:

— Não tem problema, pode vir.

— Não! — exclamou Cyrus. — Pencroft não desconfia de você. Não interprete mal suas palavras.

— É verdade. Eu apenas ofereci-me para acompanhá-lo até a ilha, porque algum daqueles tratantes pode ter desembarcado e, nesse caso, seriam melhor dois homens, para evitar que dê algum sinal de alarme. Pretendo esperar Ayrton na ilha.

Esclarecido o incidente, Ayrton e Pencroft, seguidos pelos amigos, desceram até a praia. Ayrton despiu-se e cobriu-se de graxa para não sentir muito o frio da água. Era possível que permanecesse dentro dela por várias horas. Enquanto isso, Nab e Pencroft foram buscar a piroga, que se encontrava amarrada algumas centenas de metros acima, nas margens do Providência. Uma coberta foi jogada sobre os ombros de Ayrton e os colonos despediram-se dele.

Eram seis e meia quando os dois amigos desapareceram, remando a canoa. Os companheiros foram aguardá-los na Chaminé. O canal foi facilmente atravessado e a piroga foi ancorada na ilha, com muito cuidado, pois algum pirata poderia estar por ali. Depois, Pencroft e Ayrton dirigiram-se para o mar. Sem hesitar, este último lançou-se na água e, nadando sem fazer ruído, dirigiu-se para o navio. Algumas luzes acesas indicavam a sua posição exata. Pencroft escondeu-se atrás de algumas rochas e pôs-se a esperar a volta do companheiro.

Ayrton nadava silenciosamente e sua cabeça mal saía de dentro da água. Só pensava no dever que precisava cumprir, nem sequer pensando no risco que correria não só dentro do navio como naquelas águas muitas vezes infestadas de tubarões. Meia hora depois, conseguiu chegar ao brigue e, segurando-se ao mastro da proa, respirou. Depois, se agarrando nas correntes, conseguiu chegar até o talhamar, onde encontrou algumas calças de marinheiro secando. Vestiu uma, escondeu-se e ficou escutando.

Ninguém dormia a bordo. Discutiam, cantavam, riam. E Ayrton ouviu dizerem.

- Este brigue foi uma boa aquisição!
- Como anda rápido! Merece o nome de *Veloz*!
- Toda a frota de Norfolk não consegue alcançá-lo!
- Viva o seu comandante!
- Viva Robert Harvey!

Ayrton ficou perturbado ao escutar esse nome. Robert Harvey fora um dos seus companheiros na Austrália. Era um marujo audacioso e havia se

apoderado daquele navio que se destinava a uma das ilhas Sandwich e se encontrava carregado de armas, munições e vários objetos. Toda a turma de condenados embarcara no brigue e planejava atravessar o Pacífico, assaltando navios, massacrando tripulações, mostrando-se mais ferozes que os próprios malaaios.

Os piratas conversavam em voz alta. Toda a tripulação do *Veloz* era composta de prisioneiros ingleses evadidos de Norfolk, pequena ilha situada a 29 graus de latitude sul e a 165 de longitude leste da Austrália. Media apenas 36 quilômetros de circunferência e era dominada pelo monte Pitt, que se elevava a mais de trezentos metros acima do nível do mar. Tornara-se uma prisão destinada aos piores criminosos ingleses.

Norfolk abrigava quinhentos prisioneiros, que eram tratados com disciplina férrea, sob os piores castigos. Cento e cinquenta guardas garantiam a ordem. Não havia pior reunião de criminosos. Algumas vezes, embora fosse raro, pois a vigilância era grande, os detentos conseguiam fugir e apoderar-se de navios que serviam os arquipélagos polinésios.

Robert Harvey e seus companheiros haviam feito justamente isso. Apoderaram-se do *Veloz*, atracado nas proximidades de Norfolk, massacraram toda a sua tripulação e transformaram-no em navio pirata.

A maior parte dos malfeitores estava reunida no tombadilho da proa, mas alguns, estendidos na coberta, conversavam em voz alta. Ayrton, apesar da gritaria que faziam, pôde entender que apenas o acaso levava o brigue até aquela ilha. Mas Harvey, vendo que aquela ilha não constava nos mapas, pensava transformá-la em um bom porto para seu navio. O tiro de canhão e o hasteamento da bandeira, como costumam fazer os navios de guerra quando içam seus pavilhões, fora apenas fanfarronice. Não significava que tivessem qualquer ligação com a ilha Lincoln.

O domínio dos colonos estava ameaçado. Aquela ilha, tão hospitaleira, serviria muito bem para os piratas. O porto, o refúgio do Palácio de Granito, tudo lhes conviria perfeitamente. Certamente, a vida dos colonos não seria respeitada e nem sequer poderiam fugir, pois se a ilha fosse escolhida para refúgio, mesmo que alguns saíssem do navio para assaltar, outros permaneceriam na ilha, melhorando as instalações. Era preciso acabar com a vida de todos aqueles miseráveis, indignos de piedade!

Era assim que pensava Ayrton e sabia que Cyrus concordaria com seu ponto de vista. Mas a vitória da resistência dependia do número de pessoas que tripulava o brigue. Ayrton, uma hora depois, aproveitando-se do fato de

muitos homens haverem adormecido, bêbados, aventurou-se até a coberta do *Veloz*, que naquele momento estava em escuridão profunda. Deslizando entre os bandidos, conseguiu dar a volta ao navio e verificar que havia quatro canhões, capazes de disparar balas de quatro quilos e meio. Eram armas modernas, que podiam ser carregadas pela culatra e cujo efeito era terrível. Os homens que estavam deitados no tombadilho eram dez, mas era de supor que muitos outros dormissem no interior. Calculava que ao todo a tripulação fosse de cinquenta homens. E os colonos eram apenas seis!

Já se preparava para voltar, nadando, quando lhe passou pela cabeça uma ideia heroica. Pensou que Cyrus não poderia resistir a cinquenta piratas e que aqueles que o haviam transformado em homem de bem seriam massacrados. Ao mesmo tempo, lembrou-se de que era responsável pelo que acontecia, pois Harvey apenas pusera em execução seus próprios planos. Imaginou, então, explodir o navio. Morreria na explosão, mas seus amigos estariam salvos!

Sem hesitar, Ayrton dirigiu-se para a proa, onde são geralmente guardados os barris de pólvora dos navios. Conseguiu apoderar-se de um revólver e, depois de certificar-se de que estava carregado, continuou seu caminho, devagar, pois temia pisar em algum pirata. Finalmente, chegou ao compartimento onde devia estar a pólvora, mas encontrou-o fechado. Começou a forçar o cadeado da porta, que, finalmente, cedeu. Mas nesse exato momento sentiu que uma pessoa colocava a mão sobre seu ombro.

— O que está fazendo aqui? — perguntou um homem alto, de voz áspera, iluminando Ayrton com uma lanterna.

Ayrton jogou-se para trás. Havia reconhecido seu antigo cúmplice, Robert Harvey. Sem responder, empurrou o chefe dos piratas e procurou entrar no depósito de pólvora. Um simples tiro e todos os barris explodiriam!

— Ajudem! — gritara Harvey.

Dois ou três piratas, que acordaram ouvindo o apelo do comandante, tentaram dominar Ayrton. Mas este, livrando-se dos homens, deu dois tiros e os piratas caíram. Mas não pôde evitar uma facada nas costas.

Ayrton compreendeu que não poderia executar seu plano, pois Harvey fechara a porta do paiol. Só lhe restava fugir. Como ainda restavam quatro balas no seu revólver, atirou em Harvey. Embora não o tivesse atingido, pelo menos gravemente, os piratas recuaram um pouco. Aproveitando-se disso, fugiu para a coberta, quebrando os lampiões que encontrava, a fim de escapar protegido pela escuridão.

Dois ou três piratas, acordados pelo barulho, precipitaram-se para a escada, mas o quinto tiro de Ayrton atingiu um deles, obrigando os outros a recuar. Com dois pulos chegou ao tombadilho e três segundos mais tarde, depois de haver dado um tiro num pirata que o segurara pelo pescoço, conseguiu lançar-se ao mar.

Enquanto nadava, o valente homem via as balas choverem. Que emoção sentiram Pencroft, na ilhota, e os outros colonos, na praia, quando ouviram detonações a bordo do brigue! Imediatamente, todos pensaram que Ayrton fora surpreendido pelos piratas e cruelmente assassinado. E quem sabe se os piratas não iam aproveitar a escuridão da noite para descer?

Os tiros cessaram, mas nem Pencroft nem Ayrton haviam regressado. A maré, naquele momento cheia, impedia que atravessassem o canal. E a canoa estava com Pencroft, do outro lado. Finalmente, por volta de meia-noite e meia, uma piroga atracou na praia, trazendo dois homens: Ayrton, ligeiramente ferido nas costas, e Pencroft, são e salvo.

Depois de refugiados na Chaminé, os colonos ouviram a narrativa feita por Ayrton de tudo o que se passara. Agradeceram-lhe, cientes da gravidade da situação. Os piratas sabiam que a ilha era habitada e provavelmente desembarcariam em grande número e bem armados, dispostos a nada respeitar.

— Saberemos morrer! — disse o repórter.

— Vamos entrar e vigiar — sugeriu o engenheiro.

— Temos *alguma* chance de escapar? — perguntou o marinheiro.

— Sim — respondeu Cyrus.

— Seis contra cinquenta...

— Seis, mas sem contar...

— Com quem?

Cyrus não respondeu, mas apontou para o céu.

A noite decorreu sem incidentes. Os piratas não fizeram qualquer tentativa de desembarque. Depois dos últimos tiros contra Ayrton, nenhum outro barulho ouviu-se a bordo do brigue. Ao amanhecer, Cyrus disse a seus amigos:

— A neblina serve para ocultar-nos dos piratas e assim podemos agir livremente, sem despertar sua atenção. É importante pensarem que somos muitos e que poderemos resistir a qualquer ataque. Devemos, portanto, dividir-nos em três grupos: o primeiro ficará na Chaminé, o segundo na embocadura do Providência e o terceiro na ilhota, a fim de impedir ou pelo menos retardar qualquer tentativa de desembarque. Temos duas carabinas e quatro espingardas, mas, como temos bastantes balas, não precisaremos economizar munição. Os tiros que dispararem não poderão causar muito mal a essas rochas e, como não atiraremos das janelas do Palácio de Granito, os piratas não pensarão em dirigir algum canhão para lá, o que evidentemente nos causaria grande prejuízo. O que devemos temer é a luta corpo a corpo, pois os inimigos são muito mais numerosos. Portanto, devemos impedir qualquer desembarque.

Cyrus dissera tudo isso com voz calma. Os seus companheiros aprovaram o plano e trataram de tomar as posições, antes que o nevoeiro se dissipasse inteiramente. Nab e Pencroft dirigiram-se ao Palácio de Granito e voltaram trazendo munições suficientes. Gideon e Ayrton, bons atiradores, receberam duas carabinas cujos tiros atingiam quase um quilômetro e meio. As espingardas foram distribuídas entre os outros.

Cyrus e Harbert permaneceram escondidos na Chaminé e ficaram

encarregados de defender a praia. Spillet e Nab foram esconder-se nas rochas da embocadura do Providência para impedir qualquer desembarque. As pontes também foram levantadas. Ayrton e Pencroft tomaram a canoa e atravessaram o canal, indo ocupar postos diferentes na ilhota. Dessa maneira, os piratas veriam tiros partir de quatro pontos diferentes da ilha e pensariam que os habitantes insulares eram numerosos.

Eram seis e meia da manhã quando os colonos foram para os seus lugares. Esconderam-se tão bem que nenhum pirata poderia avistá-los e eles mesmos mal enxergavam o navio. O nevoeiro começou a dissipar-se e a brisa ajudou a limpar o horizonte. O *Veloz*, então, mostrou-se por completo, ancorado com duas âncoras e com a proa voltada para o norte. Não devia estar a mais de dois quilômetros da costa.

O sinistro pavilhão negro balançava ao vento. Com o auxílio da luneta, o engenheiro pôde distinguir os quatro canhões que apontavam para a ilha e que estavam prontos a fazer fogo, ao primeiro sinal. Viam-se homens ir e vir no tombadilho. Alguns, com lunetas, observavam a ilha com extrema atenção. Certamente, Robert Harvey não podia compreender bem o que acontecera na noite anterior. Aquele homem seminu, que viera forçar a porta do paiol na noite anterior e que havia ferido dois de seus homens e matado um, teria escapado às balas enquanto nadava? Teria conseguido atingir a costa? De onde viera? O que fora fazer a bordo? Seu objetivo seria fazer o brigue ir pelos ares, como achava Harvey?

Tudo isso devia confundir os piratas. Só sabiam uma coisa: a ilha diante da qual estavam ancorados não era deserta. E, no entanto, ninguém aparecia na praia nem nas montanhas. O litoral parecia deserto e não havia vestígios de casas. Teriam os seus habitantes fugido para o interior?

Durante uma hora e meia não se notou nenhum sinal de ataque ou de desembarque. Era evidente que Harvey hesitava, pois nem suas melhores lunetas conseguiram descobrir algum habitante escondido. Nem mesmo os galhos que escondiam as janelas do Palácio de Granito deviam ter chamado a sua atenção, pois não poderia supor que existisse alguma habitação cavada na rocha, a uma altura daquelas.

Às oito horas, os colonos observaram certo movimento a bordo do navio. Uma baleeira foi arriada e sete homens embarcaram. Todos estavam armados. Um colocou-se no leme, quatro nos remos e dois permaneceram atentos, prontos a atirar. Era evidente que pretendiam apenas fazer reconhecimento e não desembarcar, pois, nesse caso, seriam mais numerosos.

Pencroft e Ayrton, escondidos, viram a canoa dirigir-se para onde estavam. Avançava com extrema precaução. Um dos piratas, com sonda, procurava ver a profundidade do canal, o que indicava o propósito de Harvey de aproximar seu brigue o mais possível da costa.

De repente, dois tiros foram disparados do meio dos rochedos e os homens que seguravam o leme e a sonda caíram mortos. Quase no mesmo momento ouviu-se detonação mais forte, partida do navio, que atingiu o alto das rochas que abrigavam Ayrton e Pencroft.

Os homens da baleeira praguejaram, mas continuaram seu caminho, tendo sido substituídos os dois mortos. Em vez de voltar para bordo, o barco começou a contornar a ilhota, procurando ir para a ponta sul. Os piratas procuravam manter-se fora do alcance dos tiros. Atingiram a reentrância que terminava do Destroço e, depois de havê-la contornado, sempre protegidos pelos canhões do brigue, dirigiram-se para a embocadura do Providência. Era evidente que a intenção dos piratas era entrar no canal e atacar os colonos pelas costas, pois, dessa maneira, mesmo que fossem numerosos, ficariam em situação de inferioridade, entre os canhões e a baleeira.

Pencroft e Ayrton, embora percebessem o risco que corriam, não haviam abandonado suas posições ou porque não quisessem ainda mostrar-se, ou porque confiassem em Nab e Spillet, que vigiavam a embocadura do rio, ou em Cyrus e Harbert, escondidos na Chaminé. Vinte minutos depois da troca de tiros, o escaler encontrava-se na embocadura do Providência e, como a maré começava a subir naquele momento, só a muito custo conseguiram manter-se no meio do canal, pois eram impelidos rio acima. No momento em que passavam pela embocadura, dois tiros mataram dois deles. Nab e Spillet não haviam falhado.

A baleeira estava reduzida a três homens. Seguindo a corrente, a canoa passou rapidamente diante de Cyrus e Harbert, que, não julgando a ocasião propícia, permaneceram mudos. Depois, dirigindo-se para o norte da ilhota, os três homens procuraram atingir o brigue. A canoa, que precisou lutar contra a corrente, ao largo, demorou meia hora para chegar ao navio. Gritos horríveis foram ouvidos quando os sobreviventes contaram o que se havia passado e levaram para bordo os mortos e feridos em estado desesperador.

Os piratas, loucos de cólera e talvez ainda um pouco embriagados, decidiram embarcar na canoa. Eram doze homens. Mais oito tomaram outra baleeira e, enquanto a primeira se dirigiu para a ilhota, a outra procurou entrar no Providência.

Pencroft e Ayrton compreenderam que sua situação tornara-se muito perigosa e resolveram voltar para a ilha. Antes, porém, esperaram que a canoa estivesse bem próxima, acertaram dois tiros e, aproveitando-se da confusão estabelecida entre os piratas, embarcaram na sua piroga e atravessaram o canal justamente no momento em que a outra canoa atingia a ponta sul. Correram e foram esconder-se na Chaminé. Mal chegaram, e toda a ilhota foi invadida pelos bandidos, que a percorreram em todos os sentidos.

Quase no mesmo instante novas detonações ouviram-se, no porto do Providência, para onde fora a outra canoa. Dois dos seus oito tripulantes foram mortalmente feridos e a própria embarcação, arrastada para os recifes, espatifou-se. Mas os seis sobreviventes, levantando as armas acima das cabeças, para que elas não se molhassem, conseguiram atingir a margem direita do rio. Como naquele ponto estavam por demais expostos às balas dos colonos do posto do Providência, correram depressa para a ponta do Destroço.

Era a seguinte a situação. Na ilhota havia doze homens, talvez muitos feridos, mas tendo uma barca à sua disposição. Na ilha, havia seis piratas que, entretanto, não podiam chegar até o Palácio de Granito porque as pontes tinham sido levantadas.

Os piratas da ilhota aproximaram-se do canal que os separava da terra. Armados com simples fuzis, não podiam causar nenhum mal aos colonos emboscados na Chaminé ou na embocadura do Providência. Ignorando que os colonos estivessem munidos de carabina de longo alcance, não receavam ser atingidos. Mas essa ilusão durou pouco. As carabinas de Ayrton e Spillet logo fizeram dois deles cair. Foi uma debandada geral. Os dez sobreviventes correram para a embarcação que os havia trazido e, remando com rapidez, fugiram.

— Meus senhores — disse Ayrton carregando a carabina —, vejam que coisa grave: o brigue apronta-se para navegar.

— Levantou âncoras! — gritou Pencroft.

— Sim, já está começando a andar!

Soprava vento de largo e o navio, derivando, aproximava-se da terra, usando o grande cutelo e a pequena gávea. Como poderiam impedir os piratas de desembarcar? Cyrus procurava uma saída. Poderiam esconder-se no Palácio de Granito e lá permanecer até meses, pois víveres não faltavam. Mas e depois? Os piratas virariam os donos da ilha e terminariam por dominar os colonos. Restava apenas a esperança de que Harvey não se aventurasse

naquele canal, arriscado para seu navio.

Enquanto isso, o brigue foi se aproximando da ilhota e procurava ganhar a extremidade inferior da mesma. A brisa que soprava era ligeira e, tendo a corrente perdido um pouco de sua força, Robert Harvey podia manobrar à vontade.

— Bandidos! — exclamou Pencroft vendo o *Veloz* içar a brigantina e entrar no Providência.

Nesse momento, reuniram-se a Cyrus os dois outros colonos que estavam no posto do Providência. Haviam agido bem. Seria melhor que estivessem todos reunidos para enfrentar os piratas. Quando Cyrus os viu chegar, debaixo de saraivada de balas, perguntou-lhes:

— Não estão feridos?

— Não — respondeu o repórter —, estamos apenas contundidos por causa dos ricochetes. Mas o miserável está entrando no canal!

— É verdade — disse Pencroft. — Em menos de dez minutos estará ancorado diante de nossa casa!

— Tem algum plano? — perguntou Gideon a Cyrus.

— Precisamos nos refugiar no Palácio de Granito antes que nos vejam.

Sem perder um minuto, os colonos abandonaram a Chaminé. Rapidamente, subiram no ascensor e entraram na grande sala do Palácio de Granito, onde desde a véspera encontravam-se Jup e Top.

Através das folhagens que dissimulavam as janelas, os colonos puderam ver que o *Veloz* entrava no canal, dando tiros de canhão às cegas. Era de esperar que o Palácio de Granito fosse poupado, mas, de repente, uma bala entrou pela porta, indo atingir o corredor.

A situação dos colonos era desesperadora. Não tinham meios de se defender. Precisariam abandonar a casa. Mas, nesse momento, ouviram um barulho surdo, seguido de gritos apavorantes!

Cyrus e seus amigos precipitaram-se para as janelas...

O brigue, levantado por uma súbita tromba-d'água, acabava de partir-se ao meio e em menos de dez segundos afundara com sua criminoso tripulação!

— Foram atirados para cima! — exclamou Harbert.

— É verdade. Saltaram como se Ayrton tivesse tocado fogo no paiol!

E, dizendo isso, Pencroft lançou-se no elevador, seguido por Harbert.

— O que foi que aconteceu? — perguntou espantado Gideon.

— Dessa vez saberemos — respondeu o engenheiro.

— Saberemos o quê?...

— Mais tarde explico. Venha, Gideon, o que nos importa agora é que os piratas tenham sido exterminados.

Cyrus, Gideon e Ayrton foram juntar-se a Pencroft e Harbert na praia.

Não se via mais nada do brigue, nem mesmo seus mastros. Depois de ter sido levantado pela tromba, o navio tombara e afundara. Mas, como o canal naquele ponto media apenas seis metros de profundidade, certamente na maré baixa apareceria o brigue. Alguns destroços flutuavam à superfície do mar: pedaços de mastros, gaiolas de galinhas ainda vivas, barris. Mas não se viam tábuas do tombadilho, nem pedaços de casco, o que tornava bastante estranho o súbito desaparecimento do *Veloz*.

Ayrton e Pencroft embarcaram na piroga, a fim de amarrar todos esses destroços em algum ponto da ilhota ou da ilha, para que a maré vazante não levasse tudo para longe. Quando já iam começar a remar, Gideon deteve-os, perguntando:

— E os seis piratas que estavam na margem direita do Providência?

— Mais tarde cuidaremos deles — disse Cyrus Smith. — Podem ser perigosos, porque estão armados, mas, afinal de contas, serão seis contra seis.

Ayrton e Pencroft seguiram seu caminho e aproximaram-se dos destroços. Conseguiram amarrar os mastros com fortes cordas, cujas extremidades foram levadas para a praia do Palácio de Granito. Todas as coisas que não eram muito pesadas foram imediatamente transportadas para a Chaminé.

Alguns cadáveres flutuavam. Entre eles, Ayrton reconheceu o de Robert Harvey. Era estranho que tão poucos corpos tivessem vindo à tona. Apenas cinco ou seis boiavam no canal e já começavam a ser levados para o mar pela maré que recuava. A única explicação era que os piratas, surpreendidos pelo naufrágio, não haviam tido tempo de fugir. E, como o navio submerso ficara deitado, era possível que os outros corpos estivessem presos na pavesada.

Durante duas horas, o engenheiro e seus amigos cuidaram de puxar para a praia as alavancas destinadas a mover artilharia de grosso calibre e de secar as velas que estavam intactas. O naufrágio do brigue proporcionara a todos verdadeiro tesouro. Conseguiram em grande número o que a célebre caixa encontrada lhes proporcionara reduzidamente.

Depois de terem colocado na areia os destroços, os colonos fizeram uma pausa para almoçar. Morriam de fome e comeram com apetite perto da Chaminé. Durante a refeição, o único assunto foi o acontecimento miraculoso que salvara a colônia.

— Miraculoso é bem o termo — repetia Pencroft —, pois os miseráveis

foram pelos ares justamente quando nossa casa começava a sofrer duramente.

— O que me causa estranheza — disse Harbert — é que a explosão não tenha tido maiores consequências. A detonação não foi forte e, além disso, não há muitos destroços.

— Acha isso estranho?

— Sim, sr. Cyrus.

— Eu também acho — respondeu o engenheiro. — Mas assim que visitarmos o casco do navio esclarecemos tudo.

Por volta de uma e meia, os colonos embarcaram na piroga e dirigiram-se para o local do naufrágio. O casco do *Veloz* começava a emergir. O brigue estava mais do que deitado. Depois de haver quebrado os mastros, o brigue virara, ficando com a quilha quase para cima, por causa do peso do lastro deslocado. Realmente fora virado pela inexplicável e terrível tromba-d'água. À medida que as águas baixavam, puderam observar melhor o navio afundado. Os dois lados da quilha da proa estavam completamente arrebentados, numa extensão de pelo menos seis metros. Eram dois imensos buracos impossíveis de reparar. E até mesmo as partes de cobre e ferro haviam sido reduzidas a pó. Ao longo do casco, tudo estava destruído. A falsa quilha fora separada, com violência inexplicável, e a própria quilha fora arrancada da carlinga, em vários pontos, e estava toda avariada.

— Com mil diabos! — exclamou Pencroft. — Vai ser bem difícil fazê-lo flutuar novamente.

— Acho que será impossível — disse Ayrton.

— Em todo caso — observou Gideon —, se houve explosão, não podemos negar que os efeitos tenham sido bem singulares. Danificou as partes inferiores do casco em vez de fazer voar pelos ares o tombadilho! E esses imensos buracos parecem ter sido provocados por algum escolho e não por uma explosão!

— Não há recifes no canal — disse o marinheiro. — Aceito qualquer hipótese, exceto essa.

— Vamos entrar no brigue para ver se descobrimos a causa do desastre — propôs Cyrus.

Foi fácil entrar no navio. A água continuava a baixar e a parte debaixo do tombadilho estava agora para cima, por causa da posição. Cyrus e seus amigos abriram caminho com machados e encontraram várias caixas na coberta. O *Veloz* possuía grande sortimento de artigos. Provavelmente encontrariam naquela carga tudo o que faltava à ilha Lincoln. Cyrus,

admirado, observava em silêncio que não apenas a proa do navio fora destruída, mas também toda a parte de madeira. Parecia que uma granada estourara no seu interior.

Os colonos puderam, com facilidade, ir de um extremo ao outro do navio. Todos estavam ansiosos por descobrir o paiol, pois o engenheiro achava que ele não explodira e que poderiam ser aproveitados alguns barris de pólvora. Cyrus estava com a razão. Vinte barris, forrados de cobre, foram retirados com cuidado. Pencroft, nessa ocasião, pôde certificar-se de que não ocorrera nenhuma explosão a bordo. A porção do casco onde se encontrava o depósito de pólvora era justamente a menos danificada.

— É possível que tenha me enganado — disse o marinheiro. — Mas continuo afirmando que não existem rochas nesse canal.

— Então o que aconteceu? — perguntou Harbert.

— Acho que nenhum de nós sabe nem conseguirá saber.

Nesse momento, as operações de salvamento foram suspensas, pois a maré começava a subir. Aliás, não havia perigo de ser o casco levado para o mar, pois os colonos o haviam amarrado fortemente.

Os dias 19, 20 e 21 de outubro foram empregados para carregar tudo que pudesse ter utilidade no navio. Durante a maré alta, os objetos salvos eram armazenados. Grande placa de cobre, que protegia o casco, foi retirada. Ayrton e Pencroft, mergulhando, conseguiram salvar as correntes e âncoras do brigue, bem como o ferro do lastro. E até mesmo os canhões, amarrados a barricas vazias, foram trazidos para terra. O casco do brigue foi inteiramente desmantelado e seus restos atirados à praia.

O engenheiro não encontrara nenhum papel que se referisse ao que acontecera com a tripulação. Por outro lado, também não havia nenhum documento que permitisse descobrir a que país pertencera o navio. Oito dias depois do naufrágio, já não havia o menor sinal do *Veloz*.

O mistério que cercava aquele naufrágio jamais teria sido desvendado se, no dia 30 de novembro, Nab, passeando pela praia, não tivesse encontrado um pedaço de cilindro de ferro com traços de explosão. Estava completamente retorcido e arreventado. Imediatamente levou-o a Cyrus, que estava na oficina da Chaminé.

— Ainda insiste em dizer que o *Veloz* naufragou por causa de uma explosão? — perguntou Cyrus a Pencroft.

— O senhor sabe tão bem quanto eu que não existem rochas no fundo do canal.

— E se ele tivesse batido nesse pedaço de ferro? — perguntou o engenheiro, mostrando o cilindro esmagado.

— Nesse pedaço de cano? — disse, incrédulo, Pencroft.

— Vocês estão lembrados, meus amigos, de que, antes de naufragar, o brigue foi levantado por uma verdadeira tromba-d'água?

— Sim, sr. Cyrus — respondeu Harbert.

— Pois bem, o que levantou aquela imensa onda foi esse pedaço de ferro.

— Não é possível!

— Isso é tudo o que resta de um torpedo!

— Um torpedo! — exclamaram todos.

— Mas quem poderia tê-lo colocado lá? — perguntou Pencroft.

— Só posso afirmar que não fui eu!

O mistério do naufrágio desfizera-se com o encontro do fragmento de torpedo. Cyrus, que conhecia bem esses engenhos perigosos, desde o tempo da Guerra de Secessão, não duvidava que tivesse sido um torpedo a causa do desastre, pois a nitroglicerina ou o picrato, contidos nele, seriam suficientes para levantar grande volume de água. Ora, o navio não pudera ser salvo por causa das grandes avarias que sofrera. Só um torpedo explicava tamanha destruição. Tudo, porém, era explicável... menos a presença de um torpedo naquele canal!

— Meus amigos — disse Cyrus —, já não podemos duvidar da presença de um ser misterioso nessa ilha. Talvez seja um náufrago como nós. Acho bom que Ayrton seja posto a par de tudo o que nos aconteceu, desde que chegamos aqui. Só não consigo compreender os motivos que levam esse benfeitor desconhecido a ajudar-nos, sempre escondido. Todos nós lhe devemos muito, pois deve ter sido quem me salvou depois da queda do balão e também quem escreveu o documento e colocou a garrafa de maneira que pudéssemos encontrá-la. Acredito, ainda, que foi ele quem levou para a ponta do Destroço aquela caixa, quem atirou no pecari e quem colocou o torpedo no canal. Acho, portanto, que temos uma dívida de gratidão para com esse desconhecido e espero poder pagá-la um dia.

— Você tem razão — disse o jornalista. — Não duvido que exista nessa ilha um ser quase todo-poderoso que muito ajudou a todos nós. Penso até que sua ajuda tem algo de sobrenatural.

— É verdade — respondeu Cyrus. — Se existe tal homem, sem dúvida tem à sua disposição meios sobrenaturais de agir. Mas, quando o descobrirmos,

tudo ficará esclarecido.

Durante alguns dias, os colonos cuidaram de plantar e colher. As plantas trazidas da ilha Tabor produziram muitos legumes, que foram logo armazenados no Palácio de Granito, a fim de ficarem protegidos contra os animais e contra os homens. Não havia umidade naquela imensa rocha de granito. As escavações naturais foram aproveitadas como prateleiras e nelas foi colocado todo o material da colônia. Antes de iniciarem as excursões, os colonos queriam deixar tudo em ordem.

Os canhões provenientes do brigade foram levados até o patamar do Palácio de Granito. Colocados naquela altura, as bocas de fogo dominavam toda a baía da União. Todo navio que aparecesse ao largo da ilhota estaria exposto ao fogo daqueles canhões, que formavam verdadeira bateria aérea.

No dia 8 de novembro, Pencroft disse a Cyrus:

— Já que terminamos as instalações, não acha que devemos experimentar o alcance dos tiros?

— Será necessário?

— Sem isso, como poderemos calcular a distância para atirar?

— Então vamos fazer a experiência com piroxila para economizar pólvora.

Naquele mesmo dia, na presença de todos, inclusive de Top e Jup, os canhões foram testados com piroxila, cujo poder explosivo é quatro vezes maior que o da pólvora comum. O projétil a ser experimentado era de forma cilindro-cônica. O êxito foi completo.

— Então, sr. Cyrus, o que acha de nossa bateria? — perguntou Pencroft.

— Ninguém mais ousará desembarcar sem nossa permissão. Todos os piratas do Pacífico podem vir agora!

— Prefiro não enfrentá-los — respondeu Cyrus.

— A propósito — disse Pencroft —, e os seis bandidos que ficaram soltos na ilha? Não devemos deixá-los livres por aí... São verdadeiras feras e devem ser tratados como tal.

— Pensa assim? — perguntou Cyrus.

— Sim, senhor.

— Não acha melhor ver a atitude deles antes de persegui-los sem piedade?

— O que eles fizeram já não foi o bastante?

— Eles podem ter mudado. Podem ter se arrependido...

— Duvido — respondeu o marinheiro, dando de ombros.

— Lembre-se de Ayrton — disse Cyrus.

O marinheiro olhou todos os companheiros, sem compreender como todos

discordavam dele. Sua natureza rude não admitia que os bandidos, cúmplices de Harvey e assassinos da tripulação do *Veloz*, fossem tratados com indulgência.

— Bem — disse ele. — Todos estão contra mim. Estimo que não nos arrependamos de tratar esses piratas com generosidade.

— Que perigo corremos se temos meios de defesa e estamos prevenidos? — perguntou Harbert.

— Os seis estão bem armados — observou o repórter, que ainda não se manifestara. — Se souberem fazer uma emboscada, é bem possível que venham a nos dominar.

— Se não fizeram isso até agora, é porque não têm essa intenção — ponderou Harbert.

— Bem — disse Pencroft —, não falemos mais nisso. Deixemos os valentes marinheiros cuidarem de suas ocupações!

— Ora, não se finja de mau! Garanto que se um desses infelizes aparecesse aqui, você não seria capaz de matá-lo!

— Atiraria nele como num cão raivoso!

— Pencroft — disse Cyrus —, em outras ocasiões você sempre ouviu meus conselhos. Está disposto a ouvir-me agora?

— Agirei de acordo com o que o senhor quiser — respondeu o marinheiro.

— Pois bem, só atacaremos se formos atacados.

Ficou, portanto, decidido que ninguém atacaria os piratas antes de uma agressão. A ilha era grande o bastante para todos. E se algum resto de honestidade existisse no fundo daquelas almas, talvez os criminosos pudessem ser regenerados.

A grande preocupação dos colonos era explorar a ilha completamente para ver se conseguiam encontrar o benfeitor desconhecido e ao mesmo tempo para saber o que fora feito dos piratas.

Cyrus tinha pressa em partir, mas como a excursão seria bastante demorada, achou prudente levar boa provisão de alimentos e utensílios que lhes fossem úteis quando acampassem. Ora, um dos onagros estava com a perna ferida e precisava de alguns dias para refazer-se e poder ser atrelado. Decidiu-se, então, que a partida seria feita dali a uma semana, ou seja, no dia 20 de novembro. Cyrus pretendia explorar desde as densas florestas do Faroeste até a extremidade da península Serpentina.

Ayrton teve que voltar para o curral, pois os animais precisavam de seus cuidados. Ficou decidido que permaneceria lá dois dias e só voltaria depois

de ter deixado bastante alimento para eles comerem durante a ausência dos colonos. Ayrton partiu na manhã do dia 9, levando a carroça puxada por um dos animais. Duas horas depois, o telégrafo avisava que tudo estava em ordem no curral.

Durante aqueles dias, Cyrus cuidou de dissimular o antigo orifício do lago, que permitiria a invasão do Palácio de Granito. Já havia camuflado a entrada com pedras e plantas, mas, agora, desejava elevar o nível do lago de noventa centímetros, para que a antiga entrada ficasse submersa. Para elevar o nível do lago seria necessário fazer barragem nas duas sangrias feitas no próprio lago, que alimentavam o rio Glicerina e o rio Cascata. Todos trabalharam nisso e em pouco tempo as duas barragens, que não excediam de dois metros e meio de largura por noventa de altura, foram concluídas. Para isso foram usadas rochas bem cimentadas. Agora seria impossível alguém descobrir que naquela ponta do lago havia um antigo escoadouro.

Depois de terminado o trabalho, foi enviado um telegrama a Ayrton, pedindo-lhe que trouxesse do curral um casal de caprinos para Nab tentar aclimatar nas pradarias do platô. Mas, coisa singular, Ayrton não acusou o recebimento da mensagem, como costumava fazer. Cyrus ficou admirado, mas achou possível que ele já estivesse a caminho de casa, pois fora combinado que no dia 10, de tarde, ou dia 11, de manhã, o mais tardar, voltaria para reunir-se aos companheiros. Mas vendo que ele não chegava, por volta das dez horas da noite, resolveram enviar nova mensagem, pedindo resposta urgente. Mas não obtiveram resposta. Que teria acontecido ao amigo? Deveriam ir até o curral, apesar da escuridão da noite? Começaram a discutir. Uns queriam partir imediatamente, outros queriam ficar.

— Quem sabe se não houve algum desarranjo no aparelho? — disse Harbert.

— É possível — concordou Gideon.

— Esperemos até amanhã — ponderou Cyrus —, pois é possível que Ayrton não tenha recebido nossa mensagem ou que não tenhamos recebido a dele.

Todos concordaram em esperar, embora estivessem muito aflitos. E logo ao raiar do dia, Cyrus tentou nova comunicação, mas não conseguiu nenhuma resposta.

— Vamos para o curral — disse ele.

— E bem armados! — acrescentou Pencroft.

Nab deveria acompanhar os amigos até o rio Glicerina para levantar a

ponte depois que passassem. Feito isso voltaria e aguardaria, escondido atrás de uma árvore, ou a chegada de Ayrton ou a volta dos colonos. Caso os piratas tentassem atravessar os riachos, Nab tentaria detê-los com tiros e em último caso deveria fugir para o Palácio de Granito. Uma vez suspenso o elevador, estaria seguro. Cyrus Smith, Gideon Spillet, Harbert e Pencroft deveriam ir diretamente ao curral. Caso não encontrassem lá o amigo, fariam uma busca nos arredores.

Às seis da manhã o engenheiro e seus três companheiros atravessaram o rio, levando as armas carregadas, prontas para atirar. O matagal existente dos dois lados da estrada poderia servir de refúgio aos piratas, que, bem armados, eram para ser temidos. Andavam depressa e em silêncio. Top ia na frente, correndo, e, às vezes, entrava no mato, mas sem latir. Enquanto andavam, examinavam o fio do telégrafo. Chegando ao poste número 74, Harbert, que ia um pouco adiante, gritou:

— O fio está arrebentado!

Os companheiros apertaram o passo e chegaram ao local onde Harbert se encontrava. O poste estava caído, cortando a estrada.

— Não foi o vento que o derrubou — disse Pencroft.

— Não — confirmou Gideon. — A terra, ao seu redor, foi escavada por mãos humanas.

— E o fio foi violentamente arrebentado — observou Harbert.

— Foi coisa recente? — perguntou Cyrus.

— Parece.

— Vamos depressa para o curral — propôs o marinheiro.

Os quatro quilômetros que faltavam para o curral deviam ser vencidos com rapidez. Poderia ter ocorrido alguma coisa grave com Ayrton. Mesmo sem receber nenhuma mensagem, ele já devia ter voltado. E quem mais, além dos piratas, poderia estar interessado em interromper as comunicações com o Palácio de Granito? Os colonos sentiam o coração apertado. Teria o amigo sido abatido pelas mãos daqueles que outrora comandara?

Chegando ao pequeno riacho que irrigava o curral, diminuíram o passo, poupando-se para alguma luta eventual. Todos estavam atentos e Top começou a rosnar, o que não era bom sinal.

A porta da cabana, como de costume, estava fechada. Um silêncio profundo reinava no local. Não se ouvia nem a voz de Ayrton nem os balidos das ovelhas.

— Entremos — disse o engenheiro.

Cyrus preparava-se para entrar, quando Top começou a latir com violência.
Ouviru-se um tiro e um grito de dor.

Harbert, atingido por uma bala, caíra!

Ouvindo o grito de Harbert, Pencroft largou a arma e correu para junto dele.

— Mataram meu filho! — gritou. — Meu filho! Eles o mataram!

Cyrus e Gideon também correram para junto do rapaz e o repórter logo verificou se o seu coração ainda batia.

— Está vivo! Mas precisamos tirá-lo daqui...

— E levá-lo para casa? Impossível! — disse Cyrus.

— Então vamos para o curral! — exclamou Pencroft.

— Um momento — pediu o engenheiro.

E dirigiu-se para a esquerda do cercado, onde encontrou um pirata que lhe atravessou o chapéu com uma bala. Mas antes que o bandido pudesse dar segundo tiro, foi abatido pelo engenheiro.

Enquanto isso, Gideon e Pencroft esgueiraram-se e forçaram a porta da cabana, que estava vazia, e deitaram o infeliz rapaz na cama de Ayrton. Alguns minutos mais tarde, Cyrus veio juntar-se a eles.

Vendo Harbert desacordado, o marinheiro chorava desesperadamente. O engenheiro e o repórter, também comovidos, não conseguiam consolá-lo.

Gideon, que sempre tivera vida acidentada, sabia um pouco de medicina de urgência. Ajudado por Cyrus, começou logo a tratar do ferimento. Harbert estava tremendamente pálido, por causa da hemorragia, e seu pulso tão fraco que por vezes parecia que ia parar. O ferimento do rapaz foi cuidadosamente lavado, depois de terem estancado o sangue com lenços. A bala produzira uma ferida oval.

Com muito cuidado, Cyrus e Gideon viraram o rapaz, que deixou escapar suspiro tão débil que parecia ser o último. Apareceu nas costas outra ferida.

Quase no mesmo instante, a bala que o atingira saiu. Gideon não duvidava que a bala tivesse entrado pela frente e saído pelas costas do rapaz. Mas que lesões causara? Que órgãos essenciais atingira? Um simples repórter não poderia saber o que até um cirurgião não descobriria com facilidade.

O que Gideon sabia era que devia evitar a inflamação local e combater a febre que fatalmente apareceria. Mas como combater a inflamação? O rapaz já havia perdido bastante sangue. Não seria conveniente lavar a ferida em água morna e comprimir seus bordos. Estava deitado do lado esquerdo e assim continuou, pois era a posição que melhor favorecia os ferimentos.

— Cyrus — disse Gideon —, não sou médico. Gostaria que me desse algum conselho. Você tem tanta experiência!

— Recupere sua calma. Procure apenas fazer o que achar melhor para salvar o rapaz.

Spillet sentiu-se encorajado com essas palavras e continuou à cabeceira do doente. Com açúcar e várias plantas medicinais foram feitas algumas tisanas para aliviar o sofrimento de Harbert. A febre começara a subir e o doente, completamente inconsciente, passou todo o resto do dia e a noite com a vida por um fio.

No dia seguinte, 12 de novembro, o rapaz abriu os olhos e reconheceu os companheiros. Pronunciou algumas palavras, mas logo os amigos, contando o que lhe sucedera, pediram-lhe que permanecesse em absoluto repouso, para que suas feridas pudessem cicatrizar. Harbert adormeceu novamente.

— O senhor salvará Harbert? — perguntou Pencroft a Gideon.

— Pode ficar tranquilo. O ferimento foi grave e é possível que a bala tenha atravessado o pulmão, mas felizmente esse órgão suporta bem qualquer lesão.

— Que Deus o ouça!

Os colonos estavam há 24 horas no curral e não haviam se preocupado com mais nada a não ser com a saúde de Harbert. Nem sequer se importavam com o perigo que os ameaçava, caso os piratas voltassem. Não haviam tomado nenhuma precaução.

Naquele dia, enquanto Pencroft ficava à cabeceira do doente, Cyrus e Gideon percorreram todo o curral, mas não encontraram sinal de Ayrton. Teria o infeliz sido levado pelos antigos cúmplices? Teria morrido em combate? Esta última hipótese era bem provável. O curral nada sofrera. Os animais continuavam presos, e os abrigos, em pé. Apenas as munições da cabana haviam desaparecido.

— O infeliz deve ter sido surpreendido — disse Cyrus — e, como não

temia lutar, deve ter sido morto.

— É possível — concordou o repórter. — Penso que os bandidos haviam se estabelecido aqui no curral, onde encontraram alimento e água e que só fugiram quando nos viram.

— Precisamos dar uma batida na floresta e livrar a ilha desses miseráveis. Os pressentimentos de Pencroft não o enganavam quando queria caçar esses bandidos como feras!

— É verdade — concordou o repórter. — Mas agora não teremos piedade.

— Ainda precisaremos permanecer aqui até que Harbert se restabeleça.

— E Nab? — perguntou o repórter.

— Está seguro.

— E se resolver vir procurar-nos por causa da demora?

— Ele não deve fazer isso. Certamente será assassinado no caminho.

— Garanto que virá!

— Se o telégrafo funcionasse, seria fácil... — disse Cyrus — Não podemos deixar Harbert e Pencroft aqui sozinhos... Irei só até o Palácio de Granito.

— Não — protestou o repórter. — Você não pode expor-se dessa maneira. Os bandidos devem estar escondidos aqui nas proximidades.

— Mas Nab é capaz de vir!

— E, como não deve temer algum ataque, certamente será apanhado de surpresa.

— Não haverá algum meio de preveni-lo?

Enquanto o engenheiro pensava, olhou casualmente para Top, que andava de um lado para o outro.

— Top! — exclamou de repente Cyrus.

O animal atendeu ao chamado do dono, latindo.

— Sim, Top fará isso! — exclamou Gideon. — Poderá passar em lugares onde não passaríamos. Levará nossa mensagem a Nab e trará resposta.

O repórter rasgou uma página do seu caderno de notas e escreveu o seguinte:

Harbert ferido. Estamos no curral. Mantenha-se alerta. Não abandone o Palácio de Granito. Os bandidos apareceram por aí? Resposta por Top.

Esse lacônico bilhete dizia tudo quanto Nab precisava saber e perguntava tudo o que os colonos queriam saber. Depois de bem dobrado, foi preso na coleira de Top.

— Vá, Top — disse Cyrus. — Leve isso para Nab!

Top latiu, demonstrando ter compreendido o que lhe pediam. O caminho era conhecido e em menos de meia hora poderia vencer a distância até o Palácio de Granito. Correndo no meio da vegetação, certamente o cachorro passaria despercebido, o que não ocorreria com nenhum dos colonos.

O engenheiro foi até a porta do curral e disse mais uma vez, apontando para o Palácio de Granito:

— Nab! Top, Nab!

O cachorro partiu imediatamente e logo desapareceu.

— Que horas são? — indagou o repórter.

— Dez horas.

— Poderá estar de volta dentro de uma hora.

A porta do curral foi fechada e os dois amigos entraram em casa. Harbert dormia profundamente e Pencroft mantinha as compressas sempre úmidas.

Pouco antes de onze horas, Cyrus e Gideon colocaram-se atrás da porta para poder abri-la assim que ouvissem um latido, pois sabiam que, se o cachorro tivesse chegado ao Palácio de Granito, Nab não demoraria em mandá-lo de volta.

Dez minutos depois, ouviram repetidos latidos seguirem-se a uma detonação. O engenheiro abriu a porta e, vendo um resto de fumaça a cem passos, no bosque, atirou naquela direção.

— Top! Top! — exclamou Cyrus, segurando a cabeça do cachorro.

Preso na coleira do animal estava um bilhete de Nab:

Nenhum pirata nas proximidades do Palácio de Granito. Não sairei daqui. Pobre Harbert!

Os bandidos continuavam cercando o curral, esperando matar os colonos um a um! Gideon imaginava o que acontecera. Os seis bandidos, desembarcados na ilha, haviam seguido o litoral sul e depois de terem percorrido a dupla margem da península Serpentina atingiram a embocadura do rio Cascata, pois não tinham querido aventurar-se nas florestas Faroeste.

Seguindo a margem direita do rio, tinham chegado aos contrafortes do monte Franklin. Naturalmente, procurando algum abrigo, chegaram ao curral, naquela ocasião desabitado. Ali permaneceram escondidos, tramando seus abomináveis projetos. A chegada de Ayrton com certeza os surpreendera, mas deviam ter conseguido dominá-lo com facilidade, pois era um contra seis... É verdade que eram agora somente cinco, mas como estavam bem armados e camuflados, representavam grande perigo.

— Só nos resta esperar — dizia Cyrus. — Quando Harbert estiver curado,

organizaremos uma busca geral na ilha e eliminaremos esses bandidos. E ao mesmo tempo...

— Procuraremos nosso benfeitor misterioso — acrescentou Gideon. — Só lamento que não nos tenha acudido desta vez!

— Quem sabe se ainda não nos ajudará? Acho que teremos que enfrentar situações piores do que esta!

A maior preocupação dos colonos era a saúde de Harbert. Felizmente, não piorara. A febre baixava pouco a pouco e as tisanas e o repouso absoluto pareciam fazer muito bem ao rapaz. Após dez dias de tratamento, Harbert começou a apresentar sensíveis melhoras. As cores já voltavam ao rosto e seus olhos já brilhavam. A alimentação que lhe davam era bem leve.

Custava muito a Cyrus estar separado de Nab, pois a divisão das forças da colônia favorecia aos piratas. Depois do desaparecimento de Ayrton, eram apenas quatro, pois Harbert ainda não contava. E os bandidos eram cinco.

No dia 29 de novembro, às sete da manhã, os colonos conversavam no quarto de Harbert quando ouviram Top latir com fúria. Cyrus, Gideon e Pencroft pegaram as armas e correram para fora. O cachorro latia e pulava perto da cerca. Mas não latia de cólera e sim de alegria.

— É alguém que se aproxima!

— Sim!

— Não é inimigo!

— Será Nab?

— Ou Ayrton?

Ainda não haviam acabado de trocar essas palavras quando viram um corpo pular a cerca. Era mestre Jup.

— Jup! — exclamou Pencroft.

— Foi Nab quem nos mandou o macaco! — disse o repórter.

— Deve trazer algum bilhete — observou o engenheiro.

Pencroft correu para o orangotango e encontrou pendurada no seu pescoço uma sacola, dentro da qual havia um bilhete de Nab.

É fácil compreender o desespero de todos quando leram:

Platô invadido pelos bandidos!

Nab.

Os colonos entreolharam-se sem dizer palavra e entraram na cabana. Que deviam fazer? Os malfeitores no platô significava o desastre, a devastação e a ruína!

Harbert, vendo entrar o engenheiro, o repórter e Pencroft, compreendeu

que a situação se agravara. Quando viu Jup, não teve mais dúvidas.

— Sr. Cyrus — disse ele —, eu quero partir. Já posso suportar a viagem!

Gideon aproximou-se de Harbert e, depois de olhá-lo, exclamou:

— Então partamos!

Os colonos pensaram em transportar o ferido numa padiola, mas como para isso seriam necessários dois homens, ficou decidido que o rapaz seria levado na carroça que Ayrton levava para o curral. Era preciso o maior número de homens livres para atirar em caso de emergência. Harbert foi acomodado no fundo do carro, o mais confortavelmente possível, a fim de evitar as sacudidas.

O tempo estava bom e fortes raios de sol atravessavam as folhagens.

— As armas estão preparadas? — perguntou Cyrus. — E você está bem, Harbert?

— Fique tranquilo, não morrerei em viagem.

— Vamos! — disse Cyrus.

Jup e Top foram à frente e a carroça, dirigida com cuidado por Pencroft, avançou lentamente. Cyrus e Spillet andavam um de cada lado do carro, para responder a qualquer ataque. A carroça avançava lentamente. Havia iniciado a viagem às sete e meia, e uma hora depois ainda não havia ocorrido nenhum acidente grave.

A estrada estava deserta, como toda a parte do bosque Jacamar, que se estendia entre o Providência e o lago. Ainda faltava um quilômetro e meio para chegar ao platô e já podiam ver o rio Glicerina. Cyrus não duvidava que a ponte estivesse arriada, pois os piratas deviam tê-la abaixado depois de atravessar o riacho, para facilitar a sua própria passagem.

Quando já se enxergava o mar, Pencroft deteve a carroça exclamando:

— Miseráveis!

E apontava para a espessa fumaça que envolvia o moinho, o estábulo e o galinheiro.

Um homem agitava-se no meio da fumaça. Era Nab.

Os bandidos haviam abandonado o platô, havia meia hora, depois de terem feito uma completa devastação.

— E o sr. Harbert? — perguntou Nab.

Gideon voltou-se para a carroça. Harbert havia perdido os sentidos!

Ninguém se importou mais com os bandidos ou com os outros perigos que ameaçavam o Palácio de Granito. O estado de Harbert inspirava cuidado. Teria a viagem provocado alguma lesão interna grave? O repórter não sabia responder e todos estavam desesperados. Gideon examinou as feridas e viu que não haviam aberto... De onde viria aquela prostração? Por que o rapaz piorara? O doente adormeceu, com bastante febre. O repórter e o marinheiro permaneceram à sua cabeceira.

Enquanto Cyrus contava o que se sucedera no curral, Nab pôs o patrão a par do que acontecera no platô.

Na noite anterior os malfeitores haviam aparecido no limite da floresta, nas proximidades do rio Glicerina. Nab, que vigiava junto ao galinheiro, não hesitou em atirar contra um dos piratas. Como a noite estava muito escura, não conseguiu ver se fora ou não atingido. Em todo caso, serviu para afugentar o bando e Nab pôde refugiar-se dentro de casa. Mas como impedir que os piratas devastassem o platô? Como prevenir o amo? Havia dezenove dias que não tinha notícias dos amigos. Só sabia o que lera no bilhete trazido por Top. Nab, pessoalmente, nada tinha a temer, pois seu refúgio era seguro. Mas poderia deixar à mercê dos piratas todas as plantações e construções do platô? Foi então que Nab pensara em mandar Jup levar o bilhete ao engenheiro. Um macaco passaria despercebido entre os piratas, que deveriam julgá-lo habitante da floresta. Não hesitou. Escreveu um bilhete, prendeu-o ao pescoço do orangotango e, levando-o até a porta da casa, fê-lo descer por uma corda. Depois, repetiu várias vezes:

— Jup! Vá até o curral!

O animal deslizou pela corda e ganhou a floresta, sem que nenhum dos piratas percebesse.

— Fez bem, Nab — disse Cyrus —, mas talvez tivesse sido melhor que não soubéssemos de nada.

Enquanto falava, Cyrus pensava em Harbert, que parecia ter sofrido muito com a viagem.

Nab terminou a narrativa, contando que os patifes não apareceram na praia, pois, sem dúvida, temiam que os habitantes do Palácio de Granito fossem muitos. Atacaram o platô e apenas meia hora antes da chegada dos colonos é que os miseráveis partiram. Nab descera precipitadamente de seu refúgio para tentar apagar o incêndio provocado pelos piratas, arriscando-se a levar algum tiro, mas nada conseguira.

Sem dúvida, a presença dos miseráveis na ilha representava constante ameaça. Cyrus e Nab foram verificar a extensão do desastre, enquanto os outros dois permaneciam acompanhando Harbert. Felizmente, os malfeitores não haviam chegado muito perto do Palácio de Granito, pois, nesse caso, as oficinas da Chaminé não teriam escapado. Mas isso seria mais fácil de reparar do que as ruínas do platô! Cyrus e Nab dirigiram-se para o Providência, subindo a margem esquerda. Não encontraram sinal dos piratas nem mesmo do outro lado, que era cheio de árvores.

O engenheiro e Nab, quando chegaram ao platô, ficaram desolados. As espigas de trigo que deveriam ser colhidas estavam espalhadas no chão. As outras plantações tinham sofrido menos, mas, mesmo assim, todos os canteiros tinham sido revolvidos. O fogo havia destruído o moinho, os estábulos e os abrigos dos animais presos no galinheiro. Cyrus, mais pálido do que de costume, deixava transparecer cólera interior, mas nada dizia.

Os dias seguintes foram os piores para os colonos. Harbert enfraquecia a olhos vistos e parecia estar sofrendo de doença resultante do tremendo choque passado. Estava sempre adormecido e começava a delirar. A febre não era muito alta, mas vinha em acessos regulares. E os colonos só podiam dar a Harbert, como remédios, chás de ervas encontradas na ilha!

No dia 6 de dezembro, o rapaz teve uma crise bem forte. Seus dedos, orelhas e nariz tornaram-se muito pálidos e começou a sentir calafrios. O pulso ficou muito fraco e irregular, a pele, seca, e sentia imensa sede. Depois disso, veio um período de calor. O rosto melhorou, a pele voltou ao tom normal e o pulso acelerou-se. Depois de suar abundantemente, a febre baixou. O acesso durara cerca de cinco horas. Gideon não abandonara

Harbert e estava decidido a diminuir aquela febre antes que ela se tornasse mais violenta.

— Para combatê-la preciso de febrífugo — disse Spillet a Cyrus.

— Mas não temos nem quina nem sulfato de quinino!

— Mas temos salgueiros perto do lago e a casca dessa árvore serve muito bem para substituir o quinino.

— Vamos logo tentar — disse Cyrus.

O próprio Cyrus foi cortar alguns pedaços de casca, reduziu-os a pó e naquela mesma noite o rapaz tomou a primeira dose. A noite passou-se sem incidentes graves. Harbert ainda delirou um pouco, mas a febre não apareceu novamente, nem mesmo no dia seguinte.

Pencroft recobrou as esperanças. Gideon nada dizia, pois achava que a febre podia ser terçã, ou seja, só voltaria no outro dia. Quando estava sem febre, o rapaz sentia-se completamente alquebrado, com a cabeça pesada e meio atordoado. Outro sintoma que apavorou o repórter foi o começo de congestão do fígado do rapaz. Chamando o engenheiro, disse-lhe:

— Trata-se de febre perniciosa.

— Você deve estar enganado. Febre desse tipo não aparece espontaneamente. É preciso haver um germe...

— Com certeza, Harbert a contraiu nos pântanos da ilha. Já teve um acesso. Se tiver um segundo e não conseguirmos impedir o terceiro, estará perdido!

— E a casca do salgueiro?

— É insuficiente. Terceiro ataque de febre palustre, que não possa ser evitado com quinino, é sempre mortal!

Felizmente, Pencroft não ouvira essa conversa, senão teria enlouquecido. O engenheiro e o repórter passaram todo o dia e a noite de 7 de dezembro muito inquietos. Durante o dia seguinte, veio outro acesso. A crise foi terrível! Harbert, sentindo-se perdido, estendia os braços para os amigos! Não queria morrer. Foi uma cena comovedora!

A noite foi horrorosa. Delirando, Harbert chamava por Ayrton, lutava contra os bandidos, clamava pelo benfeitor desconhecido... Depois caía em sono... Por várias vezes, Pencroft julgou-o morto. Passou muito fraco o dia. O repórter administrou-lhe mais uma dose do chá vegetal, mas sem esperar grandes resultados.

— Se não conseguirmos encontrar um febrífugo mais forte, antes de amanhã, não escapará! — disse Gideon.

Durante a noite, Harbert delirou muito. O fígado estava muito congestionado e seu cérebro também tinha sido atingido. Já não reconhecia ninguém. Deviam ser três da manhã, quando Harbert deu um grito aterrador e pareceu ter uma convulsão.

Top, nesse momento, latiu de maneira estranha...

Todos correram para perto do rapaz, que parecia querer jogar-se da cama, enquanto Gideon tomava seu pulso... que inexplicavelmente começava a estabilizar.

Quando os raios do sol nascente, às cinco da manhã, começaram a iluminar os quartos do Palácio de Granito, Pencroft deu um grito e apontou para um objeto colocado sobre a mesa de cabeceira...

Era uma pequena caixa oblonga, na qual se podia ler: *Sulfato de quinino*.

Gideon Spillet abriu a caixa e verificou que continha grãos de pó branco, que imediatamente provou. O gosto amargo da substância não podia enganá-lo. Tratava-se do precioso alcalóide da quina. Antes de descobrir como o remédio aparecera, era necessário administrá-lo ao rapaz.

Em alguns instantes, Nab preparou uma xícara de café quente e nela o repórter lançou o remédio e fez com que o rapaz bebesse. Ainda era tempo de administrar o medicamento, pois o terceiro ataque ainda não se manifestara.

Algumas horas depois de tomar o remédio, Harbert adormeceu tranquilamente e os colonos puderam conversar acerca do que sucedera. Nenhum deles duvidava da intervenção do célebre desconhecido. Mas como pudera penetrar, durante a noite, no Palácio de Granito? Era inexplicável!

Durante todo aquele dia, administraram o quinino a cada três horas ao rapaz, que começou a apresentar sensíveis melhoras. No dia seguinte, parecia outro. Via-se que não estava curado, pois sentia-se ainda muito fraco, mas melhorara muito. Mas como as febres intermitentes são perigosas, podendo haver recaída, os colonos continuaram dispensando grandes cuidados ao doente.

No dia 20 de dezembro, dez dias depois de ter começado a tomar o remédio, Harbert entrou em franca convalescença. Ainda estava fraco e seguia rigorosa dieta, mas não teve mais nenhuma crise de febre. E como tinha muita vontade de ficar bom, submetia-se a tudo sem reclamar.

Pencroft parecia um homem saído do fundo de precipício. Tinha crises de alegria que até pareciam delírio. Vendo que o terceiro acesso não viera, abraçou o repórter e passou a chamá-lo de *doutor* Spillet. Restava apenas saber quem era o verdadeiro doutor.

— Ainda descobriremos! — dizia Pencroft.

Com o mês de dezembro, terminou o ano de 1867, que fora tão duro para os colonos. O novo ano entrou com dias lindos e calor intenso, que a brisa do mar vinha amenizar. Harbert renascia. Deitado na cama, recebia diretamente o salubre ar do mar e já começava a comer alguns pratos leves preparados por Nab.

Durante todo esse tempo os colonos não avistaram uma só vez os piratas nas proximidades do Palácio de Granito. De Ayrton não tinham notícias e apenas o engenheiro e Harbert acalentavam esperanças de encontrá-lo vivo. Assim que o rapaz ficasse bom, descobririam tudo, explorando completamente a ilha. Mas seria preciso esperar pelo menos um mês...

O fígado de Harbert voltara ao tamanho normal e suas feridas estavam cicatrizadas.

Durante o mês de janeiro os colonos procuraram colher tudo o que havia escapado à devastação dos piratas: alguns legumes e um pouco de trigo. Cyrus não quis logo reconstruir os abrigos do galinheiro e os estábulos, porque os malfeitores poderiam penetrar novamente no platô, quando os colonos estivessem ausentes.

O convalescente passou a levantar-se na segunda quinzena de janeiro. As forças começavam a voltar-lhe, graças a sua constituição vigorosa. Harbert naquela ocasião tinha dezoito anos e prometia tornar-se homem bastante forte. Sob os cuidados de Spillet, o rapaz convalescia rapidamente.

No fim do mês, Harbert já andava pelo platô e pela praia. Banhos de mar, na companhia de Pencroft e Nab, fizeram-lhe muito bem, de maneira que Cyrus marcou para 15 de fevereiro a partida para explorar a ilha. As noites eram muito claras naquela época do ano, o que facilitaria muito as buscas.

Foram grandes os preparativos para a excursão, pois os colonos haviam jurado só voltar depois de terem destruído os invasores, descoberto Ayrton, se vivo, e o misterioso benfeitor.

Os colonos conheciam a fundo a costa oriental da ilha, desde o cabo Garra até os cabos Mandíbula, o pântano das Tadomas, as margens do lago Grant, o bosque Jacamar, compreendido entre o caminho do curral e o Providência, todo o curso desse rio e do rio Vermelho e os contrafortes do monte Franklin, entre os quais havia sido construído o curral. Já haviam explorado, mas imperfeitamente, o vasto litoral da baía de Washington, desde o cabo Garra até o promontório do Réptil, a orla florestal e pantanosa da costa oeste e as extensas dunas que terminavam na boca entreaberta do golfo Tubarão. Mas

desconheciam completamente as florestas que cobriam a península Serpentina, a margem direita do Providência, a margem esquerda do Cascata e o emaranhado de contrafortes que suportavam os três quartos da base do monte Franklin a oeste, ao norte e a leste. Portanto, milhares de acres da ilha precisavam ser explorados.

Decidiu-se que a caravana seguiria pela floresta Faroeste, para poder explorar a margem direita do Providência.

Talvez fosse melhor os colonos irem diretamente para o curral, onde poderiam encontrar os bandidos. Poderiam ter ido para lá, a fim de pilhar ou refugiar-se. No primeiro caso, não havia pressa, pois a devastação já teria sido completa. Por outro lado, se os piratas tivessem procurado refúgio lá, em qualquer momento os colonos poderiam encontrá-los.

Depois de discutirem os prós e contras, ficou decidido que os colonos atingiriam o promontório do Réptil, seguindo através da floresta. Pretendiam abrir caminho que ligasse o Palácio de Granito à extremidade da península.

A carroça estava em perfeito estado. Os quadrúpedes, bem descansados, poderiam aguentar a viagem, puxando o carro carregado de víveres, utensílios diversos, armas e munições. Os colonos pretendiam manter-se sempre juntos, pois era possível que os piratas estivessem escondidos no bosque, prontos para atacar. Ninguém deveria permanecer no Palácio de Granito.

Até mesmo Top e Jup fariam parte da caravana. A casa, inacessível, poderia permanecer vazia.

O dia 14 de fevereiro, véspera do embarque, foi consagrado inteiramente ao descanso e ações de graças. Harbert estava completamente restabelecido e tomaria parte na expedição, embora ainda estivesse um pouco fraco.

No dia seguinte, ao nascer do dia, Cyrus tomou as medidas necessárias para proteger o Palácio de Granito de qualquer invasão. As antigas escadas foram levadas para a Chaminé e enterradas na areia, bem fundo, para que pudessem ser usadas na volta, pois o motor e o elevador foram desmontados.

Pencroft foi quem executou essa última tarefa e depois desceu por uma corda, até a praia.

O tempo estava magnífico.

— Teremos um dia quente! — observou alegremente o repórter.

— Ora, *doutor* Spillet — respondeu Pencroft —, caminharemos debaixo de tantas árvores que nem sentiremos o sol!

— Então, a caminho! — disse Cyrus.

A carroça esperava diante da Chaminé. Gideon obrigara Harbert a sentar-se nela. Não queria que andasse, pelo menos durante as primeiras horas de viagem. Nab colocou-se na frente do onagro. Cyrus, o repórter e o marinheiro seguiram na vanguarda. Top dava pulos de alegria e Jup ocupava lugar na carroça, ao lado do rapaz.

O carro dobrou o ângulo da embocadura e depois de ter seguido por um quilômetro e meio a margem do Providência, atravessou a ponte onde começava o caminho que levava até o porto Balão. Nesse lugar, os colonos deixaram o caminho à esquerda e embrenharam-se entre as imensas árvores que formavam a floresta Faroeste.

Durante os primeiros três quilômetros, as árvores, espaçadas, permitiram que o carro andasse bem. Apenas de vez em quando era preciso cortar algum cipó. A densa ramagem tornava bastante agradável a viagem. Várias espécies de árvores, já conhecidas dos colonos, e um sem-número de pássaros foram encontrados. Alguns agutis, cangurus e outros mamíferos fizeram com que se lembrassem da primeira expedição que haviam feito naquela ilha.

— Acho que esses animais agora são mais medrosos — observou Cyrus. — É possível que os piratas tenham andado por aqui.

E logo adiante os colonos viram vestígios humanos mais ou menos recentes: galhos quebrados, cinzas, pegadas. Mas nada indicava que houvessem acampado ali definitivamente.

O engenheiro recomendara aos amigos que se abstivessem de caçar, pois os tiros poderiam alertar os bandidos, que talvez estivessem por perto. Além disso, para caçar, os homens teriam que se afastar da carroça e isso fora terminantemente proibido!

Na parte da tarde daquele mesmo dia, os colonos encontravam-se a cerca de dez quilômetros do Palácio de Granito e a passagem tornara-se bastante difícil. Muitas árvores precisavam ser derrubadas. Cyrus sempre mandava Top e Jup sondarem os bosques, para ver se havia homens estranhos ou feras.

Acamparam para pernoitar às margens de pequeno afluente do Providência, desconhecido até então e que devia ser o responsável pela fertilidade daquela região. Todos jantaram bem, pois a caminhada abrira o apetite. Foram, depois, tomadas as precauções para passar a noite. Se o engenheiro quisesse defender-se apenas das feras, bastaria acender fogo, mas, pensando que os malfeitores poderiam ser atraídos pela luz, preferia permanecer na escuridão. Dois colonos deveriam vigiar, sendo rendidos de duas em duas horas. Harbert, apesar de seus protestos, foi dispensado.

Pencroft e Gideon formaram uma dupla, e Cyrus e Nab, a outra.

A noite decorreu sem incidentes e a caminhada foi recomeçada no dia seguinte, mais lenta do que penosa. Tão lenta que não puderam andar mais de nove quilômetros, pois a cada momento era preciso abrir caminho com o machado. Embora fosse trabalho duro, os colonos conseguiram abrir um caminho reto, quase sem curvas.

Outros vestígios dos bandidos foram encontrados. Havia pegadas de tamanhos diferentes e os colonos puderam identificar sinais de passagem de cinco homens.

— Ayrton não estava com eles! — notou Harbert.

— Não — concordou Pencroft. — Isso quer dizer que os miseráveis o mataram. Mas não perdem por esperar! Será que não têm uma toca onde possamos acuá-los como a tigres?

— Não — respondeu o repórter. — Penso que preferem vagar por aí, esperando o momento de tornarem-se reis da ilha.

— Será que pretendem isso? — perguntou Pencroft com voz embargada. — O senhor sabe com que bala armei minha espingarda?

— Não.

— Com a que feriu Harbert. E garanto que acertarei no que atirar.

Mas nada disso poderia devolver a vida a Ayrton. E tudo levava a crer que estivesse morto.

Naquela noite, acamparam a 22 quilômetros do Palácio de Granito e Cyrus calculou que deviam estar mais ou menos a oito quilômetros do promontório do Réptil.

Efetivamente, no dia seguinte chegavam os viajantes à extremidade da península e a floresta foi atravessada em todo o seu comprimento. Nenhum sinal dos piratas ou do desconhecido foi encontrado.

O dia seguinte, 18 de janeiro, foi destinado a explorar toda a parte do bosque que formava o litoral, desde o promontório do Réptil até o rio Cascata. Puderam observar toda aquela floresta, cuja largura variava entre quatro e cinco quilômetros. As árvores imensas e com folhagens espessas atestavam a riqueza do solo. Tudo indicava que as árvores encontravam, embaixo daquele solo úmido, calor vulcânico. Predominavam os cauris e os eucaliptos gigantescos.

Mas a finalidade da exploração não era admirar aqueles vegetais exuberantes. Há muito tempo sabiam que a ilha Lincoln merecia figurar ao lado das Canárias, que primitivamente haviam recebido o nome de Afortunadas. A finalidade era destruir os piratas que tinham vindo acabar com a tranquilidade da colônia.

Na costa ocidental não foram encontrados vestígios de passagem de homens.

— Isso me surpreende — disse Cyrus aos companheiros. — Os piratas desembarcaram na ilha, perto da ponta do Destroço e logo embrenharam-se na floresta Faroeste, depois de atravessar o pântano das Tadornas. Portanto, devem ter seguido o mesmo caminho que agora percorremos, o que justifica todos os sinais que encontramos. Depois de verificarem que nesse litoral não encontrariam nenhum refúgio, resolveram seguir para o norte e voltar ao curral...

— Para onde devem ter voltado... — observou Pencroft.

— Não sou da mesma opinião, pois devem calcular que iremos procurá-los lá. O curral para eles é apenas um lugar que lhes oferece recursos, mas não

acampamento definitivo.

— Estou de acordo — concordou Gideon. — Na minha opinião, estão escondidos nos contrafortes do monte Franklin.

— Então vamos para o curral, sem perder tempo — disse o marinheiro.

— Não, meu amigo. Precisamos saber se na floresta Faroeste existe alguma habitação. Nossa expedição tem duplo objetivo: castigar um crime e cumprir um ato de reconhecimento.

— O senhor falou bem — disse Pencroft —, mas acho que só encontraremos esse desconhecido se ele mesmo desejar.

O marinheiro exprimira a opinião de todos. Era provável que sua casa fosse ainda mais misteriosa do que ele próprio.

Naquela noite, a carroça parou na embocadura do rio Cascata. O acampamento foi organizado como de costume. Harbert já podia ajudar a vigiar durante a noite, pois aproveitara bem o ar livre, entre o ar do mar e o das florestas. Já não andava dentro do carro, mas à sua frente.

No dia seguinte, os colonos abandonaram o litoral e subiram o curso do rio pela margem esquerda. O caminho já fora em parte aberto em excursões anteriores, desde o curral até a costa oeste. Encontravam-se a nove quilômetros e meio do monte Franklin. O engenheiro tencionava examinar minuciosamente todo o vale que formava o leito do rio e depois chegar às proximidades do curral. Se estivesse ocupado, tomá-lo-iam à força. Se não encontrassem os bandidos, pretendiam transformar o curral no centro das operações, que tinham como objetivo explorar os contrafortes da montanha. O plano foi unanimemente aprovado, pois todos estavam ansiosos por recuperar o domínio inteiro da ilha.

Caminhavam pelo estreito vale que separava os dois maiores contrafortes do monte Franklin. As árvores cerradas nas margens do rio iam ficando mais espaçadas nas zonas superiores do vulcão. Aquele solo montanhoso, bastante acidentado, prestava-se para emboscadas. Top e Jup iam à frente, sondando o terreno. Mas nada indicava que os piratas tivessem passado por ali ou que estivessem acampados por perto.

Às cinco da tarde, a carroça parou a seiscentos passos da cerca do curral. Uma cortina semicircular de árvores ainda a escondia. Era preciso descobrir se a cabana estava habitada e isso era uma verificação perigosa durante o dia. Poderia acontecer com eles o que sucedera com Harbert. Resolveram, então, esperar a chegada da noite.

Permaneceram ao lado da carroça, sempre vigiando a floresta. Três horas

passaram-se assim. O vento diminuía e silêncio absoluto reinava. Top, deitado, não dava sinal de inquietude. Às oito horas, Cyrus resolveu que estava na hora de fazerem o reconhecimento. Gideon prontificou-se a partir em companhia do marinheiro. Top e Jup deviam permanecer com os outros para evitar que um latido ou um grito despertasse a atenção dos piratas.

— Não se exponham inutilmente — recomendou Cyrus. — Não vão ocupar o curral e sim verificar se está ocupado ou não.

— Entendido — disse Pencroft.

Os dois amigos caminhavam com cuidado entre as árvores.

A semiobscuridade não permitia que fossem vistos objetos além de doze metros. Pencroft e Gideon andavam um pouco afastados um do outro para ficarem menos expostos aos tiros que esperavam a qualquer momento. Cinco minutos depois, chegaram à clareira, onde fora construída a cabana. A trinta passos dali, estava a porta do curral, que parecia fechada, mas o espaço era completamente descampado e quem quer que aventurasse por ali serviria de ótimo alvo. Pararam. Não podiam cometer nenhuma imprudência. Se fossem mortos, o que seria dos companheiros?

Pencroft, sentindo-se tão perto do curral, onde julgava que os bandidos estivessem, ia avançar quando o repórter o deteve.

— Daqui a pouco será noite escura e poderemos agir sem perigo — murmurou.

O marinheiro, segurando convulsivamente a espingarda, aceitou esperar. Quando a noite escureceu completamente, resolveram agir. Gideon segurou a mão do companheiro e os dois avançaram até a porta do curral e tentaram abri-la. Estava fechada. Tudo indicava que os piratas estavam refugiados ali. Hesitaram. Deveriam ou não pular a cerca?

O repórter achou melhor esperar que os colonos se reunissem para entrar no curral. Pencroft concordou e dentro de poucos instantes Cyrus foi posto a par do que acontecia no curral.

Depois de refletir um pouco, o engenheiro disse:

— Penso que os bandidos não estão no curral.

— Assim que pularmos a cerca saberemos — respondeu Pencroft.

— Então, vamos!

— Devemos deixar a carroça no bosque? — perguntou Nab.

— Não, pois nele está nossa reserva de víveres e munições.

A carroça começou a rodar sem fazer barulho. O silêncio e a escuridão eram completos. Os colonos tinham as armas prontas para atirar em caso de

necessidade. Jup era mantido na retaguarda por Pencroft e Top era levado por Nab. Assim que avistou a clareira, a caravana apertou o passo e rapidamente entrou no curral. A porta estava apenas encostada!

— Não disseram que esta porta estava trancada? — perguntou Cyrus a Pencroft e Gideon.

Ambos estavam assombrados.

— Juro que estava bem fechada! — disse o marinheiro.

Os colonos pararam. Teriam os malfeitores aberto a porta enquanto o repórter e o marinheiro tinham voltado para junto dos amigos? Cada um deles pensava, mas não encontravam resposta para as suas dúvidas.

Nesse momento, Harbert, que havia avançado um pouco, recuou e segurou a mão de Cyrus.

— O que foi que houve? — perguntou o engenheiro.

— Uma luz!

— Dentro da casa?

— Sim!

Os colonos avançaram para a porta da cabana. Através dos vidros das janelas via-se uma luz trêmula.

— Precisamos aproveitar esta oportunidade — disse Cyrus. — Os piratas estão reunidos e não esperam ataque.

Avançaram, com as armas no ombro. A carroça fora deixada fora da cerca, sob a guarda de Jup e Top. A porta da cabana estava fechada. Cyrus aproximou-se do vidro da janela e olhou para a única peça da casa. A luz estava sobre a mesa e, perto desta, a cama que outrora servira a Ayrton. Um homem estava deitado nela. De repente, com voz emocionada, Cyrus disse:

— Ayrton!

A porta foi aberta e todos entraram. Ayrton parecia dormir. Seus pulsos e tornozelos estavam feridos.

O engenheiro reclinou-se sobre ele e disse:

— Ayrton!

Ouvindo isso, o homem abriu os olhos, contemplou Cyrus e os outros e perguntou:

— São os senhores?

— Sim! — respondeu Cyrus.

— Onde estou?

— No curral!

— Sozinho?

— Sim!

— Mas eles voltarão! Tratem de defender-se!

E desmaiou.

— Spillet — disse Cyrus —, podemos ser atacados a qualquer momento. Traga a carroça para cá. Faça uma barricada na porta e volte.

Pencroft, Nab e o repórter trataram de executar as ordens de Cyrus. Talvez naquele momento a carroça já estivesse em poder dos malfeitores!

Enquanto os três homens dirigiam-se para a carroça, Top começou a rosnar. O engenheiro, deixando Ayrton, saiu da cabana, pronto para atirar. Harbert seguiu-o. Os dois vigiavam a crista do contraforte que dominava o curral, pois, se os bandidos estivessem escondidos lá, certamente conseguiriam matar os colonos um a um.

Nesse momento apareceu a lua, a leste, iluminando todo o curral. Top, que estivera amordaçado até então, começou a latir com furor e lançou-se para o fundo do curral, do lado direito da casa.

— Atenção, meus amigos — disse Cyrus.

Os colonos, com as armas preparadas, esperavam ordem para atirar. Top continuava latindo e Jup soltava gritos agudos. Seguiram os animais e viram, nas margens do riacho que ali corria, cinco corpos estendidos no chão!

Eram os cadáveres dos cinco piratas que quatro meses antes haviam desembarcado na ilha Lincoln!

O que acontecera? Quem matara os bandidos? Teria sido Ayrton? Não era possível, pois há poucos instantes temia que os piratas voltassem!

Ayrton caíra em sono profundo e ninguém conseguiu despertá-lo. Os colonos, cheios de ideias confusas, esperaram toda a noite dentro da casa, sem voltar ao local onde jaziam os corpos. Ayrton não deveria saber como tinham morrido os homens, pois encontrava-se dentro da cabana. Mas, pelo menos, poderia contar alguma coisa que tivesse sucedido antes da terrível execução.

No dia seguinte, Ayrton acordou recuperado. Em poucas palavras, contou tudo o que sabia.

No dia seguinte ao de sua chegada ao curral, portanto no dia 10 de novembro, ao cair da noite, fora surpreendido pelos piratas, que o amarraram e amordaçaram. Depois, fora levado para uma caverna escura, no sopé do monte Franklin, onde os invasores estavam estabelecidos. Os piratas tinham decidido matá-lo, quando foi reconhecido por um deles. Ouvindo o nome de Ben Joyce, os outros bandidos respeitaram Ayrton, que foi poupado. Desde aquele momento, os miseráveis não mais o deixaram em paz. Queriam que ele voltasse a ser um deles e contavam com a sua ajuda para apoderar-se do Palácio de Granito e assassinar os colonos. Pretendiam tornar-se os senhores da ilha! Mas Ayrton resistiu. Preferia a morte.

Amarrado, amordaçado e vigiado, passou quatro meses na caverna. Os piratas viviam das reservas do curral, mas não moravam lá. No dia 11 de novembro, um dos bandidos, surpreendido pela chegada dos colonos, atirara contra Harbert. Um dos miseráveis voltara para a caverna, gabando-se de ter

matado um colono, mas voltara só, pois seu companheiro fora abatido pela mão de Cyrus, Ayrton ficou desesperado. Deveriam, então, estar reduzidos a quatro, enquanto os piratas eram cinco!

Durante todo o tempo em que os colonos ficaram cuidando do rapaz, os bandidos não tinham abandonado a caverna. E, mesmo depois de terem pilhado o platô, acharam mais prudente não abandoná-la. Os maus-tratos infligidos a Ayrton aumentaram. Suas mãos e pés mostravam as marcas de cordas que o haviam prendido durante muito tempo. A cada instante, esperava a morte. Finalmente, o infeliz, enfraquecido pelos maus-tratos, caiu em prostração profunda, nada vendo nem ouvindo.

Havia dois dias que não tinha mais consciência do que se passava.

— Sr. Smith — disse ele —, se eu estava prisioneiro na caverna, como consegui vir para cá?

— Como se explica que os bandidos estejam mortos no meio do curral? — perguntou Cyrus por sua vez.

— Mortos! — exclamou Ayrton, que, apesar de sua fraqueza, levantara-se um pouco.

Os companheiros ampararam o infeliz e ajudaram-no a chegar ao riacho. O dia já havia nascido. Os cinco cadáveres continuavam onde os colonos os haviam encontrado. Ayrton estava aterrorizado.

Nab e Pencroft, por ordem do engenheiro, foram examinar os corpos, já frios. Não apresentavam ferimentos. Só depois de tê-los minuciosamente examinado foi que o marinheiro descobriu na cabeça de um, no peito de outro e nas costas de terceiro pequeno ponto vermelho, parecendo contusão, produzido por um objeto difícil de identificar.

— Eles foram feridos! — exclamou Cyrus.

— Mas com que arma? — perguntou o repórter.

— Com alguma arma fulminante que desconhecemos!

— E quem terá feito isso?

— O justiceiro da ilha — disse Cyrus. — E também deve ter sido ele quem o trouxe para cá, Ayrton. Faz tudo por nós e sempre se esconde!

— Então vamos procurá-lo! — exclamou Pencroft.

— Só o encontraremos se ele quiser — respondeu Cyrus.

Essa proteção invisível, que reduzia a nada qualquer esforço dos colonos, irritava e comovia ao mesmo tempo o engenheiro.

— Deus permita que um dia possamos encontrá-lo para que ele saiba que não fez bem a ingratos! — disse Cyrus.

A única preocupação dos colonos passou a ser descobrir o benfeitor. O bom tratamento dispensado a Ayrton fez com que ele logo se recuperasse. Nab e Pencroft levaram os cadáveres para a floresta e lá os sepultaram. Ayrton foi posto a par de tudo o que acontecera com os amigos. Terminando a narrativa, Cyrus disse:

— Se voltamos a ser os senhores dessa ilha, não devemos isso a nós mesmos.

— Bem — propôs Gideon —, vamos procurar esse desconhecido em todos os cantos da ilha!

— E só voltaremos para casa depois de tê-lo descoberto — reforçou Harbert.

— Sim... — disse o engenheiro. — Faremos todo o possível, mas torno a repetir que só o encontraremos se ele quiser.

— Vamos permanecer no curral? — perguntou o marinheiro.

— É melhor — ponderou Cyrus. — Aqui temos provisões abundantes. E, se quisermos voltar para casa, a distância é pequena.

— Só tenho uma observação a fazer — disse o marinheiro.

— Qual?

— A estação boa está acabando e não devemos esquecer-nos da viagem que precisamos fazer.

— Que viagem? — quis saber Spillet.

— Até a ilha Tabor. Precisamos deixar indicações da nossa ilha dentro da antiga cabana de Ayrton, pois é possível que o iate escocês volte para procurá-lo.

— Como pretende fazer essa viagem? — perguntou o engenheiro.

— No *Boaventura*.

— Ele não existe mais! — exclamou Ayrton.

— Não existe mais? — urrou Pencroft.

— Os piratas descobriram-no e há oito dias embarcaram nele. Depois...

— O que aconteceu? — perguntou o marinheiro com o coração acelerado.

— Não tendo Robert Harvey para manobrá-lo, naufragaram nas rochas. A embarcação ficou completamente destruída!

— Ah! Miseráveis! Bandidos! — exclamou Pencroft.

— Não se incomode — disse Harbert —, faremos um navio ainda maior! Temos todo o material do brigue afundado!

— Mas levaremos seis meses no mínimo para construir uma embarcação de trinta a quarenta toneladas.

— Renunciemos a fazer a viagem esse ano — propôs Gideon.

— É preciso conformar-se — disse Cyrus a Pencroft. — Acho que esse atraso não nos será prejudicial.

— Ah! Meu pobre *Boaventura*! — dizia Pencroft, consternado com a perda do navio.

Realmente, fora grande perda para os colonos, que deveria ser reparada o mais depressa possível.

As buscas foram começadas no próprio dia 19 de fevereiro e duraram uma semana. Toda a base da montanha, formada por um labirinto de vales, foi explorada. Certamente, aquelas gargantas escondiam a morada do desconhecido. Primeiro, os colonos visitaram o vale que ficava na parte sul do vulcão e que recolhia as primeiras águas do rio Cascata. Ali, Ayrton mostrou a caverna dos piratas, onde encontraram grande quantidade de víveres e munições.

Todo o vale levava a uma gruta, cheia de belas árvores, entre as quais predominavam as coníferas. Depois de terem virado a ponta do contraforte sudoeste, os colonos entraram numa garganta muito estreita. Nesse lugar, as pedras substituíam as árvores. Várias cabras e carneiros selvagens andavam por lá. Apenas três dos vales formados pela base do monte eram arborizados e ricos em pastagens, como aquele onde fora construído o curral, que confinava a oeste com o vale do rio Cascata e a leste com o vale do rio Vermelho. Esses dois riachos, transformados mais abaixo em rios, graças a alguns afluentes, formavam todo o sistema hidrográfico da região e eram os responsáveis pela fertilidade de sua porção meridional.

O rio Providência era mais diretamente alimentado por fontes abundantes, perdidas na floresta Jacamar, que, espalhando-se em filetes, irrigavam o solo da península Serpentina. Os três vales, nos quais não faltava água; podiam servir de refúgio melhor do que os outros. Mas os colonos já haviam explorado os três sem nada descobrir.

Teria o desconhecido escolhido, para morar, os vales áridos, cobertos de lavas?

A parte norte do monte era formada por dois vales, pouco profundos, sem verdura, cheios de pedras e lavas. Era uma parte difícil de explorar. Havia, sem dúvida, muitas cavernas, mas todas sem conforto e de difícil acesso. Os colonos chegaram a visitar vários túneis da época plutoniana, ainda escurecidos pela passagem do fogo de outrora e que se dirigiam para o interior do maciço.

Por todos os lados só havia silêncio. Parecia que o pé humano jamais pisara aqueles corredores antigos e que ninguém jamais mexera numa pedra. Tudo estava como quando o vulcão provocara o aparecimento da ilha em época remota. Mas, chegando no fundo de uma cavidade, Cyrus observou que o silêncio não era completo. Ouviam-se alguns barulhos surdos, cuja intensidade era aumentada pela sonoridade das rochas. Gideon também foi testemunha desses rumores, que pareciam indicar renascimento de fogos subterrâneos.

— Será que o vulcão não está completamente extinto? — perguntou Gideon.

— É possível que depois da nossa visita à cratera tenha ocorrido alguma modificação nas camadas inferiores. Todo vulcão considerado extinto pode voltar à atividade.

— Se houver erupção, a ilha correrá perigo?

— Não creio — respondeu Cyrus. — O excesso de vapores e de lavas deverá escapar, como outrora, pela sua saída costumeira.

— A menos que as lavas não forcem novo caminho em direção às partes mais férteis da ilha!

— Por que não hão de seguir o caminho naturalmente traçado?

— Ora, os vulcões são caprichosos!

— Veja — disse o engenheiro —, toda a inclinação do monte favorece o escoamento das lavas para essa parte que agora exploramos. Só um tremor de terra poderia modificar o centro de gravidade da montanha e mudar essa inclinação.

— Mas nesses casos sempre podem acontecer tremores de terra.

— É verdade, sobretudo quando as forças subterrâneas começam a despertar, depois de longo repouso. Realmente, seria melhor que esse vulcão não entrasse em erupção. Mas o que podemos fazer? Em todo caso, acho que nosso platô não correrá grande perigo. Entre ele e a montanha, o solo apresenta grande depressão e, se por acaso as lavas correrem em direção ao lago, serão jogadas para as dunas e para as terras vizinhas do golfo Tubarão.

— Ainda não vimos fumaça, indicando que o vulcão está para entrar em erupção — disse Spillet.

— Ainda não — confirmou Cyrus —, mas é possível que a parte inferior da chaminé esteja com grande quantidade de lavas endurecidas e cinzas, o que impediria a passagem da fumaça.

— Ouve-se muito bem o barulho no interior do vulcão — observou

Gideon.

— Infelizmente, não podemos avaliar o resultado nem a importância desse fenômeno.

Cyrus e Gideon foram contar aos amigos o que haviam observado.

— Bem — disse Pencroft —, então o vulcão quer aprontar... Ele que não experimente, pois encontrará um senhor!

— Quem? — perguntou Nab.

— Nosso gênio. Ele saberá amordaçá-lo!

Parecia não ter limites a confiança do marinheiro no protetor desconhecido.

De 19 a 25 de fevereiro, foi explorada a parte norte da ilha, onde os recantos mais secretos foram examinados. A primeira parte do cone, que terminava o primeiro andar das rochas, foi bastante estudada, bem como a aresta superior do enorme chapéu, no fundo do que se abria a cratera.

Nenhuma fumaça, nenhum vapor escapava da montanha, indicando próxima erupção. E nenhum sinal do benfeitor foi encontrado naquele local.

Depois, os colonos dirigiram-se para as dunas. As altas muralhas lávicas do golfo Tubarão foram visitadas. Vendo que nada encontravam, resolveram voltar, pois não era possível continuar buscas inúteis por mais tempo. Já acreditavam que o misterioso ser não morava na ilha. Nab e Pencroft já pensavam que fosse ente sobrenatural.

No dia 25 de fevereiro, os colonos voltaram para o Palácio de Granito e, por meio de uma corda dupla, levada por flecha até o patamar da porta, restabeleceram a comunicação entre a casa e a praia.

Um mês mais tarde, festejaram o terceiro aniversário de chegada na ilha Lincoln!

Durante os três anos em que estavam na ilha, os colonos sempre falavam da pátria distante. Não duvidavam de que a guerra civil tivesse terminado, com resultado favorável para a causa do norte. Mas gostariam de saber com exatidão. Quantas vidas havia custado? Quantos amigos haviam perdido na luta? Sempre conversavam sobre isso, sem esperança de poderem regressar. Aliás, gostariam muito de poder voltar, estabelecer comunicação entre a ilha e sua pátria e finalmente poder viver naquela colônia fundada por eles. Seria um sonho impossível?

Só poderiam retornar aos Estados Unidos, se um navio aparecesse por acaso nas proximidades da ilha ou se construíssem embarcação capaz de suportar longa travessia.

— A menos — dizia Pencroft — que nosso gênio nos forneça meio de repatriar-nos.

E, realmente, se viessem dizer a Pencroft ou a Nab que um navio de trezentas toneladas os esperava no golfo do Tubarão ou no porto Balão não se mostrariam surpresos. Mas Cyrus Smith, mais realista, propôs que comessem logo a construção de um navio, pois era urgente ir até a ilha Tabor para deixar por escrito a posição da ilha em que se encontravam. A construção levaria seis meses e, como o inverno já estava para chegar, precisariam esperar até a próxima primavera para empreender a viagem.

— Teremos bastante tempo para construir nosso navio — disse Cyrus a Pencroft —, pois só poderemos viajar na primavera. Acho que devemos fazer um navio de dimensões consideráveis. A vinda do iate escocês é bastante problemática e até pode ser que já tenha vindo procurar Ayrton e voltado sem

ter conseguido encontrá-lo. Não acha melhor construir um barco que nos permita chegar até algum arquipélago da Nova Zelândia?

— Penso que o senhor é capaz de construir um grande navio tão bem quanto um pequeno. Não nos falta nem madeira nem ferramentas. É apenas uma questão de tempo.

— Quantos meses serão precisos para construir uma embarcação de 250 ou trezentas toneladas?

— Sete ou oito meses — respondeu Pencroft. — Mas devemos deduzir os dias de inverno que não nos permitirão trabalhar. Calculo que só fique pronto em novembro.

— Esse mês é, justamente, o melhor para empreendermos qualquer viagem, seja até a ilha Tabor ou até mais longe.

— O senhor precisa apenas fazer seus planos. Os operários estão ao seu dispor. Ayrton também nos poderá ser muito útil.

O projeto do engenheiro foi aprovado, embora a construção de um navio daquela capacidade não fosse tarefa fácil.

Enquanto Cyrus traçava o projeto de construção, os colonos abatiam as árvores que seriam utilizadas: carvalhos e olmos. Na Chaminé foi instalado o estaleiro. As madeiras deviam ser cortadas e deixadas a secar, pois não podiam ser empregadas verdes. Trabalharam sem parar, durante todo o mês de abril, que foi apenas perturbado por algumas rajadas de vento forte. Jup ajudou bastante todo esse tempo.

O mês de abril teve dias bonitos, como costuma ter o mês de outubro na zona boreal. As plantações foram recomeçadas, o moinho reconstruído e os abrigos do galinheiro levantados de novo, em maiores dimensões, pois as aves aumentavam cada dia.

Os estábulos abrigavam naquela época cinco onagros, sendo que quatro podiam ser atrelados e um era recém-nascido. Havia construído um arado e os onagros trabalhavam para lavrar a terra como se fossem bois.

Havia trabalho para todos e graças à boa saúde de que gozavam nenhum se queixava de cansaço. Ayrton acostumara-se a viver com os amigos e não voltara para o curral. Continuava, porém, triste e pouco comunicativo, se dedicando e quase nunca se divertia. Era um trabalhador forte, hábil e inteligente.

Mas o curral não fora abandonado. Cada dois dias, um colono ia até lá, levando a carroça ou montado num dos quadrúpedes e trazia leite. Gideon e Harbert, acompanhados por Top, eram os que mais iam até o curral, pois

gostavam muito de caçar, o que faziam pelo caminho.

Os colonos variavam muito a comida, pois tinham a coelheira e a ostreira à sua disposição. Além disso, haviam capturado algumas tartarugas e pescado excelentes salmões. Os legumes plantados no platô serviam de acompanhamento às carnes e as frutas frescas eram a sobremesa.

O fio telegráfico fora consertado e assim, quando julgavam necessário passar a noite no curral, avisavam aos que tinham permanecido no Palácio de Granito, para que não ficassem preocupados. Não se esperava perigo, mas o que acontecera poderia repetir-se. Era possível que outros cúmplices de Robert Harvey, ainda detidos em Norfolk, tivessem a mesma intenção que o chefe. Todos os dias os colonos examinavam o horizonte com a luneta. E quando iam ao curral olhavam a parte oeste do mar. Mas nada viam de anormal.

O engenheiro sugeriu aos amigos fortificar o curral, pois assim poderiam enfrentar possíveis inimigos. Sendo o Palácio de Granito inexpugnável, o curral sempre seria alvo dos piratas, por causa do abrigo e das reservas que continha.

No dia 15 de maio, a quilha da nova embarcação estendia-se no estaleiro. Construída com boa madeira, media 33 metros de comprimento. Depois de terem feito essa parte do navio, os colonos foram obrigados a interromper os trabalhos por causa do frio.

Os últimos dias do mês foram terríveis. O vento leste soprava com violência, parecendo, às vezes, um furacão. O engenheiro chegou a temer pelos hangares do estaleiro, que, aliás, não poderiam ter sido levantados em outro lugar. Com efeito, a ilha pouco protegia o litoral contra a fúria do mar e durante as tempestades as ondas chegavam a bater diretamente na muralha de granito. Felizmente, o vento soprou mais para sudeste e, dessa maneira, a costa do Palácio de Granito ficou protegida pela ponta do Destroço.

Pencroft e Ayrton, os operários navais mais zelosos, trabalhavam muito. O vento e a chuva não os perturbavam. Mas, quando chegou o frio intenso, não puderam mais manipular a madeira cujas fibras endureceram e no dia 10 de junho foram forçados, definitivamente, a abandonar a construção.

Os colonos já sabiam que o frio era rigoroso na ilha. A temperatura de inverno podia ser comparada com a do estado da Nova Inglaterra, que estava situada mais ou menos à mesma distância do Equador. Se no hemisfério boreal ou, pelo menos, na parte ocupada pela Nova-Britânia e pelo norte dos Estados Unidos a temperatura é baixa pela conformação achatada do terreno,

que confina com o polo, e não oferece obstáculos às ventanias de inverno, na ilha Lincoln não acontece o mesmo.

Certo dia, Cyrus disse aos amigos:

— Em latitudes iguais, as ilhas e regiões do litoral sofrem menos os rigores do frio que o interior. Muitas vezes, ouvi dizer que o inverno da Lombardia é menos rigoroso que o da Escócia, pois o mar devolve, no inverno, o calor que recebeu no verão. Portanto, as ilhas costumam ser os melhores lugares, pois nelas não faz muito frio nem muito calor.

— Mas por que nossa ilha é exceção? — perguntou Harbert.

— Acho que é porque ela está situada no hemisfério austral, que é mais frio que o boreal.

— É verdade. As montanhas de gelo flutuante encontram-se em latitudes mais baixas ao sul e não ao norte do Pacífico.

— Posso confirmar — reforçou Pencroft. — Quando trabalhei como pescador de baleias, vi aicebergues até no cabo Horne.

— Não se pode explicar o frio intenso da ilha Lincoln pela proximidade de blocos de gelo flutuantes? — perguntou o repórter.

— Sua teoria é possível, meu caro Spillet. Mas lembro-lhes uma causa física que também parece explicar os rigorosos invernos que sofremos. Durante o verão, o sol aproxima-se muito do nosso hemisfério. Por conseguinte, durante o inverno, deve ficar muito afastado. Não devemos esquecer-nos de que, se os invernos aqui são muito frios, os verões são muito quentes.

— Mas por que nosso hemisfério sofre tanto? — perguntou o marinheiro.
— Não acho justo!

— Meu amigo — respondeu Cyrus —, justo ou não, precisamos conformar-nos com a situação. A terra descreve ao redor do sol uma elipse e não uma curva, segundo as leis da mecânica racional. A terra, ocupando um dos focos da elipse, em certa época do seu percurso atinge seu apogeu, isto é, sua maior distância do sol. Quando, ao contrário, está no ponto mais próximo ao sol, atinge seu perigeu. Ora, é precisamente na época dos invernos austrais que ela está no apogeu. E nada podemos fazer contra isso, pois não podemos alterar a ordem cosmográfica estabelecida por Deus.

— Que grande livro o senhor poderia escrever com o que sabe! — exclamou Pencroft.

— Poderia escrever um ainda maior com o que não sei — respondeu Cyrus.

Durante o mês de junho, os colonos quase não puderam abandonar a casa. Como custavam a passar aqueles dias, sobretudo para Gideon!

— Se me arranjasse um jornal — disse certa vez o repórter a Nab —, eu seria capaz de dar-lhe o que me pedisse! Para minha felicidade completa, só falta um jornal todas as manhãs!

Nab limitou-se a rir.

A colônia atingira grande prosperidade, depois de três anos de trabalho. O naufrágio do brigue fora muito vantajoso para todos, pois haviam conseguido recolher armas, roupas e utensílios, sem falar nas ferragens e instrumentos do navio. Não precisaram mais fabricar feltro, pois as roupas encontradas serviram muito bem para abrigá-los do frio. A roupa branca, também não faltava e era tratada com muito cuidado.

Do cloreto de sódio, que nada mais é do que sal marinho, o engenheiro extraía soda e cloro. A soda foi facilmente transformada em carbonato de sódio, e o cloro, em cloreto de cálcio. Esses produtos eram usados para diversos fins e sobretudo para clarear fazenda. Não eram preparadas mais de quatro lixívias por ano, como faziam as antigas famílias. E, enquanto esperavam um jornal, Gideon e Pencroft tornaram-se excelentes branqueadores.

Dessa maneira, passaram-se os meses de junho, julho e agosto, que foram muito rigorosos. A temperatura média foi de treze graus centígrados abaixo de zero, inferior, portanto, à do inverno anterior. Felizmente, não faltava combustível para manter aceso o fogo da lareira do Palácio de Granito. Para não gastar muita hulha, que era de difícil transporte, os colonos usavam lenha.

Os homens e os animais portavam-se bem. Só Jup mostrava-se um pouco friorento. Mas como trabalhava bem! Era um empregado bom, zeloso, incansável, discreto e silencioso.

— Também, com quatro mãos, não é de admirar que trabalhe tão bem! — dizia o marinheiro.

Durante os sete meses que se passaram depois das buscas até o mês de setembro, que trouxe de volta os dias bonitos, o gênio da ilha não se manifestou. É verdade que nada acontecera aos colonos e o gênio só costumava aparecer nas ocasiões necessárias. Cyrus observara que, durante todo aquele tempo, Top não latira perto do poço nem Jup guinchara. Os dois nem sequer rondavam o lugar.

O inverno terminou, mas nos primeiros dias da primavera, ocorreu um fato

cujas consequências poderiam ser muito graves.

No dia 7 de setembro, Cyrus viu fumaça em cima do monte Franklin. Era a cratera que lançava seus primeiros vapores.

Os colonos, chamados por Cyrus, observaram em silêncio o monte. O vulcão despertara e seus vapores haviam furado a camada mineral que havia no fundo da cratera. Os fogos internos provocariam explosão violenta? Era eventualidade a prevenir. Mesmo que ocorresse erupção, era provável que a ilha Lincoln nada sofresse. Nem sempre os derramamentos de lava são desastrosos. A própria ilha já sofrera isso, como testemunhavam os corredores de lavas existentes na parte setentrional da montanha. Além disso, a forma da cratera faria com que a matéria incandescente escorresse para o lado oposto à região fértil da ilha.

Mas era preciso que se tomassem algumas precauções, pois, às vezes, antigas crateras se fecham e novas se abrem. Isso já aconteceu no vulcão Etna, no Popocatepetl e no Orizaba. Bastaria um tremor de terra para modificar toda a disposição interior da montanha e formar novos corredores de lavas. Cyrus explicou todos os prós e contras aos amigos. O Palácio de Granito só correria perigo em caso de tremor de terra, mas o curral sofreria muito se outra cratera se abrisse na parte sul do monte Franklin. Os vapores foram cada dia aumentando, mas nenhum fogo aparecia, o que indicava que o fenômeno se processava apenas na parte inferior da montanha.

Os trabalhos recomeçaram com a chegada dos dias bonitos. A construção do navio fora acelerada. Cyrus conseguiu fazer uma serra hidráulica, utilizando a cachoeira da praia. Isso facilitou muito o corte dos enormes troncos.

No fim do mês de setembro, a carcaça do navio, que seria uma galeota, estava pronta. O navio era estreito na popa e largo na proa. Destinava-se a

travessias longas. Felizmente, todas as ferragens do brigue naufragado haviam sido salvas e os colonos puderam aproveitá-las, bem como boa quantidade de pregos de cobre. A construção naval só foi interrompida durante uma semana, para a colheita.

Quando chegava a noite, os trabalhadores estavam extenuados. Para não perder tempo, haviam mudado as horas das refeições. Almoçavam ao meio-dia e só vinham jantar quando já escurecia. Depois de comer, deitavam-se e dormiam.

Algumas vezes, um debate interessante retardava a hora de dormir. Nessas ocasiões, geralmente conversavam sobre a futura viagem da galeota até terras próximas. Mas nunca se esqueciam de fazer referência a uma viagem de volta à ilha Lincoln, que não tencionavam abandonar. Entrando em contato com a América, pretendiam dar-lhe novo desenvolvimento.

Pencroft e Nab aspiravam passar ali seus dias.

— Harbert — dizia o marinheiro —, pretende abandonar a nossa ilha?

— Não, principalmente se você ficar aqui.

— Então, espero que traga para cá sua mulher e seus filhos.

— Combinado! — respondeu Harbert, rindo e corando.

— E o sr. Cyrus será o governador da ilha! Quantas pessoas terá? Dez mil?

Todos faziam planos para o futuro e Pencroft chegou até a prever a fundação de um jornal, dirigido por Spillet: o *Arauto da Ilha Lincoln*. Ayrton, silencioso, só desejava rever lorde Glenarvan e mostrar a todos que estava recuperado.

No dia 15 de outubro, a conversa prolongara-se mais do que de costume. Já eram nove da noite e Pencroft, já não conseguindo reprimir alguns bocejos, ia para a cama, quando ouviu a campainha do telégrafo. Todos os colonos estavam juntos. Não havia ninguém no curral. Entreolhavam-se e Cyrus levantou-se.

— Que quer dizer isso? — perguntou Nab. — Será que o diabo é quem está chamando?

Ninguém respondeu.

— O tempo está meio tempestuoso — observou Harbert. — Não poderá influir na eletricidade?

O engenheiro balançou a cabeça negativamente.

— Esperemos — disse Gideon. — Se foi alguém que deu o sinal, na certa o repetirá.

— Mas quem pode ter feito isso? — perguntou Nab.

— Aquele que... — respondeu Pencroft.

Mas a frase do marinheiro foi cortada pelo som da campainha.

Cyrus, dirigindo-se para o telégrafo, mandou a seguinte mensagem:

“O que deseja?”

E recebeu a resposta:

“Venham depressa até o curral.”

— Até que enfim! — exclamou Cyrus.

Sim! O mistério começava a desvendar-se. Esquecendo o cansaço, desceram até a praia e dirigiram-se para o curral. Apenas Jup e Top ficaram em casa.

A noite estava bastante escura. A lua nova desaparecera juntamente com o sol e algumas nuvens de tempestade escondiam as estrelas. Relâmpagos, ao longe, riscavam o céu. Era possível que caísse uma tempestade algumas horas depois. Mas nem a escuridão deteve os colonos. Andavam depressa, ansiosos por encontrar o ser misterioso que tantas vezes os salvara.

Na floresta tudo era silêncio. Nenhuma brisa agitava as folhas e os animais pareciam imobilizados pela atmosfera pesada. Apenas os passos dos homens ressoavam. O primeiro quarto de hora de viagem foi feito em completo silêncio. Apenas Pencroft dissera:

— Devíamos ter trazido um archote.

— Encontraremos um no curral! — respondera Cyrus.

Os colonos haviam deixado a casa por volta das nove horas. Às 21h47, já haviam percorrido mais da metade do caminho, quando os relâmpagos aumentaram e alguns trovões começaram a ribombar. Cyrus e seus amigos andavam como se fossem impelidos por uma força irresistível. Em pouco tempo atingiram a cerca do curral, justamente quando a tempestade caiu com toda a violência.

Em poucos instantes os homens conseguiram atingir a porta do curral e Cyrus bateu. Nenhuma resposta. E, no entanto, a casa deveria estar ocupada por quem enviara o telegrama! O engenheiro abriu a porta e todos entraram na sala completamente às escuras.

Nab acendeu a lareira e puderam verificar que tudo estava como haviam deixado e que ali não havia ninguém...

— Terá sido uma ilusão? — murmurou o engenheiro.

Não era possível! O telegrama fora bem claro. A mesa telegráfica estava em ordem.

— Quem esteve aqui pela última vez? — perguntou Cyrus.

— Fui eu — respondeu Ayrton.

— Quando?

— Há quatro dias.

— Vejam! — disse Harbert. — Uma nota sobre a mesa.

Naquele papel, leram o que estava escrito em inglês:

Sigam o novo fio.

— Vamos seguir! — exclamou Cyrus, compreendendo que a mensagem não partira do curral, mas de outro local, onde havia um fio ligado ao da cabana.

Nab apanhou um archote e todos o acompanharam, debaixo de tremenda tempestade. Os relâmpagos eram tão fortes que iluminavam todo o monte Franklin, de cuja cratera saíam vapores.

Cyrus logo encontrou o fio que devia ser seguido, todo enrolado em material isolante, como um cabo submarino. Parecia passar pelos bosques e contrafortes meridionais da montanha, dirigindo-se para oeste. Começaram a segui-lo, não se importando com a trovoada, que era aterradora. Nem sequer podiam conversar, pois nada se escutava.

O fio continuava subindo o contraforte que havia entre o vale do curral e o do rio Cascata, que atravessaram na sua parte mais estreita. Às vezes passava pelos galhos das árvores e às vezes esticava-se no solo. O engenheiro calculava que o fundo do vale fosse a morada do desconhecido. Mas enganara-se. Ainda tiveram que subir o contraforte de sudoeste e tornar a descer até o platô árido que terminava à muralha de basaltos tão estranhamente talhados. O fio parecia dirigir-se para o mar. Certamente, alguma caverna era o abrigo do ser misterioso.

O céu parecia estar pegando fogo, tal era a claridade dos relâmpagos. Durante alguns instantes pareceu que o vulcão entrara em erupção. Depois de percorrerem dois quilômetros, chegaram à extremidade que dominava o oceano a oeste. O vento desaparecera e a ressaca bramia. Ali, o fio entrava pelas rochas. Desceram o caminho perigoso formado por pedras, arriscando-se a cair ao mar. Era uma descida extremamente arriscada, mas uma atração irresistível os impelia. Cyrus caminhava na frente e Ayrton fechava a caravana. Andavam devagar, escorregando nas pedras lisas, caindo às vezes. Levantando-se, continuavam a andar. Chegando ao limite inferior da muralha de basalto, seguiram por uma rampa e, dentro em pouco, encontraram o fio ao nível do mar. O engenheiro segurou-o e viu que estava mergulhado na água. Seus companheiros pararam estupefatos. Um grito de desespero

escapou de todos! Precisariam mergulhar para encontrar alguma caverna submarina? No estado de excitação em que se encontravam seriam bem capazes de fazer isso!

Mas Cyrus, refletindo, deteve-os, dizendo-lhes:

— Esperemos, pois a maré está cheia. Quando baixar, encontraremos o caminho.

— O senhor ainda acredita?... — perguntou Pencroft.

— Não nos teria chamado se não pudéssemos chegar até onde está.

O engenheiro respondera com tanta convicção que ninguém objetou mais nada. Realmente, era possível que a maré baixa deixasse à mostra alguma abertura na muralha. Permaneceram em silêncio, durante algumas horas, esperando que a maré baixasse. Abrigaram-se numa cavidade da rocha, pois a chuva começara a cair. A emoção era grande. Mil pensamentos estranhos atravessavam-lhes as mentes. Faziam ideia sobrenatural daquele ilustre desconhecido.

À meia-noite, Cyrus desceu novamente até a praia e, levando o archote, foi observar a disposição das rochas. A maré vazante começara há duas horas. Não se enganara. Imensa abertura começava a aparecer. O fio entrava ali. Voltando para junto dos companheiros, Cyrus disse:

— Dentro de uma hora poderemos entrar.

— Então existe uma caverna? — perguntou Pencroft.

— Estava duvidando?

— Mas essa caverna sempre deve ter água até certa altura — observou Harbert.

— Ou fica completamente seca ou encontraremos meio de penetrar dentro dela.

Depois de uma hora, todos desceram e viram que a maré já havia baixado quatro metros e meio. No meio da escuridão da caverna, o engenheiro divisou um objeto flutuando na superfície das águas. Era uma canoa que estava amarrada em uma saliência da rocha.

— Embarquemos — disse Cyrus.

Os colonos tomaram os dois remos que estavam no fundo da embarcação e, tendo a direção ficado a cargo de Pencroft, entraram na caverna. A escuridão era muito grande e a luz do archote insuficiente para que pudessem avaliar largura e altura da gruta. O silêncio era completo. Nem sequer ouviam-se os ruídos da trovoadas.

Os colonos estavam curiosos por saber se a caverna que haviam

encontrado iria até o centro da ilha. Depois de quinze minutos de viagem, Cyrus, que indicava o caminho, disse a Pencroft:

— Mais para a direita!

A embarcação encostou na parede da direita e Cyrus pôde verificar que o fio telegráfico passava por ali.

— Então vamos adiante! — disse o engenheiro.

A canoa já devia ter avançado oitocentos metros, quando ouviu-se Cyrus dizer:

— Parem!

O barco parou e todos viram uma luz forte, iluminando a enorme cripta, profundamente cavada nas entranhas da ilha. E, assim, puderam examinar a caverna, cuja existência nem sequer suspeitavam.

A abóbada arredondava-se a trinta metros de altura e era segura por rochas de basalto. As águas do mar banhavam tranquilamente essas colunas. O efeito produzido pela luz naquela caverna, cheia de reentrâncias, era indescritível! Aquela luz branca e forte só podia ser de origem elétrica. Parecia verdadeiro sol dentro daquela gruta.

Os homens remaram para o foco de luz e viram que o lençol de água era bastante largo e que uma muralha basáltica fechava a caverna. Havia ali um verdadeiro lago, que parecia cercado de diamantes, tal era o reflexo das pedras iluminadas pela possante luz!

No centro do lago flutuava, silencioso, um objeto fusiforme. Era um aparelho semelhante a enorme cetáceo, que media 75 metros de comprimento e três de altura. A canoa aproximava-se lentamente e Cyrus, na proa, agitou-se e exclamou, segurando o repórter pelo braço:

— É ele! Só pode ser ele!

E, depois, sentou-se no banco, murmurando um nome que só Gideon Spillet compreendeu. Sem dúvida, o repórter conhecia aquele nome, pois respondeu em voz baixa:

— Ele! Um homem fora da lei!

— Ele mesmo — repetiu Cyrus.

O engenheiro ordenou que a canoa se aproximasse do aparelho flutuante e encostasse ao seu lado esquerdo. Cyrus e os amigos subiram na plataforma e entraram num orifício, descendo uma escada.

Embaixo da escada havia um corredor iluminado eletricamente e numa de suas extremidades abria-se uma porta, que Cyrus logo empurrou. Atravessaram uma sala ricamente decorada que ia dar numa biblioteca, onde

pendia um lustre aceso. No fundo da biblioteca, havia outra porta fechada, que Cyrus abriu. Dessa vez, os homens entraram num vasto salão, espécie de museu, onde havia verdadeiros tesouros minerais, obras de arte e maravilhas industriais. Parecia que estavam num país de sonhos! Estendido sobre um rico sofá, viram um homem, que pareceu não notar a presença dos visitantes.

Cyrus levantou a voz e, para surpresa dos companheiros, disse:

— Capitão Nemo, o senhor chamou? Pois aqui estamos.

Ouvindo essas palavras, o homem levantou-se e todos puderam ver seu rosto iluminado. Possuía uma cabeça magnífica, testa grande, olhar confiante, barba branca, cabeleira abundante e jogada para trás. Apoiou-se no sofá de onde se levantara. Seu olhar era sereno, mas via-se que uma doença lenta enfraquecia-o pouco a pouco. Com voz forte, disse em inglês e em tom de extrema surpresa:

— Eu não tenho nome!

— Eu o conheço — respondeu Cyrus.

O capitão Nemo lançou um olhar furioso para o engenheiro, como se pretendesse aniquilá-lo. Depois, caindo sobre o sofá, disse:

— Não importa, pois estou morrendo!

Cyrus aproximou-se do capitão e Gideon segurou-lhe a mão, que estava muito quente. Os outros mantinham-se afastados em um canto do salão.

Nemo pediu que o engenheiro e o repórter se sentassem. Todos o olhavam muito emocionados, pois estavam diante do que costumavam chamar *gênio da ilha*, do benfeitor que tantas vezes havia salvo suas vidas. E, em vez de um deus, Nab e Pencroft tinham encontrado um homem prestes a morrer!

Como pudera Cyrus concluir que se encontrava em presença de Nemo? E por que o capitão ficara tão surpreendido por ter sido reconhecido? Sentara-se no sofá e olhava para o engenheiro, sentado ao seu lado.

— O senhor conhece o nome que já usei?

— Sim, e também sei o nome desse admirável aparelho submarino...

— O *Náutilo*? — perguntou sorrindo o capitão Nemo.

— Exatamente.

— Então o senhor sabe quem sou?

— Sim.

— Como pode saber isso tudo se vivo completamente isolado da civilização há trinta anos? Só nas profundezas do mar consegui encontrar a independência! Quem traiu meu segredo?

— Um homem que nunca trabalhou com o senhor e, portanto, não houve traição.

— Aquele francês que o acaso colocou a bordo do *Náutilo* há dezesseis anos?

— Ele mesmo.

— Esse homem não morreu com seus companheiros?

— Não. Li numa obra chamada *Vinte mil léguas submarinas* toda a sua história.

— Minha história durante alguns meses apenas! — respondeu o capitão.

— É verdade... mas alguns meses de vida tão estranha foram suficientes para que não me esquecesse do senhor.

— Deve julgar-me grande culpado, não? — disse Nemo sorrindo ativamente. — Pensa que sou um revoltado, posto à margem da sociedade?

O engenheiro nada disse.

— E então? Não responde?

— Não posso julgá-lo, pois nada sei sobre o seu passado. Ignoro, como todo mundo, quais os motivos que o levaram a viver tão estranhamente. Sei apenas que suas mãos benfeitoras muito nos ajudaram desde que aqui chegamos. Devemos a nossa vida a uma criatura boa e poderosa que é o senhor!

— Realmente fui eu quem os ajudou — respondeu simplesmente Nemo.

Os colonos levantaram-se e estavam prontos para demonstrar seu reconhecimento por meio de gestos e palavras quando o capitão pediu-lhes que parassem e disse:

— Só depois de me escutarem.

Em poucas palavras, Nemo contou sua vida. Fez grande esforço para falar, lutando contra sua extrema fraqueza. Por várias vezes, Cyrus pediu-lhe que descansasse, mas recusou-se, dizendo:

— Não adianta. Minhas horas estão contadas!

O capitão Nemo era indiano, filho do príncipe Dacar, que descendia de um rajá do território, então independente, chamado Bundelcunde. Era sobrinho do herói indiano Tippto-Sahib. Aos dez anos, fora enviado pelo pai para a

Europa, a fim de receber educação completa, para um dia poder expulsar do seu país os opressores. Dos dez aos trinta anos, estudou ciências, letras e artes. Viajou toda a Europa, mas, apesar da grande fortuna, não se deixou seduzir pelas atrações do mundo. Jovem e belo, permaneceu sempre sério, dominado pelo desejo de aprender tudo e por implacável sentimento escondido no fundo do coração. Odiava a Inglaterra, onde jamais pisara, que oprimia seu país. Mas, sob certos aspectos, também a admirava. Entretanto, achava que o filho de um soberano hindu não podia tolerar o país opressor.

O príncipe Dacar tornou-se grande apreciador de arte, sábio conhecedor de todas as ciências e verdadeiro homem de Estado. Muitos, erroneamente, julgavam-no simples viajante, muito rico, que gastava seu tempo percorrendo diversos países. Conservava, no fundo do coração, desejo enorme de vingança. Sonhava poder libertar seu país do jugo britânico e, por causa disso, voltou a Bundelcunde, no ano de 1849. Casou-se com uma indiana e teve dois filhos.

Finalmente, um dia apresentou-se a oportunidade que tanto esperava. Estando a população nativa insatisfeita com o domínio inglês, o príncipe tomou a defesa dos descontentes e procurou levantar rebeldes não somente nas regiões da Índia ainda livres, mas também nas regiões submetidas diretamente ao domínio inglês. Parecia relembrar os grandes dias de Tipposahib, morto heroicamente em defesa da pátria.

Em 1857, estourou a revolta dos cipayos, chefiada por ele. Usou suas riquezas e seu talento nessa luta. Combateu à frente dos revoltosos e, embora ferido dez vezes, em vinte lutas, não morreu nem mesmo quando seus últimos soldados caíram sob as balas inglesas.

Nunca o poderio inglês correria tanto perigo como naquela ocasião. O nome do príncipe Dacar ficou sendo conhecido por todos. Tratava-se de um chefe que combatia abertamente, junto de seus subordinados. Sua cabeça foi posta a prêmio, mas ninguém apareceu para denunciá-lo. Antes que soubesse, seus pais, sua mulher e seus filhos pagaram com a vida o seu movimento de revolta...

Mais uma vez o direito caíra diante da força. Os cipayos foram vencidos e o domínio inglês tornou-se mais severo. O príncipe escondera-se nas montanhas e, desgostoso com a civilização, resolveu fugir. Reunindo o resto de sua fortuna, desapareceu com vinte fiéis companheiros.

Onde teria ido ele procurar a liberdade que lhe fora recusada na terra? Sob as águas, onde ninguém o podia seguir.

De guerreiro, tornou-se sábio e, numa ilha deserta do Pacífico, construiu a embarcação submarina. Aproveitou a imensa força mecânica da eletricidade, por métodos que mais tarde serão conhecidos por todos, como força motriz, calórica e iluminadora do seu aparelho flutuante.

Depois de ter batizado seu aparelho com o nome de *Náutilo*, o príncipe adotara o nome de Nemo e desaparecera sob os mares. Ele e seus tripulantes procurariam encontrar nas águas, entre os milhares de peixes, algas e sargaços, o que não tinham encontrado entre os homens.

Durante muitos anos, o capitão visitara todos os oceanos, viajando de um polo ao outro. Pária de um universo habitado, encontrara nesses mundos desconhecidos tesouros incalculáveis. Os milhões perdidos pelos espanhóis na baía de Vigo, em 1702, quando vários de seus navios afundaram, foram por ele utilizados, anonimamente, como auxílio aos povos que procuravam conseguir sua independência.

Durante muitos anos não tivera contato com seus semelhantes. Mas, na noite de 6 de novembro de 1866, três homens foram lançados a bordo do submarino: um professor francês, seu empregado e um pescador canadense. Os três tinham caído ao mar, depois de um abaloamento do *Náutilo* com a fragata americana *Abraham Lincoln*, que o perseguia.

E foi esse professor quem contou que o *Náutilo* era considerado por alguns como um gigantesco cetáceo e por outros como um aparelho submarino, refúgio de piratas. Por isso era perseguido por todos os mares.

O capitão podia ter abandonado os três homens no mar, mas preferiu acolhê-los a bordo de sua embarcação e, durante sete meses, viajou com eles, percorrendo vinte mil léguas sob os mares.

No dia 22 de junho de 1867, os prisioneiros, que ignoravam o passado de Nemo, conseguiram escapar, usando o bote do submarino.

Como isso aconteceu nas costas da Noruega, Nemo pensou que os fugitivos tivessem morrido afogados naquele litoral acidentado. Nem sequer imaginara que os homens milagrosamente tinham sido lançados na costa e salvos por pescadores. E fora esse professor quem escrevera um livro contando as maravilhosas aventuras que vivera durante sete meses a bordo do *Náutilo*.

Durante muitos anos, o capitão continuou percorrendo os mares, mas pouco a pouco seus companheiros foram morrendo e ficaram sepultados num cemitério de coral, no fundo do Pacífico. De todos os que haviam embarcado, só restou Nemo, que então já contava sessenta anos. Vendo-se sozinho,

resolveu levar o *Náutilo* para um dos portos submarinos que já conhecia. Era o que ficava na ilha Lincoln.

O capitão já estava parado no porto da ilha há seis anos quando o balão dos colonos caíra. Por simples acaso, presenciara a queda. Como já não navegava, de vez em quando Nemo costumava passear debaixo das águas, vestindo seu escafandro. E estava justamente perto do litoral quando o engenheiro caíra. Levado por bons sentimentos, salvara Cyrus.

Vendo os cinco náufragos, Nemo pensou em fugir, mas, devido a movimentos vulcânicos, o *Náutilo* não podia mais passar na entrada da caverna, pois as rochas haviam mudado de posição. Resolvera, portanto, observar aqueles homens jogados numa ilha deserta, sem, contudo, aparecer.

Com o passar do tempo, viu que os náufragos eram homens enérgicos e leais. Vestindo o escafandro, conseguia penetrar no poço do Palácio de Granito e ouvia todos os projetos dos colonos, ficando a par do grande esforço que faziam Os americanos contra os próprios americanos, para abolir a escravidão, achou que os colonos eram pessoas honestas, dignas de sua amizade.

Fora o capitão quem salvara Cyrus, quem levava Top até à Chaminé, quem salvara Top do dugongo e também quem colocara a caixa encontrada na ponta do Destroço. Fora ainda ele quem soltara a canoa nas cabeceiras do Providência, quem jogara a corda, por ocasião da invasão dos macacos, quem dera as indicações para que encontrassem Ayrton, quem torpedeara o navio pirata e quem salvara Harbert de morte certa. E, para terminar, fora ele o responsável pelo extermínio dos bandidos. Usara balas elétricas, que costumava empregar nas caçadas submarinas.

Aquele grande misantropo tinha sede de fazer o bem. Como ainda precisava dar muitos conselhos aos colonos e sentia-se morrer, mandara chamar os habitantes do Palácio de Granito... Talvez não tivesse feito isso se soubesse que o engenheiro o identificaria...

Quando o capitão terminou de contar sua história, Cyrus começou a falar, lembrando todos os incidentes ocorridos na colônia que haviam sido resolvidos pela benéfica intervenção do misterioso benfeitor. Em seu próprio nome e no dos companheiros, agradeceu a Nemo.

Mas o capitão não queria agradecimentos. Só tinha uma preocupação e antes de aceitar a mão que o engenheiro lhe estendia, disse:

— Agora que conhecem minha vida, podem julgar-me!

Certamente, o capitão referia-se ao caso dos três náufragos, pois achava

que o livro publicado pelo professor francês devia ter tido repercussão imensa.

Realmente, dois dias antes da fuga dos prisioneiros, o *Náutilo* havia sido perseguido por uma fragata e impiedosamente havia investido contra a mesma, afundando-a.

Cyrus compreendeu a alusão, mas nada respondeu.

— Era uma fragata inglesa — continuou o capitão. — De repente, lembrei-me de que já fora o príncipe hindu, procurem compreender-me! E, depois, eu estava encurralado num canal tão estreito... Precisava passar... e passei!

E, depois, com voz mais calma, continuou:

— Procurei fazer todo o bem possível e reparar todo o mal que algum dia causei. Mas nem sempre a justiça está no perdão!

Permaneceu alguns instantes calado e depois perguntou:

— Que juízo fazem de mim?

Cyrus estendeu a mão ao capitão e respondeu com voz grave:

— O seu erro, capitão, foi ter tentado ressuscitar o passado. Só Deus poderá julgá-lo e acho que a razão humana deve absolvê-lo. Aquele que, embora errado, tem boa intenção, deve ser estimado por todos. O senhor nem precisa temer o julgamento da História, pois ela costuma gostar das loucuras heroicas, embora condenando seus resultados.

Ouvindo isso, o capitão Nemo empertigou-se e levantou as mãos para o céu.

— Terei agido mal ou bem? — murmurou ele.

Cyrus continuou:

— Todas as grandes ações chegam até Deus, porque todas dele emanam. Todos nós, que devemos a vida ao senhor, jamais o esqueceremos e lamentaremos para sempre sua falta!

Harbert aproximou-se do capitão e, ajoelhando-se, beijou-lhe as mãos.

Uma lágrima correu dos olhos do moribundo, que disse:

— Meu filho, que Deus o abençoe!...

O dia raiara e um pouco de luz penetrara na cripta escura. A maré cheia obstruía a abertura da caverna. Mas a forte luz do *Náutilo* não enfraquecera.

Esgotado, o capitão deitara no sofá. Os colonos nem sequer podiam pensar em transportá-lo para o Palácio de Granito, pois ele manifestara o desejo de permanecer no submarino até o momento da sua morte, que não devia tardar.

Depois de uma hora, durante a qual ficou quase inconsciente, Cyrus e Gideon observavam com cuidado o doente e viam preocupados que a vida se ia extinguindo pouco a pouco. Parecia que toda a energia daquele corpo, outrora robusto, estava concentrada apenas no seu coração e na sua cabeça.

O engenheiro e o repórter consultavam-se, em voz baixa, sobre o que deveriam fazer. Já que não podiam salvá-lo, pelo menos poderiam prolongar por alguns dias sua vida? O próprio capitão havia dito que nenhum remédio poderia salvá-lo e que esperava sem temor a morte.

— Nada podemos fazer — disse Gideon.

— De que mal está morrendo? — perguntou Pencroft.

— Não sei.

— E se o levássemos para fora daqui? Talvez, apanhando sol, melhorasse — sugeriu o marinheiro.

— Não — respondeu Cyrus. — Não adiantaria. Além disso, há trinta anos que o capitão Nemo vive a bordo do *Náutilo* e não concordaria em abandoná-lo agora. Ele deseja morrer aqui.

O capitão ouviu a resposta de Cyrus e, levantando um pouco a cabeça, disse com voz fraca, mas compreensível:

— O senhor tem razão. Eu devo e quero morrer aqui. Mas antes queria

fazer-lhe um pedido.

Os colonos aproximaram-se do sofá, onde estava deitado Nemo e puderam ver que seu olhar percorria todo o interior do salão, iluminado feericamente. Nemo olhava pela última vez suas tapeçarias, suas obras-primas de autores italianos, flamengos, franceses e espanhóis, suas estátuas de mármore e bronze, seu órgão encostado numa parede e suas vitrines que serviam para expor plantas marinhas, zoófitos, fios de pérolas de valor incalculável. Finalmente deteve seu olhar na divisa do *Náutilo*:

Mobilis in mobili

Nemo parecia querer acariciar pela última vez, com seus olhos, todas aquelas obras-primas da arte e da natureza que durante tantos anos tinham sido o limite do seu horizonte.

Cyrus respeitou o silêncio do capitão e esperou que ele continuasse a falar.

— Acham que me devem algum reconhecimento? — perguntou o moribundo.

— Nós daríamos nossa vida para prolongar a sua!

— Bem — disse o capitão —, eu me considerarei bem pago se prometerem executar minhas últimas vontades!

— Prometemos! — respondeu Cyrus Smith, garantindo por todos.

— Meus senhores — continuou Nemo —, amanhã estarei morto. E não desejo outro túmulo, além do *Náutilo*. Desejo repousar ao lado dos meus amigos, no fundo do mar!

A essas palavras, seguiu-se silêncio profundo.

— Ouçam bem. O *Náutilo* não pode sair dessa caverna, mas pode afundar, levando meu corpo no seu interior.

Os colonos ouviam religiosamente as recomendações do capitão.

— Depois da minha morte, os senhores devem abandonar o *Náutilo*, pois todas as riquezas que nele se encontram devem desaparecer comigo. Só restará para os senhores uma lembrança do príncipe Dacar: aquele cofre que encerra milhares de diamantes, guardados desde o tempo em que fui príncipe, e uma grande coleção de pérolas, recolhidas por mim e pelos meus amigos no fundo ao mar. Nas mãos de pessoas como os senhores, o dinheiro não representa perigo!

Depois de descansar alguns minutos, Nemo continuou:

— Amanhã, os senhores pegarão esse cofre e abandonarão esta sala, fechando a porta. Subindo até a plataforma do submarino, façam o favor de fechar a tampa.

— Pode ficar tranquilo.

— Depois, embarquem na canoa que os trouxe até aqui. Mas antes de abandonar o *Náutilo*, abram dois registros na sua parte de trás para que a água possa penetrar no aparelho e afundá-lo.

E, vendo o engenheiro fazer um gesto, disse:

— Não tenham medo, os senhores sepultarão apenas um morto!

Cyrus e seus amigos não fizeram qualquer observação ao capitão Nemo. Precisavam apenas cumprir suas últimas vontades.

— Posso confiar nos senhores? — perguntou Nemo.

— Damos nossa palavra — respondeu Cyrus.

O capitão fez um sinal de agradecimento e pediu que o deixassem só por alguns minutos. Gideon insistiu em permanecer ao seu lado, pois poderia sobrevir alguma crise, mas o moribundo recusou dizendo:

— Viverei até amanhã!

Os colonos abandonaram o salão, atravessando a biblioteca, a sala de jantar e chegaram à casa das máquinas, onde estavam os aparelhos que forneciam luz e calor ao aparelho. O *Náutilo* era uma obra-prima e como tal maravilhou o engenheiro.

Os homens foram até a plataforma que ficava mais ou menos dois metros acima da água e viram ali imenso olho de vidro, de onde emanava um pouco de luz. Atrás desse olho havia uma cabine com o leme. Era através dessa janela de vidro que o timoneiro do aparelho podia enxergar o caminho, pois dali a saía a luz que iluminava até distância considerável.

Cyrus e seus companheiros permaneceram em silêncio, vivamente impressionados com o que acabavam de ver e ouvir. Sentiam o coração apertar quando se lembravam de que o protetor que tantas vezes os salvara encontrava-se à morte!

O príncipe Dacar seria sempre uma dessas figuras difíceis de esquecer, qualquer que fosse o juízo que fizesse dele a posteridade.

— Eis um homem! — exclamou Pencroft. — Pena que só conseguiu encontrar tranquilidade nas profundezas do oceano!

— O *Náutilo* poderia servir para abandonarmos a ilha Lincoln — disse Ayrton.

— Eu é que não dirigiria um aparelho desse tipo! — exclamou Pencroft. — Sou capaz de viajar sobre os mares, mas nunca sob a água!

— A manobra deve ser muito fácil — observou Gideon. — Além disso, não há perigo de abordagens nem de tempestades. Alguns metros abaixo da

superfície, as águas são tão calmas como as de um lago.

— É possível, mas prefiro um golpe de vento em navio bem preparado. As embarcações foram inventadas para flutuar e não para andar debaixo das águas!

— É inútil discutir o assunto — disse o engenheiro. — O *Náutilo* não nos pertence e, além do mais, não poderia sair dessa caverna. Cumpriremos a vontade de Nemo.

Depois de conversarem mais um pouco, desceram e comeram qualquer coisa.

O capitão Nemo melhorara da prostração em que se encontrava e seu olhar tornara a brilhar. Um sorriso começou a desenhar-se nos seus lábios.

Os colonos aproximaram-se dele e ouviram-no dizer:

— Meus senhores, sei que são homens honestos, corajosos e bons. Gostei muito de todos... pois vi a dedicação que tinham pelo bem da comunidade... Dê-me a sua mão, sr. Smith!

Cyrus estendeu a mão e o capitão apertou-a afetuosamente. Depois disse:

— Chega de falar de mim... Pretendem abandonar ilha onde se refugiaram durante todo esse tempo?

— Sim, pretendemos voltar! — respondeu Pencroft.

— Pretendem voltar?... Sim... compreendo que gostam dessa ilha, completamente modificada pelo trabalho de todos.

— Pretendemos doá-la aos Estados Unidos, para que sirva de base naval no Pacífico.

— Os senhores pensam na pátria... trabalham pela sua prosperidade e glória. Têm razão... devem voltar para sua terra natal... cada um deve morrer na sua terra! Só eu tenho de morrer longe de tudo que amei!

— O senhor ainda tem algum desejo? Não tem nenhuma lembrança para mandar aos amigos que deixou nas montanhas da Índia?

— Não tenho mais amigos. Sou o último da minha raça... E, para todos os que conheci, já morri... Mas voltemos aos senhores. A solidão e o isolamento estão acima das forças humanas... Estou morrendo por ter querido viver só! Os senhores devem tentar tudo para abandonar esta ilha. Sei que aqueles miseráveis destruíram a embarcação com que podiam contar...

— Estamos construindo outro navio maior para emprendermos viagem — respondeu Gideon. — Mas se conseguirmos voltar para nossa pátria, pode estar certo de que regressaremos a esta ilha, pois estamos presos demais a esta terra!

— E foi aqui que conhecemos o capitão Nemo — disse Cyrus.

— E, nessa ilha, pretendo repousar para sempre — respondeu o capitão. — Dormirei aqui meu sono eterno se...

Nemo hesitou e, sem terminar a frase, disse:

— Sr. Cyrus, gostaria de falar a sós com o senhor...

Os companheiros do engenheiro retiraram-se.

Cyrus Smith permaneceu conversando em particular com Nemo e depois chamou seus amigos, nada revelando acerca do assunto tratado.

Gideon observava o doente com extrema atenção. Era evidente que o capitão continuava a viver sustentado apenas por sua energia moral. O dia terminou sem nenhum incidente e os colonos não abandonaram o submarino nem por um instante.

O capitão não sofria, mas declinava aos poucos. Sua nobre figura, pálida, estava calma. De seus lábios escapavam algumas palavras ininteligíveis. A vida sumia daquele corpo, cujas extremidades já estavam frias.

Nemo ainda dirigiu a palavra aos amigos, por uma ou duas vezes e sorriu. Pouco depois de meia-noite, cruzou os braços sobre o peito, como se desejasse morrer nessa posição.

A uma hora da manhã, só o seu olhar permanecia vivo. Pronunciando as palavras *Deus... Pátria*, expirou suavemente.

Cyrus fechou os olhos do capitão Nemo, que outrora fora o príncipe Dacar. Harbert e Pencroft choravam e Ayrton enxugou uma lágrima furtiva. Nab, ajoelhado perto do repórter, parecia estátua.

Cyrus, levantando a mão sobre a cabeça do morto, disse:

— Que Deus receba sua alma!

E voltando-se para os amigos acrescentou:

— Rezemos pelo que acabamos de perder!

Algumas horas depois, os colonos cumpriram os últimos desejos do capitão. Abandonaram o aparelho, levando o cofre, e fecharam a porta do salão profusamente iluminado. A tampa foi fechada de maneira a não permitir que as águas invadissem o interior dos cômodos do *Náutilo* e tomaram a canoa que estava amarrada num dos lados do submarino.

Remando para a parte de trás do aparelho, abriram os registros que controlavam sua imersão. Em poucos instantes, desapareceu sob as águas.

Os colonos ainda puderam, durante algum tempo, seguir o submarino, pois a luz elétrica iluminava as águas transparentes. Finalmente tudo tornou-se escuro. O capitão Nemo repousava no fundo dos mares.

Ao nascer do dia, os colonos chegaram à boca da caverna que haviam batizado com o nome de Dacar, última homenagem ao capitão desaparecido. Como a maré estava baixa, puderam passar facilmente. Tiveram o cuidado de colocar a canoa ao abrigo das ondas, na praia que confinava com uma das costas da cripta.

A tempestade cessara com a noite. As últimas trovoadas haviam fugido para oeste. Não chovia mais, embora o céu ainda estivesse carregado de nuvens. O mês de outubro, início da primavera austral, não parecia começar de maneira muito satisfatória, e o vento, mudando muito, não permitia previsão de tempo.

Abandonando a caverna, os colonos dirigiram-se para o curral. Enquanto andavam, Nab e Harbert tiveram o cuidado de recolher o fio estendido pelo capitão, pois poderiam utilizá-lo mais tarde.

Enquanto andavam, pouco conversavam. Os diversos acontecimentos daquela noite de 15 para 16 de outubro haviam-nos impressionado muito. Aquele desconhecido, que muitos consideravam ente sobrenatural, já não existia mais. O *Náutilo* repousava no fundo do oceano. Os colonos consideravam-se mais sós do que nunca. Já não podiam contar com nenhuma proteção nos momentos difíceis.

Às nove horas chegaram ao Palácio de Granito.

Todos eles decidiram apressar a construção do navio, pois não sabiam o que lhes reservava o futuro. Precisavam de embarcação sólida, que suportasse uma viagem longa. Se não quisessem aventurar-se a atingir algum arquipélago polinésio ou as costas da Nova Zelândia, pelo menos poderiam ir

até a ilha Tabor e deixar um bilhete sobre Ayrton, pois. era bem possível que o iate aparecesse por lá.

Todos começaram a trabalhar com ardor. Dentro de cinco meses, no começo de março, precisavam ir à ilhota Tabor, antes que o vento forte tornasse a travessia impraticável.

O fim do ano de 1868 decorreu dessa maneira. Mas os colonos não podiam cuidar apenas da construção naval. Precisavam abastecer a despensa do Palácio de Granito para o inverno. Pencroft ficava bastante aborrecido quando os companheiros iam cuidar de outras coisas e, nessas ocasiões, em sinal de protesto, trabalhava por seis.

O tempo, durante todo o verão, foi ruim. Em certos dias, fazia calor sufocante e a atmosfera, saturada de eletricidade, só melhorava depois de violentas tempestades. Era raro o dia em que não havia trovoadas.

O dia primeiro de janeiro de 1868 foi marcado por terrível tempestade. Vários raios caíram na ilha. Árvores foram abatidas, muitas das quais perto do lago. Essa violenta tempestade teria alguma relação com os fenômenos das entranhas da terra? Cyrus achava que sim, pois a violência maior da tempestade coincidia com a recrudescência dos sintomas vulcânicos.

No dia 3 de janeiro, Harbert subiu ao platô para selar um dos onagros e viu que a fumaça acima da cratera do vulcão aumentara. Harbert correu e avisou aos amigos. Todos correram para o monte Franklin.

— Vejam — disse Pencroft —, já não é simples vapor! O gigante não se contenta de respirar, resolveu fumar!

A imagem evocada pelo marinheiro traduzia muito bem a modificação operada no vulcão. Havia três meses que o vulcão deixava escapar vapores mais ou menos intensos, mas que ainda não indicavam nenhuma ebulição interior de matérias minerais. Agora, via-se fumaça espessa, acinzentada, que se elevava a mais de cem metros e parecia um enorme cogumelo.

— Há bastante fogo na chaminé! — disse Gideon.

— E não podemos apagá-lo! — respondeu Harbert.

— Os vulcões deviam ser proibidos de fazer isso! — disse Nab seriamente.

— E quem vai encarregar-se da proibição? — perguntou Pencroft rindo.

Cyrus observava com extremo interesse o vulcão. Depois, voltando-se para os companheiros:

— Acho que está acontecendo profunda modificação. As matérias eruptivas não estão apenas em ebulição. Incendeiam-se. Certamente, estamos ameaçados de erupção próxima.

— Ora, acho que não precisamos temê-la — disse Pencroft.

— É verdade que ainda existe o antigo escoadouro das lavas, mas pode ser...

— É melhor que não haja erupção, pois não podemos tirar nenhuma vantagem dela — interrompeu Gideon.

— Quem sabe se o vulcão não vomitará alguma substância preciosa para nós? — retrucou o marinheiro.

Cyrus sacudiu a cabeça. Se as lavas não ameaçavam imediatamente as partes plantadas da ilha, poderiam ter outras consequências funestas. Realmente, não raro, as erupções são acompanhadas de tremores de terra e o terreno da ilha, formado de basaltos e granitos, era muito móvel. Qualquer movimento no terreno da ilha teria consequências desastrosas.

Ayrton, que se deitara e colara a orelha no chão, disse:

— Estou ouvindo barulhos surdos, como se fosse uma carroça cheia de barras de ferro...

Os colonos escutaram atentamente e puderam perceber que Ayrton não se enganava. Mas parecia que a chaminé era bastante grande para os vapores escaparem e, por isso, ainda não ocorrera nenhuma explosão.

— Então, não vamos voltar para o trabalho? — perguntou Pencroft. — Só porque o monte Franklin fumega não fazemos mais nada! Vamos embora! Antes de dois meses o *Boaventura* — o nome será conservado, não? — deverá estar flutuando nas águas do porto Balão!

Os colonos desceram e foram cuidar de unir as partes do casco do navio. Durante todo o dia os homens cuidaram da construção, sem preocupar-se com o vulcão, que não podia ser avistado da praia do Palácio de Granito. Por mais de uma vez viram os vapores levados pelo vento para o lado oeste. Era preciso apressar a construção do barco, pois, em caso de erupção, era o único refúgio com que podiam contar.

À noite, depois da ceia, Cyrus, Gideon e Harbert tornaram a subir até o platô. Na escuridão da noite poderiam ver se havia só fumaça ou se também havia fogo, se matérias incandescentes já eram projetadas pelo vulcão.

— A cratera está pegando fogo! — gritou Harbert, que fora à frente.

O monte Franklin parecia uma imensa tocha e no seu cimo apareciam chamas fuliginosas. Cinzas, fumaça e matérias incandescentes misturavam-se, de maneira que a claridade não era muito intensa.

— Está aumentando rapidamente! — disse Cyrus.

— Não é de admirar — respondeu o repórter. — Já despertou há muito

tempo. O senhor não se lembra dos primeiros vapores que vimos quando procurávamos o capitão Nemo, por volta do dia 15 de outubro?

— Já se passaram dois meses e meio! — exclamou Harbert.

— Há dez semanas que os fogos subterrâneos se estão preparando. Não é de estranhar a violência do vulcão agora! — disse o repórter.

— Não sentem o solo vibrar? — perguntou Cyrus.

— Eu sinto — disse Gideon —, mas daí a um tremor de terra...

— Não digo que estejamos ameaçados por terremoto. Deus nos livre de tal coisa! Essas vibrações são devidas à efervescência do fogo central. A crosta terrestre esconde uma caldeira e suas paredes, sofrendo a pressão dos gases, vibram como placa sonora. É o que está acontecendo agora.

— Que lindo! — exclamou Harbert.

Naquele momento escapavam da cratera fagulhas incandescentes, cujo brilho não pôde ser diminuído pelos vapores. Milhares de fragmentos luminosos espalharam-se em direções contrárias, deixando atrás de si verdadeira poeira incandescente. O fenômeno era acompanhado de detonações sucessivas.

Depois de permanecerem uma hora admirando o vulcão, os três amigos voltaram para casa. O engenheiro mostrava-se tão preocupado que Gideon resolveu perguntar-lhe se pressentia algum perigo iminente, provocado direta ou indiretamente pela erupção.

— Sim e não — respondeu Cyrus.

— Nossa maior desgraça será um tremor de terra e penso que isso não ocorrerá, pois as lavas estão escapando muito bem pela chaminé.

— Quanto a isso estou tranquilo. Mas outras causas podem provocar desastres.

— Quais? — perguntou o repórter.

— Não sei ainda... preciso visitar a montanha...

Gideon não tornou a insistir, embora as detonações do vulcão aumentassem de intensidade. Os hóspedes do Palácio de Granito dormiam tranquilamente. Durante os três dias seguintes, os colonos trabalharam ativamente na embarcação.

O monte Franklin, com aspecto sinistro, vomitava rochas incandescentes, algumas das quais caíam dentro de sua própria cratera. Parecia que as lavas ainda não tinham chegado até a cratera, pois, pelo menos para nordeste, que era a parte visível, o monstro não deixara escorrer lavas.

No dia 7 de janeiro, Ayrton resolveu ir até o curral, para cuidar dos

animais. E todos ficaram surpresos ouvindo Cyrus dizer a Ayrton:

— Se vai amanhã ao curral, eu o acompanho.

— Ora, sr. Cyrus — replicara o marinheiro. — Nossos dias de trabalho estão contados. Se o senhor partir, teremos quatro braços a menos!

— Voltaremos amanhã. Preciso ver em que ponto está a erupção.

— Ora, uma coisa tão sem importância!

Harbert queria acompanhar Cyrus, mas, para não desagradar ao marinheiro, desistiu.

No dia seguinte, Cyrus e Ayrton pegaram a carroça puxada pelo quadrúpede e seguiram para o curral. Acima da floresta, viam-se espessas nuvens, alimentadas por matérias fuliginosas pelo monte Franklin. Eram nuvens formadas de matérias heterogêneas. Além da fuligem, havia cinzas escuras e pulverizadas, tão finas como fécula e que se mantinham em suspensão, ajudando a formar aquelas nuvens pesadas. Essas cinzas costumam permanecer meses nos ares. O mais comum, porém, é as cinzas caírem. Foi o que aconteceu quando Cyrus e Ayrton chegaram ao curral. A chuva de cinza chegou a modificar momentaneamente o aspecto do solo. Árvores e pradaria, tudo desapareceu debaixo da poeira. Felizmente, o vento nordeste soprou e levou para o mar a maior quantidade.

— Que coisa estranha! — disse Ayrton.

— Estranha, não — respondeu Cyrus —, grave! Essa poeira nada mais é do que pedra-pomes pulverizadas! Por aí vemos como o interior do vulcão está convulsionado!

— Nada podemos fazer?

— Nada. Pode ir cuidar do curral, enquanto vou até o rio Vermelho para examinar a parte setentrional da montanha. Depois...

— O quê?

— Depois voltaremos até a caverna de Dacar... quero ver... Bem, virei encontrá-lo daqui a duas horas.

Ayrton foi cuidar dos carneiros e das cabras, que pareciam estar sentindo os primeiros efeitos da erupção. Cyrus, seguindo pelos contrafortes do leste, chegara ao local onde seus companheiros um dia descobriram a fonte sulfurosa. Como tudo mudara! Em vez de uma coluna de fumaça, viam-se treze! A crosta terrestre devia estar sofrendo, naquele ponto, terrível pressão. O ar estava saturado de gases sulfurosos, de hidrogênio e de ácido carbônico, tudo misturado com vapores aquosos!

Cyrus sentia tremer o solo, mas não descobriu qualquer traço de novas

lavas. Na parte setentrional do monte havia muita matéria no solo, mas nenhuma lava de origem recente.

“Eu preferiria que as lavas estivessem escorrendo pelo caminho de costume, pensou Cyrus. “Será que estão escorrendo por alguma cratera nova? Mas o perigo não está nisso... Bem que o capitão Nemo pressentiu!”

Enquanto voltava, o engenheiro prestou muita atenção ao barulho do vulcão. Às nove horas, chegou ao curral. Ayrton o esperava.

— Os animais estão alimentados, sr. Cyrus.

— Muito bem!

— Mas parecem inquietos.

— É o instinto que não se engana jamais.

— Quando o senhor quiser, podemos partir.

— Traga um archote e pedra para fazer fogo.

Ayrton fez o que lhe pedira o engenheiro. Deixando o onagro desatrelado, dentro do curral, fecharam a porta e seguiram pelo estreito caminho que levava até a costa. Andavam em cima de matérias pulverizadas. Nenhum quadrúpede, nenhum pássaro aparecia. De vez em quando, a brisa levantava aquelas cinzas e não podiam enxergar o caminho, sendo forçados a tapar a boca e os olhos com lenços para não ficarem sufocados e cegos.

Cyrus e Ayrton, nessas condições, não podiam andar rapidamente. Por outro lado, o ar estava pesado, como se o oxigênio tivesse sido queimado. A cada momento, precisavam parar e descansar. Só as dez horas o engenheiro e seu companheiro atingiram a crista do enorme amontoado de rochas basálticas e porfiríticas que formavam a costa nordeste da ilha. Começaram a descer a costa abrupta, seguindo mais ou menos o mesmo caminho que haviam seguido na noite tempestuosa em que foram encontrar o desconhecido. Com a luz do dia, a descida foi menos perigosa e a espessa camada de cinzas facilitava muito.

Cyrus encontrou sem dificuldade a entrada da caverna de Dacar.

— A canoa está onde a deixamos? — perguntou.

— Sim — respondeu Ayrton, enquanto a tirava do abrigo.

— Então embarquemos.

Conseguiram entrar na caverna e Ayrton, depois de ter acendido o archote, começou a remar, enquanto Cyrus dirigia a embarcação. A luz insuficiente do archote mal iluminava a caverna. Na sua parte anterior, reinava completo silêncio, mas, aproximando-se de seu lado direito ouviam-se grunhidos que partiam do interior da montanha.

— É o vulcão — disse Cyrus.

Seguindo-se aos ruídos, apareceram emanações sulfurosas, que quase sufocaram os dois exploradores.

— Aconteceu o que temia o capitão Nemo! — exclamou Cyrus empalidecendo. — Mas precisamos ir até o fim.

— Vamos — disse Ayrton, continuando a remar.

Vinte e cinco minutos depois de ter entrado na caverna, a embarcação chegou ao seu ponto final. O engenheiro, com o archote, iluminou as paredes que separavam a cripta da chaminé central do vulcão. Que espessura teriam as paredes? Ouviam-se muito bem os rumores do vulcão. Não deviam ser muito espessas.

Depois de ter explorado a parede, seguindo linha horizontal, o engenheiro prendeu o archote na extremidade de um dos remos e explorou a parede na sua parte mais alta. Ali, por pequenas fendas mal visíveis, saía uma fumaça acre, que infestava toda a caverna. Várias fendas apareciam na muralha e chegavam até sessenta centímetros das águas da caverna.

Cyrus permaneceu pensativo e depois disse:

— O capitão tinha razão! Corremos enorme perigo!

Ayrton nada disse e, obedecendo a um sinal de Cyrus, retomou os remos. Meia hora depois estavam fora da cripta.

Na manhã do dia seguinte, 8 de janeiro, depois de terem passado a noite no curral, Cyrus e Ayrton voltaram para casa. Imediatamente, o engenheiro pôs os companheiros a par do perigo que corriam e que não poderia ser evitado por ninguém.

— Meus amigos — disse ele —, a ilha Lincoln não pertence à categoria das que devem permanecer sobre a terra. Está prestes a desaparecer!

Os colonos olhavam para o engenheiro sem compreender.

— Explique-se melhor — disse Gideon.

— Eu me limitarei a expor o que Nemo me disse, quando conversou a sós comigo.

— O capitão Nemo! — exclamaram todos.

— Foi o último serviço que nos prestou, antes de morrer.

— O último! — exclamou Pencroft. Os senhores verão que, embora morto, ainda nos ajudará!

— Mas o que lhe disse ele? — perguntou Gideon.

— Que a nossa ilha não está na mesma situação que outras do Pacífico. Mais cedo ou mais tarde ela se deslocará!

— Ora, não acredito — exclamou o marinheiro, dando de ombros, apesar do respeito que devotava a Cyrus.

— Ouça, Pencroft, eu pude ver com meus próprios olhos ontem o que Nemo verificara explorando a cripta de Dacar. Esta caverna está separada do vulcão apenas por uma parede e esta já apresenta várias rachaduras, pelas quais passam gases sulfurosos, vindos do interior do vulcão.

— E daí? — perguntou o marinheiro, franzindo a testa.

— Pude observar que essas aberturas estão aumentando devido à pressão

interior e que a muralha de basalto está abrindo-se pouco a pouco. Dentro em breve permitirá a passagem das águas do mar que enchem a caverna.

— Nesse caso — disse Pencroft brincando —, as águas apagarão o vulcão e estará tudo acabado!

— Sim — concordou Cyrus —, tudo estará terminado no dia em que o mar entrar na chaminé do vulcão. Nossa ilha explodirá como aconteceria com a Sicília se o Mediterrâneo invadissem o Etna.

Os colonos nada responderam. Compreendiam o perigo que corriam. Cyrus não exagerava ao expor a situação. Muitas pessoas sabem o perigo que representa um vulcão que esteja expelindo lavas, mas poucas percebem que pode fazer explodir uma parte do globo terrestre, como se fosse uma caldeira cujo vapor recebesse golpe de água. A água, entrando no vulcão, produziria tal quantidade de vapor que nada poderia resistir.

Sabiam que a ilha estava ameaçada. E não se tratava de meses ou semanas e sim de dias e talvez de horas! O primeiro sentimento que dominou a todos foi o de dor. Não podiam aceitar a destruição daquele solo tão fértil que os havia acolhido e no qual tanto haviam trabalhado! Pencroft não se preocupou em esconder uma lágrima que lhe escorreu pela face.

A conversa continuou durante algum tempo, pois queriam discutir as possibilidades que restavam. Finalmente, decidiram que o melhor era apressar a construção do navio, pois seria a única solução viável e dedicaram-se ao trabalho. Para que colher, armazenar e caçar? O que estava armazenado na despensa era suficiente para abastecer a embarcação, que seria preparada para longa travessia.

No dia 23 de janeiro, o navio já estava meio guarnecido. Até então nenhuma novidade ocorrera no vulcão. Mas, na noite para o dia 24, começaram a escorrer lavas. Ouviu-se um barulho terrível e todos pensaram que a ilha estava começando a deslocar-se. Correram para fora do Palácio de Granito. Eram duas horas da manhã. O céu estava cor de fogo. O cone superior do vulcão havia caído sobre a ilha, cujo solo tremeu. Felizmente, caíra para o lado norte, sobre a planície de areia que separava o monte do oceano. A cratera, com abertura imensa, projetava para os céus intensa claridade que, pelo simples efeito de revérbero, tornava a atmosfera incandescente. As lavas escorriam como cascata.

— Vamos para o curral! — gritou Ayrton.

Com efeito, era na direção do curral que corriam as lavas, pela nova cratera aberta. Todas as partes férteis da ilha, próximas do rio Vermelho e do bosque

Jacamar, estavam ameaçadas de destruição imediata.

Ouvindo o grito de Ayrton, todos correram para o curral, usando o carro puxado pelos onagros. Queriam libertar os animais que ali se encontravam presos. Conseguiram chegar antes das três da manhã. Os animais aterrorizados baliavam. Quando abriram a porteira, começaram a fugir como loucos, em todas as direções. Uma hora depois, o cercado do curral foi invadido por lavas ferventes e a cabana foi rapidamente destruída.

Os colonos tentaram inutilmente impedir que isso acontecesse, mas, infelizmente, homens nada podem contra tais cataclismos.

Ao nascer do dia, antes de voltar para casa, quiseram ver qual a direção seguida pelas lavas. Temiam que embora houvesse uma depressão entre o monte Franklin e a costa, a torrente de lavas atravessasse o espesso bosque Jacamar e atingisse o platô Vista Grande.

— O lago nos protegerá! — lembrou Gideon.

— Assim espero — respondeu Cyrus.

Os colonos quiseram chegar até a planície onde caíra o cone superior do monte, mas foram impedidos pelas lavas.

Elas ocupavam todo o vale do rio Vermelho, o do rio Cascata e vaporizaram os dois rios, enquanto passavam. Não havia possibilidade de vencer aquela barreira. Era preciso recuar. O vulcão, por suas duas crateras de sul e de leste, continuava a derramar lavas e rochas incandescentes, fazendo grande barulho. O céu respondia com relâmpagos à erupção vulcânica.

Às sete horas, os colonos tiveram que abandonar a posição em que se encontravam, refugiados nos limites do bosque Jacamar, pois começavam a ser atingidos por minerais em fogo e as lavas ameaçavam interromper a estrada do curral. As primeiras árvores começaram a pegar fogo e sua seiva, subitamente transformada em vapor, pipocava como fogos de artifício.

Os colonos retomaram a estrada do curral e andavam devagar, recuando, por assim dizer. Por causa da inclinação do solo, a lava corria rapidamente para leste, ficando em cima de camadas de lavas antigas, já endurecidas. Todo o vale do rio Vermelho pegava fogo. Rolos de fumaça elevavam-se acima das árvores, cujas raízes enterravam-se nas lavas. Permaneceram às margens do lago, a oitocentos metros do rio Vermelho. Era questão de vida ou de morte o que precisavam resolver. Cyrus, habituado a situações graves, dirigiu-se aos amigos, que sabia capazes de suportar qualquer verdade.

— Ou o lago detém as lavas ou as florestas serão invadidas e nada restará

na nossa ilha. Só poderemos esperar a morte por explosão!

— Então é inútil continuar a construção do nosso navio? — perguntou Pencroft.

— Devemos cumprir nosso dever até o fim.

Nesse momento, uma torrente de lava, depois de abrir caminho entre as árvores que devorava, chegou às margens do lago. Ali havia uma pequena depressão do solo que talvez pudesse conter a torrente.

— Ao trabalho! — exclamou Cyrus.

Todos compreenderam que deviam forçar a torrente a cair no lago. Correram até as oficinas e de lá trouxeram machados e picaretas. Aproveitando algumas árvores abatidas, conseguiram levantar um dique de noventa centímetros de altura e com alguns metros de extensão. Mal haviam acabado o trabalho, viram as matérias líquidas atingir a barragem. Por um momento pensaram que o dique fosse ser ultrapassado... mas, de repente, as lavas começaram a dirigir-se para o lago, caindo de uma altura de seis metros.

Sem pronunciar palavra, os colonos presenciaram a luta dos dois elementos. Nenhuma pena poderia descrever essa luta, nenhum pincel poderia pintá-la! A água siflava, evaporando-se ao entrar em contato com a matéria fervente. Os vapores, lançados para o ar, turbilhonavam a grande altura. Mas a massa de água do lago, por maior que fosse, terminaria absorvida pela torrente incandescente que sempre se renovava.

As primeiras lavas que caíram no lago solidificaram-se e emergiram logo. Outras camadas vieram colocar-se em cima. Não havia transbordamento, porque o excesso escapava sob a forma de vapor. Suas águas, outrora tranquilas, pareciam um amontoado de rochas fumegantes. Havia a impressão de que tinham sido revoltas por furacão e repentinamente tinham-se solidificado por causa de frio intenso. Tudo indicava que a água seria vencida pelo fogo.

Mas fora bom o desvio da lava para o lago. Pelo menos momentaneamente, o platô e o estaleiro estavam protegidos. Ora, os colonos precisavam apenas calafetar o navio para poder lançá-lo ao mar. O resto seria feito depois. Com a ameaça de explosão, nenhum deles poderia se sentir seguro em terra. Até mesmo o sólido abrigo do Palácio de Granito podia desmoronar a qualquer minuto!

De 25 a 30 de janeiro, os homens trabalharam no navio. Fizeram serviço de vinte operários. Mal descansavam. À luz da cratera, podiam trabalhar dia e

noite.

O vulcão continuava em atividade, mas não com tanta intensidade, o que foi bom, pois o lago Grant já estava repleto. Novas torrentes violentas invadiriam o platô. A parte ocidental da ilha não estava tão protegida quanto a outra. A corrente de lavas que havia seguido o rio Cascata não encontrara obstáculos e o líquido incandescente espalhara-se pela floresta Faroeste. Como as árvores naquela época estavam secas, com muita rapidez pegaram fogo.

Os animais, assustados, procuraram refúgio no Providência e no pântano das Tadornas, além do porto Balão. Mas os colonos estavam por demais ocupados para prestar atenção aos animais. Haviam abandonado o Palácio de Granito e a Chaminé, procurando refúgio numa tenda perto da embocadura do Providência.

Todos os dias, Cyrus e Gideon subiam ao platô, algumas vezes acompanhados por Harbert. Somente Pencroft recusava-se a ver o novo aspecto desolado da ilha.

Era um espetáculo deprimente! Toda a parte coberta de vegetação estava árida. Apenas um amontoado de árvores ainda verdes aparecia na extremidade da península Serpentina. As florestas destruídas tinham aspecto mais árido que o pântano das Tadornas. Os rios Cascata e Providência não lançavam uma só gota de água no mar e os colonos não teriam como matar a sede se o lago Grant secasse inteiramente. Felizmente, porém, a ponta sul fora poupada e continha toda a água potável que restava na ilha.

— Isso corta o coração — disse Spillet um dia.

— É verdade — concordou Cyrus. — Só peço que Deus nos ajude a terminar nosso navio.

— Não acha que o vulcão está ficando mais calmo? Já não solta tantas lavas... — disse Gideon a Cyrus.

— Não tem importância. O fogo continua nas entranhas da montanha e o mar pode penetrar pela chaminé a qualquer momento. Estamos na mesma situação de passageiros de um navio devorado por incêndio que não podem dominar e que sabem que mais cedo ou mais tarde os paióis serão atingidos. Venha, Spillet, não percamos tempo!

Durante oito dias, as lavas continuaram a espalhar-se, mas a erupção manteve-se nos limites indicados. Cyrus, entretanto, temia que as matérias liquefeitas se espalhassem pela praia, invadindo o estaleiro.

Estavam no dia 20 de fevereiro e faltava ainda um mês para o navio poder

flutuar. A ilha duraria tanto tempo? Cyrus pretendia lançar o navio ao mar assim que o casco estivesse pronto. O resto seria feito depois. O importante era conseguir abrigo para todos.

Os colonos pensavam que seria melhor levar o navio até o porto Balão, que estava bem longe do centro eruptivo, pois a embocadura do Providência, entre a ilhota e a muralha de granito era uma zona de perigo, onde a embarcação corria o risco de ser amassada em caso de deslocamento.

No dia 3 de março, foi prevista para dentro de dez dias o lançamento do navio e a esperança voltou ao coração de todos, tão castigados naquele quarto ano de permanência na ilha! Até mesmo Pencroft mostrou-se menos deprimido com a devastação. É verdade que estava completamente absorvido pelo navio que construía.

— Nós o terminaremos — dizia ao engenheiro. — E já é tempo, pois precisamos passar o inverno na ilha Tabor, se não conseguirmos continuar a viagem.

— É preciso apressar a construção — repetia Cyrus.

Na primeira semana de março, o monte Franklin voltou a piorar. As lavas caíam como chuva sobre o solo. As novas correntes incandescentes acabavam de destruir os esqueletos das árvores.

A nova torrente de lava seguiu pela margem sudoeste do lago Grant e, atravessando o rio Glicerina, atingiu o platô. Foi terrível para os colonos verem destruídos o moinho, os estábulos e o galinheiro. As aves voavam para todos os lados, e Top e Jup, guiados pelo instinto, davam sinais de temer catástrofe iminente.

Os animais sobreviventes da ilha haviam-se refugiado no pântano das Tadornas e no platô. Mas esse último refúgio falhou e durante toda a noite as lavas escorreram pela muralha de granito, atingindo a praia! Parecia uma catarata do Niágara incandescente!

Durante a noite, enorme coluna de vapor escapou da cratera e ouviram-se terríveis detonações. Parecia que a parede da caverna de Dacar havia cedido. Uma explosão, que teria sido ouvida a milhares de quilômetros, fez em pedaços a ilha.

Em poucos minutos, o oceano invadiu o lugar onde se elevara a ilha Lincoln!

Um rochedo isolado, medindo nove metros de comprimento e quatro e meio de largura, emergindo apenas três metros, era o único ponto sólido que não fora invadido pelo mar. Tudo desaparecera no abismo: o cone inferior do monte, estraçalhado pela explosão, o golfo Tubarão, o platô Vista Grande, a ilhota de Salvação, os granitos do porto Balão, os basaltos da cripta Dacar e até mesmo a península Serpentina, tão distante do centro eruptivo!

Da ilha Lincoln sobrara apenas aquele estreito rochedo que servia de refúgio aos seis colonos e ao cachorro Top, pois até mesmo Jup morrera, como todos os outros animais, afogados ou engolidos pelo chão.

Os colonos haviam conseguido escapar porque tinham se lançado ao mar, no momento da explosão e, vendo aquele pequeno rochedo, tinham nadado até lá. Estavam vivendo naquela rocha há nove dias, alimentando-se com as poucas provisões que haviam salvo da despensa do Palácio de Granito, pouco antes da explosão. Só tinham para beber a água doce que a chuva depositara nas cavidades da rocha. A última esperança de todos, o navio, partira-se. Sem meios de acender qualquer fogo, impossibilitados de abandonar aquele recife, só podiam esperar a morte!

No dia 18 de março só lhes restavam alimentos para dois dias, embora a comida fosse racionada. Dependiam exclusivamente de Deus. Cyrus Smith permanecia calmo. Gideon e Pencroft, mais nervosos, iam e vinham sobre o rochedo. Harbert não cessava de olhar para o engenheiro, esperando que ele achasse uma saída. Nab e Ayrton estavam resignados com a sorte.

— Que miséria! — repetia frequentemente Pencroft. — Se pelo menos tivéssemos construído uma casca de noz, poderíamos chegar até a ilha Tabor!

Mas nada temos! Nada!

— O capitão Nemo fez bem em morrer — disse certa vez Nab.

Durante os cinco dias seguintes, passaram comendo apenas o necessário para não morrer. A fraqueza de todos era extrema. Harbert e Nab já davam sinais de delírio.

Naquela situação poderiam alimentar a menor sombra de esperança? Não! O único meio de salvação seria a chegada de algum navio e todos sabiam que eles não passavam naquela zona do Pacífico. Poderiam contar com a chegada do iate escocês?

Era pouco provável que passasse por perto deles. Mesmo que fosse até a ilha Tabor, não encontrando Ayrton, o capitão deveria rumar para latitudes mais baixas. Os colonos não haviam deixado nenhuma indicação na cabana...

Só podiam esperar uma morte horrível, pela fome e pela sede! Já estavam inanimados, estendidos sobre o rochedo, quando Ayrton, fazendo extremo esforço, levantou a cabeça e olhou para o mar deserto... Estendeu seu braço para um pequeno ponto no espaço... Ficando de joelhos e, depois, de pé, conseguiu fazer sinais com a mão. Estavam no dia 24 de março.

Um navio dirigia-se para onde estavam! E o navio não navegava sem destino. Dirigia-se, em linha reta, para aquele recife e os infelizes já o teriam visto há muito tempo se ainda tivessem força para examinar o horizonte.

— É o *Duncan* — murmurou Ayrton, caindo inanimado.

*

Quando Cyrus e seus companheiros recobram os sentidos, graças aos cuidados que lhes eram dispensados, encontraram-se num camarote de navio, sem compreender como haviam escapado da morte.

Mas uma palavra de Ayrton foi suficiente para que compreendessem tudo:

— O *Duncan*! — murmurava ele.

E Cyrus, levantando as mãos para o céu, exclamou:

— Obrigado, Deus Todo-Poderoso, que permitiu que fôssemos salvos!

Realmente, os sobreviventes do cataclismo haviam sido salvos pelo iate escocês, comandado por Robert, filho do capitão Grant, que fora mandado à ilha Tabor para repatriar Ayrton, depois de doze anos de isolamento...

— Capitão Robert — perguntou Cyrus —, como foi que o senhor teve a ideia de navegar cem milhas para nordeste da ilha Tabor, depois de não ter encontrado Ayrton na ilha?

— Ora, vim até aqui para salvar não apenas Ayrton, mas aos senhores.

— Salvar a nós todos?

— Sem dúvida! Na ilha Lincoln!

— Ilha Lincoln! — exclamaram todos ao mesmo tempo.

— Como o senhor soube da existência dessa ilha? — perguntou Cyrus. — Ela nem sequer aparece nos mapas!

— Soube da sua existência pelo bilhete que os senhores deixaram na ilha.

— Um bilhete? — perguntou Gideon.

— Vejam — respondeu Roberto, mostrando uma nota na qual estavam indicadas a latitude e a longitude da antiga ilha Lincoln, “residência atual de Ayrton e de cinco colonos americanos”.

— Capitão Nemo! — disse Cyrus depois de ter lido bilhete.

Reconhecera a mesma letra da nota encontrada no curral.

— Então foi ele quem usou o nosso *Boaventura* para ir até a ilha Tabor! — lembrou-se Pencroft. — Eu tinha razão quando disse que mesmo depois de morto o capitão nos prestaria algum serviço.

— Meus amigos — disse Cyrus —, que Deus receba a alma do capitão Nemo, nosso salvador!

Os colonos tiraram os chapéus, ao ouvir esta frase.

Nesse momento, Ayrton, aproximando-se de Cyrus, perguntou:

— Onde devo colocar esse cofre?

Era o cofre que ele salvara, com grande perigo de vida, no momento em que a ilha submergia, e que vinha fielmente restituir ao engenheiro.

— Ayrton! Ayrton! — exclamou Cyrus emocionado.

E, dirigindo-se ao capitão, disse:

— Meu senhor, o culpado que foi deixado na ilha Tabor tornou-se um verdadeiro homem e sinto orgulho em poder apertar sua mão.

Robert Grant foi posto a par da estranha história do capitão Nemo e dos colonos da ilha Lincoln. Depois de fazer levantamento de tudo que restava naquele escolho, deu ordem aos marinheiros para virar o navio e continuar a viagem de volta. Aquele pequeno recife passaria a figurar nos mapas do Pacífico.

Quinze dias depois, os colonos desembarcavam na América e encontravam sua pátria tranquila, pois a justiça e o direito haviam triunfado!

A maior parte do tesouro legado pelo capitão Nemo aos colonos foi empregada para comprar vasta propriedade no Iowa. A mais bela pérola foi enviada de presente à sra. Glenarvan, em nome dos náufragos repatriados

pelo *Duncan*.

Na propriedade comprada, fundaram vasta colônia, à qual deram o nome de ilha Lincoln. O rio que a cortava foi chamado Providência, uma das montanhas foi batizada com o nome de Franklin, um pequeno lago recebeu o nome de Grant e as florestas passaram a ser chamadas de Faroeste. Consideravam a propriedade como ilha em terra firme.

Dirigida pelo competente engenheiro e cuidada pelos seus trabalhadores amigos, a ilha prosperou.

Todos os companheiros viviam juntos, pois haviam jurado jamais se afastarem um dos outros. Nab continuava perto de seu amo, Ayrton pronto a qualquer sacrifício e Pencroft tornara-se ótimo fazendeiro. Harbert terminara seus estudos dirigido por Cyrus e Gideon fundou um jornal chamado *Arauto da Nova Lincoln*.

Muitas vezes, os colonos receberam a visita de lorde Glenarvan e do capitão John Mangles, com suas mulheres, do major Mac Nabbs e do próprio Robert Grant.

Naquela propriedade todos permaneceram unidos como haviam sido no passado. Mas nenhum deles conseguia esquecer a ilha que os havia tão bem acolhido durante quatro anos e da qual nada mais restava senão um pedaço de granito castigado pelas ondas do Pacífico e que era o túmulo daquele grande amigo de todos, o capitão Nemo!

